





ATLAS DA FAUNA

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

Janeiro de 2019

#### PROJETO INTERMUNICIPAL

**Miguel Alves**Presidente da C. M. de Caminha

**José Maria Costa** Presidente da C. M. de Viana do Castelo

**Victor Mendes** Presidente da C. M. de Ponte de Lima

Coordenação geral e supervisão **Guilherme Lagido Domingos** Vice-Presidente da C. M. de Caminha

#### EQUIPA TÉCNICA DE ACOMPANHAMENTO

Município de Viana do Castelo José Paulo Vieira Horácio Faria

Município de Caminha **Angelina Cunha** 

Município de Ponte de Lima **Gonçalo Rodrigues** 

#### EQUIPA TÉCNICA

FLORADATA - Biodiversidade, Ambiente e Recursos Naturais, Lda

Coordenação **Duarte Filipe Silva** 

Inventariação **Joaquim Duarte Mendes** 

Redação **Joaquim Duarte Mendes** 

Sistemas de informação geográfica **Joana Diz de S**á

Conceção gráfica **Miew Creative Studio** 

ISBN 978-989-54357-1-5



## ESTRUTURA GERAL

#### ATLAS DE FAUNA

- **1** INTRODUÇÃO
- 2 ÁREA DE ESTUDO
- 3 METODOLOGIA
  - **3.1** Amostragem da Herpetofauna
  - 3.2 Amostragem da Avifauna
  - **3.3** Amostragem da Mamofauna
  - **3.4** Amostragem da Ictiofauna
- **4** PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO
  - **4.1** Distribuição das espécies
  - **4.2** Grupos faunísticos
- **5** UTILIZAÇÃO DO CATÁLOGO FAUNÍSTICO E ATLAS
- 6 CATÁLOGO FAUNÍSTICO
  - **6.1** Anfíbios
  - **6.2** Répteis
  - **6.3** Aves
  - **6.4** Mamíferos
  - **6.5** Peixes
- 7 ATLAS DE FAUNA
- 8 GLOSSÁRIO
- 9 BIBLIOGRAFIA

#### 6

# 1. INTRODUÇÃO

No âmbito do Projeto "Da Serra D'Arga à Foz do Âncora", promovido pelos municípios de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima, efectuou-se um estudo de caracterização da fauna que culminou neste atlas de distribuição da fauna de vertebrados do Sítio de Importância Comunitária da Serra de Arga (SIC PTCON0039). Classificado pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004, com uma área de 4.493 ha, abrange os concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima.

Com este estudo procura-se contribuir para a conservação das espécies de vertebrados existentes nesta área, bem como avaliar a importância do SIC para estas comunidades, a nível regional e nacional. Ao mesmo tempo, este Atlas serve ainda como base para a divulgação do património natural da região, contribuindo decisivamente para a elaboração de estratégias sustentadas de turismo e lazer na região.

Neste atlas apresentam-se os resultados das inventariações das comunidades de vertebrados (herpetofauna, avifauna, mamofauna e ictiofauna) realizadas na área de estudo ao longo do ano de 2017.

Com o presente atlas pretende-se:

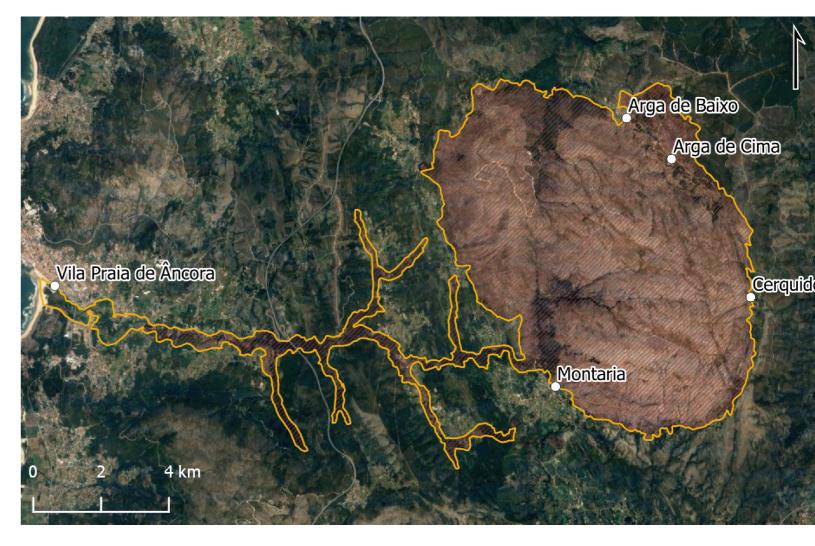
- Identificar o elenco de espécies da fauna de vertebrados do SIC Serra de Arga
- Cartografar as áreas de ocorrência confirmada de cada uma das espécies
- Identificar áreas com relevância para espécies ou conjuntos de espécies, particularmente as mais sensíveis ou ameaçadas
- Avaliar a importância da área para a fauna num contexto regional e nacional
- Promover a divulgação do património natural da região e sensibilizar para a importância da conservação dos valores naturais

# 2. ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo deste atlas é o Sítio de Importância Comunitária (SIC) da Serra de Arga (PTCON0039), classificado pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004, com uma área de 4.493 ha, localizado na unidade territorial Alto Minho (NUT III), abrangendo os concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima. De forma complementar, alargou-se a área de estudo, através do rio Âncora, até ao mar, dado constituir um importante corredor ecológico, relevante para a infraestrutura verde existente (Figura 1).

Esta é uma região caracterizada por um clima de influência marcadamente atlântica, com temperaturas médias relativamente baixas e níveis de humidade e precipitação muito elevados, relativamente aos valores médios nacionais (sniamb.apambiente.pt). Esta área é ainda marcada por uma grande variação do relevo, desde o nível do mar, na zona do estuário do rio Âncora, até uma altitude máxima de 825m, no Alto do Espinheiro, em plena Serra d'Arga. No seu conjunto, estas características marcam decisivamente a paisagem da Serra d'Arga, contribuindo para a abundância de biótopos muito importantes para diversas espécies faunísticas.

Insere-se numa região fortemente influenciada por diversas ações antropogénicas, que afetam a área de estudo de forma diferenciada. Ao longo do corredor fluvial do rio Âncora observa-se um gradiente de pressões humanas, com áreas densamente humanizadas, junto ao litoral, que vão diminuindo para montante. Ainda assim, praticamente todo o corredor fluvial é afetado pela transformação da floresta, sendo atualmente dominada por povoamentos florestais de pinhal e eucaliptal, com várias zonas claramente afetadas por manchas significativas de espécies exóticas com reduzido valor ecológico. Ainda assim, apesar destas alterações, toda a área parece manter uma interessante diversidade de biótopos.



Limites da área de estudo e do SIC "Serra de Arga"

Área de estudo

SIC "Serra de Arga"

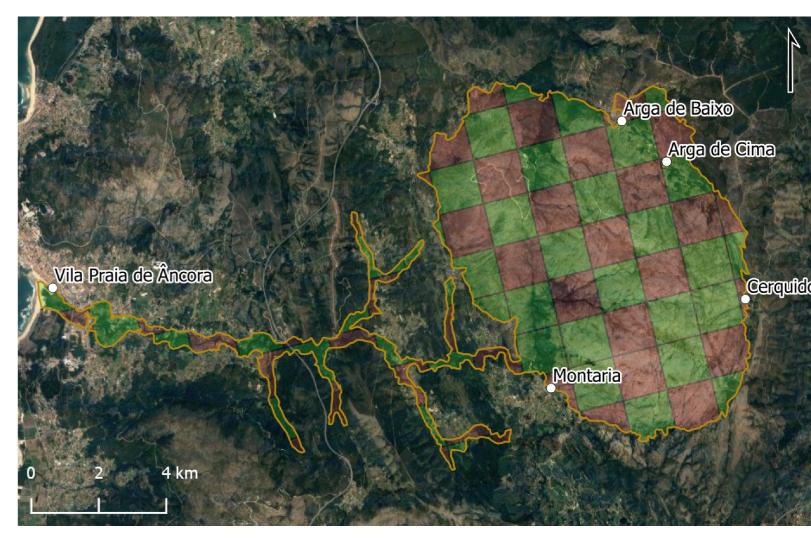
**Figura 1**. Mapa da área de estudo onde está assinalada a área do SIC Serra de Arga.

Na zona costeira, o rio Âncora forma um estuário de pequenas dimensões, mas com características muito interessantes, nomeadamente para a ocorrência de várias espécies de aves migradoras. O corredor fluvial, de características essencialmente lóticas, apesar das margens muitas vezes alteradas, mantém uma boa qualidade da água e boas condições de abrigo para diversas espécies. Por outro lado, as áreas montanhosas, com densidades populacionais muito inferiores, encontram-se alteradas por práticas agrícolas, essencialmente tradicionais e de pastoreio extensivo. Na montanha, estas atividades moldaram a paisagem criando um conjunto de biótopos com grande interesse para as comunidades faunísticas, com manchas de mosaicos agroflorestais típicos das montanhas da região norte, formados pelas pequenas explorações agrícolas, lameiros, pequenos bosquetes, etc..

Tendo em consideração as características descritas e a dimensão da área, para a amostragem de fauna deste estudo, a área foi dividida em quadrículas 1x1Km (INSPIRE em ETRS89 na projeção LAEA; sistema usado a nível europeu para comunicação da informação espacial das espécies da Directiva Habitats). Para elaboração dos mapas de distribuição de cada espécie foram consideradas todas as quadrículas em que pelo menos 5 ha pertençam à área de estudo. Dessas quadrículas selecionaram--se metade, através de uma amostragem regular, para assegurar que a área é amostrada sistematicamente, garantindo que a única quadrícula da costa fosse amostrada. Desta forma foram selecionadas 40 quadrículas, que foram prospetadas em três campanhas de trabalho de campo. As 40 quadrículas pré-selecionadas encontram-se identificadas na Figura 2.

### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

ÁREA DE ESTUDO



Quadrículas amostradas na área de estudo

Área de estudo Quadrículas amostradas Quadrículas não amostradas

Figura 2. Mapa da área de estudo onde estão assinaladas as quadrículas amostradas.

# 3. METODOLOGIA

Para a caracterização da fauna de vertebrados da Serra d'Arga foram aplicadas, em cada quadrícula de amostragem, um conjunto de metodologias diferenciadas, específicas para os diferentes grupos de animais. As informações recolhidas no terreno foram ainda complementadas com informações bibliográficas de ocorrência confirmada de espécies na área de estudo. De salientar que apenas foram utilizados dados bibliográficos nas situações em que se conheciam os locais onde as espécies foram identificadas.

12

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

# 3.1. AMOSTRAGEM DA HERPETOFAUNA

A metodologia base para inventariação da herpetofauna consistiu numa amostragem sistemática, baseada na realização de transectos, a pé e de carro, tentando abranger o maior número possível de habitats. Este tipo de amostragem pressupõe também a prospeção de pedras, troncos ou outros objetos que possam constituir refúgio para as espécies em estudo.

Especificamente para a prospeção de anfíbios a metodologia de amostragem foi complementada com outros métodos utilizados na elaboração do Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal (Loureiro et al., 2008), como a captura (e reposição) de espécimes em locais de reprodução, a identificação de ovos e larvas, a procura em refúgios, a realização de pontos de escuta para identificação sonora e transectos noturnos com viatura.

No caso dos répteis foi efetuada a prospeção de locais de abrigo e registados todos os encontros visuais realizados em transectos a pé e de carro (Loureiro et al., 2008).

Complementarmente foram registadas todas as ocorrências ocasionais, designadamente de animais mortos nas estradas e de indivíduos deste grupo detetados durante amostragens direcionadas para outros grupos faunísticos.

# 3.2. AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA

Para a inventariação das aves a metodologia utilizada consistiu numa adaptação das metodologias utilizadas nos mais recentes atlas de distribuição da avifauna em Portugal, o Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (Equipa atlas, 2008) e o Programa de Monitorização de Aves Nocturnas em Portugal (SPEA, 2010), ajustadas à dimensão e características da área de estudo e épocas do ano em que se efetuaram as visitas. Para o presente trabalho foram assim implementadas duas metodologias diferenciadas, adaptadas a dois grupos: aves diurnas e aves noturnas.

As metodologias implementadas nas quadrículas de amostragem, nas campanhas de realizadas, procuraram abranger todas as espécies que utilizaram a área de estudo, independentemente da sua fenologia de ocorrência. Assim, na primeira campanha de amostragens (maio a julho) foram identificadas espécies presentes na área durante o período reprodutor; na segunda campanha de amostragem, em setembro, foi dado particular ênfase à deteção de espécies em migração; na terceira campanha de amostragem (entre novembro e dezembro) foi dado particular ênfase às espécies invernantes.

De forma complementar, foram ainda registadas todas as ocorrências ocasionais relevantes de espécies deste grupo, que ocorreram durante amostragens direcionadas para os restantes grupos faunísticos.

## AVIFAUNA DIURNA

A inventariação da avifauna diurna foi efetuada com base na audição e na visualização direta, ao longo de transectos realizados a pé. Cada visita sistemática às quadrículas de amostragem teve a duração mínima de 30 minutos (o período foi alargado em quadrículas onde se detetou maior riqueza específica ou a presença potencial de espécies raras ou pouco conspícuas), tendo sido realizados transectos a pé, num passo regular, procurando amostrar os habitats mais representativos. Durante este período foram registadas todas as espécies identificadas por contactos auditivos e visuais na área da quadrícula, sem limite de distância para o observador. De forma a maximizar a informação das espécies inventariadas, os registos de aves em voo, mesmo se efetuados a maiores distâncias, foram contabilizados na quadrícula em que foram observados, exceto nos casos em que foi possível distinguir claramente a sua localização numa quadrícula adjacente. Este tipo de situação é frequente, por exemplo, na deteção de aves de rapina ou andorinhas a caçar.

Os trabalhos de campo foram, sempre que possível, realizados em dias com boas condições meteorológicas, evitando dias de ventos fortes, chuva, temperaturas elevadas, etc.. Para a maximização das espécies inventariadas, as visitas às quadrículas foram realizadas essencialmente no período da manhã, até ao máximo de 4 h após o nascer do sol, e de tarde, nas 3h antes do pôr-do-sol (período recomendado para a realização dos censos de avifauna diurna).

## AVIFAUNA NOTURNA

No caso da avifauna noturna, todas as quadrículas de amostragem foram inventariadas através do método pontual. Em cada ponto de amostragem foram efetuados 10 minutos de escuta em silêncio, durante os quais se anotaram todos os indivíduos escutados ou observados, com identificação das espécies presentes. As visitas às quadrículas foram realizadas em noites com condições meteorológicas favoráveis, sem chuva ou vento moderado ou forte. O período de escuta teve início 15 minutos após o ocaso e não se estendeu para além de 2 horas após o pôr-do-sol. Esta metodologia foi aplicada nas três campanhas de amostragem realizadas, com foco particular na campanha de novembro/ dezembro, período em que foram realizadas duas visitas noturnas por quadrícula.

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

METODOL OGIA

# 3.3. AMOSTRAGEM DA MAMOFAUNA

Os mamíferos são o grupo de vertebrados mais difícil de inventariar por observação direta. A maior parte das espécies apresenta atividade maioritariamente noturna, com hábitos discretos, sendo por isso necessário o recurso a metodologias indiretas e adaptadas a diferentes conjuntos de espécies.

## MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE

Neste grupo incluem-se todos os mamíferos de médias e grandes dimensões (macromamíferos), como carnívoros (canídeos, felídeos, mustelídeos e viverrídeos), artiodáctilos e lagomorfos. A sua deteção direta, por observação, é particularmente difícil devido aos hábitos crípticos da maioria destas espécies, por isso o recurso à identificação de indícios de presença é a forma mais eficaz de se proceder à sua inventariação (Mathias, 1999). Para esse efeito foram percorridos transectos a pé, por observadores experimentados, em que se procedeu à procura e identificação de indícios de presença. Os transectos, maioritariamente coincidentes com caminhos de terra batida, foram selecionados de forma a cobrir uma extensão considerável em relação à área de estudo de cada quadrícula e a incluir os biótopos mais representativos. Cada visita teve uma duração mínima de 2 horas por quadrícula, durante as quais foram registados e identificados todos os avistamentos ou vestígios de presença de mamíferos, como pegadas, dejetos, trilhos, tocas, etc..

A identificação de indícios de presença é normalmente o método mais utilizado neste tipo de amostragens, ainda assim, a identificação até à espécie de alguns indícios nem sempre é possível, pelo que, se recorreu ainda a metodologias complementares de identificação, como inquéritos, faroladas e armadilhagem fotográfica.

Os inquéritos, junto da população local e de caçadores, sobre a ocorrência de algumas espécies de maior dificuldade de deteção, foram realizados ao longo de todos os períodos de amostragem. Estes inquéritos permitiram obter indicações quanto às espécies e localizações das observações, sendo que a presença das espécies foi sempre confirmada no terreno com as restantes metodologias.

As faroladas consistem na realização de percursos noturnos, de carro, a velocidade reduzida, com auxílio de focos de luz, com o obietivo de observar diretamente os animais. Sendo os mamíferos animais essencialmente noturnos, as faroladas são bastante utilizadas na deteção e estimativa da abundância deste grupo, sendo consideradas um método eficaz e igualmente não dispendioso de identificação de mamíferos, particularmente mamíferos carnívoros (Gese, 2001). As faroladas foram realizadas em todos os períodos de amostragem, nas primeiras horas após o anoitecer, sendo percorridos os caminhos existentes, a uma velocidade reduzida (aproximadamente 20 km/h) e regular, percorrendo a paisagem com um foco de luz de 100 W em busca de indivíduos.

De forma a confirmar algumas identificações efetuadas a partir de indícios de presença, nas campanhas de outono e inverno, recorreu-se ainda ao método de armadilhagem fotográfica. Este método, cujo uso é cada vez mais generalizado, tem apresentado bons resultados na deteção de algumas espécies mais raras e elusivas (Wemmer et al., 1996, Cutler & Swann, 1999, Trolle & Kéry, 2003). Algumas das vantagens do seu uso residem no facto de permitir uma identificação precisa da espécie. Uma outra vantagem é a pouca perturbação nas áreas onde poderão ocorrer espécies sensíveis e de hábitos solitários (Zielinsky et al., 1995). Neste inventário foram utilizadas duas câmaras fotográficas, tendo sido amostrados especificamente os locais de deteção de indícios de presença cuja identificação até à espécie não foi possível. Para cada local de amostragem foram utilizados iscos adequados para a atração de animais. As câmaras fotográficas permaneceram ativas durante 24 horas/dia, registando todos os indivíduos.

# MICROMAMÍFEROS NÃO VOADORES

Neste grupo incluem-se várias espécies de pequenos insectívoros (famílias Erinaceidae, Soricidae e Talpidae) e roedores (famílias Sciuridae, Arvicolinae, Muridae e Gliridae). Algumas das espécies deste grupo, nomeadamente das famílias Talpidae e Sciuridae, podem ser identificadas através de indícios de presença, pelo que a sua inventariação foi efetuada em simultâneo com o grupo anterior. Ainda assim, para a maioria das espécies de roedores e musaranhos (Soricidae) esse método não é eficaz porque, de uma forma geral, os indícios de presença detetados não permitem identificação até à espécie. Desta forma, para a inventariação deste grupo foi implementada uma metodologia que consistiu na análise de estruturas ósseas e de pelos, encontrados, principalmente, em regurgitações de rapinas noturnas e, em alguns casos, em dejetos de mamíferos carnívoros.

Para recolha de regurgitações de rapinas noturnas, particularmente de coruja-das-torres, foi realizada uma prospeção sistemática de potenciais locais de poiso, como casas abandonadas, celeiros, estábulos, etc.. Esta coruja tem hábitos alimentares generalistas, o que faz com que qualquer espécie de micromamífero possa ser potencialmente caçada nas áreas circundantes aos locais de poiso.

Esta metodologia pressupõe que os dados das plumadas e excrementos representam, pelo menos em parte, a composição das populações de micromamíferos da área. Para tal, assumiu-se neste trabalho que o local de deposição corresponde ao local onde foram capturadas as presas. Apesar de não permitir obter uma distribuição precisa e uniforme dos locais de amostragem pela área de estudo, considera-se que este é o método mais adequado para obter dados específicos das espécies deste grupo, sendo que o erro associado a esta metodologia é relativamente reduzido (por exemplo, para a coruja-das-torres estima-se que a maioria das presas seja consumida, com a produção e deposição das regurgitações, num raio máximo de 1.5 km do local de captura: Bunn et al., 1982).

As regurgitações e dejetos foram recolhidos, para posterior análise em laboratório e identificação das espécies. A triagem e identificação dos restos ósseos (sobretudo crânios e mandíbulas) e dos pelos, através da consulta de chaves dicotómicas apropriadas (Castejón & López, 1982; Gallego & Alemana, 1985), foi efetuada após o final dos trabalhos de campo.

### QUIRÓPTEROS

O método baseia-se na capacidade de ecolocalização apresentada pela subordem *Microchiroptera* (todas as espécies de morcegos presentes em Portugal pertencem a este grupo). Estes morcegos utilizam a ecolocalização para orientar o voo e caçar. As diferentes espécies emitem diferentes ondas sonoras de alta frequência, através da vibração das cordas vocais, criando impulsos sonoros que são emitidos através da boca ou estrutura nasal adaptada (Kunz & Piersen, 1994). Quando as ondas intercetam objetos criam-se ecos que são detetados pelas orelhas dos morcegos.

Os detetores de ultrassons são utilizados para detetar os sons emitidos pelos morcegos durante a sua atividade, convertendo-os em sons audíveis, analisáveis e passíveis de serem identificados. Na maior parte dos casos, a frequência dos pulsos é característica da espécie, tornando possível a sua identificação (Kunz & Brock, 1975). Noutros casos as distinções entre vocalizações são mais complexas, sendo necessário recorrer à análise dos padrões de frequência (constante ou modulada), dos parâmetros temporais e da intensidade dos pulsos emitidos (Rainho et al., 2011). Ainda assim, pela semelhança entre vocalizações, a distinção específica pode ser muitas vezes impossível, sendo apenas possível chegar à identificação do género ou complexos de espécies que emitem vocalizações muito semelhantes (Rainho et al., 2011). Apesar destas limitações, este método é extremamente útil, uma vez que as espécies deste grupo são muito difíceis de identificar de forma não invasiva. Algumas espécies são complicadas de inventariar, mesmo através de métodos diretos, sendo difíceis de capturar para identificação. Adicionalmente, a utilização do detetor de ultrassons tem a vantagem de ser um método passivo, não causando qualquer stress ou lesão aos animais detetados (Churchill, 1998).

Nesta inventariação, foi usado um detetor de ultrassons (Pettersson D240X), acoplado a um gravador digital (Zoom H1), para a gravação dos pulsos. Cada gravação foi posteriormente analisada, através da utilização de software de análise de sons (Audacity e BatExplorer). Com estes programas é possível converter os sinais gravados em sonogramas, permitindo identificar as espécies detetadas no campo. O protocolo utilizado seguiu as metodologias descritas por Mitchell-Jones & McLeish (2004), com

recurso à "Chave de identificação de vocalizações dos morcegos de Portugal continental", elaborada por Rainho et al. (2011) na sequência do projeto "Atlas de morcegos de Portugal continental".

Esta amostragem foi implementada até ao final do verão, com a realização de um ponto de deteção de morcegos por quadrícula, com a duração de 10 minutos. A análise dos sons gravados foi efetuada após todos os trabalhos de campo.

Paralelamente, durante os trabalhos realizados para os restantes grupos faunísticos, foram prospetados potenciais abrigos de morcegos, procedendo-se, sempre que possível, à identificação visual de indivíduos.

Para este grupo, no presente estudo, para além das espécies inventariadas nos trabalhos de campo, foram considerados no elenco faunístico os morcegos identificados nos planos de monitorização do parque eólico de Serra d'Arga (ProSistemas, 2005-2010), em que se conhecia a localização específica dos locais de amostragem acústica e a localização dos abrigos monitorizados.

# 3.4. AMOSTRAGEM DA ICTIOFAUNA

A inventariação da ictiofauna presente nas linhas de água que ocorrem na área de estudo foi efetuada recorrendo ao método de pesca elétrica, de acordo com a metodologia estabelecida pelo INAG no "Manual para a avaliação biológica da qualidade da água em sistemas fluviais segundo a Directiva Quadro da Água Protocolo de amostragem e análise para a fauna piscícola" (INAG, 2008).

Foram amostradas as principais linhas de água presentes na área de estudo, nomeadamente o rio Âncora e a ribeira de S. João (pertencente à bacia hidrográfica do rio Minho), tendo sido prospetados 4 locais de amostragem, distribuídos ao longo da área de estudo. Cada troço de amostragem foi considerado representativo do sector do curso de água em questão, abarcando a máxima diversidade física existente.

Para a realização da amostragem foi utilizado um gerador dorsal HANS GRASSL, modelo ELT60II-HI, sendo as características da corrente elétrica definidas em função de cada situação concreta, no sentido de aumentar a eficácia de captura, sem causar lesões ou mortalidade nos peixes. Na amostragem, o operador do aparelho de pesca elétrica percorre lentamente a pé o troço de amostragem, de jusante para montante, descrevendo um zig-zag entre as duas margens, cobrindo todos os habitats existentes e fazendo sair os peixes que se encontrem abrigados, que são imediatamente recolhidos pelos elementos de apoio, com camaroeiros, e mantidos em aparatos de rede dentro do curso de água, em local não submetido a corrente elétrica ou em caixas plásticas de dimensões apropriadas com água. O comprimento mínimo de cada troço amostrado foi sempre de pelo menos 100m.

Todos indivíduos capturados foram submetidos a uma operação de rotina que incluiu a sua identificação, até à espécie (efetuada no local com base em caracteres externos), e medição (comprimento total, mm). Após manuseamento, os exemplares foram devolvidos ao meio e cuidadosamente libertados em zonas sem corrente, próximos dos locais de captura.

A prospeção por pesca elétrica foi realizada em julho (período aconselhado para os cursos de água a norte do Tejo), com condições de caudal adequadas. Tratando-se de espécies restritas ao corredor fluvial, os dados de distribuição das espécies serão apresentados por setor.

#### 0

# 4. PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO

Ao longo do presente estudo foram identificadas na área 186 espécies da fauna de vertebrados, das quais 126 aves, 33 mamíferos, 12 répteis, 10 anfíbios e 5 peixes. No total foram identificadas espécies de 31 ordens e 74 famílias.

Relativamente à importância conservacionista do património faunístico identificado, salienta-se que, quase 30% (54 espécies) do total das espécies identificadas são classificadas como ameaçadas ou quase ameaçadas a nível nacional, encontrando-se listadas nas categorias Quase Ameaçado (NT), Vulnerável (VU), Em Perigo (EN) ou Criticamente em Perigo (CR), do Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal (Cabral et al., 2005) e/ou europeu, encontrando-se listadas nos anexos II, IV ou V da directiva comunitária habitats (Directiva 92/43/CEE) ou no anexo I da directiva comunitária aves (Directiva 2009/147/CE).

Entre as espécies ameaçadas em Portugal incluem-se 27 espécies com algum risco de extinção em Portugal. Apesar de não ter sido identificada nenhuma espécie considerada como Criticamente em Perigo de extinção, categoria de ameaça mais elevada para as espécies selvagens, foram detetadas 5 espécies classificadas como Em Perigo, 11 como Vulneráveis e 11 como Quase Ameaçadas (Cabral et al., 2005).

A nível europeu, entre as espécies protegidas ao abrigo da directiva habitats (DH), que incluem espécies de todos os grupos de vertebrados exceto aves, destaca-se a presença de 8 espécies com o estatuto mais elevado desta directiva, o anexo II (espécies animais e vegetais cuja conservação requer a designação de ZEC), 9 do anexo IV (espécies animais e vegetais que necessitam de uma proteção estrita) e 3 do anexo V (espécies de fauna e de flora cujas recolha e exploração são controladas). Pela directiva das aves (DA), 14 espécies desse grupo encontram-se listadas no anexo I (espécies objeto de medidas de conservação especial respeitantes ao seu habitat, de modo a garantir a sua sobrevivência e a sua reprodução na sua área de distribuição), o que significa que, a nível europeu, estas espécies são consideradas: ameaçadas de extinção; vulneráveis a certas modificações dos seus habitats; consideradas raras, porque as suas populações são reduzidas ou porque a sua repartição local é restrita ou porque são espécies necessitando de atenção especial devido à especificidade do seu habitat.

Globalmente, o número de espécies de vertebrados detetado pode ser considerado como muito significativo. Tendo como ponto de comparação o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), a área protegida de maior importância em Portugal e com uma localização relativamente próxima, verifica-se que, as 186 espécies de vertebrados selvagens detetadas na Serra d'Arga correspondem a quase 80% das 235 espécies referenciadas para o PNPG (ICNB, 2008), numa área muito superior. Comparando as espécies de maior relevância conservacionista, na Serra d'Arga as espécies de vertebrados ameaçadas correspondem a cerca de 30% do total, enquanto no PNPG representam 40%, quando analisados os mesmos estatutos de conservação. Estes valores, apesar de serem, como esperado, superiores para o parque nacional, revelam, ainda assim, que a Serra d'Arga pode ter uma grande importância para a conservação de muitas espécies de fauna selvagem ameaçada.

Salienta-se ainda que, apesar da elevada diversidade de espécies inventariada, o elenco de espécies detetado neste trabalho não pode ser considerada como completo ou definitivo. Os hábitos crípticos da maioria das espécies, que frequentemente se encontram escondidas ou mimetizadas nos ambientes onde ocorrem, tornam impossível um inventário exaustivo de todas as espécies em todas as áreas de amostragem. Por outro lado, a mobilidade característica das espécies animais, particularmente das aves, mas também de espécies de outros grupos, pode levar a que determinadas espécies estejam ausentes da área nos períodos em que foram efetuadas as amostragens. De facto, este tipo de estudo reflete essencialmente as espécies que foi possível identificar durante os trabalhos de campo, podendo em qualquer momento ser confirmadas novas espécies, não presentes, ou simplesmente não detetadas nos trabalhos realizados. Os mesmos pressupostos aplicam-se de forma ainda mais notória relativamente às áreas de distribuição das espécies. De facto, a ausência de uma espécie numa determinada quadrícula de amostragem não significa que a espécie não ocorra nesse local, mas apenas que não foi detetada durante os trabalhos de campo. Ainda assim, tendo em consideração a riqueza específica detetada e a distribuição da maioria das espécies pelos biótopos favoráveis presentes na área, considera-se que o património faunístico identificado reflete de forma adequada a presença e distribuição das espécies pelas áreas estudadas

# 4.1. DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES

A riqueza de espécies detetada, muitas delas com elevado interesse conservacionista, deve-se em grande parte à diversidade de biótopos disponíveis nesta área, capazes de proporcionar condições para a ocorrência de espécies com diferentes requisitos ecológicos. Assim, além da análise geral das espécies presentes é ainda importante compreender a sua distribuição e identificar as principais áreas de interesse para cada espécie ou grupos de espécies, bem como identificar padrões gerais de distribuição. Na Figura 3 pode-se observar a distribuição da riqueza específica pelas diferentes quadrículas de amostragem da fauna. Pela análise da distribuição é possível verificar que a maior riqueza específica ocorre sempre associada à presença de linhas de água de maior ou menor dimensão. Este padrão, apesar de esperado, nem sempre reflete as áreas de maior importância, sendo que, neste caso, algumas das áreas com menor riqueza específica são frequentemente utilizadas por espécies com grande valor conservacionista.

### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO

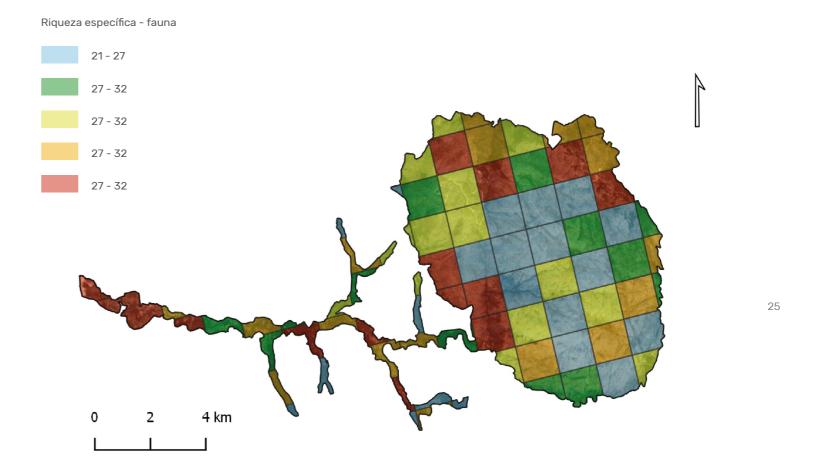


Figura 3. Riqueza específica

PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO

No caso da Serra d'Arga, os principais valores do património faunístico, particularmente as espécies animais com maior valor conservacionista (espécies com estatuto de ameaça a nível nacional e europeu), encontram-se essencialmente associados a três áreas principais: Zona costeira e Estuário do rio Âncora; Corredor fluvial do rio Âncora e Zonas de montanha.

Apesar da sua reduzida dimensão ocupada na área de estudo, a Zona costeira e Estuário do rio Âncora (Figuras 4 e 5), é dos locais de maior riqueza específica de fauna de vertebrados de toda a área de estudo. Só nessa área, totalmente inserida numa única quadrícula de amostragem, foram identificadas 96 espécies, na sua maioria aves. Com características muito distintas da restante área de estudo, o estuário do rio Âncora, serve de abrigo a várias aves durante o período de migração. Espécies como os pilritos (Calidris alba e Calidris alpina), a garça-branca-pequena (Egretta garzetta), o ostraceiro (Haematopus ostralegus), o corvo-marinho-de-faces-brancas (Phalacrocorax carbo), as várias gaivotas (Chroicocephalus ridibundus, Ichthyaetus melanocephalus, Larus canus, Larus fuscus, Larus marinus e Larus michahellis) e o garajau (Thalasseus sandvicensis), entre muitas outras espécies, estão na área de estudo restritas a este local, ocorrendo regularmente, essencialmente fora dos períodos de reprodução. Outras, como os rouxinóis-dos-caniços (Acrocephalus arundinaceus e Acrocephalus scirpaceus) e o borrelho-de-coleira-interrompida (Charadrius alexandrinus), podem ser observadas nestas áreas no período reprodutor, geralmente associados a biótopos específicos, como caniçais densos e praias, respetivamente.



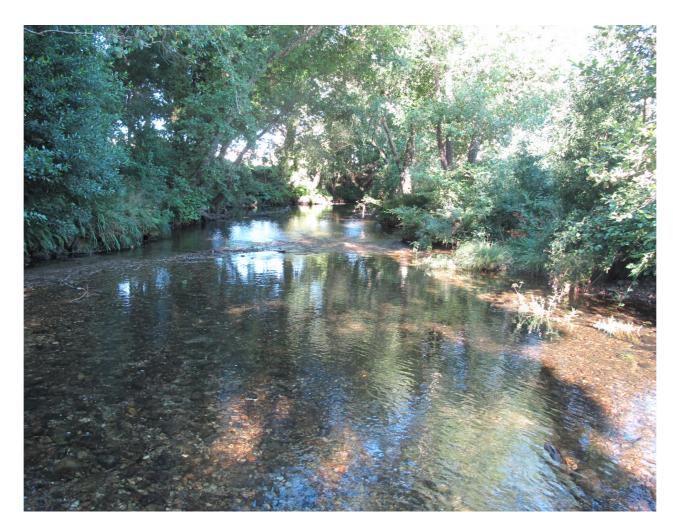
Figura 4. Estuário do rio Âncora



**Figura 5.** Zona costeira com dunas e foz do rio Âncora.

PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO

Na Serra d'Arga o Corredor fluvial do rio Âncora (e outras pequenas linhas de água) é provavelmente a área com maior riqueza específica e com a presença de maior número de espécies de elevado valor conservacionista. Grupos como os peixes ou os anfíbios, mas também algumas espécies de répteis, aves e mamíferos, são particularmente dependentes destes biótopos e têm muitas vezes a sua distribuição limitada a estes locais. As características distintas entre a zona jusante do troço principal do rio Âncora e as suas áreas a montante (tal como outros pequenos ribeiros presentes nas áreas de maior altitude) criam um continuum de biodiversidade, que se sucede em função das características do rio. Assim, nas áreas a jusante encontram-se todas as espécies piscícolas inventariadas, a lontra (Lutra lutra), o guarda-rios (Alcedo atthis), a rã-verde (Pelophylax perezi) e múltiplas espécies associadas à galeria ripícola. Mais a montante, no grupo dos peixes mantem--se a truta (Salmo trutta) e vão surgindo espécies mais típicas de pequenos cursos de água de montanha, como a toupeira-de-água (Galemys pyrenaicus) e a salamandra-lusitânica (Chioglossa lusitanica). Apesar desta distinção das comunidades ao longo do rio, o rio Âncora tem ainda assim uma característica rara nos rios em Portugal, uma vez que praticamente desde a zona de estuário é possível observar algumas espécies mais tipicamente associadas a rios e ribeiros de montanha, como o melro-de-água (Cinclus cinclus), o lagarto-de-água (Lacerta schreiberi), e a rã-ibérica (Rana iberica). Como áreas particularmente relevantes destacam-se um troço do rio Âncora a montante do estuário (Figura 6), onde se podem observar todas estas espécies do setor jusante do rio, e uma área no setor mais a montante (Figura 7), junto a São Lourenço da Montaria, com características típicas de rio de montanha, onde a diversidade de espécies é das mais importantes de toda a área de estudo.







**Figura 7.** Setor montante do rio Âncora, em São Lourenço da Montaria.

30

Por fim, as áreas descritas de forma genérica como Zonas de montanha enquadram uma grande diversidade de biótopos (mosaicos agroflorestais, prados e lameiros, matos e vegetação esparsa, afloramentos rochosos, pequenos bosques de folhosas, pinhais, turfeiras, etc.) e descrevem toda a área de planalto e encostas escarpadas da Serra d'Arga (Figura 8). Estas áreas, particularmente as zonas de maior altitude, com menor perturbação humana, apesar de apresentarem uma menor riqueza específica (ver Figura 3), são o habitat de ocorrência de várias espécies com interesse conservacionista, que na área de estudo estão restritas a estes locais.

Este é o caso de algumas aves de rapina, como o falcão-peregrino (Falco peregrinus) e o bufo-real (Bubo bubo), que nidificam em áreas rochosas escarpadas da serra, e o tartaranhão-caçador (Circus pygargus), que parece surgir mais associado a zonas de planalto com matos, e ainda pequenas aves pouco comuns na região, como o melro-das-rochas (Monticola solitarius) e a petinha-dos-campos (Anthus campestris). As zonas de montanha possuem também habitats de excelência para répteis, como os sardões (Timon lepidus), que frequentemente se observam um pouco por toda a serra, e anfíbios, como o sapo-corredor (Epidalea calamita), que aproveita pequenos charcos temporários para reproduzir, dispersando depois para diferentes locais na serra, onde os adultos permanecem geralmente escondidos durante o dia.

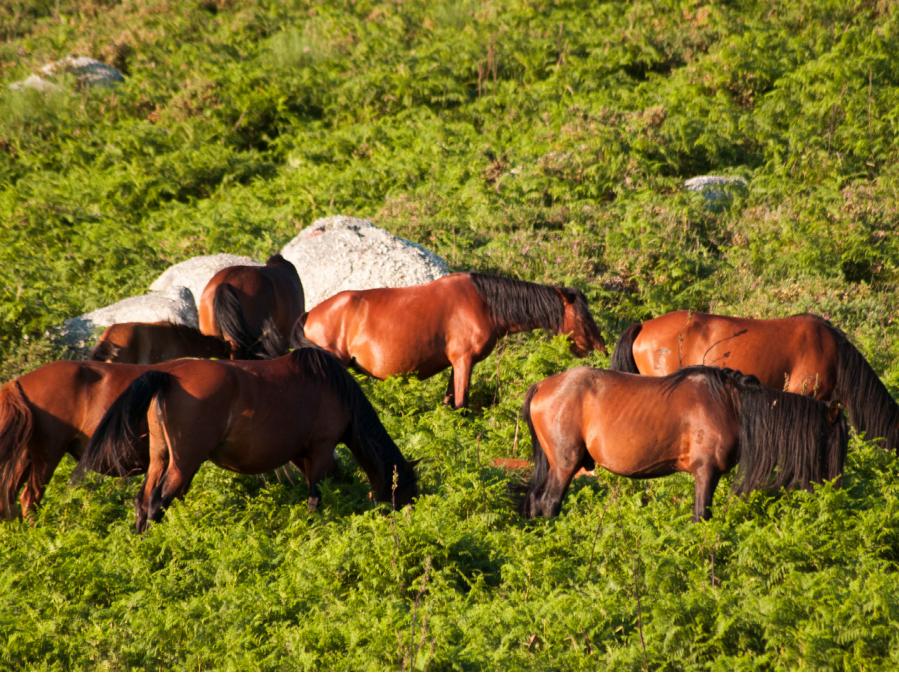
Esta área é ainda o local de ocorrência da espécie com o estatuto de ameaça mais elevado entre todas as espécies identificadas, o lobo (*Canis lupus*). Classificado como Em Perigo de extinção em Portugal e listado nos anexos II e IV da DH, está ainda incluído como espécie de conservação prioritária a nível comunitário. O lobo é ainda uma das espécies mais emblemáticas da região, sendo as zonas montanhosas da Serra d'Arga a área mais ocidental em que a sua presença se encontra confirmada em Portugal. Sendo um predador de topo, o lobo necessita de uma significativa disponibilidade de alimento, que na Serra d'Arga parece encontrar, essencialmente devido à presença de outro grande mamífero emblemático da montanha, o garrano (Figura 9).

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO



**Figura 8.** Zonas de montanha na Serra d'Arga.



**Figura 9.** Manada de garranos na Serra d'Arga.

Não podendo ser considerada uma espécie selvagem (as características que definem a raça garrana têm origem num processo de domesticação de cavalos selvagens, que vem desde o neolítico, com consequente seleção artificial de características através de múltiplos cruzamentos), o garrano não foi considerado no elenco das espécies da fauna de vertebrados selvagens inventariadas, não estando também incluindo nas fichas de caracterização do Atlas. Ainda assim, dado que muitos garranos vivem atualmente em liberdade durante todo o ano, formando grupos, que recriam os comportamentos dos seus ancestrais selvagens, o seu papel no ecossistema é fundamental. No ambiente da Serra d'Arga, estes pequenos cavalos (na verdade são póneis, uma vez que os garranos têm sempre uma altura ao garrote inferior a 1,35m), resistentes, bem adaptados às regiões de montanhas frias e húmidas, vivem essencialmente em manadas, constituídas por um harém com várias fêmeas e um macho adulto. Na Serra d'Arga, além de serem a principal presa do lobo, têm também um grande impacto na paisagem pelo pastoreio intenso que fazem na área de montanha.

# 4.2. GRUPOS FAUNÍSTICOS

### **ANFÍBIOS**

Nas amostragens realizadas foram identificadas 10 espécies de anfíbios, divididas em duas ordens (*Anura* e *Caudata*) e quatro famílias (*Alytidae*, *Bufonidae*, *Ranidae* e *Salamandridae*).

Entre as espécies identificadas destaca-se a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), uma das espécies identificadas com maior interesse conservacionista, sendo o anfíbio identificado com maior estatuto de ameaça em Portugal (Vulnerável) e a nível europeu (anexos II e IV da DH). Espécie endémica do noroeste da Península Ibérica, com distribuição global muito restrita, na Serra d'Arga parece ser abundante, tendo sido detetada em vários locais. Dado que é uma espécie dependente de ambientes com níveis de humidade muito elevados, geralmente associada a pequenos ribeiros de águas correntes, frias, bem oxigenadas e pouco poluídas, a Serra d'Arga parece apresentar condições excelentes para a conservação desta espécie.

Salienta-se também a presença confirmada de outros três endemismos ibéricos: a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*), Quase Ameaçada em Portugal e listada nos anexos II e IV da DH, aparentemente com uma distribuição fragmentada nesta área, e duas espécies abundantes na área, a rã-ibérica (*Rana iberica*), listada no anexo IV, e o tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*).

Entre os anfíbios, a espécie mais abundante parece ser a rã-verde (*Pelophylax perezi*), observada em praticamente todos os pontos de água. Pelo contrário, a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*) foi a espécie com menos registos, tendo sido detetada em apenas dois locais, embora a sua presença noutros locais da área de estudo seja provável.

Não incluídos no elenco de espécies identificadas, por não

terem sido detetadas nos trabalhos de campo, o tritão-palmado (*Lissotriton helveticus*) e rela-comum (*Hyla molleri*) são outras duas espécies que, pelas características dos biótopos presentes e pela sua distribuição conhecida na região do Alto Minho, terão ocorrência provável na área.

## RÉPTEIS

Entre os répteis foram identificadas nos trabalhos de campo 12 espécies, todas incluídas na ordem *Squamata* (subordens *Sauria* e *Serpentes*) e em seis famílias distintas (*Anguidae*, *Lacertidae*, *Scincidae*, *Colubridae*, *Natricidae* e *Psammophiidae*).

Entre os répteis identificados, nenhum é atualmente considerado ameaçado em Portugal. Deste grupo destacam-se duas espécies essencialmente endémicas do noroeste da Península Ibérica, o lagarto-d'água (*Lacerta schreiberi*) e a lagartixa-de-Bocage (*Podarcis bocagei*). O lagarto-d'água, que parece ocorrer de forma contínua ao longo o rio Âncora, é ainda a única espécie deste grupo considerada como ameaçada a nível europeu (anexos II e IV da DH).

Apesar da riqueza específica dos répteis estar provavelmente bem representada neste estudo, a distribuição fragmentada detetada para várias espécies poderá estar essencialmente relacionada com a dificuldade de inventariar indivíduos deste grupo. Espécies mais conspícuas, como o sardão (*Timon lepidus*), foram detetadas em praticamente todas as quadrículas da área de montanha, no entanto, espécies habitualmente mais discretas, como a maioria das serpentes, foram registas de forma pontual.

Espécies como a cobra-de-pernas-pentadáctila (*Chalcides bedriagai*), a cobra-lisa-europeia (*Coronella austriaca*) e a víbora-cornuda (*Vipera latastei*), não foram detetadas nos trabalhos de campo e por isso não foram incluídas no elenco faunístico. Ainda assim, pelas características dos biótopos presentes na área de estudo e pela já referida dificuldade de inventariar espécies menos conspícuas deste grupo, considera-se que a sua presença na área não deve ser excluída.

### **AVES**

As aves são o grupo faunístico com maior riqueza específica, tendo sido identificadas 126 espécies de 17 ordens e 45 famílias.

Relativamente a este grupo é importante referir que, devido aos padrões migratórios de muitas das espécies, a presença das aves na área de estudo varia em função das suas características fenológicas. De uma forma geral, cerca de metade das espécies identificadas pode ser considerada residente, devendo estar presente na área de estudo ao longo de todo o ano. Entre as restantes, a sua presença varia em função dos períodos anuais. No presente estudo não foram avaliados especificamente os períodos de ocorrência de cada espécie na área, no entanto, das mais de 60 espécies não residentes, foi possível confirmar a presença de várias espécies apenas durante a primavera e verão, outras apenas no período de inverno, e outras ainda durante os períodos de passagens migratórias.

Entre todas as aves identificadas, independentemente da sua utilização da área, foram identificadas 17 espécies com estatutos de conservação relevante em Portugal, sendo 2 descritas como Em Perigo, 7 Vulneráveis e 9 Quase Ameaçadas. O tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), listado como Em Perigo de extinção em Portugal e no anexo I da DA, é uma das aves com maior interesse para a conservação registadas na Serra d'Arga. Sendo uma espécie migradora que reproduz em Portugal, a sua nidificação na área, embora não tenha sido confirmada, pode ser considerada como muito provável devido à presença de indivíduos em áreas de habitat potencial, nomeadamente nas áreas de planalto da serra, durante o período reprodutor. A outra espécie classificada como Em Perigo (e também no anexo I da DA), a andorinha-do-mar (*Sterna hirundo*), foi detetada na zona do estuário do rio Âncora, sendo neste caso a sua ocorrência mais esporádica, particularmente nos períodos migratórios.

As espécies classificadas como Vulneráveis incluem três espécies migratórias com reprodução muito provável na área, o bútio-vespeiro (*Pernis apivorus*), o noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*) e o cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*); uma espécie migratória que parece ocorrer apenas de passagem durante as suas migrações, a felosa-das-figueiras (*Sylvia borin*); duas espécies consideradas residentes, neste caso duas rapinas, o açor (*Accipiter gentilis*) e o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*); e uma espécie presente durante grande parte do ano, mas que provavelmente não reproduz nesta área, o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*).

Quinze espécies de aves são ainda classificadas como ameaçadas a nível europeu, encontrando-se listadas no anexo I da DA, na sua maioria, espécies que na área de estudo se encontram preferencialmente associadas às zonas de montanha. Entre elas incluem-se 5 rapinas diurnas (Falco peregrinus, Circus pygargus, Circaetus gallicus, Gyps fulvus e Pernis apivorus), 2 aves noturnas (Bubo bubo e Caprimulgus europaeus) e 3 passeriformes (Lullula arborea, Sylvia undata e Anthus campestris). Todas essas, com exceção do grifo (Gyps fulvus), que deverá utilizar a área apenas para alimentação, são espécies que provavelmente nidificam nas áreas montanhosas na Serra d'Arga. As restantes 5 espécies do anexo I da DA são: o guarda-rios (Alcedo atthis), que na área ocorre ao longo do corredor fluvial do rio Âncora, inventariado em todos os períodos de amostragem mas para a qual não foi confirmada nidificação; e 4 espécies associadas essencialmente à zona costeira e de estuário (Charadrius alexandrinus, Ichthyaetus melanocephalus, Sterna hirundo e Egretta garzetta), entre as quais apenas o borrelho--de-coleira-interrompida (Charadrius alexandrinus) poderá estar presente como reprodutor.

Para as aves, devido à grande mobilidade das espécies, é expectável a ocorrência na área, pelo menos de forma pontual ou em passagens migratórias, de outras espécies não identificadas neste trabalho. Principalmente na zona costeira e de estuário, que constitui um corredor de migração habitual de diversas espécies, mas também noutras áreas, a presença esporádica de outras espécies é certa. Por exemplo, nas zonas de montanha, em 2013, foram observados a alimentar-se abutres-pretos (Aegypius monachus) (P. Alves, Com. Pess.), uma espécie Criticamente Ameaçada em Portugal, cujas áreas de reprodução mais próximas conhecidas se localizam a centenas de quilómetros. Ainda assim, como já foi referido, para o elenco de espécies estas observações pontuais não foram consideradas, tendo sido apenas incluídas as espécies identificadas no decurso deste estudo, complementado com dados bibliográficos específicos de outras amostragens sistemáticas realizadas na área de estudo.

Por outro lado, não foram incluídas no relatório espécies com hábitos estritamente marinhos. Assim, apesar de se terem observado outras espécies na zona marinha adjacente ao estuário, como o ganso-patola (*Morus bassanus*) e o pato-preto (*Melanitta nigra*), estas não foram consideradas.

## MAMÍFEROS

Entre os mamíferos, foi possível identificar a presença confirmada de pelo menos 33 espécies, incluídas em 6 ordens e 15 famílias.

Das espécies confirmadas, 23 são mamíferos não voadores, genericamente classificados como ungulados (2 espécies), carnívoros (8 espécies), roedores (6 espécies), lagomorfos (2 espécies) e insectívoros (5 espécies). Como referido, e apesar de serem uma presença constante e relevante na Serra d'Arga, os garranos não foram incluídos neste elenco por não se tratar de uma espécie selvagem.

Assim, entre os mamíferos não voadores selvagens identificados, destaca-se a presença de 3 espécies com estatuto de conservação desfavorável em Portugal. O lobo (Canis lupus), como referido anteriormente, é a espécie com estatuto de conservação mais elevado presente na Serra d'Arga, estando classificado como Em Perigo, e listado nos anexo II e IV da DH, estando ainda definido como espécie de conservação prioritária. A toupeira-de--água (Galemys pyrenaicus), espécie com estatuto de conservação Vulnerável e presente nos anexo II e IV da DH, é uma espécie rara, restrita em Portugal à zona norte, surgindo geralmente associada a cursos de águas frias e límpidas, bem oxigenadas como é o caso de alguns setores do rio Âncora. Finalmente, o coelho-bravo (Oryctolagus cuniculus), classificado como Quase Ameaçado em Portugal, é uma espécie muito mais abundante e mais amplamente distribuída em Portugal. A classificação com grau de ameaça deve-se essencialmente à grande redução de efetivos populacionais verificada nas últimas décadas, que levaram inclusivamente à sua extinção em vários locais, essencialmente em resultado de duas epizootias graves que têm afetado a espécie: a mixomatose e a doença hemorrágica viral. Na Serra d'Arga, o coelho-bravo parece ser abundante, tendo sido detetado em grande parte das áreas de montanha.

Entre as espécies listadas como ameaçadas a nível europeu encontram-se na Serra d'Arga cinco espécies de mamíferos não voadores. Entre as espécies dos anexos II e IV da DH, na Serra d'Arga, para além do lobo e da toupeira-de-água, foi ainda detetada a presença da lontra (*Lutra lutra*), aparentemente presente em todo o troço do rio Âncora a jusante de São Lourenço da Montaria. A geneta (*Genetta genetta*) e o toirão (*Mustela putorius*), também detetados neste estudo, encontram-se listados no anexo V da DH.

Relativamente aos mamíferos não voadores é importante salientar que o inventário de espécies resulta essencialmente de metodologias indiretas. No caso dos micromamíferos, a metodologia de amostragem, essencialmente baseada na identificação de restos ósseos presentes em regurgitações de predadores, deverá estar a subamostrar as espécies presentes. Assim, é provável a existência de outras espécies, não confirmadas nos trabalhos de campo, em particular de roedores e musaranhos. Além disso, como referido, a distribuição das espécies reflete apenas os locais onde foram detetadas as regurgitações, devendo por isso estar subestimada. Relativamente às restantes espécies, a metodologia baseou-se essencialmente na identificação de indícios de presença, sempre que possível complementada por observação direta em faroladas e armadilhagem fotográfica. Nesta metodologia, para algumas espécies a identificação dos indícios é clara, tendo os registos sido prontamente identificados e georreferenciados. Noutros casos, em que identificação não foi completamente definitiva, os registos foram georreferenciados, fotografados e/ou recolhidos para análise posterior. A partir de muitos desses indícios, e após análise de diferentes especialistas, foram identificadas algumas. das espécies incluídas no elenco de faunístico da Serra d'Arga. Entre as espécies identificadas na área a partir exclusivamente de indícios não definitivos incluem-se os já referidos toirão e toupeira-de-água, mas também a lebre (Lepus granatensis). No caso da lebre, apesar de alguns inquéritos indicarem que a espécie não é vista na Serra d'Arga há vários anos, a identificação dos indícios, que podem por vezes ser confundidos com indícios de coelho--bravo, foi clara por parte de todos os especialistas consultados.

Relativamente aos mamíferos voadores, os morcegos (ordem *Chiroptera*), foram confirmadas como presentes na área pelo menos 10 espécies, das quais apenas 6 foram confirmadas diretamente nos trabalhos de campo. Para a elaboração do elenco de espécies deste grupo, as inventariações de campo foram complementadas com dados da monitorização sistemática das espécies deste grupo obtidos nos trabalhos de monitorização dos morcegos do parque eólico da Serra d'Arga (ProSistemas, 2005-2010). Nesse trabalho foram prospetados de forma sistemática alguns potenciais abrigos, sendo ainda efetuadas amostragens acústicas em 12 pontos de amostragem com localização conhecida. A utilização destes dados permitiu confirmar a presença de duas

espécies não detetadas nas amostragens de campo (*Rhinolophus hipposideros* e *Rhinolophus ferrumequinum*), bem como grupos fónicos que correspondem a mais duas espécies também não detetadas nos trabalhos de campo (complexo *Myotis* "pequenos" e *Myotis* "grandes").

No caso dos morcegos é necessário ter em consideração que, com base metodologia utilizada, a identificação acústica, alguns dos indivíduos registados apenas são possíveis de identificar como pertencentes a determinados grupos fónicos (complexos de espécies que emitem vocalizações muito semelhantes). Assim, quer nos dados obtidos a partir dos trabalhos de campo, quer nos dados recolhidos a partir da bibliografia, encontram-se registos de várias gravações identificadas como complexos de espécies. Para simplificar a análise, sempre que numa quadrícula de amostragem foram registadas gravações de um grupo fónico, e pelo menos uma das espécies incluídas nesse complexo foi identificada especificamente, o registo do grupo fónico foi atribuído à espécie já registada. Por exemplo, em quadrículas onde se registou numa gravação o complexo (Pipistrellus pipistrellus/ Pipistrellus pygmaeus) e noutra a presença confirmada de Pipistrellus pipistrellus, para essa quadrícula foi apenas registada a presença dessa espécie. Esta abordagem conservadora permite afirmar com certeza que todas as espécies referidas se encontram efetivamente nos locais referenciados.

No caso dos grupos fónicos *Myotis* "pequenos" e *Myotis* "grandes", quer nos trabalhos de campo, quer na bibliografia consultada, não foi possível identificar nenhuma espécie do género *Myotis*. No entanto, os registos destes dois grupos fónicos confirmam a presença de pelo menos duas espécies deste género na área de estudo. Assim, os registos de *Myotis* "pequenos" correspondem com certeza a uma das seguintes espécies: *Myotis bechsteinii*, *M. nattereri*, *M. emarginatus*, *M. mystacinus* ou *M. daubentonii*; enquanto os registos de *Myotis* "grandes" correspondem a: *Myotis myotis* ou *M. blythii*.

Pela dificuldade de inventariar espécies deste grupo (pelas limitações do método acústico, mas também de todos os outros métodos de inventariação de morcegos), é muito provável que na área possam ocorrer outras espécies não confirmadas neste estudo. Apesar de não terem sido confirmadas, algumas espécies possivelmente presentes incluem, além das já referidas espécies do género Myotis, as espécies Pipistrellus kuhlii, Plecotus auritus, Plecotus austriacus, Rhinolophus euryale, Rhinolophus mehelyi e Miniopterus schreibersii. O morcego-de-peluche (Miniopterus schreibersii) foi mesmo referido para a área no ano 1 das monitorizações do parque eólico de Serra d'Arga (ProSistemas, 2006), no entanto, uma vez que a espécie não voltou a ser confirmada, optou-se por não a incluir no elenco faunístico do presente estudo.

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

PATRIMÓNIO FAUNÍSTICO

### **PFIXES**

Na área de estudo foi confirmada a presença de 5 espécies de peixes de 4 ordens e 4 famílias. Todas as 5 espécies presentes no elenco faunístico foram detetadas nas amostragens por pesca elétrica efetuadas.

Entre as espécies presentes destaca-se, pelo seu estatuto de conservação em Portugal, a enguia (Anguilla anguilla) e o esgana-gata (Gasterosteus aculeatus), ambas classificadas como Em Perigo. A enguia é uma espécie migradora catádroma, que passa grande parte do seu ciclo de vida em água doce, na fase de crescimento, migrando depois para o mar onde se reproduz, numa área geográfica muito restrita (no mar dos Sargaços). É uma espécie que se encontra altamente ameaçada, essencialmente na fase larvar (meixão), aquando da sua entrada no estuário, pela sobre-exploração comercial. Adicionalmente, a construção de obstáculos nos afluentes impede as suas movimentações e diminui a área de habitat disponível. A esgana-gata é uma espécie com distribuição em Portugal ainda pouco conhecida, sendo geralmente pouco abundante nas bacias hidrográficas em que ocorre.

Não sendo consideradas ameaçadas em Portugal as duas espécies de ciprinídeos detetadas no rio Âncora, a boga-do-Norte (*Pseudochondrostoma duriense*) e o ruivaco (*Achondrostoma oligolepis*), encontram-se ambas listadas no anexo II da DH. São duas espécies com distribuição global restrita, sendo a boga-do-Norte uma espécie endémica da Península Ibérica e o ruivaco um endemismo português.

Relativamente aos peixes, a sua distribuição apresenta um zonamento claro, com a presença das 5 espécies detetadas no troço mais a jusante do rio Âncora, com a diversidade a diminuir nas áreas mais a montante, tendo-se detetado apenas a presença da truta (*Salmo trutta*) nas zonas mais altas.

Além das espécies detetadas nas amostragens, existem na área referências da presença possível de, pelo menos, mais uma espécie, a panjorca (*Achondrostoma arcasii*) (ICN, 2006). No entanto, esse registo não apresenta localizações específicas da área de identificação, não tendo por isso sido considerado no elenco de espécies de vertebrados identificados. No plano setorial da rede Natura 2000 (ICN, 2006) é ainda referida a presença de peixes migradores anádromos, como o salmão-do-Atlântico (*Salmo salar*), o sável (*Alosa alosa*) e a savelha (*Alosa fallax*). Apesar disso, dados mais recentes não indicam a presença destas espécies, que também não foram confirmadas nas pescas efetuadas, pelo que também não foram consideradas.



#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

UTILIZAÇÃO DO CATÁLOGO FAUNÍSTICO E ATLAS

# 5. UTILIZAÇÃO DO CATÁLOGO FAUNÍSTICO E ATLAS

O catálogo faunístico encontra-se organizado em 5 tabelas, uma por cada Classe de vertebrados avaliada (Anfíbios, Répteis, Aves, Mamíferos e Peixes). Para cada Classe, as espécies identificadas, são apresentadas alfabeticamente por: Ordem; Família; e Nome científico da espécie. São ainda apresentados para cada espécie os respetivos nomes comuns e principais estatutos de conservação considerados neste estudo, nomeadamente: Estatuto de conservação em Portugal, atribuído no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral et al., 2005); e as espécies ameaçadas a nível da comunidade europeia, por se encontrarem listadas nos anexos das Diretivas comunitárias Aves e Habitats.

O Atlas Faunístico engloba uma ficha para cada espécie, sistematizada de acordo com os seguintes parâmetros:

- a) Classe Anfíbios, Répteis, Aves, Mamíferos e Peixes
- b) Nome científico Dentro de cada classe, as diferentes espécies surgem por ordem alfabética. Excecionalmente, para os Mamíferos, as espécies da ordem *Chiroptera*, devido às suas características muito específicas são apresentadas no final, também por ordem alfabética.

Cada ficha apresenta o(s) nome(s) comum(s) pelo (s) quais a espécie é conhecida em Portugal, o nome científico da espécie, Ordem e Família a que pertencem e os respectivos Estatutos de Conservação.

Para todas as classes, a taxonomia e nomenclatura seguiram o adotado pelo IUCN (2011), com raras exceções para alterações taxonómicas mais recentes adotadas pela comunidade científica. Para os nomes comuns foi seguido o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral, et al., 2005). No Estatuto de Conservação foram referidos, sempre que aplicável, o estatuto de conservação atribuído à espécie a nível nacional pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral, et al., 2005), e, se aplicável, o anexo no qual a espécie está listada a nível europeu, quer na Directiva Habitats, para as classes anfíbios, répteis, mamíferos e peixes, quer na Directiva Aves, para a classe aves em particular.

Segue-se um conjunto de secções, comuns a todas as fichas, que incluem a descrição da espécie, habitat e ecologia, distribuição e curiosidades.

Na descrição é apresentada uma breve descrição das principais caraterísticas físicas da espécie, focando nos pontos-chave da sua aparência, por forma a permitir uma rápida identificação da espécie. Esta informação é acompanhada pela fotografia da espécie, que poderá ser utilizada como auxílio na identificação da espécie.

Na secção Habitat & Ecologia são apresentadas, de forma sintética, as caraterísticas gerais do habitat preferencial da espécie e onde esta poderá ser encontrada com maior frequência. Adicionalmente são descritas algumas particularidades da sua biologia, tipo de dieta, tipo de voo e nidificação, etc.

Na distribuição é apresentada a distribuição mundial da espécie, com particular ênfase para a Europa. Adicionalmente é apresentada a distribuição da espécie em Portugal continental (no caso das aves, com referência à fenologia da espécie no país), e na área de estudo em particular. Esta informação é complementada pela apresentação de um mapa da distribuição da espécie na área de estudo, onde são apresentadas as áreas de ocorrência confirmada, obtidas com base neste estudo.

São ainda referidas (a verde) particularidades das espécies, incluindo comportamentos peculiares, ou outras eventuais características de interesse da espécie.

No final deste atlas pode ser consultado um Glossário, com os termos técnicos associados ao estudo e descrição das diversas espécies apresentadas.

No final é ainda apresentado o capítulo Bibliografia onde são identificadas as referências bibliográficas utilizadas na elaboração do presente atlas.

# 6. CATÁLOGO FAUNÍSTICO6.1. ANFÍBIOS

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
	Alytidae	Alytes obstetricans	Sapo-parteiro	IV	LC
	Alytidae	Discoglossus galganoi	Rã-de-focinho-pontiagudo	II; IV	NT
Anura	Bufonidae	Bufo bufo	Sapo-comum		LC
-	24.0	Epidalea calamita	Sapo-corredor	IV	LC
	Ranidae	Pelophylax perezi	Rã-verde	V	LC
		Rana iberica	Rã-ibérica	IV	LC
		Chioglossa lusitanica	Salamandra-lusitânica	II; IV	VU
Caudata	Salamandridae	Lissotriton boscai	Tritão-de-ventre-laranja		NT
	Galamanandae	Salamandra salamandra	Salamandra-de-pintas-amarelas		LC
		Triturus marmoratus	Tritão-marmoreado	IV	LC

DA SERRA D'ARGA A FOZ DO ANCORA

# 6.2. RÉPTEIS

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
	Anguidae	Anguis fragilis	Licranço		LC
		Lacerta schreiberi	Lagarto-d'água	II; IV	LC
Squamata		Podarcis bocagei	Lagartixa-de-Bocage		LC
(subordem	Lacertidae	Podarcis hispanicus	Lagartixa-ibérica		LC
Sauria)		Psammodromus algirus	Lagartixa-do-mato		LC
		Timon lepidus	Sardão		LC
	Scincidae	Chalcides striatus	Cobra-de-pernas-tridáctila		LC
	Colubridae	Coronella girondica	Cobre-lisa-meridional		LC
Squamata		Zamenis scalaris	Cobra-de-escada		LC
(subordem Serpentes)	Natricidae	Natrix maura	Cobra-de-água-viperina		LC
	Nationado	Natrix natrix	Cobra-de-água-de-colar		LC
	Psammophiidae	Malpolon monspessulanus	Cobra-rateira		LC

4.3

# 6.3. AVES

				LVVP
	Accipiter gentilis	Açor		VU
	Accipiter nisus	Gavião		LC
	Buteo buteo	Águia-de-asa-redonda		LC
Accipitridae	Circaetus gallicus	Águia-cobreira	Al	NT
	Circus pygargus	Tartaranhão-caçador	AI	EN
	Gyps fulvus	Grifo	Al	NT
	Pernis apivorus	Bútio-vespeiro; Falcão-abelheiro	Al	VU
	Anas crecca	Marrequinha		LC
Anatidae	Anas platyrhynchos	Pato-real		LC
	Anser anser (Forma doméstica)	Ganso-bravo	-	-
Apodidae	Apus apus	Andorinhão-preto		LC
	Apus melba	Andorinhão-real		NT
	Apus pallidus	Andorinhão-pálido		LC
Upupidae	Upupa epops	Poupa		LC
Caprimulgidae	Caprimulgus europaeus	Noitibó-cinzento	Al	VU
Charadriidae	Charadrius alexandrinus	Borrelho-de-coleira- -interrompida	Al	LC
	Pluvialis squatarola	Tarambola-cinzenta		LC
Haematopodidae	Haematopus ostralegus	Ostraceiro		RE/NT
	Anatidae  Apodidae  Upupidae  Caprimulgidae  Charadriidae	Accipiter nisus  Buteo buteo  Circaetus gallicus  Circus pygargus  Gyps fulvus  Pernis apivorus  Anas crecca  Anas platyrhynchos  Anser anser (Forma doméstica)  Apus apus  Apus melba  Apus pallidus  Upupidae  Upupa epops  Caprimulgidae  Charadrius alexandrinus  Haematopus  Haematopus	Accipiter nisus  Buteo buteo  Aguia-de-asa-redonda  Circus pygargus  Artaranhão-caçador  Gyps fulvus  Grifo  Pernis apivorus  Bútio-vespeiro: Falcão-abelheiro  Anas crecca  Marrequinha  Anas platyrhynchos  Pato-real  Anser anser (Forma doméstica)  Apus apus  Andorinhão-preto  Apus melba  Apus pallidus  Andorinhão-pálido  Upupa epops  Poupa  Caprimulgidae  Charadrius alexandrinus  Charadrous  Pluvialis squatarola  Aguia-de-asa-redonda  Águia-de-asa-redonda  Águia-cobreira  Águia-cobreira  Aguia-cobreira  Bútio-vespeiro: Falcão-abelheiro  Pato-real  Anarequinha  Anarequinha  Anarequinha  Andorinhão-preto  Andorinhão-preto  Andorinhão-pálido  Upupa epops  Poupa  Charadrius Borrelho-de-coleira-interrompida  Haematopus  Costraceiro	Accipiter nisus Gavião  Buteo buteo Águia-de-asa-redonda  Circaetus gallicus Águia-cobreira Al  Circus pygargus Tartaranhão-caçador Al  Gyps fulvus Grifo Al  Pernis apivorus Bútio-vespeiro; Falcão-abelheiro Al  Anas crecca Marrequinha  Anas platyrhynchos Pato-real  Anser anser (Forma doméstica) Ganso-bravo -  Apus apus Andorinhão-preto  Apus melba Andorinhão-preto  Apus pallidus Andorinhão-pálido  Upupa epops Poupa  Caprimulgidae Caprimulgus europaeus Noitibó-cinzento Al  Charadriidae Pluvialis squatarola Tarambola-cinzenta  Haematopodidae  Haematopus  Ostraceiro

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

CATÁLOGO FAUNÍSTICO

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
		Chroicocephalus ridibundus	Guincho-comum		LC
		Ichthyaetus melanocephalus	Gaivota-de-cabeça-preta	Al	LC
		Larus canus	Gaivota-parda		-
Charadriiformes	Laridae	Larus fuscus	Gaivota-de-asa-escura		LC
		Larus marinus	Gaivotão-real		LC
		Larus michahellis	Gaivota-de-patas-amarelas		LC
		Sterna hirundo	Andorinha-do-mar	Al	EN
		Thalasseus sandvicensis	Garajau		NT
	Scolopacidae	Actitis hypoleucos	Maçarico-das-rochas		VU/VU
		Arenaria interpres	Rola-do-mar		LC
		Calidris alba	Pilrito-das-praias		LC
		Calidris alpina	Pilrito-comum		LC
		Scolopax rusticola	Galinhola		DD
		Columba livia	Pombo-das-rochas / Pombo-doméstico		LC
Columbiformes	Columbidae	Columba palumbus	Pombo-torcaz	Al	LC
Coldinationnes	Columbidae	Streptopelia decaocto	Rola-turca		LC
		Streptopelia turtur	Rola-brava		LC
Coraciiformes	Alcedinidae	Alcedo atthis	Guarda-rios	AI	LC
		Clamator glandarius	Cuco-rabilongo		VU
Cuculiformes	Cuculidae	Cuculus canorus	Cuco		LC

Falconiformes	Falconidae	Falco peregrinus	Falcão-peregrino	Al	VU
		Falco tinnunculus	Peneireiro-comum		LC
		Alectoris rufa	Perdiz		LC
Galliformes	Phasianidae	Coturnix coturnix	Codorniz		LC
		Phasianus colchicus	Faisão-comum		NA
Gruiformes	Rallidae	Gallinula chloropus	Galinha-d'água		LC
		Rallus aquaticus	Frango-d'água		LC
		Acrocephalus arundinaceus	Rouxinol-grande- -dos-caniços		LC
	Acrocephalidae	Acrocephalus scirpaceus	Rouxinol-pequeno-dos- caniços		NT
		Hippolais polyglotta	Felosa-poliglota		LC
	Aegithalidae	Aegithalos caudatus	Chapim-rabilongo		LC
	Alaudidae	Alauda arvensis	Laverca		LC
Passeriformes		Galerida cristata	Cotovia-de-poupa		LC
		Lullula arborea	Cotovia-pequena	Al	LC
	Certhiidae	Certhia brachydactyla	Trepadeira-comum		LC
	Cettiidae	Cettia cetti	Rouxinol-bravo		LC
	Cinclidae	Cinclus cinclus	Melro-d'água		LC
	Cisticolidae	Cisticola juncidis	Fuinha-dos-juncos		LC

ORDEM

46

FAMÍLIA

**ESPÉCIE** 

NOME COMUM

DH

LVVP

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

CATÁLOGO FAUNÍSTICO

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
		Corvus corax	Corvo		NT
	Corvidae	Corvus corone	Gralha-preta		LC
	Corvidad	Garrulus glandarius	Gaio		LC
		Pica pica	Pega-rabuda		LC
	Emberizidae	Emberiza cia	Cia		LC
	EITIDETIZIUAE	Emberiza cia	Escrevedeira		LC
	Estrildidae	Estrilda astrild	Bico-de-lacre		NA
		Carduelis carduelis	Pintassilgo		LC
	Fringillidae	Chloris chloris	Verdilhão		LC
		Coccothraustes coccothraustes	Bico-grossudo		LC
Passeriformes		Fringilla coelebs	Tentilhão		LC
		Linaria cannabina	Pintarroxo		LC
		Pyrrhula pyrrhula	Dom-fafe		LC
		Serinus serinus	Chamariz		LC
		Spinus spinus	Lugre		LC
		Cecropis daurica	Andorinha-dáurica		LC
	Hirundinidae	Delichon urbicum	Andorinha-dos-beirais		LC
		Hirundo rustica	Andorinha-das-chaminés		LC
		Ptyonoprogne rupestris	Andorinha-das-rochas		LC

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
		Riparia riparia	Andorinha-das-barreiras		LC
	Laniidae	Lanius meridionalis	Picanço-real		LC
	Larmade	Lanius senator	Picanço-barreteiro		NT
		Anthus campestris	Petinha-dos-campos	AI	LC
		Anthus pratensis	Petinha-dos-prados		LC
	Motacillidae	Motacilla alba	Alvéola-branca		LC
		Motacilla cinerea	Alvéola-cinzenta		LC
		Motacilla flava	Alvéola-amarela		LC
		Erithacus rubecula	Pisco-de-peito-ruivo		LC
		Ficedula hypoleuca	Papa-moscas-preto		-
	Muscicapidae	Monticola solitarius	Melro-azul		LC
		Muscicapa striata	Papa-moscas-cinzento		NT
		Oenanthe oenanthe	Chasco-cinzento		LC
		Phoenicurus ochruros	Rabirruivo		LC
Passeriformes		Saxicola torquatus	Cartaxo		LC
		Cyanistes caeruleus	Chapim azul		LC
	Paridae	Lophophanes cristatus	Chapim-de-poupa		LC
	ranuae	Parus major	Chapim-real		LC
		Periparus ater	Chapim-carvoeiro		LC
		Phylloscopus collybita	Felosa-comum		LC
	Phylloscopidae	Phylloscopus ibericus	Felosa-ibérica		LC
		Phylloscopus trochilus	Felosa-musical		-
	Prunellidae	Prunella modularis	Ferreirinha		LC
	Regulidae	Regulus ignicapilla	Estrelinha		LC
	Sittidae	Sitta europaea	Trepadeira		LC

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

CATÁLOGO FAUNÍSTICO

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
	Passeridae	Passer domesticus	Pardal-doméstico		LC
	rasseriade	Passer montanus	Pardal-montes		LC
	Sturnidae	Sturnus unicolor	Estorninho-preto		LC
	Sturriuae	Sturnus vulgaris	Estorninho-malhado		LC
		Sylvia atricapilla	Toutinegra-de-barrete		LC
		Sylvia borin	Felosa-das-figueiras		VU
	Sylviidae	Sylvia cantillans	Toutinegra-carrasqueira		LC
	Sylvilude	Sylvia communis	Papa-amoras		LC
		Sylvia melanocephala	Toutinegra-dos-valados		LC
		Sylvia undata	Felosa-do-mato		LC
	Troglodytidae	Troglodytes troglodytes	Carriça		LC
		Turdus iliacus	Tordo-ruivo		LC
		Turdus merula	Melro		LC
	Turdidae	Turdus philomelos	Tordo-pinto		NT/LC
		Turdus viscivorus	Tordoveia		LC
		Ardea cinerea	Garça-real		LC
Pelecaniformes	Ardeidae	Egretta garzetta	Garça-branca-pequena	Al	LC
		Dendrocopos major	Pica-pau-malhado-grande		LC
Piciformes	Picidae	Jynx torquilla	Torcicolo		DD
		Picus viridis	Peto-verde		LC
		Athene noctua	Mocho-galego		LC
	Ctrigidas	Bubo bubo	Bufo-real	Al	NT
Strigiformes	Strigidae	Otus scops	Mocho-d'orelhas		DD
		Strix aluco	Coruja-do-mato		LC
	Tytonidae	Tyto alba	Coruja-das-torres		LC
Suliformes	Phalacrocoracidae	Phalacrocorax carbo	Corvo-marinho-de-faces- brancas		LC

# 6.4. MAMÍFEROS

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
Artiodactyla	Cervidae	Capreolus capreolus	Corço		LC
Aitiouactyla	Suidae	Sus scrofa	Javali		LC
	Canidae	Canis lupus	Lobo	II*; IV	EN
	Carnado	Vulpes vulpes	Raposa		LC
		Lutra lutra	Lontra	II; IV	LC
		Martes foina	Fuinha		LC
Carnivora	Mustelidae	Meles meles	Texugo		LC
		Mustela putorius	Toirão	V	DD
		Neovison vison	Visão-americano		NA
	Viverridae	Genetta genetta	Geneta	V	LC
	Erinaceidae	Erinaceus europaeus	Ouriço-cacheiro		LC
	Soricidae	Crocidura russula	Musaranho-de-dentes-brancos		LC
Insectivora	Soficidae	Sorex minutus	Musaranho-anão-de-dentes-vermelhos		DD
	Talpidae	Galemys pyrenaicus	Toupeira-de-água	II; IV	VU
	Taipiaac	Talpa occidentalis	Toupeira		LC
		Lepus granatensis	Lebre		LC
Lagomorpha	Leporidae	Oryctolagus cuniculus	Coelho-bravo		NT
	Cricetidae	Arvicola sapidus	Rato-de-água		LC
		Microtus Iusitanicus	Rato-cego		LC
		Apodemus sylvaticus	Rato-dos-bosques		LC
Rodentia	Muridae	Mus musculus	Rato-caseiro		LC
		Rattus norvegicus	Ratazana		
	Sciuridae	Sciurus vulgaris	Esquilo		LC

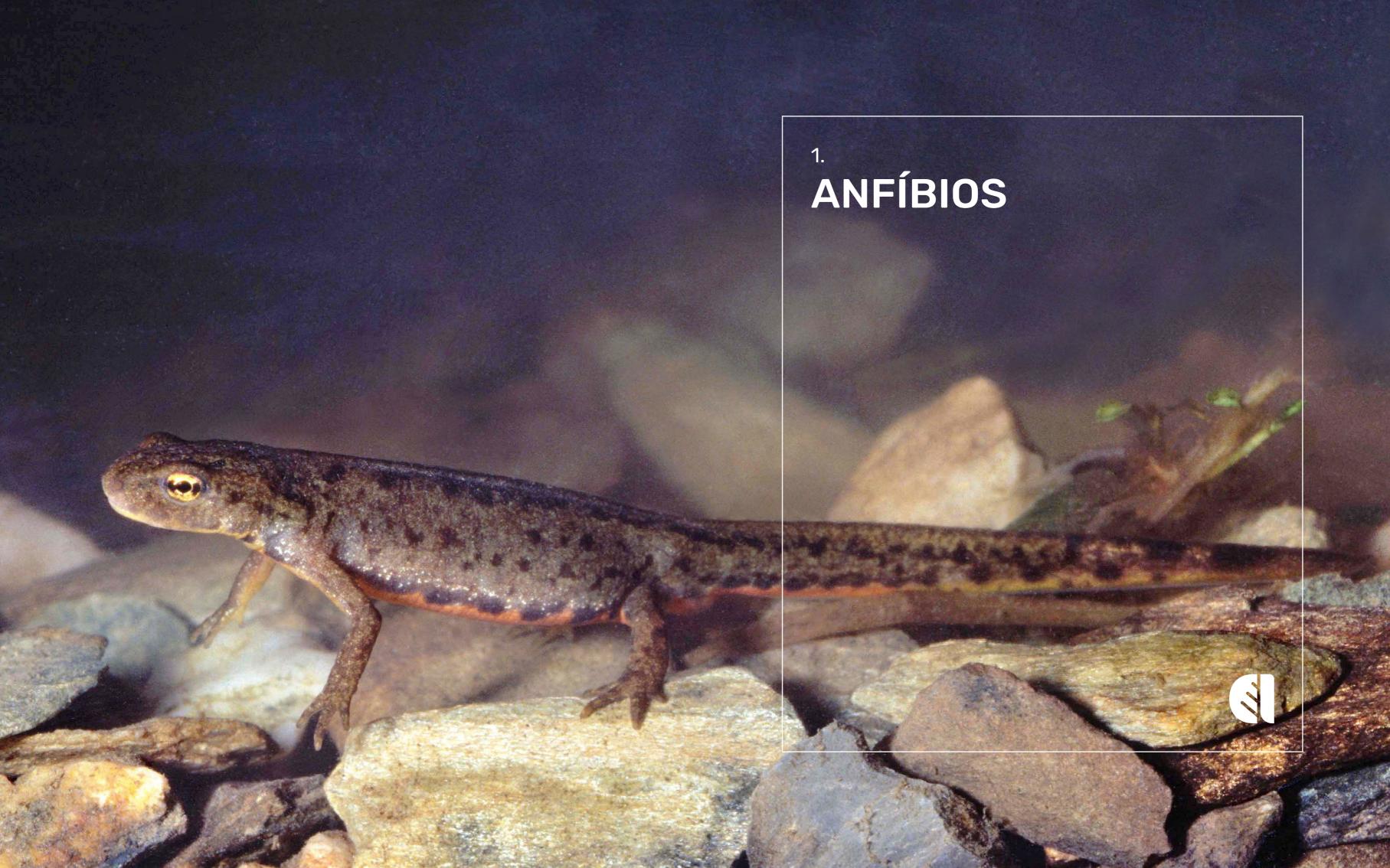
ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
	Molossidae	Tadarida teniotis	Morcego-rabudo	IV	DD
		Rhinolophus ferrumequinum	Morcego-de-ferradura-grande	II; IV	VU
	Rhinolophidae	Rhinolophus hipposideros	Morcego-de-ferradura-pequeno	II; IV	
		Rhinolophus spp.	Rhinolophus spp. **	-	-
		Eptesicus serotinus	Morcego-hortelão	IV	LC
Chiroptera	Vespertilionidae	Myotis bechsteini / M. nattereri / M. emarginatus / M. mystacinus / M. daubentonii	Myotis "pequenos" **	-	-
		Myotis myotis / M. blythii	Myotis "grandes" **	-	-
		Nyctalus lasiopterus	Morcego-arborícola-gigante	IV	
		Nyctalus leisleri	Morcego-arborícola-pequeno	IV	DD
		Nyctalus leisleri/ Eptesicus serotinus	Morcego-arborícola-pequeno / Morcego-hortelão **	-	-
		Pipistrellus pipistrellus	Morcego-anão	IV	LC
		Pipistrellus pygmaeus	Morcego-pigmeu	IV	LC

<sup>\*</sup> Espécie prioritária

<sup>\*\*</sup> Indivíduos de grupos fónicos, cuja identificação até à espécie não foi possível.

# 6.5. PEIXES

ORDEM	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME COMUM	DH	LVVP
Anguilliformes	Anguillidae	Anguilla anguilla	Enguia-europeia		EN
Cypriniformes	Rhinolophidae	Achondrostoma oligolepis	Ruivaco	II	VU
	·	Pseudochondrostoma duriense	Boga-do-Norte	II	LC
Gasterosteiformes	Gasterosteidae	Gasterosteus aculeatus	Esgana-gata		EN
Salmoniformes	Salmonidae	Salmo trutta	Truta-de-rio		LC



# SAPO-PARTEIRO-COMUM

Nome científico: Alytes obstetricans

Ordem: ANURA
Família: ALYTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Sapo robusto, de pequeno porte (4 a 5cm). Dimorfismo sexual pouco acentuado, sendo as fêmeas ligeiramente maiores do que os machos. Cabeça relativamente grande com focinho arredondado. Olhos grandes e proeminentes com pupila vertical e íris dourada com pigmentação negra. O tímpano é bem visível e as glândulas parótidas pouco definidas. Possui membros robustos e curtos, os posteriores pentadáctilos (5 dedos), com membranas interdigitais reduzidas, e os anteriores tetradáctilos (4 dedos), com três tubérculos palmares. Coloração dorsal variável, com dominância de tons acinzentados e diversas manchas. Podem apresentar pequenas verrugas alaranjadas ou amareladas no dorso e membros. O ventre é claro.

O macho transporta os ovos no dorso, característica que resultou no seu nome comum. A incubação dura entre 1 a 2 meses, período ao fim do qual os machos deslocam-se às massas de água para que os ovos eclodam. Na altura da metamorfose as larvas são maiores do que os adultos (6 a 9 cm).

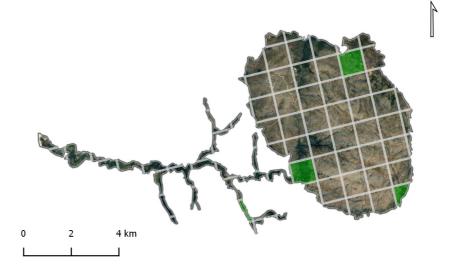
#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde áreas de montanha, zonas agrícolas, florestas, prados e até mesmo áreas muito humanizadas. Surge associado a massas de água permanentes, de forma a possibilitar o seu extenso desenvolvimento larvar.



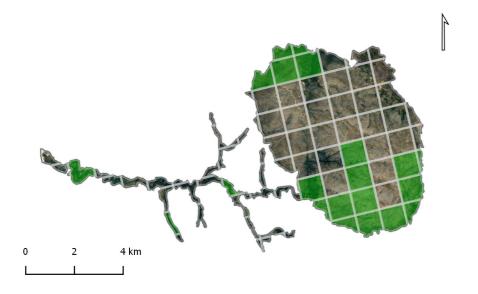
Fotografia: José Teixeira

Presente na Península Ibérica, França, Luxemburgo, Holanda, Bélgica, Alemanha e Suíça. Em Portugal continental, ocorre de uma forma mais ou menos contínua em toda a região norte e centro do país, até ao rio Tejo. A sul do Tejo está presente apenas na serra de São Mamede. Encontra-se desde o nível do mar até aos 1960 m de altitude (serra da Estrela). Na Serra d'Arga surge associado a zonas de águas paradas em pequenas linhas de água.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Anuro com maior distribuição paleártica. Presente desde o norte de África até ao noroeste da Rússia, incluindo toda a Europa, com exceção da faixa mais setentrional. Em Portugal encontra-se de norte a sul, sendo geralmente bastante abundante. Na Serra d'Arga tem distribuição confirmada nos extremos norte e sul da serra e alguns locais ao longo do rio Âncora.

# SAPO-COMUM

Nome científico: Bufo bufo

Ordem: ANURA
Família: BUFONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Sapo de grandes dimensões, medindo em média 6 a 15cm, as fêmeas podem atingir 22 cm (dimorfismo sexual). Cabeça grande e arredondada, com focinho curto. Olhos proeminentes, laterais, pupila elíptica horizontal e íris acobreada ou avermelhada. Tímpano pequeno e pouco visível. Possui glândulas parótidas bem desenvolvidas (2 glândulas ovoides situadas na parte posterior da cabeça). Os membros são robustos e curtos, os anteriores têm 4 dedos curtos e grossos e os posteriores possuem 5 dedos com membranas interdigitais reduzidas. A pele é rugosa com numerosas verrugas salientes no dorso. Coloração dorsal variável, com predominância de acastanhados. Ventralmente são esbranquiçados ou amarelados.

Durante a época de reprodução realizam longas migrações, por vezes de vários quilómetros, até aos locais de reprodução, neste período muitos sapos morrem nas estradas vítimas de atropelamento. Apesar de este ser o maior anuro português, os seus girinos são dos mais pequenos.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie de hábitos terrestres, cuja ligação à água está limitada ao período reprodutor. Ocupa uma grande variedade de biótopos, em zonas húmidas ou secas, abertas ou com vegetação densa, em meios naturais, cultivados ou nas imediações de áreas habitadas, desde o nível do mar até aos 1870 m de altitude, na serra da Estrela. Observados com mais frequência em altitudes abaixo dos 400-500 m.

го

# SALAMANDRA-LUSITÂNICA

Nome científico: Chioglossa lusitanica

Ordem: CAUDATA

Família: SALAMANDRIDAE

**Estatuto conservação:** Vulnerável / Anexos II e IV da Directiva Habitats

Pequena salamandra, de corpo delgado e cauda comprida, que corresponde a cerca de dois terços do seu comprimento total. O comprimento total pode variar entre 12 a 15cm, sendo as fêmeas geralmente maiores do que os machos. Cabeça pequena e achatada, com olhos proeminentes colocados em posição lateral. Possui membros curtos e delgados, os anteriores com quatro dedos e os posteriores com cinco dedos. A pele é lisa e brilhante, ao longo do dorso possui duas bandas de cor dourada ou acobreada, que se unem na base da cauda, contrastando com o fundo negro. O ventre apresenta uma coloração cinzento-escura, com pequenos pontos brancos.

É a única espécie de anfíbio em Portugal que faz autonomia da cauda, quer isto dizer que, ao sentir-se ameaçada por um predador, pode libertar a cauda, que continua a mexer, desviando assim a atenção do predador e possibilitando a sua fuga. A cauda volta a crescer, regenerando-se.

#### Habitat & Ecologia:

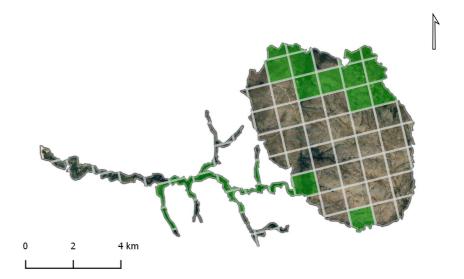
Ocorre, preferencialmente, na proximidade de ribeiros de água corrente de regiões montanhosas, de água límpida e bem oxigenada, com vegetação ripícola abundante e elevada taxa de humidade, situadas em áreas de clima temperado com elevada precipitação, normalmente a altitudes inferiores a 1500 m.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

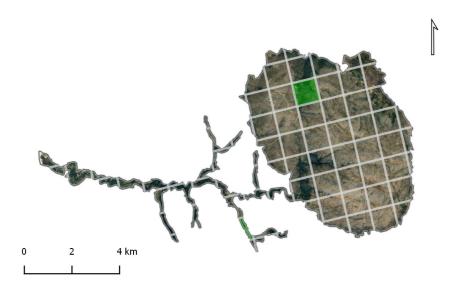
no quadrante norocidental da Península Ibérica. Em Portugal, apresenta uma distribuição praticamente contínua na zona noroeste e centro/oeste, tendo como limites, a sul o rio Tejo, a este a serra da Estrela, e a centro/oeste as serras do Buçaco e da Lousã. Na Serra d'Arga surge com alguma frequência, associada a linhas de água, nomeadamente no troço inicial e médio do rio Âncora e pequenos ribeiros da serra.

Endemismo ibérico, presente





Fotografia: José Teixeira



Endemismo ibérico, circunscrito ao oeste de Península Ibérica. Em Portugal, ocorre por todo o território, praticamente em todos os tipos de habitat, em núcleos mais ou menos fragmentados. Na Serra d'Arga a distribuição conhecida é pontual, tendo sido detetada em duas áreas muito distintas.

# RÃ-DE-FOCINHO-PONTIAGUDO

Nome científico: Discoglossus galganoi

Ordem: ANURA
Família: ALYTIDAE

**Estatuto conservação:** Quase Ameaçada /

Anexos II e IV da Directiva Habitats

Sapo de tamanho médio (4,5 a 6,5cm), parecido com uma rã. Cabeça larga com focinho pontiagudo. Olhos proeminentes, com pupila arredondada ou cordiforme, íris dourada na parte superior e escura na parte inferior. Tímpano pouco percetível. Membros anteriores robustos, com 4 dedos e 3 tubérculos palmares, e membros posteriores maiores, adaptados ao salto, com 5 dedos e membranas interdigitais. Possui pele lisa, com algumas verrugas no dorso e granulosa no ventre. Apresenta duas pregas cutâneas que se estendem, mais ou menos ininterruptamente, de trás dos olhos até à região inguinal. Coloração dorsal variável, podendo ocorrer diferentes morfotipos: raiados (com três bandas longitudinais, uma central mais larga e clara e duas laterais), manchados (manchas de tonalidades creme ou castanhas distribuídas aleatoriamente sobre o dorso) e lisos, menos comuns. Quase todos apresentam um desenho escuro, em forma de 'X' ou 'H', por detrás dos olhos. O ventre apresenta uma coloração esbranquiçada e pode ter manchas.

#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande diversidade de habitats, geralmente próximo de pontos de água, desde o nível do mar até cerca de 2000 m de altitude. Reproduz-se normalmente em massas de água temporárias, geralmente de pequenas dimensões, tais como poças, prados encharcados, pequenos regatos, lagoas litorais, ou pontos de água artificiais.

A longevidade máxima desta espécie é de cerca de 10 anos

# SAPO-CORREDOR

Nome científico: Epidalea calamita

Ordem: ANURA Família: BUFONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Sapo robusto, medindo em média 6 a 7 cm, as fêmeas podem atingir 9 cm (dimorfismo sexual). Cabeça arredondada, mais larga que comprida. Olhos proeminentes, com pupila elíptica horizontal e íris amarela esverdeada com pigmentos escuros. Tímpano pequeno e pouco visível. Possui glândulas parótidas bem desenvolvidas e paralelas entre si (2 glândulas ovoides situadas na parte posterior da cabeça). Os membros são curtos e robustos, os anteriores com 4 dedos e os posteriores com 5 dedos e membranas interdigitais muito reduzidas. Pele rugosa, com numerosas verrugas mais ou menos aplanadas. Coloração dorsal variável, sendo mais comum apresentar manchas irregulares esverdeadas sobre um fundo claro. Apresenta frequentemente uma linha vertebral de cor amarelada ou esbranquiçada. Ventre esbranquiçado ou acinzentado com manchas escuras irregulares.

#### Habitat & Ecologia:

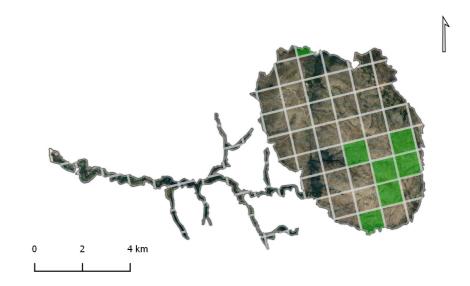
Espécie eclética, ocupa uma grande variedade de habitats, desde regiões montanhosas com elevada precipitação, a zonas semiáridas. Ocorre preferencialmente em habitats abertos e semiabertos, embora possa ser encontrado em zonas de bosque pouco denso e em zonas de vegetação densa. Reproduz-se, geralmente, em pequenos charcos temporários, que se formam normalmente com a precipitação, de baixa profundidade, com pouca ou nenhuma vegetação aquática e expostos ao sol.

Possui membros curtos e robustos, que lhe permitem deslocar-se com muita agilidade, dando a impressão que está a correr, caraterística que lhe dá o nome.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Presente numa larga faixa desde a Península Ibérica até à Estónia e Ucrânia, apresentando como limite sul as cadeias montanhosas dos Alpes e Cárpatos. Em Portugal continental distribui-se por todo o território, desde o nível do mar até aos 1900 m de altitude (serra da Estrela), com preferência por áreas entre os 50 e os 300m de altitude. Na Serra d'Arga está relativamente bem representada na vertente sul da serra.



# TRITÃO-DE-VENTRE-LARANJA

Nome científico: Lissotriton boscai

Ordem: CAUDATA
Família: SALAMANDRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Tritão de pequeno tamanho (6,5 a 9 cm), algumas fêmeas podem ultrapassar os 9,5 cm (ligeiro dimorfismo sexual). Cabeça arredondada, olhos pequenos e em posição lateral. Possui glândulas parótidas na parte posterior da cabeça. Corpo de seção redonda ou retangular e cauda achatada lateralmente, com crista reduzida ou ausente. Membros delgados, com 4 e 5 dedos, respetivamente nas patas anteriores e posteriores. Pele lisa na fase aquática, mas algo rugoso na fase terrestre. Coloração dorsal predominantemente em tons acastanhados, esverdeados ou amarelados, com pontos e manchas negras, por vezes é evidente uma linha vertebral mais clara. Região ventral cor de laranja com manchas redondas escuras, que podem formar filas irregulares nas zonas laterais.

Para atrair as fêmeas, os machos fazem uma complexa dança nupcial que pode ser comparada ao Flamenco.

#### Habitat & Ecologia:

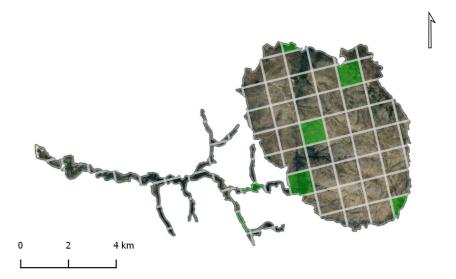
De um modo geral apresenta uma fase aquática, coincidente com a época de reprodução, e uma fase terrestre, embora possa permanecer na água durante todo o ano. Durante a fase aquática, ocorre em massas de água com reduzida turbidez, como charcos, poços, lagoas, tanques, represas, albufeiras e ribeiros com corrente fraca. Na fase terrestre pode ocorrer em prados, bosques e zonas agrícolas.



Fotografia: José Teixeira

da Península Ibérica. Em Portugal distribui-se por quase todo o território continental, desde o nível do mar até aos 1940 m (serra da Estrela), com exceção de algumas zonas mais áridas do país (parte do interior alentejano, no baixo Ribatejo, no litoral entre a Figueira da Foz e a Nazaré e na costa algarvia). Na Serra d'Arga apresenta uma distribuição fragmentada, normalmente associada a pequenas massas de água.

Endemismo da metade oeste





Nome científico: Pelophylax perezi

Ordem: ANURA Família: RANIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo V da Directiva Habitats

Anfíbio grande (entre 7 e 10 cm), muito abundante e fácil de observar em Portugal. Possui olhos proeminentes, próximos entre si, com pupila horizontal elíptica e íris dourada, tímpanos bem visíveis, situados atrás dos olhos, e focinho pontiagudo ou ligeiramente arredondado. Membros anteriores robustos com quatro dedos, e membros posteriores compridos, com cinco dedos e membrana interdigital bem desenvolvida. Coloração dorsal esverdeada ou acastanhada, com manchas escuras de disposição irregular. Apresenta duas pregas glandulares, muito marcadas, dorso-lateralmente, de cor amarelada ou acastanhada, e frequentemente uma linha vertebral verde clara. Ventralmente é esbranquiçada com manchas cinzentas de tamanho variável.

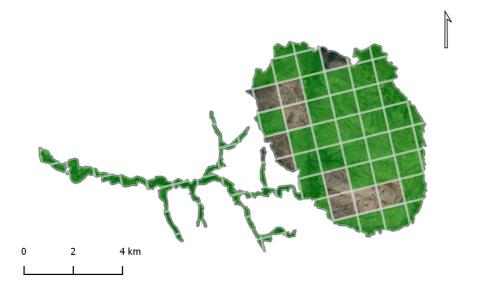
Em Portugal a época de reprodução ocorre, de um modo geral, entre março e julho. Os machos atraem as fêmeas através do coaxar (que se ouve a grandes distâncias) e abraçam-nas pelas costas (amplexo axilar). A maturidade sexual é atingida aos 4 anos, podendo atingir os 10 anos de vida

aturidade os 4 anos,

vida



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição alargada por toda a Península Ibérica, exceto em altitudes superiores a 2000 m, e no sul de França. Em Portugal está presente em todo o território, não tendo sido detetada a sua presença apenas nas áreas acima dos 1860 m, na serra da Estrela. Espécie com uma distribuição ampla na Serra d'Arga, ocorrendo praticamente em todos os habitats aquáticos.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie associada a massas de água, ocorrendo praticamente em todos os habitats aquáticos, desde o nível do mar até zonas montanhosas, tanto em áreas naturais como em zonas fortemente humanizadas. Suportam bem a contaminação orgânica e salinidade.

# RÃ-IBÉRICA

Nome científico: Rana iberica

Ordem: ANURA Família: RANIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Anfíbio sem cauda (anuro), esbelto, de focinho pontiagudo, com comprimento raramente superior a 5,5 cm. Possui olhos grandes e proeminentes com pupila horizontal elíptica, tímpanos pequenos e geralmente pouco percetíveis. Pele é lisa, com pequenos grânulos na região dorsal. Coloração dorsal variável, com predominância de tons acastanhados, alaranjados ou avermelhados, com uma característica mancha pós-ocular escura, que vai diminuindo de largura até à parte posterior, e, debaixo desta, uma estreita banda esbranquiçada que se estende desde a parte inferior do olho até ao ângulo da boca. Região ventral esbranquiçada. Apresenta pregas cutâneas dorso-laterais paralelas, bem separadas entre si, que se estendem desde o olho até à parte posterior do corpo. Possuem quatro dedos nos membros anteriores e cinco nos membros posteriores, unidos por membranas interdigitais bem desenvolvidas, adaptados ao salto. Não possui sacos vocais nem glândulas parótidas.

#### Habitat & Ecologia:

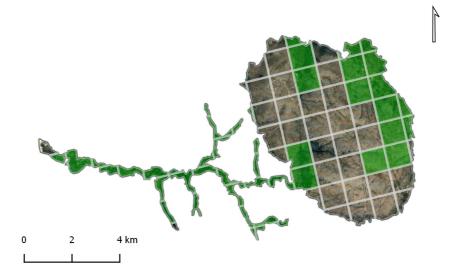
Típica de zonas montanhosas, junto a ribeiros de água limpa, com substrato rochoso e abundante vegetação marginal. Pode também ser observada numa grande variedade de habitats, desde charcos, prados húmidos e terrenos encharcados, com muita vegetação envolvente

Espécie associada a habitats de características atlânticas, ocorrendo com frequência em simpatria com outros endemismos do noroeste peninsular, como a salamandra-lusitânica e o lagarto-d'água.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Endemismo ibérico, presente no quadrante norocidental da Península Ibérica. Em Portugal, ocorre desde o nível do mar até aos 1900 m, na serra da Estrela, distribuindo-se de forma praticamente contínua a norte do rio Tejo. A sul do rio Tejo ocorre apenas na serra de S. Mamede. Espécie bem distribuída na Serra d'Arga, sobretudo associada às principais linhas de água.



# SALAMANDRA-DE-PINTAS-AMARELAS

Nome científico: Salamandra salamandra

Ordem: CAUDATA

Família: SALAMANDRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

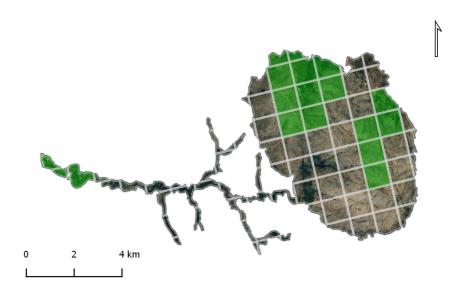
Salamandra de tamanho médio (até 20 cm). Cabeça grande e aplanada, de contorno arredondado. Olhos relativamente proeminentes, de posição lateral. Glândulas parótidas grandes e com poros escuros bem visíveis. Membros robustos, com 4 e 5 dedos, respetivamente nas patas anteriores e posteriores. Pele lisa e brilhante, com sulcos nos flancos e uma fileira de poros glandulares em cada lado da linha média vertebral. Coloração dorsal de fundo negro e manchas ou bandas amarelas com disposição e abundância muito variáveis. Pode apresentar pontuações vermelhas na região dorsal da cabeça e corpo.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre geralmente em zonas montanhosas, húmidas e sombrias com elevada precipitação anual. Ocorre normalmente associada a florestas temperadas de caducifólias, mas pode ocorrer numa grande variedade de habitats.

Os padrões apresentados pelas manchas amarelas são únicos de cada salamandra, tal como as impressões digitais nos humanos.

Distribuição ampla, ocupando a maior parte da região paleártica Ocidental. Em Portugal distribui-se por todo o território continental, desde o nível do mar até ao planalto da serra da Estrela. É mais abundante a norte do rio Tejo, só estando ausente nas zonas agrícolas do Baixo Alentejo. Na Serra d'Arga tem presença confirmada na envolvente do troço terminal do rio Âncora e em boa parte das vertentes norte e nordeste da serra.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

### TRITÃO-MARMORADO

Nome científico: Triturus marmoratus

Ordem: CAUDATA

Família: SALAMANDRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Tritão de tamanho médio (até 16 cm). Corpo de secção redonda ou levemente aplanado, cauda achatada lateralmente de tamanho igual ou ligeiramente superior ao do corpo. Cabeça achatada, com contorno arredondado, olhos proeminentes em posição lateral, pupila arredondada e íris de cor amarela/ dourada. Glândulas parótidas facilmente visíveis na parte posterior da cabeça. Membros bem desenvolvidos, com quatro dedos alongados nas patas anteriores e cinco nas posteriores. Pele granulosa, com coloração dorsal verde, com manchas escuras de tamanho, forma e distribuição variável. Pontos pretos, distribuídos, mais ou menos regularmente, pelo dorso, correspondendo às saliências da pele. Ventre com tonalidades cinza, branca ou creme.

sub-espécies), foi recentemente reconhecida a existência de duas espécies distintas: T. marmoratus, de maior tamanho, manchas escuras mais contínuas nos flancos, ventre negro com pintas claras e crista baixa ao nível da cloaca, que ocorre a norte do Tejo; e *T. pygmaeus*, mais pequeno, padrão mais sarapintado, ventre claro e crista menos estrangulada ao nível da cloaca, que ocorre a sul do rio Tejo e ao longo de uma faixa costeira até Aveiro.

### Habitat & Ecologia:

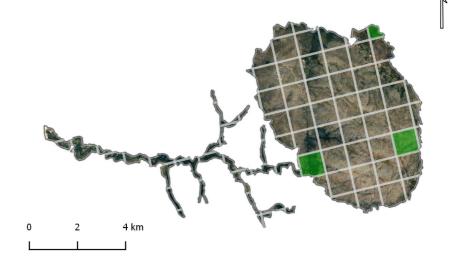
Apresenta uma fase aquática, coincidente com a época de reprodução, e uma fase terrestre. É uma espécie flexível, podendo ocorrer numa série de biótipos, necessitando, no entanto, da proximidade de massas de água para a reprodução.

Até recentemente descrito como uma espécie presente em todo o país (com duas



Fotografia: José Teixeira

Endemismo europeu, distribui-se pela Península Ibérica e o sudoeste de França. Em Portugal ocorre apenas a norte do rio Tejo. Na Serra d'Arga parece ter uma distribuição fragmentada, surgindo em pequenos ribeiros e charcos permanentes nas encostas da serra.





# LICRANÇO / COBRA-DE-VIDRO

Nome científico: Anguis fragilis

Ordem: SQUAMATA
Família: ANGUIDAE

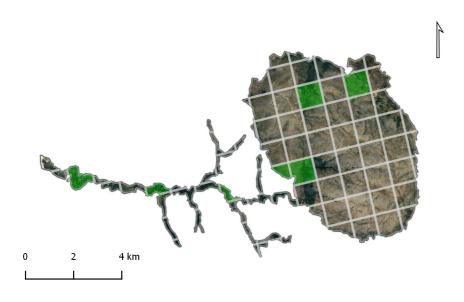
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno lagarto desprovido de membros, de corpo cilíndrico, serpentiforme (total até 29 cm). Cabeça (curta) e cauda pouco diferenciadas do corpo. Corpo coberto por escamas muito lisas e brilhantes. A coloração dorsal varia entre tonalidades pardas, castanho-avermelhadas e acobreadas (quase douradas), podendo apresentar uma linha vertebral mais escura. Flancos da mesma cor ou mais escuros do que o dorso. Ventre acinzentado ou negro.

Apesar dos mitos e crenças populares é uma espécie inofensiva e não venenosa. A sua principal defesa consiste na capacidade de soltar a cauda (autonomia), que continua a mexer, desviando assim a atenção do predador e possibilitando a sua fuga.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde o nível do mar a regiões montanhosas. Prefere zonas que mantenham alguma humidade, em clareiras e orlas de bosques, pinhais, prados ou hortas.



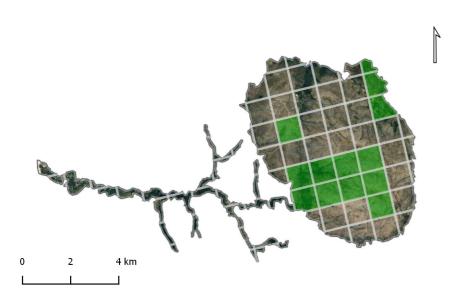
Distribuição ampla por toda a Europa, desde a Península Ibérica até à Rússia. Em Portugal continental tem uma distribuição ampla no norte do país e mais localizado no centro. Encontra-se desde o nível do mar até os 1504 m (serra da Estrela). Na Serra d'Arga foi detetado em vários locais, apresentando ainda assim uma distribuição fragmentada.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Fotografia: José Teixeira



Endemismo ibérico, distribuído pela maior parte da península com exceção do extremo norte (Cordilheira Cantábrica, Astúrias e País Basco). Distribuição ampla em Portugal continental, em núcleos populacionais pequenos e isolados. Ocorre desde o nível do mar até aos 1100 m (serra do Gerês). Na Serra d'Arga parece ser uma espécie relativamente comum nas zonas altas e de encosta da serra.

# COBRA-DE-PERNAS-TRIDÁCTILA / FURA PASTOS

Nome científico: Chalcides striatus

Ordem: SQUAMATA
Família: SCINCIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequeno lagarto, de corpo cilíndrico, serpentiforme, cauda comprida, de tamanho igual ou mesmo superior ao do corpo (total pode ultrapassar os 40 cm). Cabeça triangular, pouco diferenciada do corpo. Membros curtos com apenas três dedos (tridáctilo). Corpo coberto por escamas lisas e brilhantes, que lhe conferem um reflexo metálico. Coloração do dorso predominantemente acastanhado, acinzentado, bege ou amarelado, apresentando frequentemente bandas longitudinais mais escuras (9 a 13). Ventre em tons mais claros, esbranquiçados ou acinzentados.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre geralmente em áreas húmidas de baixa a moderada altitude, em locais abertos, expostos e com abundante cobertura herbácea (prados húmidos, terras de cultivo abandonadas e clareiras de bosques). Também conhecido como fura-pastos, devido ao modo como se desloca, serpenteando entre as ervas onde vive, refugiando-se nos tufos de erva.

### COBRA-LISA-MERIDIONAL

Nome científico: Coronella girondica

Ordem: SQUAMATA
Família: COLUBRIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Cobra pequena (total até 70 cm). Cabeça pequena, bem diferenciada do corpo, caraterizada pela presença de uma banda escura entre o olho e a comissura labial. Focinho proeminente e arredondado, com uma escama rostral mais larga que alta e uma mancha escura em forma de U invertido, na região posterior da cabeça. Coloração dorsal acastanhada ou acinzentada, com tonalidades rosadas e manchas dispersas mais escuras. Flancos com manchas mais irregulares e menos acentuadas. Ventre de tons claros com pequenas manchas negras, formando um padrão axadrezado.

Apesar dos mitos e crenças populares, é uma espécie pacífica, sendo raras as investidas com intuito de morder. Como mecanismo de defesa, quando se sente em perigo, liberta uma substância de odor desagradável.

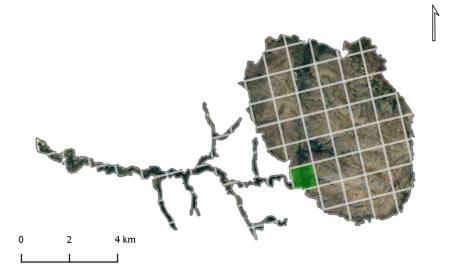
### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa ampla diversidade de habitats, tais como florestas, matos e matagais mediterrânicos, prados secos, montados e campos agrícolas, com preferência por zonas semiáridas e rochosas.

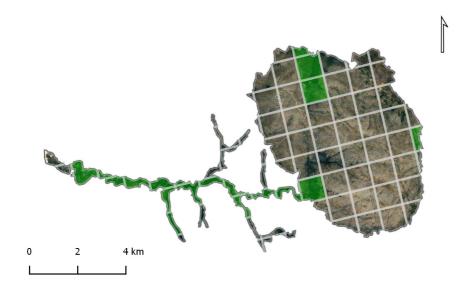


Fotografia: Michael Sveikutis

Ocorre no Mediterrâneo ocidental, sudoeste Europeu (Península Ibérica, sul de França e grande parte da Itália) e noroeste de África (Tunísia, Argélia e Marrocos). Em Portugal continental ocupa quase todo o território, mas de forma descontínua. Na Serra d'Arga foi observado apenas num local, nas proximidades do rio Âncora.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Endemismo ibérico. Os principais núcleos populacionais ocupam o quadrante noroeste da península. Em Portugal ocorre de forma contínua a norte do rio Tejo, desde o nível do mar até aos 1800 m no planalto central da serra da Estrela. Na metade sul do país possui algumas populações isoladas. Na Serra d'Arga surge de uma forma mais ou menos contínua associada às principais linhas de água.

# LAGARTO-DE-ÁGUA

Nome científico: Lacerta schreiberi

Ordem: SQUAMATA
Família: LACERTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo II e IV da Directiva Habitats

Lagarto robusto, de tamanho médio (total até 13 cm). Cauda comprida, podendo alcançar o dobro do comprimento do corpo (mais comprida nas fêmeas). Coloração dorsal variável, em tons esverdeados ou amarelados com ponteado escuro ou em tons acastanhados com grandes manchas escuras. Ventre de coloração amarela, com ou sem pigmentação escura. Zona da garganta esbranquiçada, exceto durante a época reprodutiva, durante a qual exibe uma coloração azul muito característica, que se pode alastrar a toda a cabeça no caso dos machos.

Espécie muito sensível à qualidade da água, estando ausente de linhas de água contaminadas.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre em zonas relativamente húmidas, na proximidade de cursos de água com boa cobertura ripícola de espécies autóctones de caraterísticas atlânticas (amieiro, castanheiro, carvalho-alvarinho, etc.). Ocupa desde vales agrícolas de zonas de montanha até zonas húmidas de baixa altitude. Os adultos preferem locais com pedras e matos densos para se refugiarem, enquanto os juvenis preferem habitats herbáceos.

### COBRA-RATEIRA

Nome científico: Malpolon monspessulanus

Ordem: SQUAMATA
Família: PSAMMOPHIIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

A maior cobra que ocorre em Portugal, pode ultrapassar 2 m. Cabeça alta e estreia, de focinho afunilado, olhos grandes e íris de tonalidades âmbar e
alaranjadas. Possui escamas supraoculares proeminentes e uma concavidade entre os olhos e o orifício
nasal. Corpo delgado e cauda relativamente longa.
Coloração dorsal entre o verde oliváceo, o castanho e
o cinzento, apresentando uma mancha típica, muito
escura, no terço anterior do corpo. Ventre de tons
amarelados, frequentemente com manchas escuras.
As fêmeas e juvenis exibem padrões com diversas
tonalidades, podendo exibir pintas brancas, cinzentas ou pretas.

Espécie opistóglifa (com dentes inoculadores), tem capacidade para produzir um veneno forte, de caraterísticas neurotóxicas, mas inofensivo para os humanos, uma vez que os dentes inoculadores se inserem na parte traseira das mandíbulas, necessitando de abocanhar a presa, e mantê-la parcialmente engolida por uns instantes, para que o veneno possa ser injetado e fazer efeito.

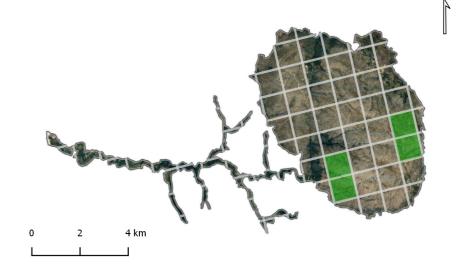
### Habitat & Ecologia:

Espécie eclética, ocorre numa grande variedade de habitats mediterrânicos, desde o nível do mar até às zonas serranas. Pode ser encontrada em pinhais, montados, matagais, charnecas, pastagens, orlas de bosque e de áreas agrícolas ou zonas mais abertas e pedregosas.



Fotografia: José Teixeira

Ocorre no sudoeste da Europa, noroeste de África e região ocidental da Ásia, sendo uma das cobras mais comuns na Península Ibérica. Em Portugal continental distribui-se amplamente por todo o território. Na Serra d'Arga foi detetado em duas áreas, na encosta sul e sudeste da serra.



# COBRA-DE-ÁGUA-VIPERINA

Nome científico: Natrix maura

Ordem: SQUAMATA Família: NATRICIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

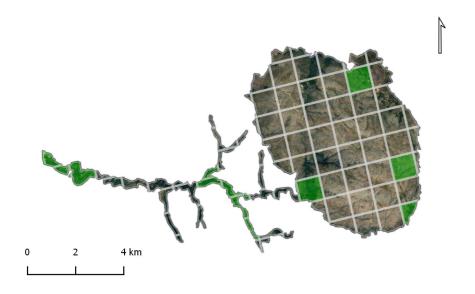
Cobra de tamanho médio (em média até 70 cm, podendo atingir 1,3 m). Cabeça bem diferenciada do corpo, com uma ou duas manchas escuras em forma de V invertido, focinho curto e arredondado. Olhos amarelados e pupila redonda (as víboras têm pupila vertical). Possui 2 placas pré-oculares, 2 pós-oculares e 7 supralabiais (a 3ª e a 4ª em contacto com o olho). Corpo cilíndrico, fino, coberto por escamas dorsais carenadas (com vinco central). Coloração dorsal acastanhada, amarelada, esverdeada ou acinzentada, com manchas acastanhadas ou negras, formando um ziguezague na região médio-dorsal. Flancos com numerosas manchas em forma de ocelos. Ventre esbranquiçado, amarelado ou avermelhado, com manchas negras quadrangulares.

Espécie áglifa (sem dentes inoculares), não represenatitude defensiva, expanvíbora. Outra forma de defesa é exalar um odor nauseabundo ou fingir-se de morta.

tando qualquer perigo. Quando ameaçada pode adotar uma dindo a cabeça e emitindo silvos, semelhantes a uma



Fotografia: José Teixeira



Ocorre no noroeste de África e sudoeste da Europa. Em Portugal continental tem uma distribuição contínua e homogénea, estando dependente da ocorrência de pontos de água. Na Serra d'Arga foi detetada na maioria das linhas de água ainda que de forma descontínua.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie associada a habitats aquáticos, ocorrendo na proximidade de habitats húmidos, naturais ou humanizados, desde o nível do mar até aos 1700 m de altitude. Como tolera elevados níveis de salinidade, pode ser encontrada em pauis costeiros e locais de água salobra.

### COBRA-DE-ÁGUA-DE-COLAR

Nome científico: Natrix natrix

Ordem: SQUAMATA
Família: NATRICIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Cobra grande (em média até 1,2 m, podendo atingir 2 m). Cabeça bem diferenciada do corpo, larga, grande e arredondada na zona do focinho. Possui 1 placa pré-ocular, 3 pós-oculares e 7 supralabiais (estas últimas apresentam um rebordo negro). Corpo robusto, coberto por escamas dorsais carenadas (com vinco central). Coloração dorsal acinzentada, acastanhada ou verde olivácea, com pequenas manchas escuras dispostas de forma irregular. Ventre esbranquiçado ou acinzentado, com manchas escuras quadrangulares. Os juvenis possuem um colar branco ou amarelado com rebordo negro, caraterística que dá o nome à espécie.

Espécie áglifa (sem dentes inoculares), não representando qualquer perigo. Quando ameaçada liberta uma secreção nauseabunda a partir das glandulas cloacais, podendo também fingir-se de morta, permanecendo com o corpo imóvel e boca aberta.

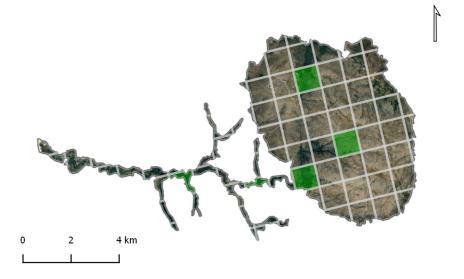
### Habitat & Ecologia:

Espécie associada a habitats aquáticos, ocorrendo junto a charcos, lagoas e cursos de água em bosques, zonas agrícolas e matagais. Também pode surgir em habitats aquáticos salobros.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribuição ampla, estendendo-se desde a Europa Ocidental até ao lago Baikal (Rússia). Em Portugal distribui-se por todo o território continental, com exceção das regiões mais áridas a sul do Tejo. Na Serra d'Arga foi detetada nos troços médio e alto do rio Âncora e numa pequena ribeira.





Nome científico: Podarcis bocagei

Ordem: SQUAMATA Família: LACERTIDAE

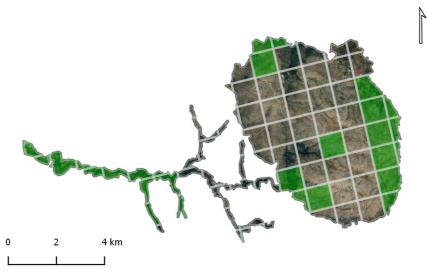
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Lagartixa de tamanho médio (até 7 cm, cabeça e corpo), com os machos maiores do que as fêmeas. Cabeça alta, relativamente curta, com focinho arredondado. Corpo robusto, cilíndrico. Coloração dorsal variável, os machos apresentam tonalidades esverdeadas, que se tornam mais acastanhadas nos flancos e manchas mais escuras dispersas. No período reprodutor a zona ventral adquire tons avermelhados ou amarelados. As fêmeas são acastanhadas no dorso, exibindo listras dorsoventrais amarelas/esverdeadas.

Esta espécie tem uma longevidade máxima de quatro anos. O seu principal mecanismo de defesa é a fuga, tendo a capacidade de autotomia da cauda, evitando assim muitas vezes ser predada.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats, como florestas, matos, prados ou zonas rochosas, adaptando-se bem a paisagens humanizadas (muros, sebes, aglomerados de pedras e outros refúgios), preferencialmente em zonas ensolaradas.



Endemismo do noroeste da Península Ibérica, com grande parte da sua distribuição situada a norte do rio Douro. Em Portugal ocorre de forma contínua no Minho e no Douro Litoral, desde o nível do mar até 1500 m de altitude (Gerês). Possui algumas populações relativamente isoladas em Trás-os-Montes (Chaves e Montesinho). Na Serra d'Arga é relativamente abundante, e associada essencialmente a zonas humanizadas.



# LAGARTIXA-IBÉRICA

Nome científico: Podarcis hispanicus

Ordem: SQUAMATA
Família: LACERTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Lagartixa de tamanho médio (até 7 cm, cabeça e corpo), cauda comprida, que representa cerca de dois terços do comprimento do corpo. Machos são maiores do que as fêmeas. Cabeça achatada, órbitas salientes e focinho pontiagudo. Coloração dorsal muito variável, desde tons castanho claro a verde intenso, algumas populações com manchas negras dispersas e outras com manchas largamente distribuídas. Os flancos apresentam um reticulado mais escuro, verde, castanho ou preto, menos intenso nas fêmeas. Ventre claro, podendo ser alaranjado, mesmo fora da época de reprodução.

### **Habitat & Ecologia:**

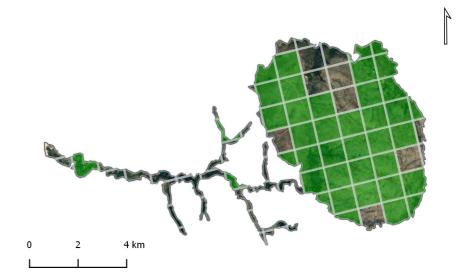
Ocorre numa grande diversidade de biótipos, preferindo áreas abertas de substrato predominantemente rochoso, adaptando-se bem a paisagens humanizadas (utilizando construções em ruínas ou muros como refúgio). Distribui-se desde o nível do mar até aos 1600 m (serra da Estrela).

Existem dois morfotipos identificados em Portugal: o tipo 1 apresenta cabeça e corpo deprimidos, coloração dorsal parda escura e zonas ventrais claras, ocorre no terço norte de Portugal, geralmente acima dos 400 m de altitude; e o tipo 2, mais robusta, de cabeça relativamente alta, com zonas dorsais frequentemente esverdeadas, ou de tom pardo claro, e ventre amarelado ou alaranjado, ocorre nos dois terços meridionais de Portugal.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre na Península Ibérica, norte de África e sudeste de França. Em Portugal, distribui-se por todo o território continental. Na Serra d'Arga é uma espécie abundante e bem distribuída por diversos biótopos, particularmente nas zonas montanhosas.



# LAGARTIXA-DO-MATO

Nome científico: Psammodromus algirus

Ordem: SQUAMATA
Família: LACERTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Lagartixa de tamanho médio (até 9 cm, cabeça e corpo), cauda pode atingir mais do dobro do comprimento do corpo. Cabeça alta e robusta. Corpo aplanado e membros pentadáctilos. Escamas dorsais grandes, normalmente imbricadas, pontiagudas e carenadas. Coloração dorsal e flancos em tons pardos ou esverdeados, com duas linhas dorso-laterais nítidas de cor amarelada ou branca. Ventre esbranquiçado. Por trás da inserção dos membros anteriores existem geralmente manchas azuladas. Região posterior do corpo e início da cauda com tonalidades mais avermelhadas. Durante o período reprodutor os machos apresentam a garganta e parte lateral da cabeça pigmentadas de laranja ou vermelho; a fêmea mantém os tons pardos, destacando--se as linhas dorso-laterais mais nítidas e marcadas.

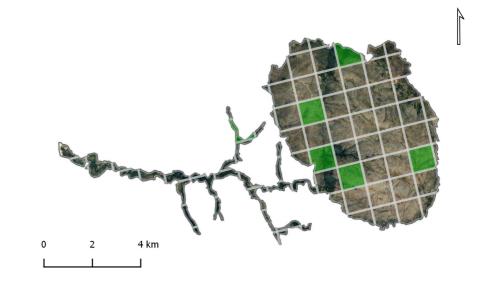
### **Habitat & Ecologia:**

Espécie adaptada a uma grande diversidade de habitats, prefere matos e bosques mediterrânicos, pinhais de solo arenoso e locais de vegetação esparsa. Distribui-se desde o nível do mar até aos 2600 m (serra Nevada).

Um dos parasitas da espécie é a carraça. Para se defenderem, desenvolveram em ambos os lados do pescoço pregas de pele que formam bolsas, nas quais as carraças se alojam, impedindo assim, pensa-se, a propagação das carraças a outras zonas do corpo.

Ocorre no sul da Europa
Ocidental e norte de África.
Em Portugal distribui-se por
todo o território continental,
exceto nalgumas áreas com
forte influência atlântica. Na
Serra d'Arga foi detetada, de
forma descontínua, nas zonas
montanhosas.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes





# SARDÃO

Nome científico: Timon lepidus

Ordem: SQUAMATA
Família: LACERTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

O maior lagarto ibérico (até 26 cm, corpo e cabeça). A cauda pode atingir o dobro do comprimento do corpo (total até 80 cm). Aspeto robusto, cabeça grande e proeminente e membros fortes, pentadáctilos. Coloração dorsal bastante vistosa, esverdeada ou amarelada, com padrão marmoreado na zona dorsal (ocelos negros) e nos flancos (ocelos azuis orlados de negro). Ventre esbranquiçado ou amarelado. Os machos possuem uma cabeça consideravelmente mais larga, bem como o início da cauda.

Populações globais em declínio. A perseguição humana constitui uma das principais causas do seu declínio. Também sofre uma elevada taxa de mortalidade por atropelamento, uma vez que utiliza com frequência as estradas, por serem locais com boa exposição solar.

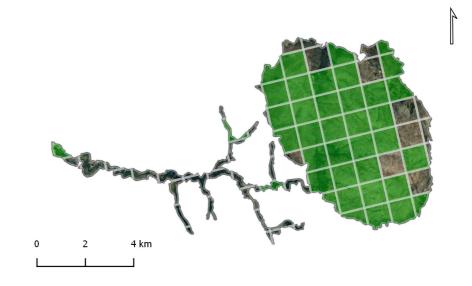
### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats mediterrânicos, preferindo zonas de mato, com áreas abertas, abundância de abrigos (acumulações de pedras, muros, arbustos espessos) e boa exposição solar. Evita locais húmidos e sombrios. Distribui-se desde o nível do mar até regiões montanhosas.



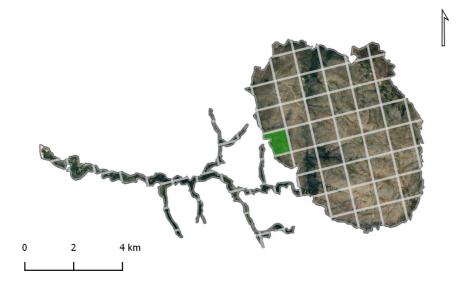
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre na Península Ibérica, no sudoeste de França, e no noroeste de Itália. Em Portugal está presente em todo o território continental. Na Serra d'Arga é uma espécie abundante e bem distribuída por diversos biótopos, especialmente nas zonas montanhosas.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Com distribuição na Península Ibérica, noroeste de Itália e sudeste de França. Em Portugal está presente em todo o território continental, sendo mais abundante na região da Estremadura. Na Serra d'Arga foi observado apenas num local.

### COBRA-DE-ESCADA

Nome científico: Zamenis scalaris

Ordem: SQUAMATA
Família: COLUBRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Cobra relativamente grande (até 1,6 m). Corpo longo e esguio, e cauda relativamente curta. Cabeça bem diferenciada, focinho pontiagudo e mandíbula superior proeminente. Olhos pequenos, íris acastanhada e pupila redonda. Pode apresentar uma banda escura entre o olho e a comissura labial. Padrão dorsal formado por duas linhas escuras longitudinais e paralelas, sobre um fundo pardo-acastanhado. Ventre esbranquiçado, acinzentado ou amarelado. Os juvenis exibem riscas escuras e espaçadas entre as duas linhas paralelas longitudinais, formando um desenho que se assemelha a uma escada.

Espécie agressiva, que quando perturbada pode investir sobre a ameaça. Contudo é áglifa (sem dentes inoculares), pelo que a sua mordedura não é perigosa. É uma espécie constritora, quando apanha uma presa maior enrola-se em torno dela, apertando fortemente a vítima até à morte, depois engole lentamente a presa e fica dias a digerir a refeição.

### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande diversidade de biótipos, preferindo habitats mediterrânicos, em zonas secas, com boa exposição solar e alguma vegetação. Ocorre desde o nível do mar até aos 900 m (serra de Montesinho).



# **AÇOR**

Nome científico: Accipiter gentilis
Ordem: ACCIPITRIFORMES

Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável

Rapina média (49-64 cm comprimento), com asas largas (93-120 cm envergadura), sendo as fêmeas maiores do que os machos. Cabeça relativamente pequena, quando comparada com o corpo, apresenta uma listra supraciliar branca bem marcada, bico robusto e encurvado. Cauda comprida, com barras e coberturas infracaudais marcadamente brancas. O adulto apresenta coloração castanho-acinzentado no dorso e barras horizontais cinzento-claro no peito e abdómen. Os juvenis apresentam um padrão de barras verticais no peito, sendo mais acastanhados no dorso.

Espécie semelhante ao gavião (Accipiter nisus), distinguindo-se deste último pelas suas maiores dimensões, asas mais robustas e cauda mais comprida.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre sobretudo em áreas florestais densas, onde nidifica. As áreas que ocupa formam, frequentemente, paisagens em mosaico, constituídas por floresta, matos e terrenos agrícolas. Possui uma dieta variada, podendo incluir aves, mamíferos e répteis. Reproduz-se de março a junho.

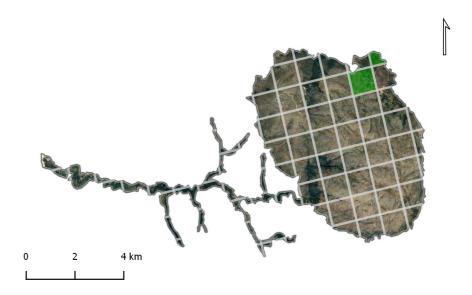
DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

ATLAS DA FAUNA - AVES



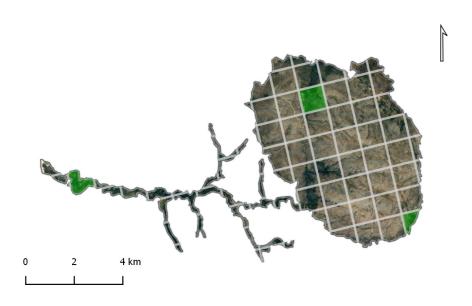
Fotografia: Stefan Berndtsson

Distribuição ampla, estendendo-se de um modo contínuo por grande parte do Holárctico. Em Portugal continental distribui-se por todo o país, ocorrendo com mais frequência e de uma forma mais contínua no norte e centro, privilegiando o litoral, em detrimento do interior. A sul possui uma distribuição mais dispersa. É mais facilmente avistado durante a primavera, por altura das paradas nupciais. Residente. Na Serra d'Arga foi observado em dois locais na vertente nordeste da serra.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Ocorre nas regiões temperadas e subtropicais da Europa, Ásia e África. Os indivíduos do norte migram para sul no inverno, enquanto os do sul fazem apenas movimentos dispersivos. Em Portugal continental, como nidificante, é pouco abundante e distribui-se sobretudo pelo norte do país, acompanhando as zonas florestadas. A sul do Tejo tem uma distribuição mais esparsa. Residente. Na Serra d'Arga a distribuição parece ser dispersa, tendo surgida associado a orlas florestais.

# GAVIÃO / FURA-BARDOS

Nome científico: Accipiter nisus
Ordem: ACCIPITRIFORMES
Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Rapina pequena (29-41 cm comprimento), com asas curtas (58-80 cm envergadura), bastante largas e arredondadas, sendo a fêmea maior do que o macho. Apresenta coloração cinzenta ou cinzenta-acastanhada no dorso, com nítida listra supraciliar clara na fêmea. Na zona ventral o macho possui listas fortemente pronunciadas de cor arruivada no peito e abdómem, enquanto a fêmea apresenta listas acinzentadas. Cauda comprida, mais comprida na fêmea, terminando em esquadria e com barras escuras. O juvenil é parecido com a fêmea, embora na zona ventral as barras são menos uniformes.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre normalmente em áreas de mosaico e orlas florestais, constituídas por bosques, matos e áreas agrícolas. Nidifica em árvores. Alimenta-se quase exclusivamente de aves, procurando as suas presas na densa folhagem.

Possui um voo acelerado e manobrável, conseguindo passar entre a folhagem de uma zona florestal. Sobe em círculos e paira no ar muitas vezes com a cauda em leque.

# ROUXINOL-GRANDE-DOS-CANIÇOS

Nome científico: Acrocephalus arundinaceus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: ACROCEPHALIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

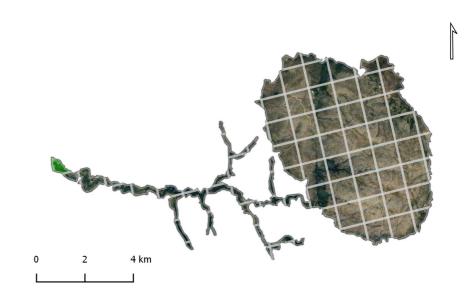
A maior das nossas felosas (aproximadamente 19 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui cabeça grande, onde é visível listra supraciliar pálida e listra ocular castanha, que se estende do bico até por detrás do olho. Garganta esbranquiçada. A coroa é ligeiramente pontiaguda e muitas vezes eriçada. Apresenta coloração dorsal castanha e ventral castanho-claro.

Possui um canto estridente, muito característico, composto por diversas notas, entoadas aos pares, em longas sequências.

### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre geralmente em habitats com manchas de vegetação ripícola constituída por caniçais ou tabuais, em ribeiros, valas de drenagem, charcos e açudes do interior. Nidifica em zonas húmidas. Espécie insectívora. Visitante estival entre finais de março / início de abril até agosto.



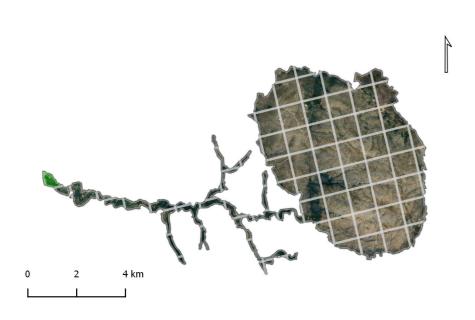




Fotografia: Stefan Berndtsson



Fotografia: Stefan Berndtsson



Nidificante por quase toda a Europa, exceto nas zonas mais setentrionais. Ocorre também no norte de África e em alguns sectores ocidentais da Ásia. Inverna na África Subsariana. Em Portugal continental apresenta uma distribuição fragmentada, ocorrendo de norte a sul do país, ao longo de toda a franja litoral, penetrando no interior do país no Ribatejo e Alto Alentejo. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga surge normalmente associada a áreas de caniçal, na zona mais a jusante do rio Âncora.

# ROUXINOL-PEQUENO-DOS-CANIÇOS

Nome científico: Acrocephalus scirpaceus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: ACROCEPHALIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado

Pequena felosa (aproximadamente 13 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Apresenta coloração das partes superiores castanho-arruivado, uropígio arruivado, garganta esbranquiçada e ventre de cor creme. Possui um bico fino (insectívoro). O canto é composto por sequências variadas de notas repetidas.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em caniçais de média a grande dimensão, construindo o seu ninho suspenso no meio dos caniços. Na época de reprodução é frequente em caniçais onde trepa pelos caules para cantar. Migrador estival, ocorre entre março e o fim do verão, podendo haver indivíduos de passagem até princípios de novembro.

Os grandes caniçais das zonas húmidas costeiras são os locais onde esta ave é mais fácil de encontrar.

# MAÇARICO-DAS-ROCHAS

Nome científico: Actitis hypoleucos

Ordem: CHARADRIIFORMES Família: SCOLOPACIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável (nidificante) /

Vulnerável (invernante)

Limícola pequena (cerca de 20 cm comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça, peito, dorso e asas castanhos, parte superior do peito castanho mais claro, levemente estriado, e partes inferiores brancas. De ambos os lados do pescoço a plumagem forma uma pequena "língua" branca caraterística. Listra supraciliar clara, bico cor de chifre negro e pernas cinzento-esverdeado.

Geralmente observado isoladamente ou aos pares. Gosta de pousar sobre as pedras ou troncos arrastados pela água, sempre a balançar a cauda.

### Habitat & Ecologia:

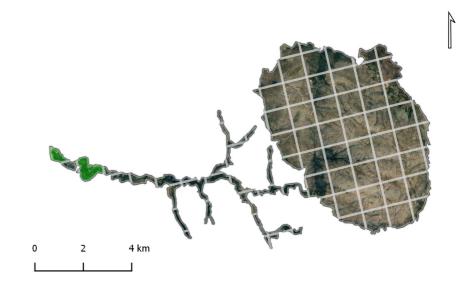
Frequenta todo o tipo de zonas húmidas, lagos de água doce, charcos, albufeiras, rios, enseadas sujeitas a marés e litorais rochosos. É característico da espécie o movimento de balanço contínuo da cauda. Voa baixo sobre a água, com um bater de asas alvoraçado e longos voos planados com as asas arqueadas. Dieta essencialmente constituída por invertebrados aquáticos.

Nidifica na Europa, abrangendo a



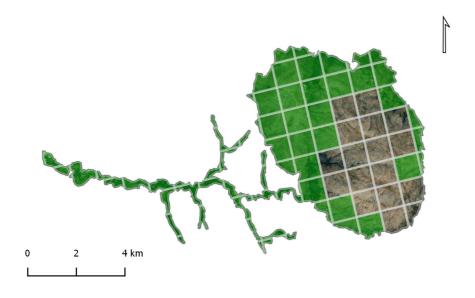
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ásia Central até ao Japão. Durante o inverno distribui-se principalmente pelo sul da Europa, África, sul da Ásia, Indonésia e Austrália. Em Portugal continental é relativamente comum, principalmente fora da época de reprodução, distribuindo-se um pouco por todo o país. Pode ser observado ao longo de todo o ano. Reprodutor / Visitante. Na Serra d'Arga surge normalmente no troço terminal e estuário do rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribui-se por toda Europa temperada do norte e Ásia, da Escandinávia, a norte, até à zona mediterrânica, a sul. Em Portugal continental apresenta uma distribuição ampla no território, sendo mais comum no interior norte. Residente. Na Serra d'Arga está presente em praticamente toda a área, exceto algumas zonas de maior altitude onde a vegetação arbórea é mais escassa.

### CHAPIM-RABILONGO

Nome científico: Aegithalos caudatus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: AEGITHALIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno passeriforme (13-15 cm de comprimento), de cauda comprida, tão longa quanto o corpo (7-9 cm). Sexos semelhantes. Corpo arredondado e bico negro e curto. Na cabeça exibe coroa branca com faixa negra por cima do olho e sobre o loro esbatendo-se na nuca. Coloração dorsal escura e acinzentada, garganta branca e peito e abdómen esbranquiçado. As coberturas alares são rosadas e as rémiges primárias e secundárias brancas. Cauda estreita e preta, com as retrizes externas brancas. O juvenil tem a plumagem mais escura e cauda mais curta.

Na Península Ibérica os chapins-rabilongos são mais escuros do que os espécimenes que ocorrem nos países nórdicos.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre sobretudo em matas mistas, sebes e moitas, galerias ripícolas com salgueiros e choupos, pomares, parques e jardins. Discreto, forma pequenos bandos ruidosos que voam freneticamente de árvore em árvore. No Verão alimenta-se essencialmente de insetos e aracnídeos e no inverno de sementes oleaginosas.

### LAVERCA

Nome científico: Alauda arvensis

Ordem: PASSERIFORMES Família: ALAUDIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Passeriforme com aproximadamente 18 cm comprimento. Sexos semelhantes. Apresenta coloração dorsal acastanhada, raiada de tons castanhos. A cabeça possui uma pequena poupa, nem sempre visível, e listra supraciliar creme. A zona ventral apresenta coloração creme e é riscada e pintalgada de castanho-escuro no peito e flancos superiores. As asas apresentam orla traseira branca. Cauda comprida, castanha, com retrizes laterais brancas. O juvenil tem cauda mais curta e zona dorsal malhada e pintalgada.

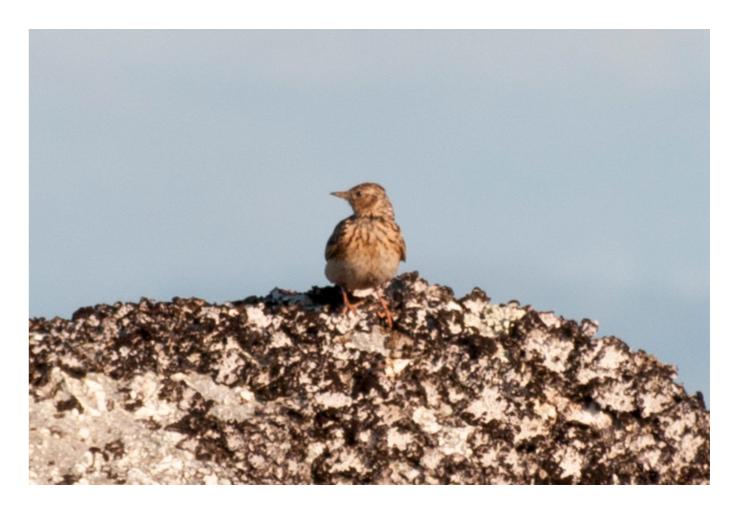
Passa a maior parte do tempo no solo, escondendo-se no meio da vegetação, tornando difícil a sua observação. O seu canto, emitido em voo, pode prolongar-se ininterruptamente durante vários minutos.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em zonas de altitude, acima dos 800/900 m, em áreas de matos abertos e pouco desenvolvidos. Pode ocorrer ao nível do mar especialmente em terrenos cultivados ou restolhos. A sua dieta inclui material vegetal (sementes e grãos de cereal) e animal (insetos).

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

ATLAS DA FAUNA - AVES

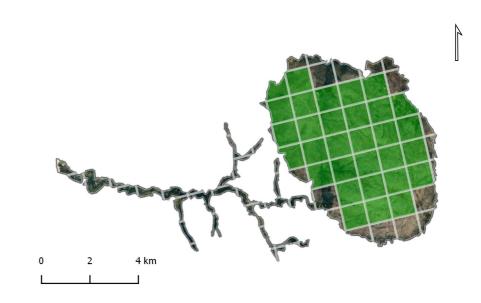


Fotografia: C. Maia e D. Mendes

117

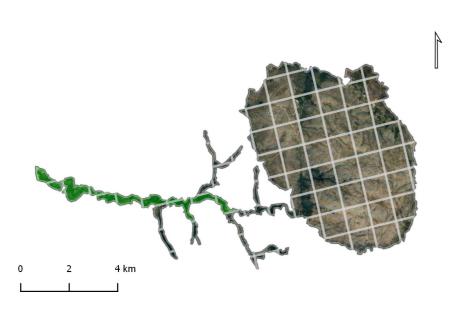
Europa e Ásia e nas montanhas do norte de África. As populações orientais migram para sul no inverno. Em Portugal continental apresenta distribuições diferentes de acordo com a época do ano. Durante a primavera e o verão ocorre sobretudo a norte do Tejo. No inverno pode ser vista, por vezes em bandos muito numerosos, nas terras baixas do sul do país. Residente / Visitante. Na Serra d'Arga está presente em praticamente toda a zona serrana.

Nidifica quase por toda a









Distribui-se por toda a Europa, com exceção da Islândia e da península Escandinava, onde ocorre apenas no sul da Suécia. Uma parte da população europeia inverna na Península Ibérica, França e na costa ocidental de África. Ocorre em Portugal continental durante todo o ano, sendo mais comum no litoral que no interior, e em planície do que em montanha, é raro acima dos 1000 m. Residente. Na Serra d'Arga pode ser encontrado ao longo de toda a galeria ripícola do rio Âncora.



Nome científico: Alcedo atthis
Ordem: CORACIIFORMES

Família: ALCEDINIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Ave com aproximadamente 17 cm de comprimento. Não apresenta aparentemente dimorfismo sexual, embora o macho tenha o bico completamente preto enquanto a fêmea tem a mandibula inferior avermelhada com a ponta preta. A coloração dorsal é inconfundível, de cor azul-esverdeado, com uropígio azul-vivo. O peito, ventre e faces apresentam coloração laranja-avermelhado brilhante, com manchas brancas nos lados do pescoço e na garganta. Possui um bico forte, comprido e pontiagudo, que utiliza para capturar as suas presas. É muitas vezes detetado em voo rasante junto a massas de água.

Uma das aves mais coloridas da nossa avifauna, relativamente comum, que pode ser observada durante todo o ano.

### Habitat & Ecologia:

Frequenta uma grande variedade de habitats de água doce, salobra ou mesmo salgada. Tem um voo rasante e direto. Pousa frequentemente em pequenos poleiros durante longos períodos de tempo, junto a água, à procura de peixes, que captura num mergulho vertical. A época de reprodução vai de abril a julho.

### **PERDIZ**

Nome científico: Alectoris rufa

Ordem: GALLIFORMES

Família: PHASIANIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Galiforme de corpo arredondado (cerca de 33 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora o macho seja maior e mais colorido. Possui um padrão facial distintivo: testa cinzenta, listra supraciliar branca descendente, banda ocular negra, que se estende pelo pescoço até ao peito, terminando num colar peitoral raiado de preto. Peito cinzento e partes inferiores beges. Os flancos são cinzento-azulados, destacando-se a presença de marcas em forma de listas castanhas, orladas de preto. Bico, anel periorbital e pernas vermelho-vivo. Os juvenis não têm os desenhos na face nem as marcas nos flancos, mas têm pintas pretas no pescoço.

Espécie introduzida nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

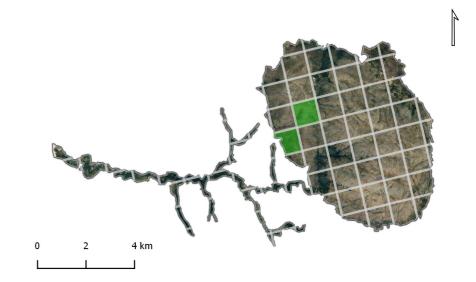
### Habitat & Ecologia:

Prefere regiões secas e rochosas, em áreas abertas com vegetação arbustiva e rasteira, adaptando-se facilmente das serras às planícies. Evita florestas densas e pântanos. Prefere correr a voar. Encontram-se aos pares na época de nidificação, após a qual se juntam em grupos familiares para passar o inverno. O acasalamento inicia-se em dezembro e as posturas iniciam-se em março, podendo prolongar-se até julho.



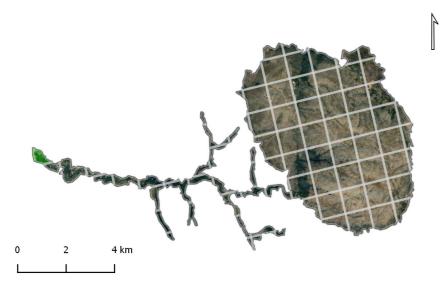
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Nidifica naturalmente no sudoeste europeu (França, Península Ibérica e Itália). Foi introduzida em Inglaterra e País de Gales. Em Portugal continental é uma espécie comum, embora escassa nalgumas zonas do litoral. Residente. Na Serra d'Arga foi detetada apenas em dois locais, na vertente oeste da serra





Fotografia: Stefan Berndtsson



Distribui-se praticamente por todo o hemisfério Norte. Na região paleártica ocidental nidifica no norte e noroeste da Europa. Inverna na bacia mediterrânica e Europa Central. Em Portugal continental ocorre geralmente entre setembro e março, um pouco por todo o território. Visitante. Na Serra d'Arga surge na zona do estuário do rio Âncora.

# MARREQUINHA / MARRECO

Nome científico: Anas crecca
Ordem: ANSERIFORMES
Família: ANATIDAE

**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

O pato mais pequeno da Europa (34-38 cm de comprimento). O macho apresenta cabeça de cor castanho-avermelhada com uma mancha verde envolvendo o olho. O dorso e flancos são cinzentos, separados por uma risca lateral preta e branca e triângulo amarelado sob a cauda. A fêmea apresenta coloração acastanhada, com o bico amarelo na base e uma linha branca nos lados da cauda. Em voo, ambos os sexos apresentam um "espelho" verde nas rémiges secundárias.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em pequenas zonas húmidas, com abundante vegetação emergente. Presente sobretudo no litoral, em estuários, lagoas costeiras e pauis, sendo também comum em barragens e açudes no interior do país. Espécie omnívora, com importante consumo de sementes durante o inverno.

Durante a época fria é um dos patos mais abundantes, formando muitas vezes bandos que podem reunir centenas ou mesmo milhares de indivíduos.

### PATO-REAL

Nome científico: Anas platyrhynchos

Ordem: ANSERIFORMES Família: ANATIDAE

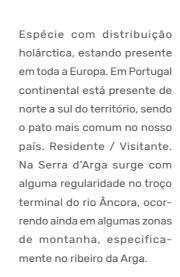
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

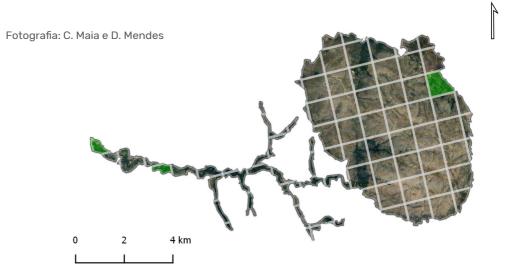
Pato de tamanho grande (50-65 cm de comprimento). Apresenta dimorfismo sexual. O macho adulto tem a cabeça verde com reflexos metalizados, um colar branco no pescoço e peito castanho-arruivado. O dorso e o ventre são castanhos acinzentados. O espelho alar é azul e o bico é amarelo. A fêmea apresenta coloração acastanhada, com listas e manchas castanho-escuras, sendo semelhante a outras espécies de patos de superfície. Os juvenis e os adultos em eclipse são semelhanças às fêmeas. Em voo, ambos os sexos apresentam um "espelho" azul nas rémiges secundárias com orla branca e preta.

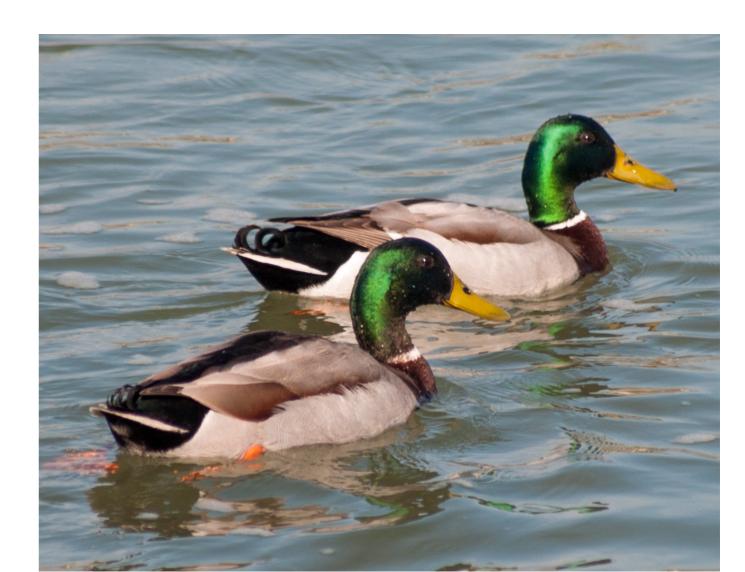
Nas áreas de invernada, o seu número começa a aumentar em setembro, atingindo máximos em outubro, novembro e dezembro.

### **Habitat & Ecologia:**

Ocupa praticamente todo tipo de habitats aquáticos, preferindo zonas de águas pouco profundas, de lagoas costeiras e grandes estuários. Pode também ser encontrado em barragens, rios, pauis, parques urbanos, etc. A sua época de reprodução está compreendida entre março e julho. Omnívoro oportunista, alimenta-se tanto à superfície como mergu-Ihando parcialmente o corpo.









Fotografia: C. Maia e D. Mendes

### GANSO-BRAVO

Nome científico: Anser anser (forma doméstica)

Ordem: ANSERIFORMES
Família: ANATIDAE

Estatuto conservação: Não aplicável

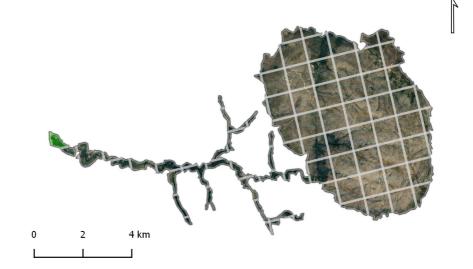
A forma domesticada do ganso-bravo é geralmente maior do que a forma selvagem, resultante do processo de domesticação, podendo atingir cerca de 10 Kg de peso (mais do dobro do ganso-bravo). A coloração é variável, tendo o processo de seleção resultado na redução dos tons acastanhados e na tendência para uma coloração esbranquiçada. Patas e bico alaranjados no adulto.

O processo de domesticação desta espécie é antigo, as primeiras evidências arqueológicas reportam-se ao Egito, há mais 4 000 anos.

### **Habitat & Ecologia:**

São animais gregários, com forte instinto territorial, que necessitam de áreas terrestres, onde correm e se alimentam, e áreas aquáticas, onde são exímios nadadores. As formas domésticas em liberdade ocorrem nos mesmos biótopos e podem cruzar com indivíduos de populações selvagens (razão pela qual a espécie foi considerada neste atlas).

Espécie introduzido com sucesso tanto dentro da área natural de distribuição (Europa, norte de África e sudoeste Asiático) como fora (Austrália e América do Norte). Na Serra d'Arga, a forma doméstica do ganso-bravo foi observada em liberdade no troço terminal do rio Âncora.



### PETINHA-DOS-CAMPOS

**Nome científico:** Anthus campestris

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MOTACILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante / Anexo I da Directiva Aves

Petinha de grandes dimensões (aproximadamente 17 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui listra superciliar e supramalar creme e por vezes um curto bigode. A coloração dorsal é castanho-amarelada, com tonalidade amarelada e ligeiramente riscada, com exceção do uropígio, que é amarelo-esverdeado. O abdómen é esbranquiçado e o peito e flancos são cor de areia. Os juvenis apresentam plumagem mais riscada que o adulto.

Espécie discreta e pouco abundante, pode passar facilmente despercebida. Em algumas serras portuguesas a probabilidade de a encontrar aumenta durante a época de nidificação.

#### Habitat & Ecologia:

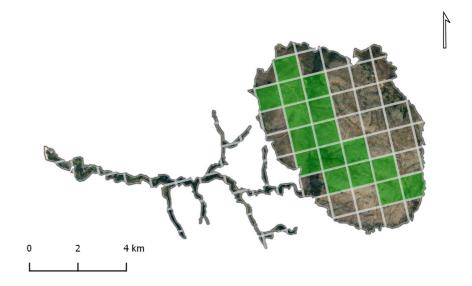
Ocorre preferencialmente em terrenos abertos, secos e arenosos, com vegetação esparsa, nas principais serras. Também pode ser observada em charnecas sem vegetação, em áreas montanhosas e nas planícies alentejanas. É um visitante estival, ocorrendo na época de reprodução, entre abril e setembro, podendo ser vista em migração até outubro.



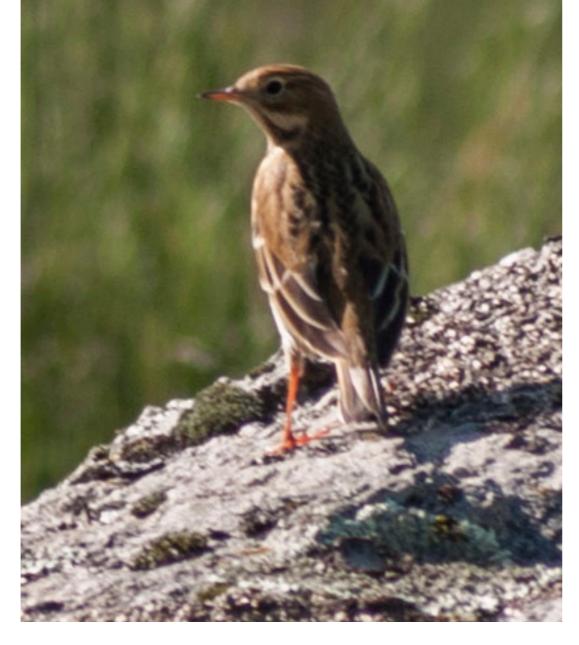
Fotografia: Michael Sveikutis

Meridional. Nidifica desde o norte de África e da Península Ibérica a ocidente, até ao centro da Ásia a oriente. Inverna no sul do Sara, mas também na Península Arábica e Turquia. Em Portugal continental distribui-se irregularmente por todo o território, sendo mais abundante nas zonas montanhosas do norte e centro. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga está presente em praticamente toda a zona montanhosa, associada a zonas abertas.

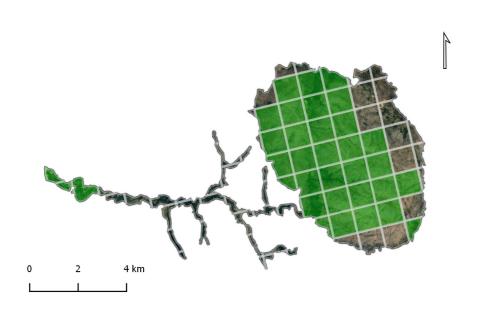
Distribui-se pelo Paleártico



131



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribui-se pelo Paleártico Ocidental. Nidifica no norte da Europa e Ásia, passando o inverno no sul da Europa, norte de África e sul da Ásia. Em Portugal continental distribui-se por todo o território, sendo mais frequente a sul. Visitante. Na Serra d'Arga está presente um pouco por toda a área, sempre associada a áreas abertas.

### PETINHA-DOS-PRADOS

Nome científico: Anthus pratensis

**Ordem:** PASSERIFORMES **Família:** MOTACILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Petinha de pequenas dimensões (aproximadamente 15 cm de comprimento), quando comparada com as restantes petinhas que ocorrem em Portugal. Sexos semelhantes. Apresenta coloração dorsal castanho-esverdeado, fortemente riscada, com exceção do uropígio. O peito é castanho-amarelado e o abdómen esbranquiçado, com flancos e peito bastante riscados. Patas acastanhadas ou rosadas. O juvenil possui cauda mais curta e plumagem dorsal com marcas mais evidentes.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em terrenos agrícolas, pastagens, incultos ou campos encharcados. Os primeiros indivíduos surgem em finais de setembro, chegando em grande número no mês de outubro, podendo ser observadas ao longo do outono e inverno.

Pode ser distinguida de A. campestris (espécie estival) pelo peito fortemente malhado; de A. trivialis (espécie estival) pela ausência de nuances amareladas no peito e pelos tons esverdeados da plumagem e de A. spinoletta e A. petrosus, pela plumagem mais esverdeada e patas rosadas.

# ANDORINHÃO-PRETO

Nome científico: Apus apus
Ordem: APODIFORMES
Família: APODIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Andorinhão de tamanho médio (16-17 cm de comprimento; 42-48 cm de envergadura). Sexos semelhantes. Apresenta coloração dorsal e ventral preto-acastanhada, com as coberturas infra-alares muito escuras. A garganta é esbranquiçada, as asas compridas e pontiagudas, em forma de foice, e a cauda bifurcada. O juvenil é idêntico ao adulto, embora a plumagem seja mais escura e a mancha branca da garganta mais definida.

Com exceção do período de nidificação, encontra-se permanentemente em voo, dormindo e alimentando-se no ar

### Habitat & Ecologia:

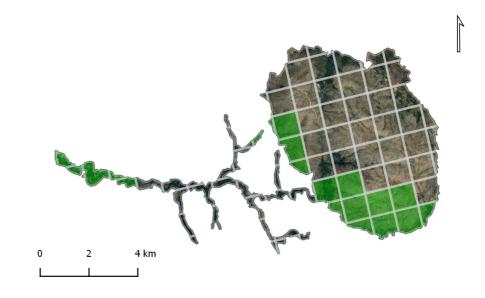
Espécie frequente em zonas densamente urbanizadas, incluindo cidades, vilas e aldeias (essencialmente no norte do país). Migrador estival, ocorre geralmente entre março e outubro em Portugal. Nidifica em pequenas colónias, em ninhos debaixo de telhas ou em torres de igrejas. Forma muitas vezes bandos, numerosos, muito ruidosos.

ATLAS DA FAUNA - AVES



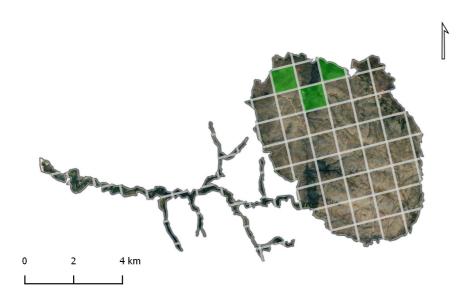
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribui-se por toda a Europa e zona central da Ásia, invernando na zona centro e sul de África. Em Portugal continental apresenta uma distribuição ampla, abrangendo praticamente todo o território, sendo mais numeroso no norte do país. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga pode ser observado em grande parte das zonas altas e de encosta, bem como no troço final do rio Âncora.





Fotografia: Mike Prince



Nidifica desde a Península Ibérica, e restantes países mediterrâneos, até à Ásia Menor, Paquistão, Índia, e Sri Lanka. Os locais de invernada situam-se no este e oeste da África Equatorial. Em Portugal continental está condicionado à disponibilidade de habitat adequado, possuindo uma distribuição muito fragmentada. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga surge com alguma frequência na vertente norte da serra.

## ANDORINHÃO-REAL

Nome científico: Apus melba
Ordem: APODIFORMES
Família: APODIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado

O maior andorinhão em Portugal (cerca de 21 cm de comprimento e 57 de envergadura). Sexos semelhantes. De coloração acastanhada, apenas interrompida pela garganta e peito brancos, separados por uma faixa peitoral castanha. O bico é curto e largo, perfeitamente adaptado para capturar insetos durante o voo. Patas muito curtas. O juvenil é semelhante ao adulto, de coloração ligeiramente mais pálida.

# elhante ao

A sua distribuição no período de nidificação está condi-

cionada à disponibilidade de

escarpas rochosas de grande

dimensão, onde nidifica.

Habitat & Ecologia:

Nidifica em escarpas rochosas de grande dimensão, em falésias nas zonas costeiras ou telhados e debaixo de pontes, selecionando locais inacessíveis a predadores. Alimentam-se em diferentes tipos de habitats, caçando normalmente a grandes altitudes. Ocorre principalmente abaixo dos 1700 metros. Migrador estival, ocorre geralmente entre março e setembro em Portugal.

# ANDORINHÃO-PÁLIDO / ANDORINHA-DO-MAR

Nome científico: Apus pallidus

Ordem: APODIFORMES Família: APODIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

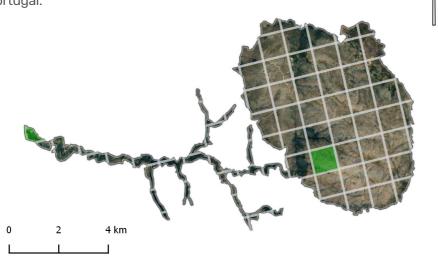
Andorinhão de tamanho médio (cerca de 18 cm de comprimento e 44 cm de envergadura). Sexos semelhantes. Apresenta uma coloração dorsal acastanhada, contrastando o tom entre as rémiges primárias mais escuras (exteriores) e as rémiges secundárias mais claras. Tem as faces pálidas, onde se destacam os olhos. A garganta é esbranquiçada, embora não tão extensa como a do andorinhão-preto. Cauda bifurcada e asas em forma de meia-lua. Patas muito curtas.

Espécie semelhante ao andorinhão-preto (Apus apus), distingue-se essencialmente por apresentar tons acastanhados da plumagem, por possuir um voo mais calmo e uma vocalização menos

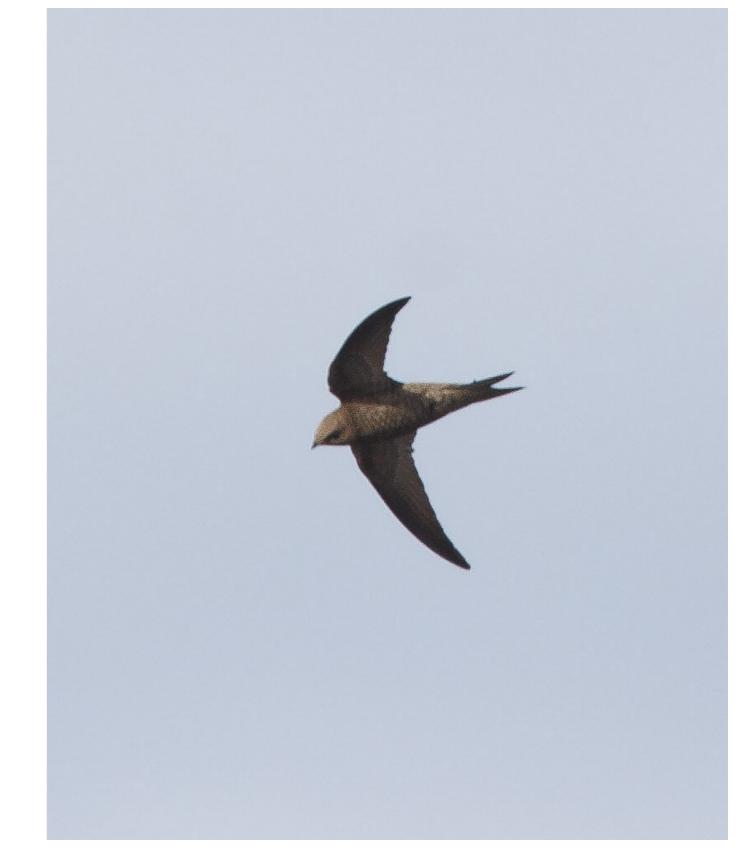
#### Habitat & Ecologia:

136

Ocorre preferencialmente nos ilhéus e falésias costeiras. Pode também ocorrer em habitats do interior, como zonas montanhosas, rurais e suburbanas. Migrador estival, ocorre geralmente entre março e outubro em Portugal.



Nidifica nas zonas costeiras e em ilhas do Mediterrâneo, em zonas interiores do sul da Europa, na Península Arábica, norte de África, Madeira, Canárias, sul do Sara e a este do Paquistão. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do território, com distribuição escassa e localizada a norte do rio Douro. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi confirmado em dois locais, numa zona alta de encosta, na vertente sul da serra, e junto ao estuário do rio Âncora.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

# GARÇA-REAL

Nome científico: Ardea cinerea Ordem: PELECANIFORMES

Família: ARDEIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

É a maior garça em Portugal (pode atingir cerca de 1 m de altura e 185 cm de envergadura). Não apresenta dimorfismo sexual. Corpo robusto, bico longo e afilado, de cor amarelada, e patas compridas, amarelo-acinzentadas. A cabeça é branca, com uma pluma negra, longa e estreita até à nuca. O pescoço é longo, cinzento, e fica recolhido quando em voo. Apresenta coloração acinzentada, mais escura nas partes superiores e mais clara nas partes inferiores. Não possui penacho. Os juvenis apresentam cores mais claras.

#### Habitat & Ecologia:

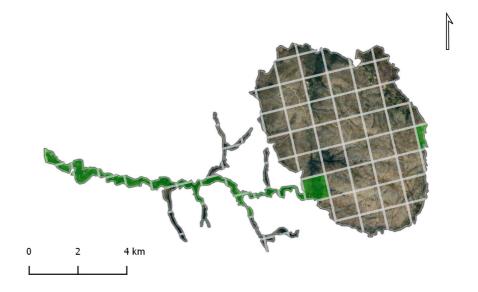
Associada a todo o tipo de zonas húmidas, sendo particularmente abundante nos grandes estuários e lagoas costeiras. Prefere extensões de água doce com pouca profundidade, onde pode encontrar presas relativamente grandes. Também pode ser observada em zonas agrícolas, aradas de fresco, à procura de alimento. Alimenta-se normalmente sozinha, preferencialmente ao amanhecer e ao anoitecer. Reproduz-se entre fevereiro e julho, geralmente em colónias, com os seus ninhos instalados em pinheiros-mansos, eucaliptos, sobreiros e azinheiras.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Quando "pesca" coloca--se na margem, atenta ao menor movimento dos peixes. Quando os avista, inclina-se para a frente, estica o pescoço a "apunhala" o peixe repetidamente com o bico.

Ocorre na Europa, Ásia e África. A população europeia é abundante e tem uma distribuição muito alargada. Em Portugal continental ocorre de norte a sul do país, sendo mais numerosa fora da época de nidificação. Durante a nidificação tem uma distribuição mais restrita. Visitante / Residente. Na Serra d'Arga foi registada ao longo de toda a galeria ripícola do rio Âncora e numa pequena ribeira próxima de Cerquido.



### ROLA-DO-MAR

Nome científico: Arenaria interpres Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: SCOLOPACIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Limícola de média dimensão (cerca de 23 cm de comprimento). Sexos semelhantes. De aspeto robusto, atarracada, de patas curtas e alaranjadas e bico curto e pontiagudo. A plumagem nupcial é muito colorida: cabeça branca raiada de preto, dorso e asas castanho-alaranjado e preto, peitilho preto e partes inferiores brancas. No inverno a plumagem torna-se castanho-acinzentado, com orlas brancas nas penas. Em voo, observam-se a barra e a mancha alar brancas, assim como o uropígio e a dupla barra caudal castanha. Os juvenis são semelhantes ao adulto no inverno.

Os melhores locais para observar são os troços de costa onde as praias são compostas por areia e rocha. Por vezes esta espécie também aparece em portos.

### Habitat & Ecologia:

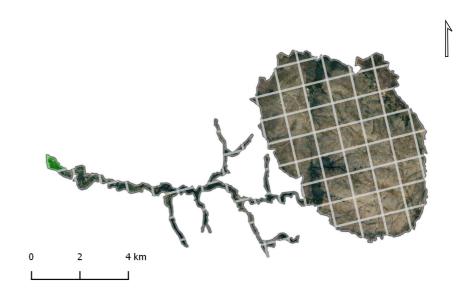
Espécie marinha, passa o inverno no litoral, preferindo zonas rochosas com algas, ocupando também estuários e zonas lamacentas. Durante a migração pousam em águas interiores para se alimentarem. Juntam-se em pequenos bandos nas zonas de alimentação. Muitas vezes deslizam e serpenteiam num voo baixo. DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

ATLAS DA FAUNA - AVES



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Espécie com distribuição holárctica, nidifica nas costas da Ásia, da América do Norte e da Gronelândia. Na Europa, a população reprodutora encontra-se concentrada na Escandinávia. Em Portugal continental a sua área de distribuição abrange sobretudo os estuários e outras zonas costeiras, podendo ser encontrada todos os meses do ano, como invernante ou migrador de passagem. Visitante. Na Serra d'Arga surge normalmente no estuário do rio Âncora.





Nome científico: Athene noctua

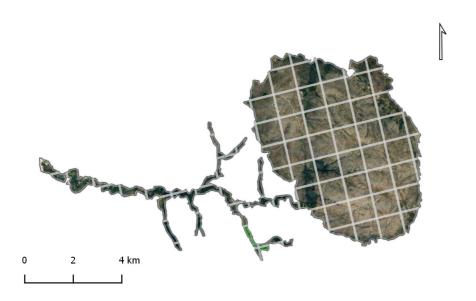
Ordem: STRIGIFORMES Família: STRIGIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Rapina noturna de pequeno porte (21-23 cm de comprimento, 54-58 cm de envergadura). Cabeça grande e arredondada, sem "orelhas". Disco facial acastanhado, de formato retangular, marcado de forma mais intensa nos indivíduos mais escuros. Bico amarelo-esverdeado, olhos grandes com íris amarela e listra supraciliar branca bem marcada. Coroa e nuca com pintas brancas. Plumagem de cor variável. Partes superiores castanhas com pintas brancas, mais evidentes no dorso, e partes inferiores esbranquiçadas, fortemente listradas de castanho. Juvenil semelhante ao adulto, mas com coloração geral menos viva e sem pintas brancas na coroa.

Apesar de essencialmente noturna, esta espécie poder ser observada com relativa facilidade durante o dia (no cimo de chaminés, em casas abandonadas e nos postes e linhas, tanto dos telefones como elétricas).





Distribui-se por toda a Europa, grande parte da Ásia e norte de África. Em Portugal continental distribui-se ao longo de todo o território, sendo mais frequente na metade sul do país e raro no litoral minhoto. Residente. Na Serra d'Arga apenas foi observado em duas áreas agrícolas, próximas de um pequeno afluente do rio Âncora.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre em habitats abertos de sistemas agroflorestais, em campos agrícolas com muros e zonas rochosas, pastagens, jardins e pomares, muitas vezes na proximidade de quintas e povoações. Nidifica, preferencialmente, em cavidades de árvores, podendo também ocupar muros e aglomerados de pedra. As posturas ocorrem entre abril e princípios de maio.

### **BUFO-REAL**

Nome científico: Bubo bubo
Ordem: STRIGIFORMES
Família: STRIGIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado /

Anexo I da Directiva Aves

Maior rapina noturna que ocorre em Portugal (60-70 cm de comprimento, 140-170 cm envergadura). Cabeça grande, destacando-se dois penachos auriculares, que fazem lembrar duas "orelhas", que retrai durante o voo. Disco facial castanho-acinzentado, com partes superiores castanhas. Olhos muito grandes, com íris de cor laranja-avermelhada. Bico preto e garganta branca, bem visível quando a ave vocaliza. Plumagem bastante densa, na zona dorsal de cor castanha fortemente malhada de preto e na zona ventral de cor castanho-amarelada com listras escuras.

À semelhança das outras rapinas noturnas, raramente aparece de dia, o que torna a sua observação bastante difícil. A sua atividade vocal é mais intensa nos meses de inverno (particularmente de novembro a fevereiro).

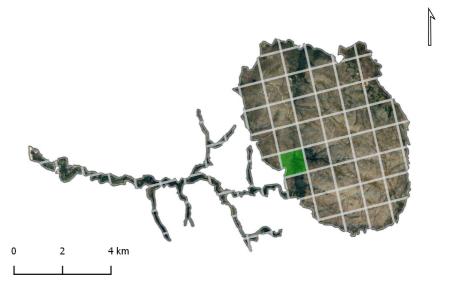
#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande variedade de habitats. Prefere vales alcantilados de grandes rios e ribeiras, mas também nas encostas declivosas de serras, nidificando, em regra, em escarpas e outros afloramentos rochosos. Alimenta-se essencialmente de mamíferos de pequeno e médio porte e aves de tamanho médio. Em Portugal nidifica entre dezembro e junho.

Com distribuição ampla, desde a Europa Ocidental, norte de África até à Ásia, onde ocorre até ao sul da Índia e da China. Está presente na Península Ibérica, onde se distribui de forma fragmentada. Em Portugal continental está presente de norte a sul do território, ocorrendo sobretudo em áreas inacessíveis e de relevo relativamente acentuado, em Trás-os-Montes, nas Beiras interiores, no Alentejo e no nordeste algarvio, sendo raro na restante área do território. Residente. Na Serra d'Arga parece ser pouco comum, tendo sido registado, por vocalização, apenas num ponto da serra.

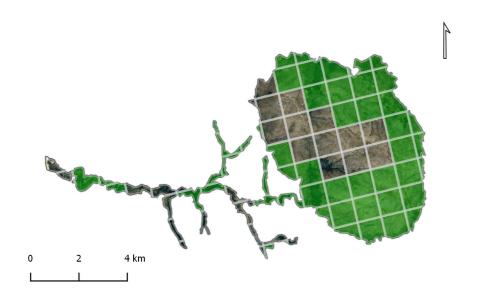


Fotografia: C. Maia e D. Mendes





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Espécie com distribuição paleártica. Em Portugal continental possui uma distribuição ampla em todo o território. Residente. Na Serra d'Arga parece ser relativamente comum, tendo sido registada em grande parte das zonas altas e de encosta, bem como ao longo do vale do rio Âncora.

### ÁGUIA-D'ASA-REDONDA

Nome científico: Buteo buteo
Ordem: ACCIPITRIFORMES
Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Uma das rapinas mais abundantes em Portugal, de tamanho médio (46-58 cm de comprimento, 110-132 cm de envergadura). Cabeça curta, asas largas e arredondadas. A coloração da plumagem é variável, exibindo tons de castanho, com uma percentagem variável de branco junto ao bico e na parte ventral. Apresenta uma mancha clara no peito em forma de meia-lua, visível quando em descanso. Em voo, sobressaem as manchas claras nas partes inferiores e as orlas mais escuras. A cauda é cinzento-esbranquiçada, apresenta barras, sendo a terminal mais escura. O juvenil é semelhante ao adulto, mas não apresenta a barra terminal.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats. Frequentemente observada em poisos ao longo das estradas à espera de presas (ratos e répteis). Voa em círculos ascendentes, por vezes a grande altitude. Frequenta matas pouco densas, zonas de orla e áreas agrícolas. Nidifica em árvores.

Os números desta espécie aumentam durante o inverno, devido à chegada de efetivos provenientes do norte da Europa.

## PILRITO-DAS-PRAIAS / PILRITO-D'AREIA

Nome científico: Calidris alba
Ordem: CHARADRIIFORMES
Família: SCOLOPACIDAE

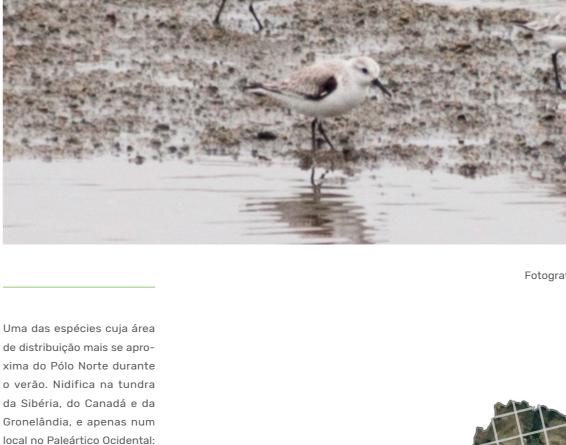
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Limícola de tamanho médio (cerca de 20 cm de comprimento). Quase totalmente branco na plumagem de inverno. Apresenta uma tonalidade geral pálida, só interrompida pelo bico e patas pretas, e pelas penas centrais da cauda. É ligeiramente mais pálido nas partes inferiores do corpo que nas superiores. Na parte superior destacam-se pequenas coberturas da asa pretas, formando uma mancha escura no ombro. Em voo é visível uma barra branca nas asas e a cauda cinzenta com as penas centrais pretas. Durante a passagem na primavera são por vezes visíveis alguns indivíduos em muda para a plumagem nupcial, exibindo um tom castanho-alaranjado.

Embora possa ocorrer no nosso país durante praticamente todo o ano, o melhor período de observação corresponde às épocas de passagem e invernada, sobretudo entre setembro e março.

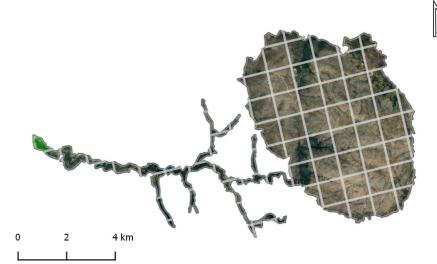
#### Habitat & Ecologia:

Ocorre quase exclusivamente nas zonas costeiras, embora também possa ser encontrado mais para o interior. É frequente em grandes estuários ou em salinas. Normalmente pode ser observado, na maioria das praias do nosso território, alimentando-se junto à rebentação.



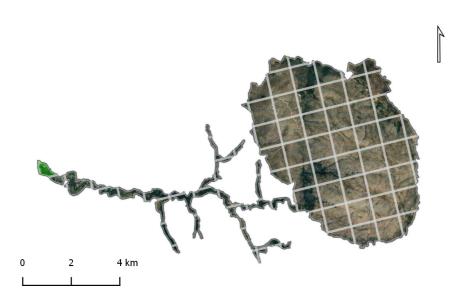
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

de distribuição mais se aproxima do Pólo Norte durante
o verão. Nidifica na tundra
da Sibéria, do Canadá e da
Gronelândia, e apenas num
local no Paleártico Ocidental:
o arquipélago norueguês de
Svalbard. Durante o inverno
pode ser observado nos cinco
continentes, ao longo das
suas faixas costeiras. Em
Portugal continental ocorre
na linha de costa do norte ao
sul do país. Visitante. Na Serra
d'Arga surge regularmente no
estuário do rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Tem uma distribuição holárctica, nidificando em regiões árticas e subárticas, e nas zonas temperadas no norte da Europa. No inverno distribuem-se predominantemente pelas zonas húmidas costeiras das regiões temperadas e subtropicais, desde o sudoeste da Europa e noroeste de África até ao noroeste da Índia. Em Portugal continental ocorre sobretudo ao longo da faixa litoral. Visitante. Na Serra d'Arga observa-se regularmente no estuário do rio Âncora.

# PILRITO-DE-PEITO-PRETO / PILRITO-COMUM

Nome científico: Calidris alpina Ordem: CHARADRIIFORMES Família: SCOLOPACIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequena limícola (17-20 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Partes superiores, asas, cabeça e parte superior do peito, listadas de cinzento-acastanhado. Partes inferiores esbranquiçadas. Sem nenhuma marca particular, em voo apresenta um padrão comum a diversas outras espécies: risca alar branca, uropígio branco com uma risca central preta. Na primavera, o ventre preto contrasta fortemente com o branco que cobre as partes inferiores. Bico longo e ligeiramente recurvado, mais longo que o do pilrito-pequeno e mais curto que o do pilrito-de-bico-comprido.

Comum, mas nem sempre fácil de identificar. É uma das espécies mais representativas das nossas zonas húmidas costeiras, não sendo raro observar concentrações de algumas centenas ou mesmo milhares de indivíduos.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em áreas lodosas e sujeitas a marés nos estuários ou praias, sem vegetação ou com vegetação herbácea de pequena dimensão. Também presente em lagoas, lagos e albufeiras com margens lodosas ricas em invertebrados. A sua atividade tende a seguir o regime das marés mais do que a periodicidade diurna. Para em Portugal durante a migração de inverno para África, podendo ser observada durante todo o ano.

### NOITIBÓ-CINZENTO

Nome científico: Caprimulgus europaeus

Ordem: CAPRIMULGIFORMES Família: CAPRIMULGIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável / Anexo I da

Directiva Aves

Ave noturna de tamanho médio (26-28 cm de comprimento, 57-64 cm de envergadura). A coloração da plumagem é predominantemente cinzenta-acastanhada, com barras e pontuações escuras. Cabeça, nuca, dorso e uropígio cinzentos, ligeiramente riscados. Cauda comprida, cinzenta. O macho apresenta distintas manchas brancas nas asas e na cauda, que estão ausentes na fêmea e nos juvenis

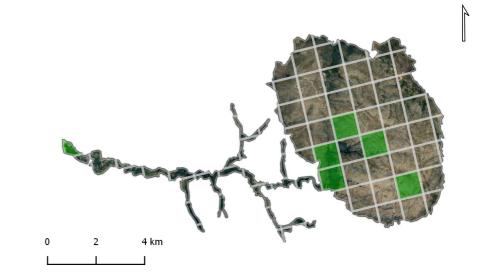
tívoras de hábitos crepusculares. O noitibó-cinzento faz-se notar essencialmente pelo seu canto, composto por um trinado contínuo, que faz lembrar o de uma cigarra.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em áreas com arvoredo disperso, clareiras, áreas marginais de bosques e zonas abertas com coberto arbustivo. Espécie estival, o acasalamento inicia-se em finais de abril e prolonga-se até agosto.

Os noitibós são aves insec-











Nome científico: Carduelis carduelis

Ordem: PASSERIFORMES
Família: FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

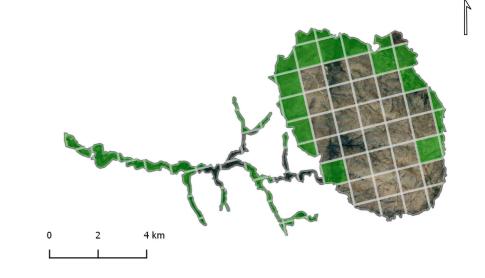
Pequeno fringilídeo (aproximadamente 12 cm de comprimento), de cores garridas. Sexos semelhantes, embora a fêmea tenha coloração mais baça. Apresenta padrão facial distintivo: faces brancas, coroa e nuca pretas, e uma máscara vermelha entre a testa e o queixo, atravessada por uma banda negra entre os olhos. O bico é robusto, cónico e de cor marfim. A coloração dorsal é castanha, com asas pretas com uma faixa amarela larga, bem visível em voo. Uropígio branco e cauda preta. Os juvenis são amarelados, raiados de castanho, com a vistosa mancha amarela na asa e sem o padrão preto, branco e vermelho na cabeça.

#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde áreas mais abertas até orlas de bosques, onde habitualmente se reproduz. Pode ser encontrado em bosques abertos, orlas, pomares, montados, parques e jardins urbanos, e estepes cerealíferas durante o inverno. Esvoaça de planta em planta, pairando muitas vezes sobre a planta antes de pousar nela.

Durante a primavera pode ser observado a cantar no alto de árvores, antenas, postes e telhados. No inverno agrega-se frequentemente em bandos que podem juntar centenas de aves.

Distribui-se pela Europa, Ásia e norte de África. Em Portugal continental encontra-se bem distribuída ao longo de todo o território, embora seja mais abundante no sul. Residente. Na Serra d'Arga parece estar ausente nas zonas de maior altitude onde a vegetação arbórea é mais escassa, sendo frequente na restante área.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



### ANDORINHA-DÁURICA

Nome científico: Cecropis daurica

Ordem: PASSERIFORMES
Família: HIRUNDINIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Andorinha de tamanho médio (aproximadamente 17 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora a fêmea tenha plumagem mais baça. Partes superiores preto-azulado lustroso, garganta bege-rosado e sem faixa negra como a andorinha-das-chaminés. Barra castanha-arruivada na nuca e as faces arruivadas. Partes inferiores bege-dourado, com riscas finas longitudinais. Uropígio dourado. Cauda preto-azulado com as retrizes externas mais largas e pretas na parte inferior. Os juvenis apresentam uma coloração mais baça e não têm retrizes exteriores compridas.

Começa a associar-se mais com o homem, vivendo à volta das quintas e pequenas aldeias, quando tem acesso à água.

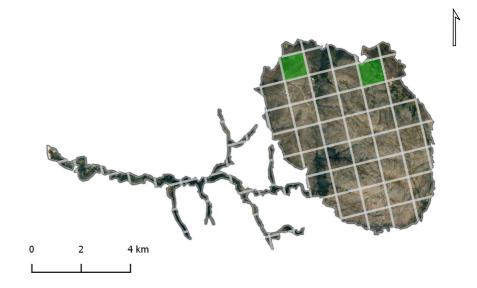
### **Habitat & Ecologia:**

Frequenta uma grande variedade de habitats, com preferência por zonas montanhosas e agrestes, com penhascos, cavernas ou alcantilados. Possui um planar calmo, que contrasta com o voo mais agitado das outras andorinhas. Nidifica frequentemente por baixo de pontes e viadutos.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre em todo o sul da Europa e Ásia de Leste, até ao sul da Sibéria e Japão. Inverna na África subsaariana ou sul da Ásia. Em Portugal continental ocorre de norte a sul do país, embora pouco abundante, sendo mais numerosa na metade interior do território. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi registado a sua presença apenas em dois locais, nas áreas mais a norte da serra.



Fotografia: Sandra

### **TREPADEIRA**

Nome científico: Certhia brachydactyla

Ordem: PASSERIFORMES
Família: CERTHIIDAE

**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

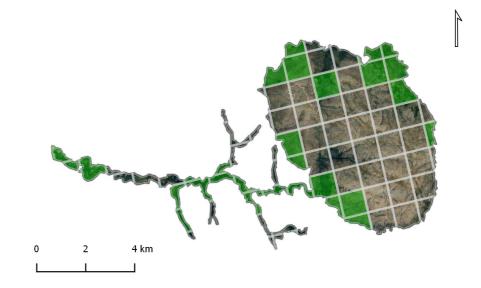
Passeriforme de pequeno tamanho (aproximadamente 13 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Corpo compacto, bico castanho, comprido e curvo. Cabeça, dorso e asas castanhas estriadas. Listra supraciliar branca, fina. Zona ventral branco-sujo, com flancos castanhos. Cauda ligeiramente comprida, acastanhada, com penas pontiagudas e rígidas. O juvenil é semelhante ao adulto, mas mais malhado nas partes superiores.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre geralmente em áreas florestais de folhosas, plantações de coníferas, parques e jardins, com preferência por árvores velhas, sítios escolhidos muitas vezes para construir o ninho.

Tem a capacidade de se agarrar aos troncos e ramos de árvores, percorrendo-os verticalmente em busca de alimento, ou mesmo de barriga para cima.

Distribui-se por quase toda a Europa temperada e norte de África. Em Portugal continental ocorre por todo o país. Residente. Na Serra d'Arga surge praticamente em todos os biótopos arborizados.



### **ROUXINOL-BRAVO**

Nome científico: Cettia cetti Ordem: PASSERIFORMES Família: CERTHIIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno insectívoro (aproximadamente 13 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora o macho seja maior do que a fêmea. Partes superiores do corpo castanho-arruivado e partes inferiores branco-acinzentado. Bico fino e listra supraciliar branca pouco nítida. Cauda arredondada, castanha, mantida frequentemente levantada. O juvenil é semelhante ao adulto.

Bastante comum, mas de hábitos furtivos, esconde-se com frequência na vegetação. Mais fácil de detetar e identificar através do seu canto característico, que por vezes é ouvido durante a noite.

#### Habitat & Ecologia:

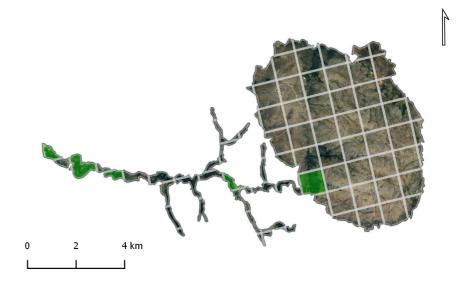
Prefere zonas de vegetação densa, quase sempre perto de água. Bastante comum em caniçais e tabuais e também ao longo de linhas de água com vegetação ripícola densa.





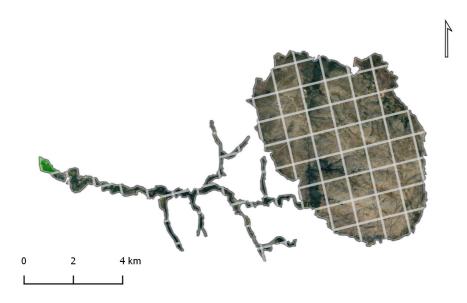
Fotografia: Michael Sveikutis

e do sul, noroeste de África e sudeste da Ásia temperada, até ao Afeganistão e noroeste do Paquistão. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do país, sendo mais comum no sul e no litoral, tornando-se mais escasso no norte e no interior. Residente. Na Serra d'Arga surge normalmente associada ao rio Âncora, em áreas com vegetação ripícola.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Com distribuição no Paleártico
Ocidental. A maioria das aves
europeias inverna em áreas
costeiras no Mediterrâneo e ao
longo da costa no sul de África
até ao Equador. Em Portugal
continental está presente em
toda a faixa costeira, ocorrendo em número muito
reduzido em alguns açudes
e barragens do interior.
Reprodutor / Visitante. Na
Serra d'Arga ocorre na zona
do estuário do rio Âncora.

### BORRELHO-DE-COLEIRA-INTERROMPIDA

Nome científico: Charadrius alexandrinus

Ordem: CHARADRIIFORMES
Família: CHARADRIIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Limícola de pequenas dimensões (15-17 cm de comprimento). O macho tem uma coroa arruivada com uma faixa preta a separá-la da testa branca e uma pequena mancha preta no loro, passando pelo olho até ao bico. A garganta e a nuca são brancas. As partes inferiores são brancas com manchas pretas do ombro até ao peito, embora a faixa do peito seja incompleta. As partes superiores são castanhas e em voo apresenta uma barra alar branca. O bico, as pernas e as patas são pretos. A fêmea não tem a testa e o loro pretos e a mancha do ombro é castanha. Os juvenis são semelhantes à fêmea.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre ao longo da costa marítima, salinas, lagos e lagoas interiores, desde de que bastante salgadas. As maiores concentrações ocorrem geralmente fora da época de nidificação, podendo por vezes observar-se bandos de dezenas ou mesmo centenas de indivíduos.

Têm o hábito de alternar alguns passos com pequenas paragens para "observação".

### **VERDILHÃO**

Nome científico: Chloris chloris Ordem: PASSERIFORMES

Família: FRINGILLIDAE

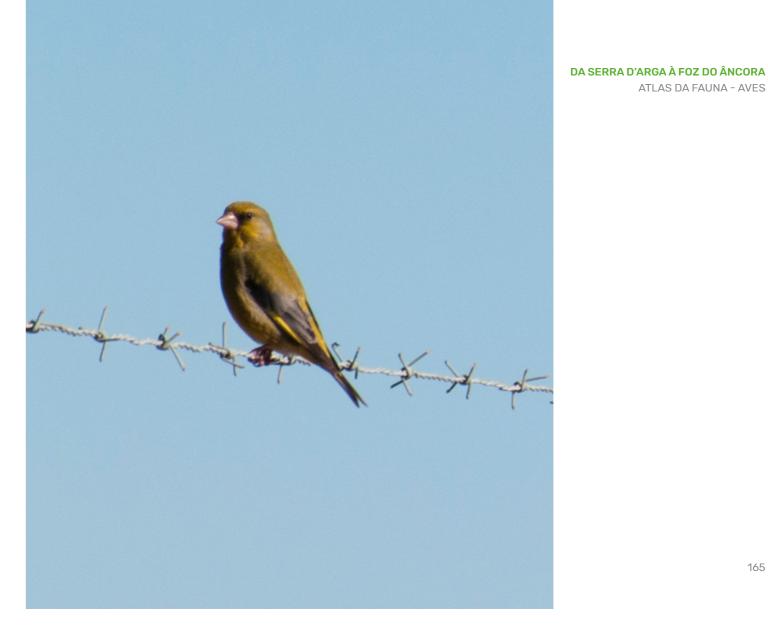
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Fringilídeo de tamanho médio (aproximadamente 15 cm de comprimento). Sexos semelhantes, mas a fêmea tem uma coloração menos garrida. O macho é amarelo-esverdeado, mais escuro na cabeça e dorso, e com o pescoço e as asas acinzentadas, com rémiges primárias amarelas. A zona ventral é verde-amarelado. Cauda amarela, curta e bifurcada, com a extremidade preta e uropígio amarelo-esverdeado. Bico grosso, rosado e de formato cónico. O juvenil é amarelo-acastanhado, raiado de castanho.

No inverno junta-se normalmente a outros fringilídeos nos terrenos de cultivo, formando bandos de dimensões apreciáveis.

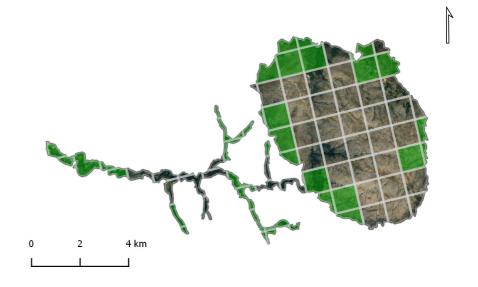
#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre preferencialmente em matas abertas, zonas agrícolas e agroflorestais, parques e jardins urbanos. Reproduz-se em terrenos abertos, cultivados, com manchas de arbustos. Dieta à base de sementes de cereais. Durante a época de nidificação pode consumir alguns invertebrados.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribui-se pela Europa, norte de África e sudoeste da Ásia. Em Portugal continental distribui-se por todo o território, sendo uma espécie abundante em algumas regiões. Residente. Na Serra d'Arga surge em diversos biótopos, parecendo estar ausente essencialmente das zonas de maior altitude e manchas florestais mais densas.



ATLAS DA FAUNA - AVES



Nome científico: Chroicocephalus ridibundus

Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

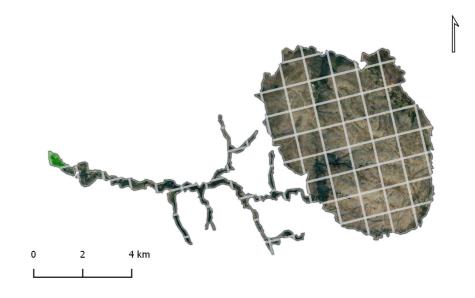
Gaivota relativamente pequena (aproximadamente 36 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem cinzento-prateado no dorso e branca na zona ventral. As asas são cinzentas com um triângulo branco nas primárias. O bico e as patas são vermelhos. A partir de fevereiro/março os adultos envergam a plumagem nupcial, facilmente reconhecível pelo capuz castanho (cor de chocolate), onde é visível o anel orbital branco. Fora da época de nidificação o capuz reduz-se a uma pequena mancha escura atrás do olho. Os juvenis são acastanhados na coroa, pescoço e dorso.

### Habitat & Ecologia:

Tem preferência por áreas estuarinas e lagunares, frequentando sobretudo zonas de sedimentos intermareais, salinas e aquaculturas. Alimenta-se e dorme em grandes grupos. Nidifica em colónias, em lagos com extensa vegetação ou em ilhotas.

Pode ser observado com relativa facilidade, entre julho e março, junto à faixa costeira, formando bandos de centenas ou mesmo milhares de indivíduos, misturando-se frequentemente com outras espécies de gaivotas.

Distribuição ampla no Paleártico Ocidental, nidifica no norte e este da Europa, invernando no sul. Em Portugal continental está presente em toda a faixa costeira, sendo rara como nidificante mas abundante nos meses de invernada. Visitante. Na Serra d'Arga surge normalmente no estuário do rio Âncora.



167

Fotografia: C. Maia e D. Mendes



### MELRO-D'ÁGUA

Nome científico: Cinclus cinclus
Ordem: PASSERIFORMES

Família: CINCLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Passeriforme de tamanho médio (cerca de 18 cm de comprimento). Sexos semelhantes. De constituição rechonchuda e cauda curta. Bico e patas pretos e íris castanha. Plumagem predominantemente castanha, com uma caraterística mancha branca no queixo, garganta e peito. Asas e cauda castanho-acinzentado. Juvenil semelhante ao adulto, mas com plumagem dorsal cinzenta e zona ventral com barras onduladas escuras.

Os melhores locais de observação do melro-d'água são os ribeiros de corrente rápida, sobretudo em montanha.

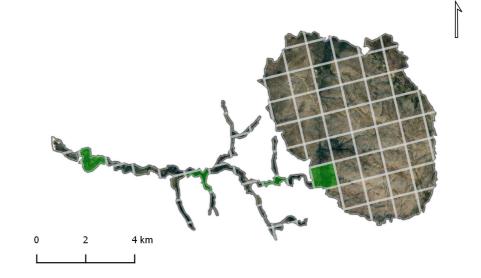
#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre geralmente em regiões montanhosas, junto a cursos de água límpidos de substrato pedregoso. Tem um voo rápido e direto. Nidifica em cavidades ou saliências de rochas próximas do nível da água. A alimentação consiste, exclusivamente, em macroinvertebrados aquáticos.



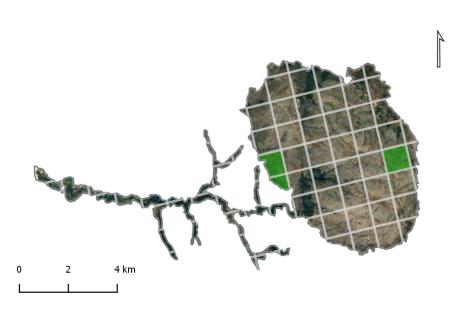
Fotografia: Stefan Berndtsson

Ocorre na Europa, Médio Oriente, Ásia Central e subcontinente indiano. Em Portugal continental é pouco comum, ocorrendo essencialmente nas terras altas do norte e centro. Residente. Na Serra d'Arga surge com alguma frequência ao longo do rio Âncora.





Águia que se especializou na captura de répteis, sua principal fonte de alimento.



Distribuição predominante paleártica. Ocorre como nidificante no noroeste de África, nos países mediterrânicos e no leste da Europa, estendendo-se pela Rússia europeia, Iraque, Irão, Cazaquistão até à Mongólia, Índia e arquipélago de Sonda. Em Portugal continental ocorre de norte a sul do país, geralmente em densidades bastante baixas, sendo mais comum no interior que no litoral. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga a sua presença foi registada em dois locais, nas vertentes de encosta da serra.

### ÁGUIA-COBREIRA

Nome científico: Circaetus gallicus

Ordem: ACCIPITRIFORMES
Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçada /

Anexo I da Directiva Aves

Águia de média dimensão (32-69 cm de comprimento, 162-178 cm de envergadura). Sexos semelhantes, embora a fêmea seja ligeiramente maior. Coloração bastante variável, desde quase totalmente branco a indivíduos com cabeça escura e asas sarapintadas. A maioria apresenta dorso, cabeça e parte superior do peito castanhos e parte inferior branca raiada de castanho. Olhos grandes de um amarelo intenso. Asas compridas e largas. Cauda quadrangular, estreita na base, branca e cruzada por três faixas escuras. O juvenil apresenta a parte superior do peito mais escura, com riscas mais escuras, e parte inferior mais sarapintada.

#### Habitat & Ecologia:

Tem preferência por terrenos florestais e matos, em áreas pouco habitadas, onde as manchas arborizadas alternam com espaços abertos. Nidifica em árvores. Plana lentamente e por vezes "peneira", com bater de asas lento quando caça.

1/1

# TARTARANHÃO-CAÇADOR

Família: ACCIPITRIDAE

Nome científico: Circus pygargus Ordem: ACCIPITRIFORMES

Estatuto conservação: Em Perigo / Anexo I da

ÁGUIA-CAÇADEIRA /

Directiva Aves

Rapina de tamanho médio (39-50 cm de comprimento, 96-116 cm de envergadura), sendo o macho mais pequeno que a fêmea. Dorso e asas de coloração cinzenta, com rémiges primárias pretas, rémiges secundárias orladas de preto e uropígio cinzento-esbranquiçado. Em voo são visíveis 4 "dedos". Cabeça e peito cinzentos, abdómen esbranquiçado, raiado de castanho e cauda cinzenta e comprida. Barra transversal preta nas asas. A fêmea, de coloração geral acastanhada, exibe plumagem fortemente listrada na zona ventral, e cauda com bandas bem definidas. Os juvenis são semelhantes às fêmeas, mas tem partes inferiores arruivadas, não raiadas.

Espécie estival, que ocorre em Portugal entre os meses de março/abril a agosto/ setembro.

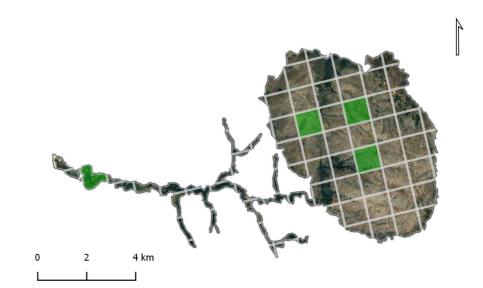
#### Habitat & Ecologia:

Habita zonas de matos, áreas agrícolas, pauis e zonas húmidas, em zonas de montanha. Nidifica no solo, em searas ou pousios altos, ou áreas de matos esparsos em montanha. Tem um voo pausado, rente ao solo, nas planícies e nos planaltos. Raramente vocaliza.



Fotografia: S. Tavares e D. Gomes

Reproduz-se na Eurásia e norte de África, desde a Península Ibérica e Marrocos até ao sul da Sibéria e Ásia norte-central. Inverna na África subsariana, principalmente no Sudão, Etiópia, no leste de África e no subcontinente indiano. Em Portugal continental ocorre como nidificante em grande parte do território nacional, em particular na metade este do país. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi registada a sua presença em áreas de planalto.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

### FUINHA-DOS-JUNCOS

Nome científico: Cisticola juncidis

Ordem: PASSERIFORMES
Família: CISTICOLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

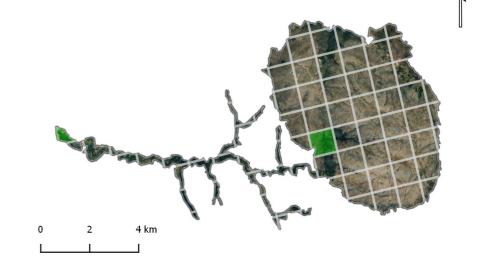
Passeriforme de pequenas dimensões (aproximadamente 10 cm comprimento). Sexos semelhantes. Partes superiores castanhas riscadas de preto. Cabeça bege, com riscas pretas na coroa. Bico fino e curto, castanho claro, e olhos envolvidos por uma tonalidade mais clara. Garganta esbranquiçada, partes inferiores beges e uropígio castanho-dourado. A cauda é curta e arredondada, castanha, com as pontas brancas e pretas, e muitas vezes aberta em leque.

A sua detetabilidade varia muito ao longo do ano, podendo ser difícil de detetar quando não canta. É mais facilmente identificável pelas vocalizações que emite enquanto executa os voos

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em habitats abertos, searas, pastagens de erva alta, charnecas e baldios. Pode ocorrer também em biótopos ripícolas. Pode ser encontrada com facilidade em terrenos abandonados em zonas fortemente humanizadas.

Espécie em expansão na Europa, mas rara no Norte, cujas populações são suscetíveis aos invernos rigorosos. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do país, sendo mais comum em zonas de baixa altitude, e rara acima dos 800 metros de altitude. Residente. Na Serra d'Arga apenas foi confirmada a sua presença em duas zonas.



## CUCO-RABILONGO

Nome científico: Clamator glandarius

Ordem: CUCULIFORMES
Família: CUCULIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável

Ave relativamente grande (38-40 cm de comprimento). Partes superiores cinzento-acastanhado, com pintas brancas nas asas e dorso. Partes inferiores de cor creme, na garganta, e branco, no peito e abdómem. Cabeça cinzenta com uma caraterística poupa. Cauda longa, castanho-escura, com orla branca e penas do uropígio orladas de branco. Bico preto, curto e encurvado, e patas pretas. Os juvenis são semelhantes ao adulto, mas com a cabeça preta, poupa mais curta e manchas arruivadas nas asas.

As fêmeas parasitam ninhos de corvídeos (pega-rabuda, gralha, corvo e pega-azul), usualmente com um ovo. Normalmente os ovos do hospedeiro não são retirados, mas como os seus ovos eclodem mais cedo, as suas crias dominam as crias do hospedeiro.

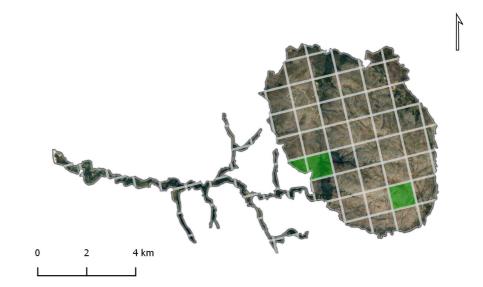
#### Habitat & Ecologia:

Prefere zonas de planície abertas, frequentando áreas de montado ou bosques esparsos e amplas áreas abertas com matos. Visitante estival, ocorre em Portugal normalmente entre fevereiro e julho.



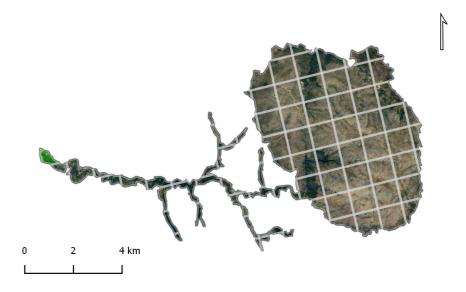
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribui-se pelo sul da Europa, Turquia, Iraque, Irão e Médio Oriente até ao Egipto e norte de África. Ocorre também na África subsariana. Inverna em África. Em Portugal continental ocorre de norte a sul, essencialmente na faixa mais interior do país. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi registado em três locais, sempre associado a zonas abertas com algumas árvores.





Fotografia: Stefan Berndtsson



Distribui-se por quase toda a Europa, pela Ásia, até à China e Japão, e ainda por certas zonas do norte de África. Em Portugal continental ocorre de norte a sul do país, com uma distribuição irregular e fragmentada. Residente. Na Serra d'Arga foi registada a sua presença apenas junto à foz do rio Âncora.

### **BICO-GROSSUDO**

Nome científico: Coccothraustes

coccothraustes

**Ordem:** PASSERIFORMES **Família:** FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Um dos maiores fringilídeos (aproximadamente 18 cm de comprimento). Sexos semelhantes, mas o macho tem cores mais intensas. Cabeça grande, com pescoço largo. Bico extremamente forte, adunco e triangular, cinzento na primavera e amarelado no inverno. Plumagem essencialmente castanha avelã, com o dorso castanho-escuro e um anel cinzento-claro no pescoço. As asas são preto-azuladas, com amplas barras brancas nas primárias, muito visível em voo. Garganta e loros pretos. Cauda curta, com a ponta e as infracaudais brancas. Os juvenis não têm a garganta preta e têm marcas nas partes inferiores

Na Europa tem-se observado um ligeiro aumento do efetivo populacional nos últimos anos. Nas florestas da Polónia, onde as densidades são maiores, podem atingir os 68 casais por quilómetro quadrado.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre normalmente nas copas de árvores de folha caduca, em florestas de quercíneas, galerias ripícolas, sebes e parques urbanos. No norte de Portugal é mais frequente em pomares, sebes ou bosques de árvores frondosas. O poderoso bico permite-lhe alimentar-se de um grande número de sementes, frutos e rebentos, incluindo pinhões, azeitonas e bolotas.

# POMBO-DAS-ROCHAS / POMBO-DOMÉSTICO

Nome científico: Columba livia
Ordem: COLUMBIFORMES
Família: COLUMBIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente

Pombo de tamanho médio (31-34 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem cinzenta, com o uropígio branco, contra-asa branca e duas barras alares escuras bem visíveis. Pescoço, nuca e parte superior do peito com um brilho metálico de cor verde e púrpura. Cauda cinzenta, com barra terminal preto-acastanhada. Juvenil semelhante ao adulto, mas de coloração mais baça. Entre as populações que subsistem em estado selvagem podem ocorrer indivíduos domesticados, com maiores variações de coloração.

Dada a semelhança entre o pombo-das-rochas (popula-ções selvagens) e o pombo-doméstico, os primeiros são identificados sobretudo pelo habitat onde se encontram e não tanto pela plumagem.

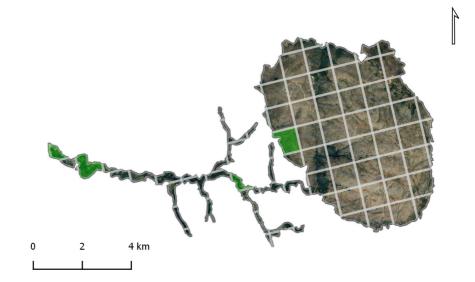
#### **Habitat & Ecologia:**

As populações que subsistem em estado selvagem ocorrem essencialmente em zonas rupícolas, costeiras ou interiores, com pouca perturbação humana, nidificando em escarpas inacessíveis na costa portuguesa e em vales alcantilados do interior. Os indivíduos domesticados podem nidificar em torres ou sótãos, nas cidades.



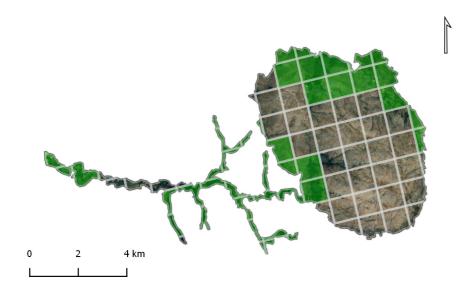
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Espécie cosmopolita, apenas ausente da Antártida. Em Portugal continental, a variedade doméstica é comum em todo o país e pode tornarse demasiado abundante. As populações selvagens estão confinadas a pequenos núcleos em zonas rochosas costeiras e de interior. Residente. Na Serra d'Arga registou-se no vale do rio Âncora e numa zona de encosta rochosa.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição alargada na Europa e Ásia. Em Portugal continental ocorre em todo o território, sendo mais comum como nidificante na região norte. Residente / Visitante. Na Serra d'Arga surge em diferentes biótipos, normalmente associado à presença de árvores, e ausente do planalto central.

### POMBO-TORCAZ

Nome científico: Columba palumbus

Ordem: COLUMBIFORMES
Família: COLUMBIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pombo de grandes dimensões (aproximadamente 40 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem cinzenta, incluindo a parte inferior das asas. Lados e partes de trás do pescoço verdes, com brilho metálico, e grande mancha branca dos dois lados do pescoço. Crescente branco nas asas, bem visível em voo. Cauda cinzenta, com banda terminal preta. O juvenil é semelhante ao adulto, mas com coloração mais baça e sem mancha branca no pescoço.

Presente em Portugal durante todo o ano, mas mais numerosos na estação fria, com a chegada de invernantes oriundos de diversos países europeus. Na primavera/verão é mais fácil de observar na metade norte do país, enquanto no outono/inverno ocorre em maiores concentrações no Alentejo.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde orlas de florestas, áreas agrícolas, cidades, vilas e aldeias. A utilização do habitat depende da geografia e da época do ano. Nidifica geralmente em áreas abertas associadas a sistemas intensivos de cultura, enquanto no inverno surge em grandes bandos associado a zonas de pinhal e montado.

### **CORVO**

Nome científico: Corvus corax Ordem: PASSERIFORMES Família: CORVIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado

Corvídeo grande (60-64 cm de comprimento, 120-150 de envergadura). Sexos semelhantes. Apresenta plumagem totalmente preta iridescente. Bico preto, grosso e robusto, e patas pretas. Cauda longa e em forma de cunha, visível em voo. Em voo, por vezes as rémiges primárias abrem-se parecendo "dedos". O juvenil é semelhante ao adulto, mas com plumagem mais baça.

Distingue-se da gralha-preta pelo maior tamanho, pela cauda cuneiforme (quadrada na gralha-preta) e pelo facto de planar, voando em círculos. A sua vocalização ("kro-kro") confirma a sua identificação (a gralha-preta assemelha-se a um "kraa-kraa-kraa").

### Habitat & Ecologia:

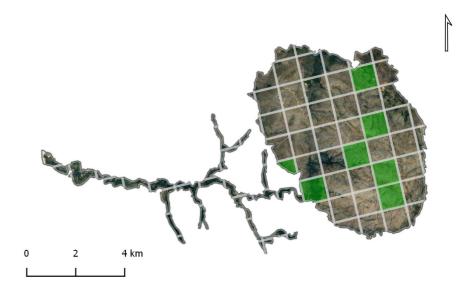
Ocorre em zonas pouco habitadas no interior do país, tanto em planície como em planalto ou em zonas montanhosas. Nidifica em escarpas, na costa ou no interior, e em árvores isoladas. Possui um voo acrobático, em círculos, elevando-se, planando e dando cambalhotas.

Pode ser encontrada desde

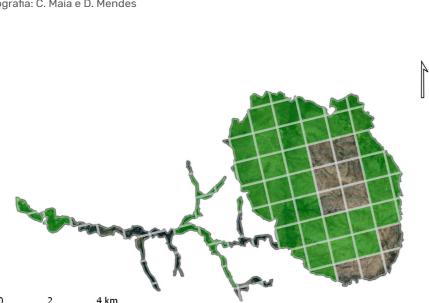


Fotografia: C. Maia e D. Mendes

o Ártico até aos desertos do norte de África, passando por algumas ilhas do Pacífico, Ásia Oriental e Central, América do Norte e Central. Em Portugal continental possui uma distribuição descontínua, sendo mais comum nas zonas remotas do interior ou zonas de costa mais escarpada. Residente. Na Serra d'Arga parece ser relativamente comum, estando presente em grande parte das zonas altas e de encosta, particularmente na vertente sul da serra.



187



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre na Europa Ocidental e Central, e na Ásia Oriental. Em Portugal continental está presente em praticamente todo o território, com exceção de algumas regiões do Baixo-Alentejo e do Algarve. Residente. Na Serra d'Arga surge com muita frequência, associada a uma grande diversidade de biótopos.

### **GRALHA-PRETA**

Nome científico: Corvus corone Ordem: PASSERIFORMES

Família: CORVIDAE

**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

Corvídeo de menores dimensões que o corvo (45-47 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Apresenta plumagem totalmente preta, com bico preto e forte, patas pretas ou por vezes acinzentadas e cauda quadrada. O juvenil é semelhante ao adulto, embora com plumagem de coloração geral mais baça.

Espécie oportunista, ocorre com frequência ao longo das estradas. A separação entre as populações da Europa Ocidental e da Ásia Oriental acredita-se que ocorreu durante a última era glacial.

### Habitat & Ecologia:

Espécie eclética, ocorre numa grande variedade de habitats, com preferência por áreas florestais e áreas agrícolas. Nidifica em árvores, designadamente, eucaliptos, carvalhos e pinheiros.

### CODORNIZ

Nome científico: Coturnix coturnix

Ordem: GALLIFORMES
Família: PHASIANIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Galiforme pequeno e compacto (cerca de 17 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Coloração acastanhada, com listas claras e marcas castanho-escuras no dorso e flancos. Peito ruivo-amarelado e abdómen esbranquiçado. O macho apresenta um padrão facial característico: listra supraciliar creme, listra castanho-escura nas faces e centro da garganta escuro. Na fêmea o padrão facial não é tão marcado e não possui centro da garganta escuro. Os juvenis não possuem o padrão de listas da cabeça, os flancos são malhados e com barras não riscados.

Esta espécie passa muitas vezes despercebida, devido ao seu mimetismo. Muitas vezes a sua presença é denunciada pelo seu canto trissilábico muito característico.

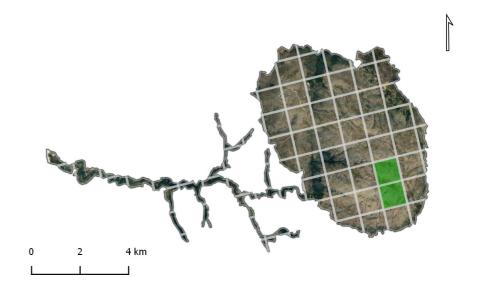
#### Habitat & Ecologia:

Ocorre essencialmente em paisagens abertas, como campos cerealíferos, pastagens e incultos, em planícies aluviais, sendo mais comum em zonas de baixa altitude. Em dezembro muitas das aves residentes estão já acasaladas, embora as posturas só tenham início em março. Os ninhos são construídos no solo.



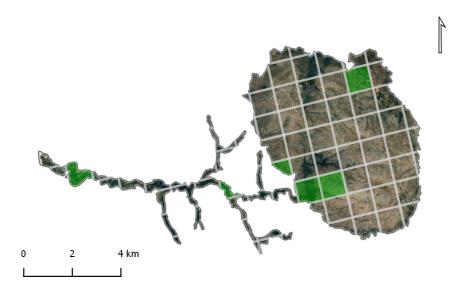
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Com distribuição na Europa, Ásia e África, está presente em toda a Europa como nidificante. Em Portugal continental ocorre por quase todo o território, existindo populações residentes, sobretudo no sul, e migradoras, principalmente entre março e outubro. Migrador Reprodutor / Visitante / Residente. Na Serra d'Arga parece ocorrer ocasionalmente, associada a pastagens e incultos, na vertente sul da serra.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Reproduz-se na Europa e Ásia e inverna em África. Em Portugal continental distribui-se por todo o território, escasseando nas zonas de maior altitude e em áreas urbanas. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga apresenta uma distribuição pouco uniforme, tendo sido registado quer nas zonas serranas quer no vale do rio Âncora.

### CUCO

Nome científico: Cuculus canorus

Ordem: CUCULIFORMES
Família: CUCULIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Ave de tamanho médio (32-34 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora a fêmea possa apresentar alguma coloração acastanhada ou, muito raramente, arruivada (designada de fase "hepática"). A coloração dorsal é cinzenta com as asas e a cauda mais escuras e a coloração ventral esbranquiçada, com barras pretas ou castanhas, que formam um padrão de riscas transversais. A cauda é comprida, escura, com pontas e manchas brancas. Olho e anel orbital amarelado. O juvenil é semelhante à fêmea, mas com garganta listrada e nuca branca.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre em zonas florestadas, galerias ripícolas, imediações de pauis, montados, bosques, e evita zonas de altitude, matos densos e zonas fortemente urbanizadas. Em voo assemelha-se ao gavião, mas mantém as asas muito mais baixas.

Espécie difícil de observar, sendo mais facilmente detetada pelo seu canto característico, que originou o seu nome científico e comum. Nome científico: Cyanistes caeruleus

Ordem: PASSERIFORMES

Família: PARIDAE

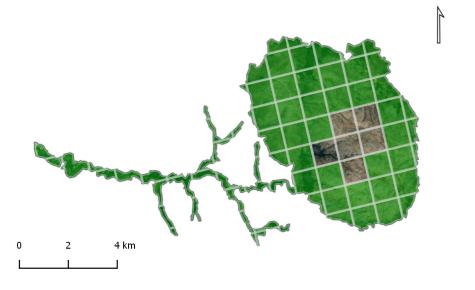
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Chapim pequeno (aproximadamente 11 cm comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça com coroa azul-vivo, faces brancas, listra ocular e colar pretos. Coloração dorsal azul, com laivos amarelados, asas e cauda azuis, com uma faixa branca nas asas. Coloração ventral amarelada, com uma risca escura, de tamanho variável, descendo pelo abdómen. O juvenil é semelhante ao adulto, mas com coloração mais baça.

O mais abundante dos chapins, o seu canto faz-se ouvir desde meados de novembro a finais de junho.

### **Habitat & Ecologia:**

Espécie florestal generalista, ocorre em florestas mistas, montados, parques e jardins. Bastante frenético, de movimentos rápidos por entre os ramos das árvores. Nidifica em buracos nas árvores, muros, pontes e edifícios.



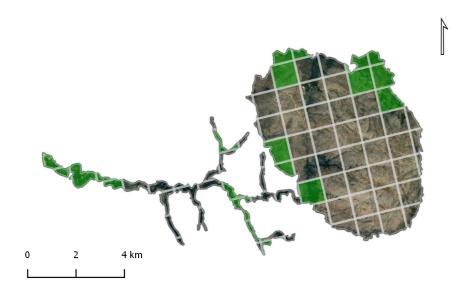
Distribuição paleártica ocidental, desde áreas temperadas a subárticas da Europa e Ásia. Em Portugal continental é comum de norte a sul do país. Residente. Na Serra d'Arga está presente em praticamente todos os biótopos, exceto algumas zonas de maior altitude onde a vegetação arbórea é mais escassa.







Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Espécie estival na Europa (exceto Islândia), norte de África e regiões temperadas da Ásia, e invernante na África subsariana e Ásia tropical. Em Portugal continental ocorre de norte a sul do país, durante a primavera e verão. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga é comum, particularmente em locais associados áreas humanizadas.

### ANDORINHA-DOS-BEIRAIS

Nome científico: Delichon urbicum

Ordem: PASSERIFORMES
Família: HIRUNDINIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Andorinha de tamanho médio (aproximadamente 14 cm de comprimento, 26-29 cm de envergadura). Sexos semelhantes. Coloração dorsal preto-azulado, com uropígio branco, vistoso, e zona ventral branca. Cabeça e faces preto-azulado, com bico fino e bastante curto. Cauda pequena moderadamente bifurcada, de coloração preto-azulado. O juvenil é idêntico ao adulto, mas menos brilhante na zona dorsal e as rémiges são orladas de branco.

Alguns exemplares invernam entre nós, sobretudo no sul e junto a zonas húmidas perto do litoral.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre junto a zonas urbanas, perto das habitações, de propriedades rurais ou cidades, ou junto a linhas de água e albufeiras. Nidifica quase exclusivamente em construções, particularmente em beirais de casas. Pode concentrar-se em bandos de grande dimensão, sobretudo no final do verão antes de iniciar a migração.

### PICA-PAU-MALHADO / PICA-PAU-MALHADO-GRANDE

Nome científico: Dendrocopos major

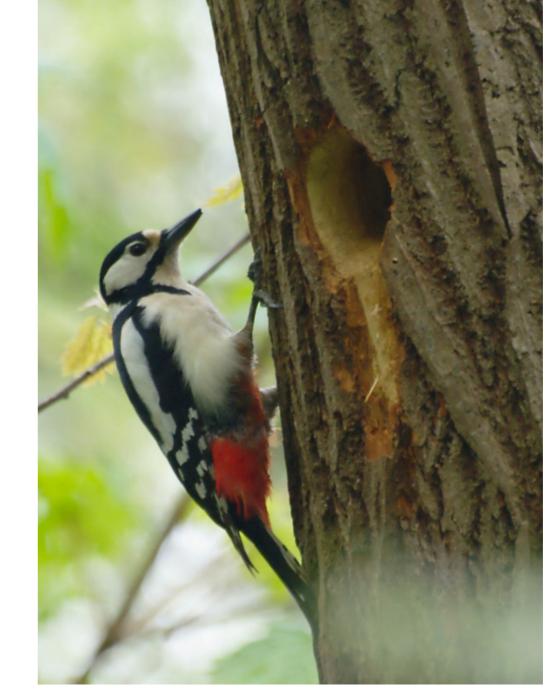
Ordem: PICIFORMES Família: PICIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Ave com cerca de 23 cm de comprimento. O macho tem as partes superiores pretas, com grandes manchas brancas na parte superior da asa e barras brancas nas rémiges primárias e secundárias. A coroa é preta com uma mancha vermelha na nuca e bege ou branco-sujo na frente. Faces brancas e bigode preto. As partes inferiores são esbranquiçadas, com vermelho-vivo na zona cloacal. A cauda é preta, com a plumagem exterior branca com pintas pretas. A fêmea é semelhante ao macho, mas não tem a mancha vermelha da nuca. Os juvenis têm uma grande coroa vermelha.

#### Habitat & Ecologia:

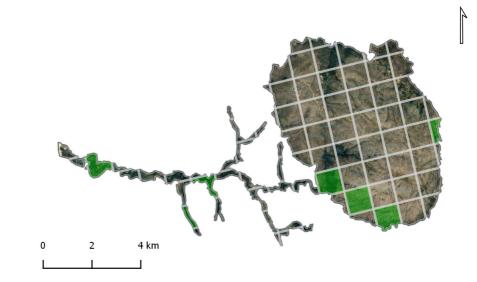
Frequenta zonas florestais e agroflorestais bem desenvolvidas, com preferência por carvalhais, pinhais, sobreirais e azinhais. É raro ou ausente em planícies desarborizadas e em zonas montanhosas acima dos 1000 metros. Nidifica em buracos escavados em árvores ou em postes telefónicos de madeira. Devido aos seus hábitos florestais, pode ser difícil de observar. O primeiro sinal da sua presença é muitas vezes dado pelo seu chamamento áspero ou pelo tamborilar na madeira, que é audível a grandes distâncias.



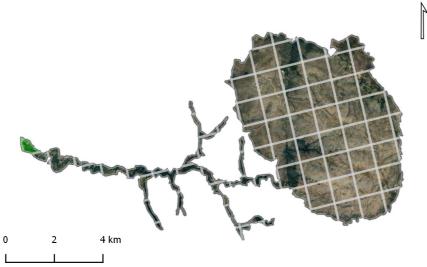
DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA ATLAS DA FAUNA - AVES

Fotografia: Stefan Berndtsson

Ocorre por toda a Europa e norte da Ásia. Normalmente residente durante todo o ano, exceto nas áreas mais frias da sua área de distribuição. Em Portugal continental distribui-se por todo o território. Residente. Na Serra d'Arga não parece ser muito abundante, sendo possível de observar em algumas matas.







Ocorre na Europa, sudeste Asiático, África e Austrália. Na Europa apresenta distribuição circum-mediterrânea, com as populações mais abundantes em Itália. Em Portugal continental tem uma distribuição alargada, mais abundante no litoral, especialmente na metade sul do território, sendo relativamente rara no interior norte. Residente. Na Serra d'Arga surge normalmente no estuário do rio Âncora.

## GARÇA-BRANCA

Nome científico: Egretta garzetta
Ordem: PELECANIFORMES

Família: ARDEIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Garça de tamanho médio (55-65 cm de altura). Sexos semelhantes. Silhueta esguia, pescoço longo em forma de S, que encolhe quando voa. Plumagem totalmente branca, notando-se por vezes algumas plumas compridas na parte posterior da cabeça, que podem erguer-se numa poupa quando em exibição. Bico pontiagudo e patas pretos, com dedos amarelos. Juvenis semelhantes, mas sem poupa.

Na época de nidificação formam casais monogâmicos, no entanto não reconhece o parceiro fora dos locais de nidificação.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie associada a zonas húmidas, orla costeira, estuários, lagoas e cursos de água. Prefere águas pouco profundas, com pouca vegetação e com flutuações diárias e sazonais do nível da água, onde encontra alimento. Nidifica colonialmente, por vezes com outras espécies.

### CIA

Nome científico: Emberiza cia
Ordem: PASSERIFORMES
Família: EMBERIZIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

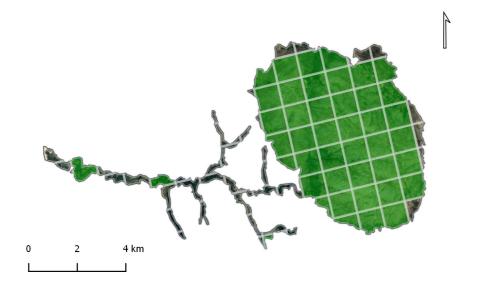
Passeriforme de tamanho médio (cerca de 16 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora a fêmea seja menos contrastante. Cabeça acinzentada, com padrão característico: listra preta na coroa e através do olho e bigode preto, que se une à faixa preta que contorna as faces. A zona dorsal é acastanhada listrada de preto, com o uropígio arruivado. Garganta e parte superior do peito cinzenta e partes inferiores castanho-avermelhado. Cauda castanho-escura com retrizes externas brancas. O juvenil não apresenta cabeça e garganta cinzenta.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em afloramentos rochosos, zonas serranas ou vales escarpados e matos. Canta enquanto voa alvoraçada, com a cauda aberta mostrando as penas brancas.

Nidifica no chão ou a baixa altura. O ninho tem o formato de uma taça, feita de ervas, com musgo e cascas de árvores, revestido com radiculas e pelo.

Distribui-se pelos países mais mediterrânicos da Europa, Médio Oriente, Paquistão, Tajiquistão, Cazaquistão e norte de África. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do território, sendo mais comum na metade norte e nas zonas serranas algarvias. Residente. Na Serra d'Arga é uma espécie comum, estando presente em praticamente toda a área serrana.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes





Nome científico: Emberiza cirlus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: EMBERIZIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

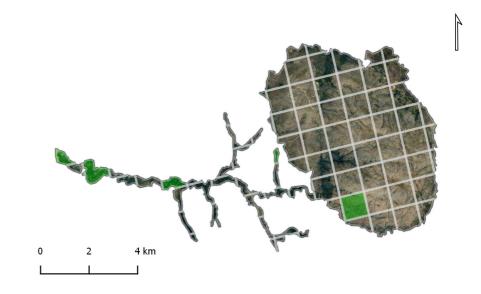
Passeriforme de tamanho médio (cerca de 16 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora a fêmea com coloração mais baça e sem padrão contrastante da cabeça. Macho tem coroa cinzenta raiada, listra supraciliar amarela, risca preta atravessando o olho, faces amarelas orladas de preto e garganta preta. A zona dorsal é vermelho-acastanhada, com uropígio cinzento-esverdeado. A zona ventral é amarelada, peito verde-acinzentado com uma risca amarela e flancos arruivados. As fêmeas têm a garganta clara e o peito estriado. O juvenil é semelhante à fêmea, mas menos amarelado.

#### **Habitat & Ecologia:**

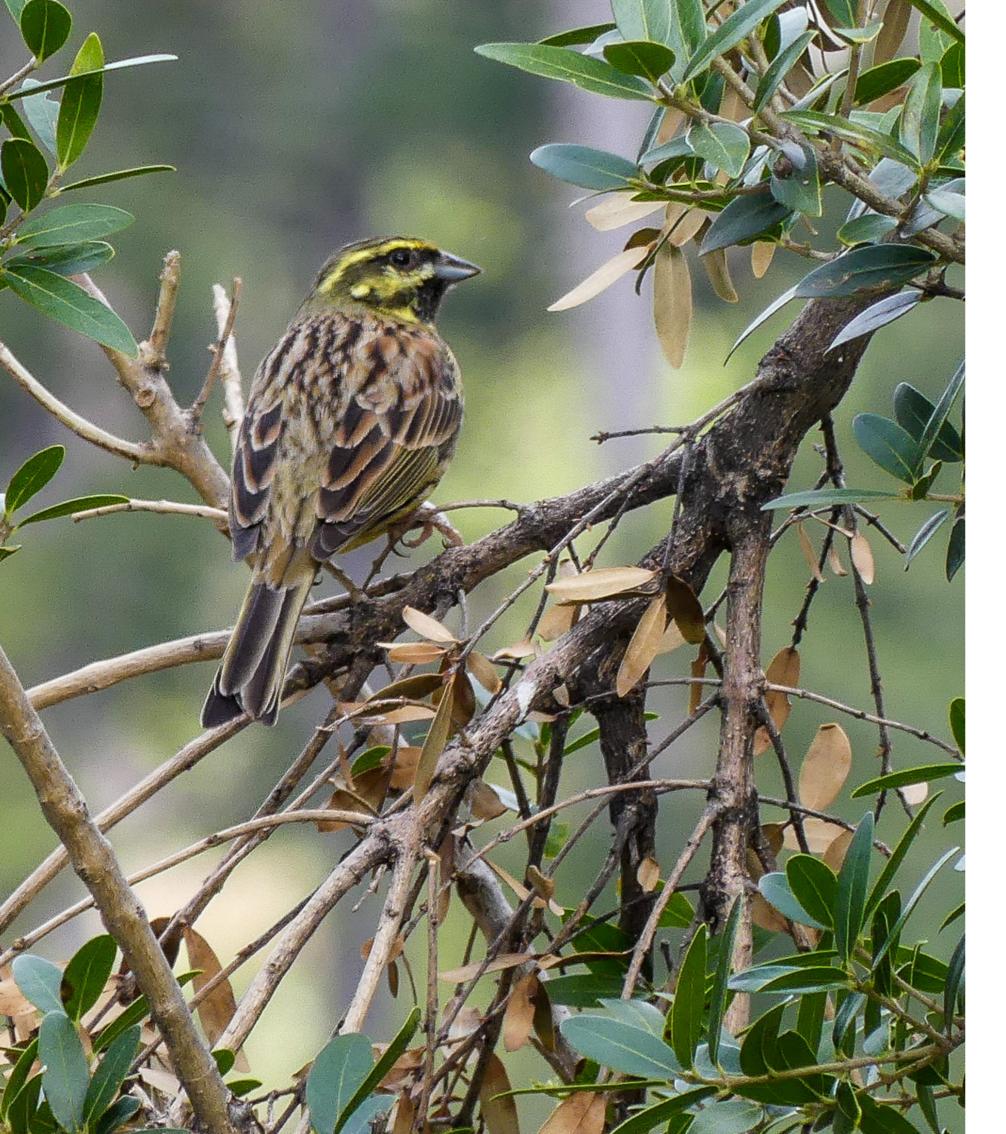
Ocorre sobretudo nas imediações de terrenos arborizados, matas pouco densas, matos esparsos e paisagens agrícolas em mosaico. Na época de nidificação observam-se voando aos pares.

203

Distribui-se pelo sul da Europa, desde Portugal à Turquia, ocorrendo também no extremo sul de Inglaterra e no norte de África. Em Portugal continental distribui-se por todo o território, sendo mais abundante no norte e centro. Residente. Na Serra d'Arga surge normalmente associada a mosaicos agrícolas, particularmente no troço terminal do rio Âncora.



Fotografia: Mike Prince



### PISCO-DE-PEITO-RUIVO

Nome científico: Erithacus rubecula

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

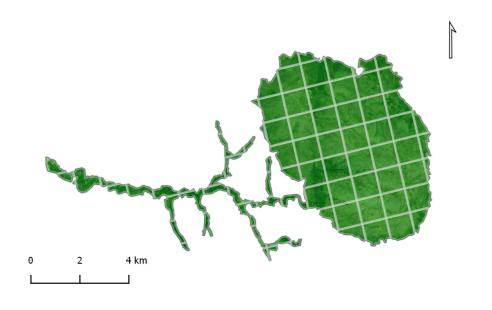
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Passeriforme de tamanho médio (aproximadamente 14 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça grande, bico fino e olhos grandes, escuros. Coloração dorsal, pescoço e coroa acastanhados. Testa, face e peito ruivo-alaranjado, orlados de castanho-acinzentado. Coloração ventral e flancos branco-acinzentado. O juvenil é castanho no dorso, com o peito e a face castanho pintalgado.

#### **Habitat & Ecologia:**

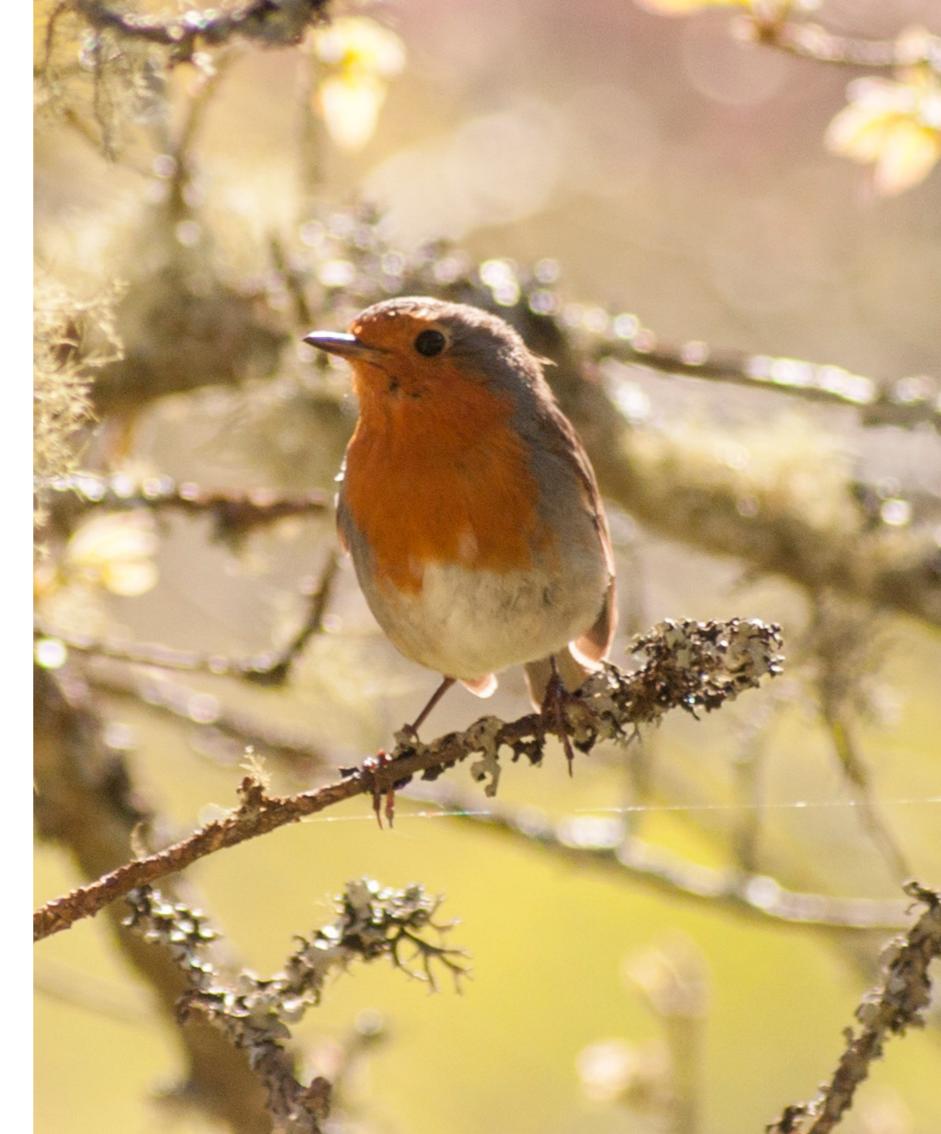
Ocorre numa vasta variedade de habitats com substrato arbóreo e arbustivo, como bosques, matos, galerias ripícolas, mas também em meios antrópicos, como parques ou jardins de cidades. Nidifica em cepos de árvores, cavidades num barranco, entre raízes e arbustos baixos.

Canta em qualquer época do ano, muitas vezes depois do crepúsculo e antes da madrugada.



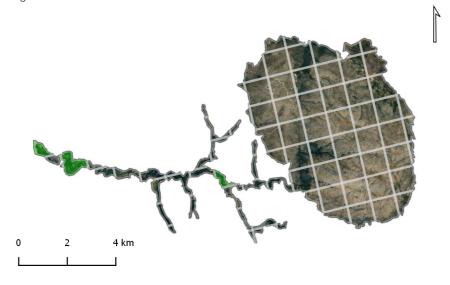
Com distribuição no Paleártico Ocidental, surge em toda a Europa, incluindo os arquipélagos da Macaronésia. Ausente da Islândia. Em Portugal continental distribuise por todo o território, sendo mais abundante no norte e centro durante a época de reprodução (primavera/verão), e abundante em todo o país no inverno. Residente / Visitante. Na Serra d'Arga é uma espécie comum, estando presente em toda a área.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes









Originária do continente africano, foi introduzida em vários países, incluindo Península Ibérica. Em Portugal continental surge em todo o território, sendo mais abundante no sul e mais comum no litoral. Não Indígena, com reprodução confirmada. Na Serra d'Arga a sua presença foi registada em apenas três locais, associados à galeria ripícola do rio Âncora.

### BICO-DE-LACRE

Nome científico: Estrilda astrild Ordem: PASSERIFORMES Família: ESTRILDIDAE

Estatuto conservação: Não Aplicável

Pequeno passeriforme (aproximadamente 11 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça pequena, bico curto e cónico, de cor vermelho-lacre caraterístico, e máscara facial, que se estende para trás do olho, de tom vermelho vivo. Coroa, dorso e asas castanho-acinzentado, garganta esbranquiçada e zona ventral castanho mais pálido, com tons rosados. Cauda comprida, com zona da cloaca e retrizes escuras. Os juvenis possuem o bico preto e protuberâncias brancas na base do bico, que desaparecem quando estes deixam o ninho.

### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande variedade de habitats, surgindo normalmente associado a zonas húmidas e linhas de água com vegetação densa, como caniçais e silvados, em zonas de baixa altitude. Foi introduzido em Portugal por volta de 1964, tendo-se expandido rapidamente pelo território nacional. Atualmente está distribuída de uma forma quase contínua ao longo de toda a costa portuguesa, onde é relativamente comum, continuando em processo de expansão.

### FALCÃO-PEREGRINO

Nome científico: Falco peregrinus

Ordem: FALCONIFORMES
Família: FALCONIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável / Anexo I da

Directiva Aves

O maior falcão que ocorre em Portugal (40-50 cm comprimento, 90-115 cm de envergadura), sendo a fêmea mais corpulenta que o macho. Pescoço curto e cabeça arredondada com grandes olhos negros. Cauda relativamente curta e asas longas e pontiagudas. Plumagem das partes superiores cinzento-azulado, e das partes inferiores esbranquiçada, com finas linhas horizontais escuras. Cabeça cinzento-escura, com bigode preto largo e nítido. O juvenil possui tons cinzento-acastanhado e não possui as barras transversais finas no abdómen.

É considerado o animal mais rápido do planeta, o seu voo picado permite-lhe atingir velocidades superiores a 200 Km/h, tendo sido calculadas velocidades máximas instantâneas de 350 km/h.

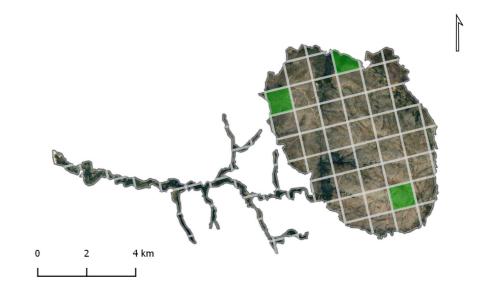
#### Habitat & Ecologia:

Prefere zonas rochosas, nidificando em escarpas, quer costeiras quer de serras, e vales fluviais. No outono e inverno também pode ser observado a caçar em meio urbano ou em zonas húmidas costeiras. Possui hábitos diurnos, apesar de por vezes também apresentar atividade noturna. Alimenta-se quase exclusivamente de outras aves, que alcança facilmente no voo (ornitófago).



Fotografia: Stefan Berndtsson

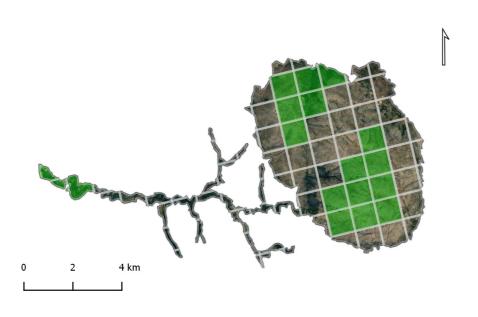
Espécie de distribuição quase mundial (só não ocorre na Antártida). Nidifica na maioria dos países europeus. Em Portugal continental tem uma distribuição bastante alargada, embora dispersa, que compreende grande parte da região norte, a parte central da região centro e as arribas marinhas do centro e sul. Residente. Na Serra d'Arga a sua presença foi registada pontualmente, em zonas de montanha.





Fotografia: S. Tavares e D. Gomes

210



Espécie com ampla distribuição na Europa e em grande parte de África e Ásia. Em Portugal continental é uma espécie comum, sendo mais abundante em zonas agrícolas e nas imediações de aglomerados urbanos. Residente. Na Serra d'Arga parece ser relativamente comum, tendo sido registada a sua presença em diferentes áreas da serra, bem como na parte final do vale do rio Âncora.

### **PENEIREIRO**

Nome científico: Falco tinnunculus

Ordem: FALCONIFORMES
Família: FALCONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno falcão (31-37 cm comprimento, 68-78 cm de envergadura). Dimorfismo sexual. O macho tem o dorso e o manto de cor castanho-avermelhado sarapintados de preto e as rémiges primárias e secundárias pretas. Cabeça e nuca cinzento-azulado, com listra preta abaixo do olho e garganta esbranquiçada. Zona ventral bege, raiada de castanho. Cauda comprida e cinzenta, com uma barra preta terminal. Na fêmea o dorso é castanho com riscas pretas bem marcadas e rémiges primárias pretas. A cauda é castanha com riscas pretas e barra preta na ponta. O juvenil é semelhante à fêmea, mas com zona ventral fortemente listrada.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre em todo o tipo de habitats, muitas vezes associado ao homem. Evita florestas densas. Surge normalmente em campos abertos e de cultivo e zonas de bosque. Nidifica em árvores, em ninhos de outras espécies e edifícios.

Facilmente reconhecível pela sua capacidade de pairar (peneirar) no ar, a baixa altitude, enquanto procura as suas presas.

### 21

### PAPA-MOSCAS-PRETO

Nome científico: Ficedula hypoleuca

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

Estatuto conservação: Não avaliado

Passeriforme de pequeno tamanho (aproximadamente 13 cm de comprimento). Ocorre em Portugal em migração, com plumagem de inverno, semelhante no macho e fêmea. Nesta fase possui parte superior do corpo acastanhada, apenas com uma pequena área branca nas asas. A plumagem nupcial é mais vistosa, o macho apresenta zona dorsal e nuca preta, cauda preta, asas pretas com mancha branca nas primárias, testa, peito e garganta brancos, e zona ventral esbranquiçada. Na fêmea as partes superiores são acastanhadas e não possui testa branca. O juvenil é idêntico ao adulto não-reprodutor, embora apresente pequenas manchas acastanhadas na coroa, dorso e peito.

É uma ave comum no nosso território, por um curto período de tempo. Fica em Portugal nos meses de agosto e novembro, antes de iniciar o seu voo transariano.

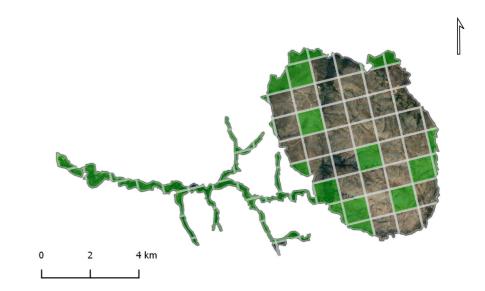
### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre sobretudo em florestas abertas, caducifólias ou mistas, orlas de bosques, parques, pomares e jardins. Presente durante os períodos migratórios, sendo particularmente comum na passagem outonal (agosto a novembro).



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Nidifica na maior parte dos países do norte e leste da Europa e sudoeste da Ásia. Inverna em África. Em Portugal continental ocorre em todo o território como migrador de passagem, sendo mais frequentemente observado junto ao litoral. Visitante. Na Serra d'Arga é uma espécie relativamente comum durante a migração outonal, estando bem distribuída praticamente em todos os biótopos com





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

### TENTILHÃO

Nome científico: Fringilla coelebs

Ordem: PASSERIFORMES
Família: FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

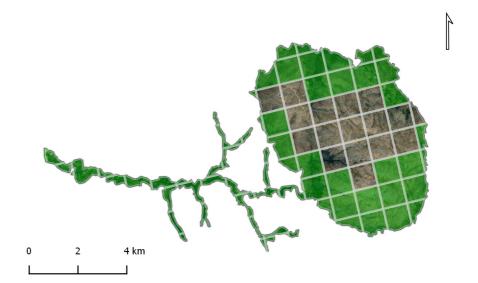
Fringilídeo de tamanho médio (cerca de 15 cm de comprimento). Dimorfismo sexual, sendo o macho mais vistoso. O macho exibe um típico barrete cinzento-azulado, que se estende pela nuca até ao dorso. Faces cor de tijolo e peito castanho-avermelhado. Asas e cauda com padrão preto e branco, bastante contrastantes. A fêmea é menos vistosa, apresentando os mesmos padrões nas asas, com o resto do corpo cinzento-acastanhado, mais claro na parte ventral. O juvenil é semelhante à fêmea.

#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande diversidade de habitats florestais, agroflorestais e agrícolas, sendo mais comum em florestas e montados, incluindo pomares, vinhas, matas ripícolas, terrenos lavrados e pousios. A época de reprodução tem início na primeira metade de fevereiro e prolonga-se até ao início do verão.

É possível observá-lo durante todo o ano, sendo mais comum no outono/inverno, com a chegada de invernantes.

Com distribuição por todo o Paleártico Ocidental. A população da Europa Ocidental é residente. Em Portugal continental possui uma distribuição ampla no território, sendo particularmente abundante em alguns locais da metade sul. Residente. Na Serra d'Arga é uma espécie comum, ocorrendo em diferentes tipos de biótopos, desde áreas florestais, galerias ripícolas a terrenos lavrados e pousios.



## COTOVIA-DE-POUPA

Nome científico: Galerida cristata

Ordem: PASSERIFORMES
Família: ALAUDIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Passeriforme de tamanho médio (16-20 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui uma poupa caraterística, saliente, raiada de castanho. A plumagem é igualmente raiada de castanho. A zona ventral é bege com o peito raiado de castanho e parte inferior das asas arruivada. A cauda é curta preto-acastanhada e com as retrizes externas de cor bege. Face bege com duas riscas escuras de cada lado, bico comprido e encurvado. Os juvenis têm a poupa reduzida e marcas brancas na coroa e dorso.

A distinção com a sua congénere cotovia montesina (*G. theklae*) faz-se sobretudo com base na plumagem mais clara, no bico com a mandíbula inferior reta, na contra-asa bege e no canto menos variado.

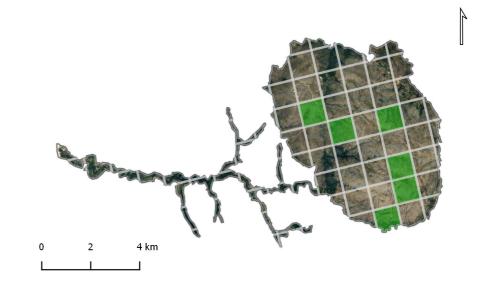
### Habitat & Ecologia:

Ocorre sobretudo em zonas de planícies abertas, terrenos lavrados ou incultos, encostas nuas e rochosas e dunas. A época de reprodução vai de março a junho.



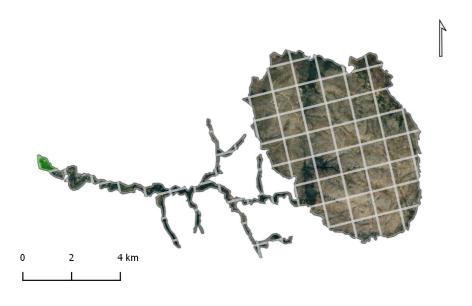
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Com distribuição na Europa, África e Ásia. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do país, sendo relativamente frequente nas terras baixas do litoral oeste. Residente. Na Serra d'Arga surge normalmente na zona montanhosa, sempre associada aos habitats abertos.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição alargada na Europa, Ásia, África e América, nas zonas temperadas e tropicais, ocorrendo regularmente em ilhas oceânicas. Em Portugal continental é comum, podendo ser localmente abundante junto a alguns sistemas lagunares. No inverno há um aumento de efetivos com a chegada de invernantes do norte da Europa. Residente. Na Serra d'Arga foi detetada no troço final e estuário do rio Âncora.

## GALINHA-D'ÁGUA

Nome científico: Gallinula chloropus

Ordem: GRUIFORMES
Família: RALLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Ave aquática de tamanho médio (32-35 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora o macho seja maior que a fêmea. Plumagem negra com faixas brancas nos flancos, cauda relativamente comprida, fronte e bico vermelho com ponta amarela e patas claras, amareladas. Os juvenis são todos castanhos com risca branca no flanco e a parte de baixo da cauda branca, escudo facial e bico verde-acastanhado e pernas e patas verde azeitona. Os implumes são penugentos e pretos, com a pele da cabeça e bico vermelhos.

Apresenta algumas adaptações ao meio aquático, tais como os dedos bastante compridos que lhe permite caminhar sobre a vegetação flutuante.

## Habitat & Ecologia:

Pode ser observada tanto em lagoas e albufeiras de grande dimensão, como em lagos em parques e jardins de zonas urbanizadas. Em zonas com grandes extensões de água prefere manter-se nas margens. Gosta de matas à beira da água, onde trepa e empoleira-se nas árvores. Pode ser observada em alguns estuários e zonas de águas salobras. Omnívora, sendo sua dieta baseada essencialmente em invertebrados aquáticos e partes de plantas aquáticas.

Ordem: PASSERIFORMES
Família: CORVIDAE

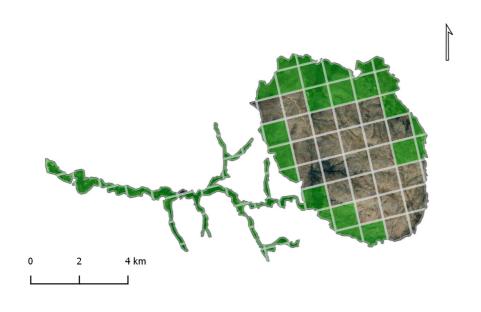
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Passeriforme grande (aproximadamente 35 cm de comprimento). Sem dimorfismo sexual. Coroa acinzentada raiada de preto com as penas frequentemente erguidas. Bigode largo e preto, garganta esbranquiçada. Zona dorsal rosa-acastanhado, uropígio branco e cauda preta. Coberturas alares azuis com barras negras e mancha branca nas rémiges secundárias. Partes inferiores bege-rosado. O juvenil é semelhante ao adulto, mas com plumagem mais avermelhada e coroa menos riscada.

## Habitat & Ecologia:

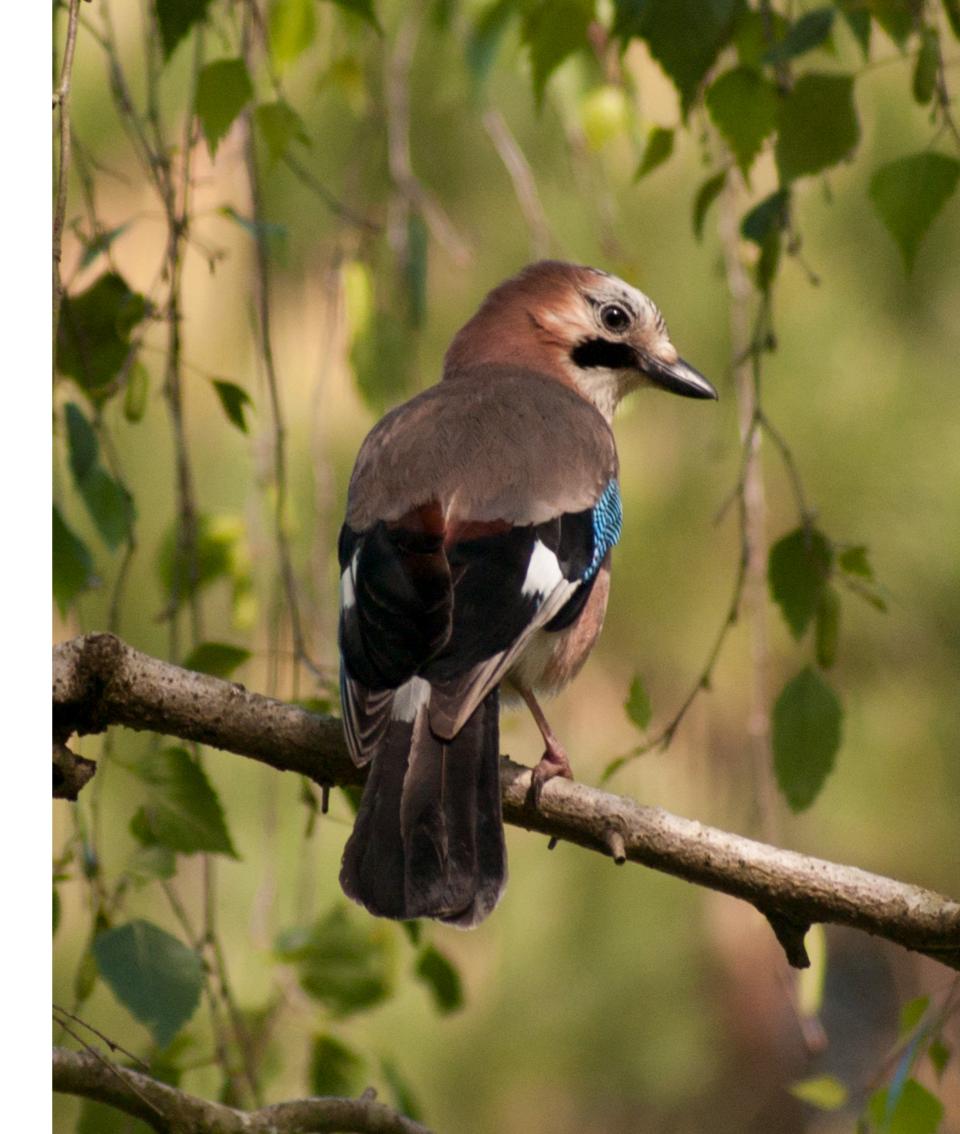
Ocorre frequentemente em pinhais, carvalhais, soutos, montados, matas mistas de folhosas e de resinosas, plantações florestais, pomares e parques. Omnívoro, consome invertebrados, nomeadamente escaravelhos e lagartas, sementes, frutos e bolotas.

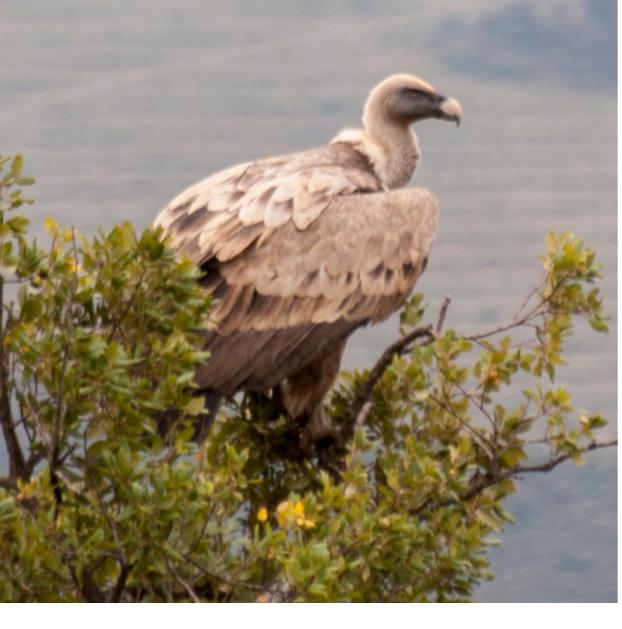
É uma espécie com grande capacidade de reproduzir outros sons, sendo conhecido como imitador.



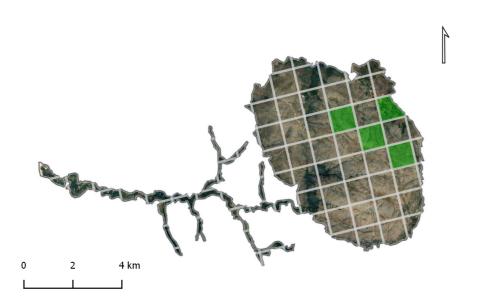
Distribui-se pela Europa
Ocidental e noroeste de África
até ao subcontinente indiano e
sudeste asiático. É uma espécie residente em toda a área
de distribuição. Em Portugal
continental tem uma ampla
distribuição, podendo ocorrer em todo o país. Na Serra
d'Arga é muito abundante, em
todos os biótopos arborizados.
Ausente nas zonas de maior
altitude.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição maioritariamente mediterrânica, tem na Europa uma área de nidificação pouco alargada, sendo mais abundante na Península Ibérica. Nidifica ainda na região montanhosa de Marrocos, Península Arábica, Turquia e Cáucaso. Em Portugal continental é pouco comum e possui uma distribuição assimétrica no território. Mais comum no interior, nidificando nas zonas escarpadas, especialmente nos vales do Alto Douro, onde é mais abundante. Residente. Fora da época de reprodução efetua movimentos amplos, surgindo noutras zonas. Na Serra d'Arga é visitante frequente, sendo muitas vezes observados bandos em voo sobre a montanha, na procura de alimento.

## **GRIFO**

Nome científico: Gyps fulvus
Ordem: ACCIPITRIFORMES
Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado /

Anexo I da Directiva Aves

Abutre muito grande (95-110 de comprimento, 230-265 de envergadura), maior que as águias. Plumagem acastanhada, com tonalidades castanho-creme nas coberturas, cabeça e pescoço cobertos de penugem branca com uma gola na base do pescoço. Cauda curta e quadrada, bico amarelado, pernas e pés cinzentos. Paira frequentemente no ar com as asas planas e extremidade revirada para cima, formando os característicos "dedos" das asas.

Em voo aproveitam as correntes térmicas ascendentes, para conseguirem subir, batendo as asas com pouco frequência.

## Habitat & Ecologia:

Ocorre regularmente junto a vales fluviais encaixados, nidificando em escarpas. Percorre grandes distâncias, podendo ser observado em busca de alimento em áreas abertas de matos ou prados. Alimenta-se quase exclusivamente de carniça, passando longo tempo a pairar alto no céu à procura de cadáveres.

## **OSTRACEIRO**

Nome científico: Haematopus ostralegus

Ordem: CHARADRIIFORMES
Família: HAEMATOPODIDAE

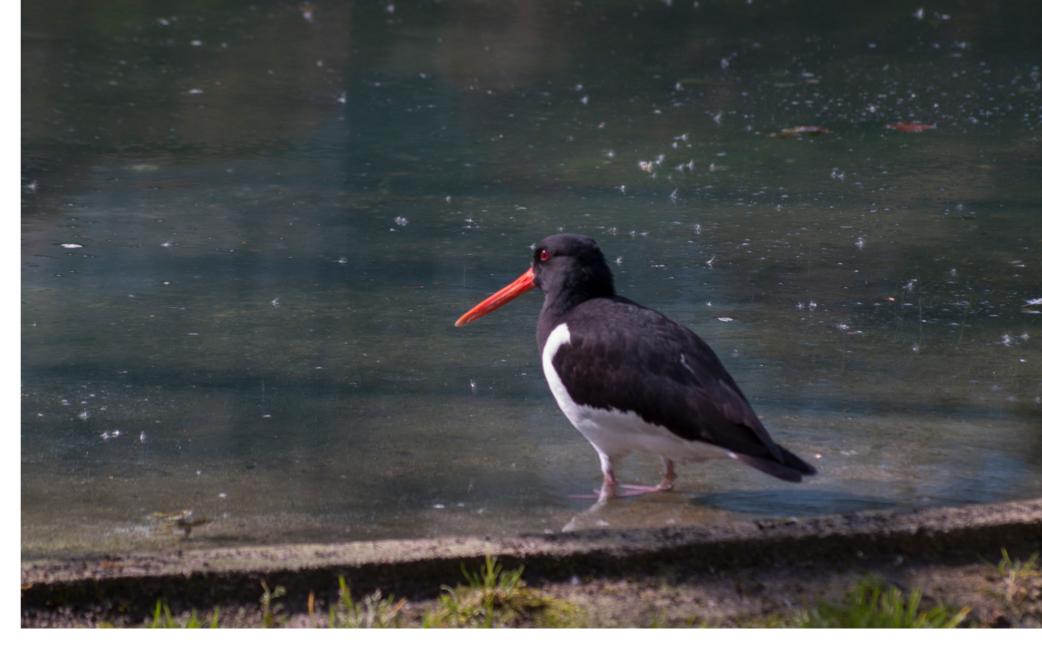
**Estatuto conservação:** Regionalmente extinto (nidificante) / Quase ameaçado (invernante)

Ave costeira relativamente grande (40-45 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça, nuca, garganta e partes superiores pretas. Asas pretas com barras brancas. Partes inferiores e uropígio brancos e cauda branca com uma faixa larga preta na extremidade. Bico, pernas e olhos laranja a vermelho intenso. Fora da época de nidificação possui uma barra branca na garganta. Os juvenis são iguais aos adultos fora da época de nidificação.

Na primeira metade do século XX a espécie nidificava em Portugal, pelo menos no estuário do Sado. Embora não se conhecessem especificamente os motivos, a perseguição e pilhagem de ovos, poderão ter contribuído para a sua extinção.

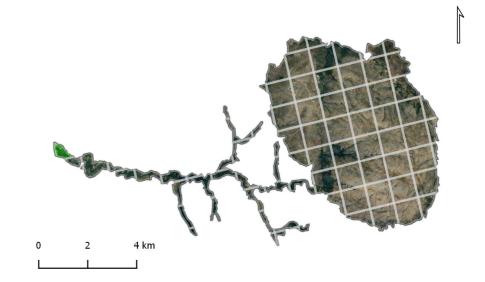
### Habitat & Ecologia:

Ocorre associado a zonas húmidas costeiras (estuários, salinas e zonas entremarés), zonas húmidas de interior (lagoas) e em praias. Alimenta-se essencialmente de invertebrados de sedimentos móveis, como sejam amêijoas, lingueirões e certos poliquetas.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Nidifica em quase toda a Europa, sobretudo no litoral, e em vastas áreas da Ásia. Faz geralmente migrações curtas, surgindo no inverno um pouco mais a sul, incluindo, ainda que em números reduzidos, Portugal e África Ocidental. Em Portugal continental pode ser visto ao longo de toda a costa, embora seja frequente em muito poucos locais. Visitante. Na Serra d'Arga parece ocorrer de forma esporádica no estuário do rio Âncora.





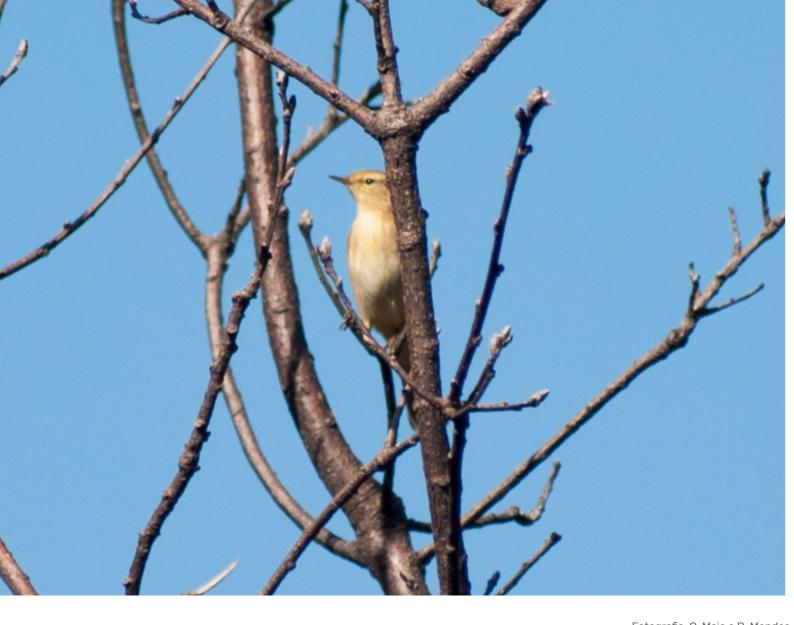
Nome científico: Hippolais polyglotta

Ordem: PASSERIFORMES
Família: ACROCEPHALIDAE

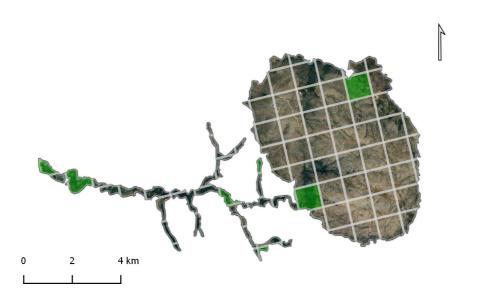
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequena felosa (12-13 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora o macho tenha uma coloração mais viva. Cabeça castanho-esverdeada, com listra supraciliar creme pouco nítida e anel orbital amarelado. Zona dorsal castanho-esverdeado com as asas e cauda castanho-oliváceas. Zona ventral amarelada. O juvenil é idêntico ao adulto, com plumagem no dorso mais escura e acastanhada.

Consegue produzir várias combinações vocais, tornando o seu canto numa panóplia de sons. Emita o canto de outras aves.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Como nidificante ocorre na Europa Ocidental e noroeste de África. Inverna na zona ocidental da África subsariana. Em Portugal continental é relativamente abundante e distribui-se por todo o país. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga encontra-se em vários locais, particularmente associada a galerias ripícolas e zonas agrícolas com sebes.

Habitat & Ecologia:

Pode ocorrer numa grande diversidade de habitats, como matas ripícolas, lameiros, silvados, matos, olivais, terrenos agrícolas, sebes e orlas de bosque. É essencialmente insectívora, mas consume frutos e bagas, particularmente antes da migração.

## ANDORINHA-DAS-CHAMINÉS

Nome científico: Hirundo rustica
Ordem: PASSERIFORMES

Família: HIRUNDINIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Andorinha de tamanho médio (18-23 cm de comprimento, 34-35 cm de envergadura). Dorso e partes superiores das asas preto-azulado lustroso e ventre branco-rosado. A Cabeça é azulada, a testa e o mento de cor avermelhada, com uma faixa preto-azulada atravessando o peito. O uropígio claro permite distingui-la da andorinha-dáurica. A cauda é fortemente bifurcada, com retrizes externas compridas e de cor preto-azulado, mais compridas no macho e muito curtas e brancas por baixo nos juvenis. Os juvenis têm a garganta de cor castanho-clara e as partes superiores cinzento-baço.

É uma das primeiras espécies estivais a chegar a Portugal, com os primeiros indivíduos a chegarem frequentemente ainda em fevereiro.

### **Habitat & Ecologia:**

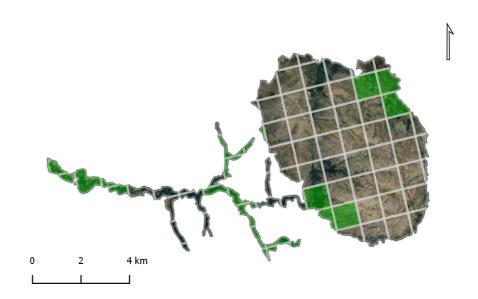
Muito comum em meios humanizados, mais em aldeias e vilas e menos em grandes cidades. Nidifica em construções de todo o tipo, desde casas, estábulos e palheiros, azenhas, telheiros, pontes e pontões. Ocorre ainda associada a pastagens e terrenos agrícolas, linhas de água e zonas alagadas. Consome insetos voadores.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

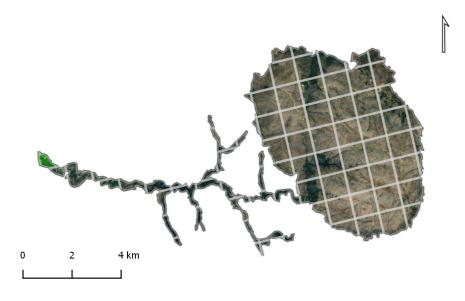
229

Distribuição alargada no Holárctico, ocorrendo como nidificante em praticamente todo o Hemisfério Norte (com exceção das áreas polares) e como invernante na América Central e do Sul, África subsariana, sul da Ásia e norte da Oceânia. Em Portugal continental é muito abundante e bem distribuída por todo o território. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga ocorre associada aos locais humanizados, onde nidifica.





Fotografia: Stefan Berndtsson



Restrita praticamente à Europa, nidificando desde a Rússia e da costa ucraniana do Mar Negro, até ao sul de França e Espanha. Ocorre, como invernante, também na costa do norte de África. Em Portugal continental distribui--se por todo o litoral, embora em maior número na metade sul do país. Visitante. Na Serra d'Arga pode ser observada com alguma regularidade junto à foz do rio Âncora.

## GAIVOTA-DE-CABEÇA-PRETA / GAIVOTA DO MEDITERRÂNEO

Nome científico: Ichthyaetus melanocephalus

Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Pequena gaivota (36-38 cm de comprimento, 98-105 cm de envergadura). Asa e dorso cinzento-claros, com primárias brancas e parte inferior da asa branca (em plumagem de adulto é a única gaivota regular em Portugal sem primárias escuras). Bico forte, vermelho, virado para baixo, e patas vermelhas. No Verão, o adulto, apresenta a cabeça preta (não castanha), com anel orbital bem visível e interrompido. Durante o inverno, apresenta um pequeno capucho de penas escuras atrás do olho. Os juvenis possuem uma característica barra alar preta e uma mancha que envolve o olho. Os imaturos são brancos, com apenas algumas penas escuras na ponta das asas.

Em Portugal já foi considerada rara (no início do século XX). Atualmente existem registos de concentrações superiores a 1000 indivíduos, sendo mesmo sugerida a invernada de mais de 7000 aves na metade sul do país.

231

## Habitat & Ecologia:

Utiliza a orla costeira essencialmente para repouso, podendo ser encontrada frequentemente junto à costa, sobre a plataforma continental, ou pousada em praias, portos de pesca, estuários e salinas. Alimenta-se de peixes, moluscos e desperdícios de pesca, ocasionalmente podem ingerir matéria orgânica associada a efluentes dos esgotos.

## TORCICOLO

Nome científico: Jynx torquilla

Ordem: PICIFORMES Família: PICIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente

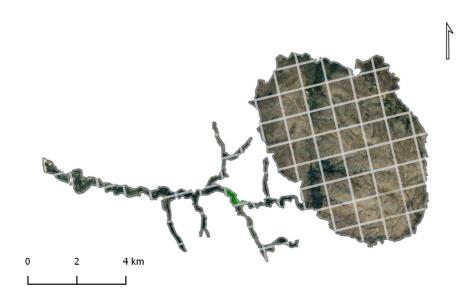
Ave de tamanho médio (16-17 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Parte superior do corpo castanha, diversamente malhada e listrada de preto, castanho-claro e cinzento. Zona ventral creme com manchas pretas em forma de setas. O bico é curto. Cauda comprida, cinzenta, com várias barras pretas. O juvenil é semelhante ao adulto.

Alimenta-se quase exclusivamente de formigas, retirando-as do formigueiro com a língua glutinosa e comprida.

## **Habitat & Ecologia:**

232

Espécie arbórea que ocorre preferencialmente associada a áreas florestadas com clareiras, bosques abertos, pomares, parques e árvores isoladas. Prefere quercíneas a coníferas. Espécie muito críptica, é conhecida pelo seu hábito de girar o pescoço.

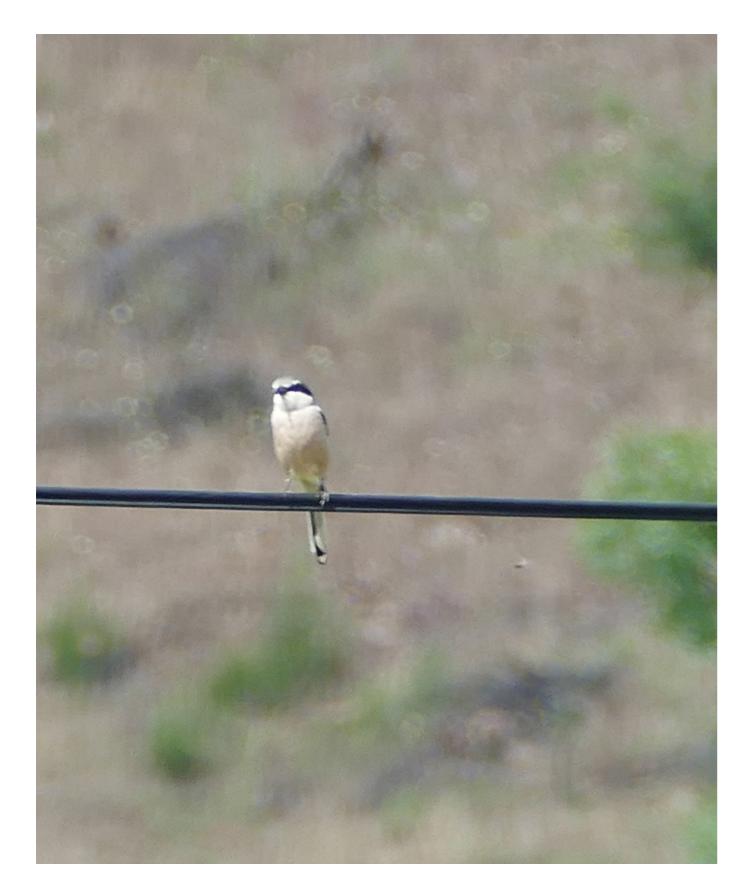


Como reprodutora tem distribuição paleártica, pela Europa e toda a zona central da Ásia, até ao Japão. Inverna no sul da Ásia e na África subsariana. Em Portugal continental é pouco comum, podendo ocorrer um pouco por todo o pais. É mais frequente no interior norte, Extremadura e Alentejo. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi observado em dois locais, associado a pequenos bosquetes.



Fotografia: Ron Knight

235



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

## PICANÇO-REAL

Nome científico: Lanius meridionalis

Ordem: PASSERIFORMES
Família: LANIIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

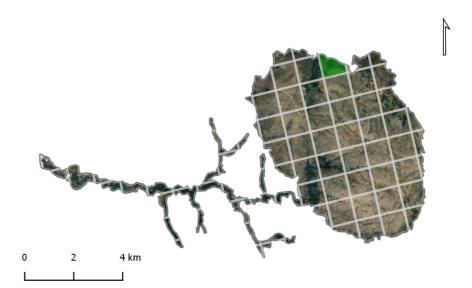
Passeriforme de tamanho médio (24-27 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui cauda comprida, bico robusto e acurvado. Apresenta uma espécie de mascarilha preta, típica nas espécies de picanços. A plumagem tem tons cinzentos no dorso e rosado-pálido no peito e abdómen. As asas são escuras. O juvenil é semelhante ao adulto, embora mais pálido.

## Habitat & Ecologia:

Ocorre associado a meios abertos, com árvores e arbustos, como montados, soutos, orlas de bosques, terrenos agrícolas com sebes e matagais. Evita zonas densamente florestadas e áreas muito húmidas. Alimenta-se de insetos grandes, pequenas aves e mamíferos.

É conhecido por armazenar alimento, espetando as presas em espinhos e arame farpado.

Ocorre no sudeste da Europa (Portugal, Espanha e norte de França), norte de África, Península Arábica e sul da Ásia, até ao subcontinente indiano. Em Portugal continental ocorre durante o período reprodutor, essencialmente associado às zonas de influência mediterrânica, no sul e interior norte. No litoral norte e centro é principalmente invernante. Residente/ Visitante. Na Serra d'Arga foi apenas observado num local, numa zona de matos com árvores esparsas.



## PICANÇO-BARRETEIRO

Nome científico: Lanius senator
Ordem: PASSERIFORMES

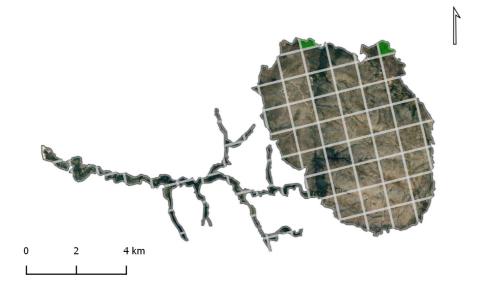
Família: LANIIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado

Picanço mais pequeno que o picanço-real (17-20 cm de comprimento). Sexos semelhantes, embora a fêmea seja ligeiramente mais baça. As características mais distintivas são o barrete cor-de-ferrugem, máscara preta, cauda comprida e partes superiores pretas, com painéis brancos nas asas. As partes inferiores são brancas. O juvenil é castanho-claro, com aspeto "escamoso".

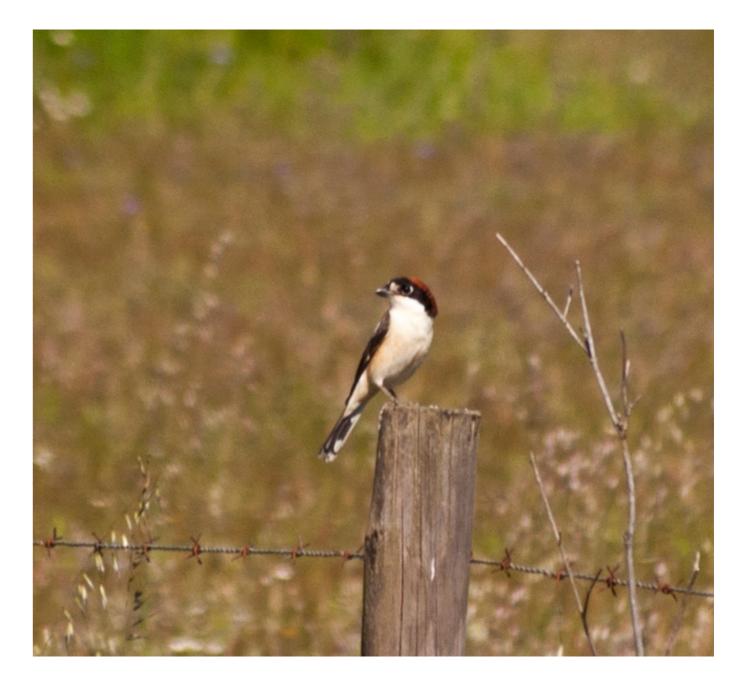
### 236 **Habitat & Ecologia:**

Ocorre preferencialmente em habitats agroflorestais, como montados abertos, mas também olivais, pomares, sebes e matas ribeirinhas. Evita áreas florestais densas. Alimenta-se sobretudo de grandes insetos. Costuma pousar em locais expostos.



São territoriais durante todo o ano, incluindo nas zonas de descanso das migrações. À exceção do parceiro, não toleram no seu território outros indivíduos da espécie, nem de espécies com dietas e comportamentos similares. Adotam posturas e efetuam chamadas de ameaça para potenciais intrusos, podendo mesmo chegar a atacar.

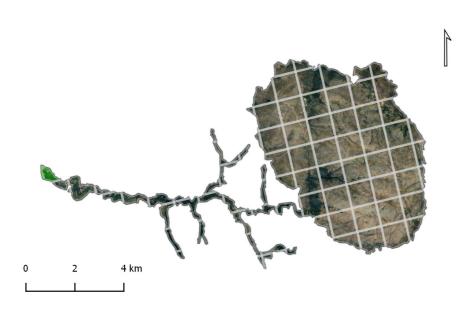
Distribui-se sobretudo pela Europa Mediterrânica, norte de África, Cáucaso e sudoeste da Ásia (Turquia, Irão, Jordânia e Síria). Tem ainda distribuição muito dispersa pelo centro da Europa. Inverna na África subsariana. Em Portugal continental é uma espécie relativamente frequente por todo o território, com exceção do litoral norte onde é raro. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi detetado em dois locais da encosta nordeste da serra, associado a dois pequenos bosquetes.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Fotografia: Stefan Berndtsson



As populações nidificantes distribuem-se pelo norte da Europa e nas regiões temperadas da Ásia. A Península Ibérica e o noroeste de África constituem o limite sul da distribuição de invernada. Em Portugal continental é pouco comum, aparecendo pontualmente ao longo de toda a costa, sendo mais regular a norte do Tejo. Visitante. Na Serra d'Arga é rara, sendo observada esporadicamente (indivíduos isolados) associada a outras espécies de gaivotas, junto ao estuário do rio Âncora.

# FAMEGO / GAIVOTA-PARDA / GAIVOTA-COMUM / ALCATRAZ-PARDO

Nome científico: Larus canus Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Não avaliado

Gaivota de tamanho médio (40-46 cm de comprimento, 110-125 cm de envergadura), mais pequena que a gaivota-de-asa-escura. A parte superior é cinzenta, o bico esverdeado com uma barra preta e as patas esverdeadas. As asas têm as extremidades pretas com manchas brancas. As aves juvenis e do primeiro inverno apresentam uma barra escura nas rémiges secundárias e um painel claro no meio das asas.

Espécie de vida longa, podem viver cerca de 24 anos. A idade máxima registada foi de quase

### Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em zonas costeiras arenosas e estuários, e com menos frequência em lagoas costeiras e na costa rochosa. A dieta é omnívora, oportunista, constituída essencialmente por invertebrados aquáticos, peixes e detritos orgânicos.

## GAIVOTA-DE-ASA-ESCURA

Nome científico: Larus fuscus Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável (nidificante) / Pouco

Preocupante (invernante)

A mais comum das gaivotas portuguesas, é ligeiramente mais pequena que a gaivota-de-patas-amarelas (51-61 cm de comprimento, 124-158 cm de envergadura). Os adultos apresentam uma plumagem cinzento-escuro no dorso, cabeça e peito brancos, patas amarelo-pálidas, e bico amarelo com uma pinta que pode ir do vermelho ao preto. As rémiges primárias são pretas, com pequenas manchas brancas na extremidade. Em plumagem de inverno apresenta estrias bem marcadas de cor acastanhada ao longo da cabeça, pescoço e peito. Os juvenis são de difícil identificação, variando a plumagem consoante a idade, sendo, por norma, de um tom mais escuro que a gaivota-de-patas-amarelas.

Recorrem muitas vezes ao cleptoparasitismo, roubando o alimento a indivíduos da mesma ou de outras espécies.

### Habitat & Ecologia:

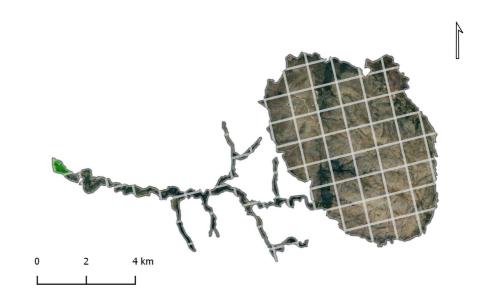
Associada a ambientes costeiros, pode ser encontrada no interior a vários quilómetros da costa. Muito abundante em todo o litoral, especialmente em estuários, praias e portos de pesca. Ocorre em menor quantidade, no interior do país, frequentando rios, albufeiras e campos recentemente agricultados. Possui uma alimentação oportunista, incluindo peixes, animais mortos, aves jovens, ovos, insetos e todo o tipo de desperdícios humanos.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

241

Nidifica no noroeste da Europa, desde a Rússia até à Península Ibérica. No inverno distribui--se pelas costas do sudoeste europeu, noroeste africano, mar Mediterrâneo, Negro e Cáspio, e da Península Arábica até ao noroeste indiano. Em Portugal continental nidifica em número muito reduzido essencialmente na ilha da Berlenga. Como invernante é muito comum (imaturos e não nidificantes podem ocorrer durante todo o ano). Na Serra d'Arga ocorre em abundância junto à costa.



## GAIVOTÃO-REAL / ALCATRAZ-COMUM

Nome científico: Larus marinus
Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Não avaliado

Gaivota muito grande (cerca de 97 cm de comprimento, 1,7 m de envergadura). Bico maciço e amarelado, anel ocular vermelho e patas rosadas. O corpo é branco e a parte superior das asas escura, com as pontas brancas. Os juvenis e imaturos são semelhantes às outras gaivotas, possuindo o manto mais marcado e o bico mais maciço.

## **Habitat & Ecologia:**

Pode ocorrer numa grande variedade de habitats costeiros, como praias de areia, no litoral rochoso, zonas portuárias ou estuários, ocorrendo por vezes ao largo sobre a plataforma continental. É uma espécie oportunista tendo por isso uma dieta variada.

0 2 4 km

Fotografia: Stefan Berndtsson

É a maior gaivota do mundo.

Nidifica nas costas do norte da Europa e da América do Norte (costa atlântica). Como invernante as populações mais a norte migram para sul. Em Portugal continental, que constitui o limite sul das suas populações invernantes, é rara, sendo mais frequente na metade norte do país. Visitante. Na Serra d'Arga observam-se esporadicamente indivíduos isolados na praia e bancos de areia da foz do rio Âncora, normalmente inseridos em bandos de outras gaivotas.



# GAIVOTA-DE-PATAS-AMARELAS / GAIVOTA-ARGÊNTEA

Nome científico: Larus michahellis Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Gaivota grande (52-58 cm de comprimento, 120-140 cm de envergadura). Dorso cinzento e asas cinzentas, com extremidades pretas e manchas brancas. Nos adultos as patas são amarelas e o bico é amarelo com pinta vermelha. Com um anel orbital vermelho no olho. No verão, a cabeça é maioritariamente branca enquanto que no inverno, o adulto apresenta a cabeça listrada de preto. Os juvenis são castanhos com patas rosadas, cabeça muito clara, rémiges mais escuras do que o resto das asas e uma nítida barra preta na cauda, que permitem distinguir dos juvenis de outras espécies de gaivotas.

Apresenta uma grande agressividade e territorialidade durante o período reprodutor, podendo mesmo expulsar outras gaivotas. Esta característica, aliada à sua grande capacidade de adaptação a meios humanizados favorecem a sua proliferação.

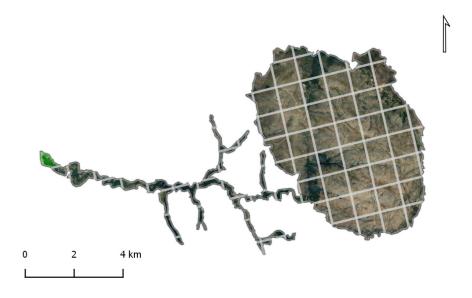
### **Habitat & Ecologia:**

Quase exclusivamente marinha, frequenta praias arenosas e rochosas e portos de pesca, mas também aterros sanitários, terrenos agrícolas e zonas urbanas junto ao litoral. Nidifica preferencialmente em ilhas, ilhéus e falésias costeiras, mas também em salinas e edifícios em áreas urbanas. A dieta é oportunista, onde se incluem várias espécies de peixes, caranguejos, insetos e desperdícios gerados pelas atividades humanas.

Ocorre na Europa, Médio Oriente e norte de África. Nidifica principalmente nas costas da Península Ibérica e de França, nas ilhas da Macaronésia até às Canárias, Mediterrâneo e Mar Negro. Inverna na costa atlântica, desde a Dinamarca até ao Sara Ocidental, e pela costa mediterrânica. Em Portugal continental nidifica geralmente no litoral rochoso e em meios urbanos, ao longo de grande parte da orla costeira continental, em especial no sul. Pode ocorrer ao longo de toda a costa e em algumas albufeiras no interior norte. Residente. Na Serra d'Arga ocorre regularmente na costa, na zona do estuário do rio Âncora.

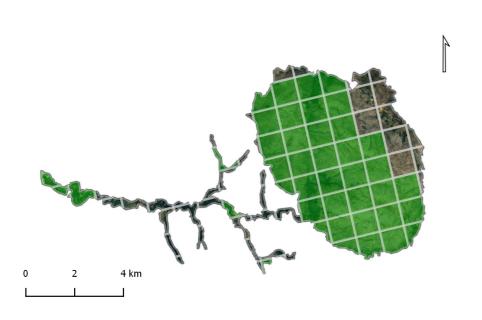


Fotografia: C. Maia e D. Mendes









Ocorre na Europa, Ásia Ocidental e norte de África. É parcialmente residente ainda que muitas aves migrem para sul ou zonas costeiras. Em Portugal continental é relativamente comum e distribui--se de norte a sul do país, com exceção de algumas regiões onde está ausente (litoral centro e Baixo Alentejo). Residente. Na Serra d'Arga parece relativamente comum em todo o tipo de áreas abertas, nomeadamente as zonas de matos esparsos de montanha, zonas agrícolas associadas ao rio Âncora e cordão dunar da foz do Âncora.

## **PINTARROXO**

Nome científico: Linaria cannabina

Ordem: PASSERIFORMES
Família: FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno passeriforme (13-14 cm de comprimento). Dimorfismo sexual. O macho tem dorso castanho, cabeça cinzenta, coroa e peito avermelhado e rémiges primárias e retrizes brancas. No inverno as cores apresentam-se mais esbatidas e o vermelho torna-se rosa pálido. A fêmea é castanha, raiada de preto, com zona ventral mais clara, raiada de castanho. Ambos apresentam um padrão claro-escuro nas primárias, visível em poiso. O juvenil é semelhante à fêmea, mas mais baço e raiado.

### Habitat & Ecologia:

Frequente em espaços abertos, com ou sem árvores, ocorre em áreas com agricultura tradicional, zonas de matos, pousios e pastagens. Geralmente evita zonas urbanas. Alimenta-se à base de sementes de pequeno e médio tamanho.

Espécie bastante territorial durante a primavera, no inverno apresenta um comportamento gregário, podendo ser observados bandos de grande dimensão, por vezes em associação com outras espécies de granívoros.

## CHAPIM-DE-POUPA

Nome científico: Lophophanes cristatus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: PARIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

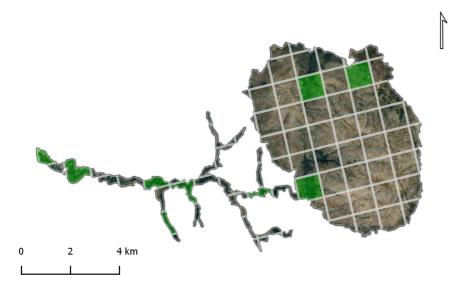
Chapim de pequenas dimensões (11-13 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui coroa com poupa sarapintada de preto e branco; faces brancas, orladas com um C negro; queixo e garganta igualmente negros. Zona dorsal castanho-acinzentado e ventral bege-esbranquiçado, com flancos beges. O juvenil é semelhante ao adulto, com poupa mais curta.

Nidifica em buracos que escava em madeira apodrecida de troncos de árvores semimortas

## Habitat & Ecologia:

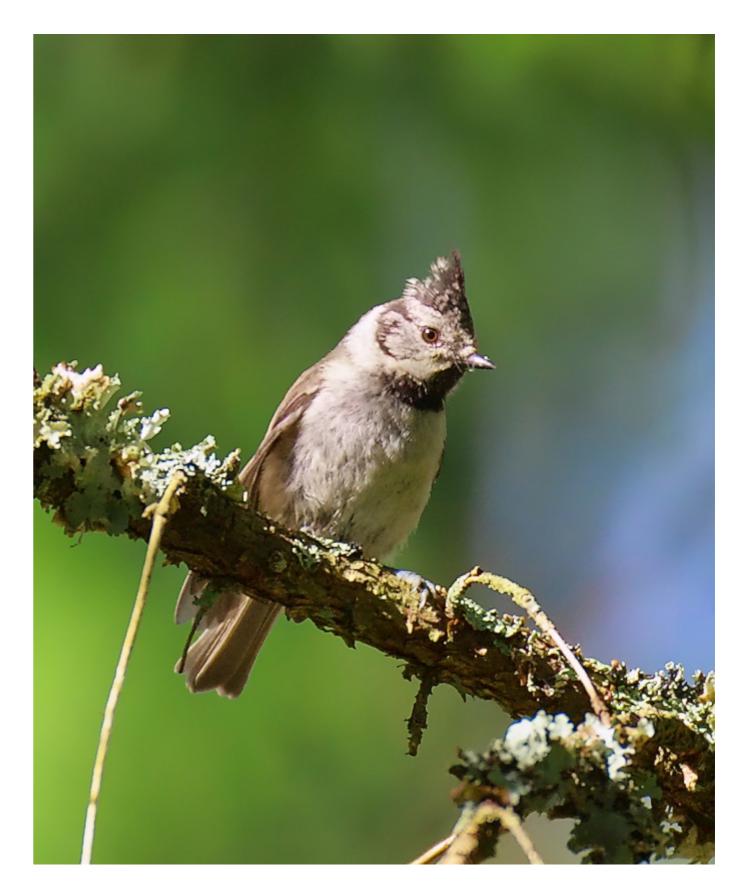
Espécie arbórea, ocorre preferencialmente em florestas de resinosas, mas também em bosques caducifólios ou mistos. Ao contrário de outros chapins, parece evitar zonas densamente povoadas. A sua dieta é constituída essencialmente por insetos e aranhas.

Com área de distribuição por quase toda a Europa e noroeste da Ásia, exceto Inglaterra, Irlanda, Itália e extremo norte europeu. Em Portugal continental distribui-se por todo o território. Residente. Na Serra d'Arga não parece ser muito abundante, surgindo associado essencialmente a pinhais.







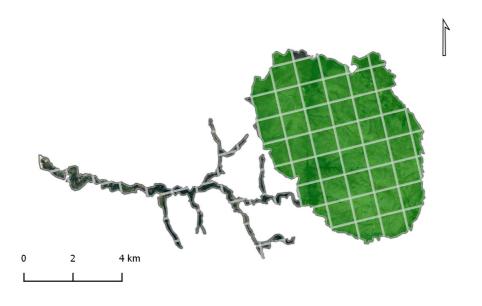


Fotografia: Stefan Berndtsson

251



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição essencialmente europeia e norte de África. Nidifica desde o norte de África e Península Ibérica até ao Mar Cáspio. Em Portugal continental é uma espécie comum e eclética, nidificando praticamente em todo o território nacional. Residente. Na Serra d'Arga é uma das espécies mais abundantes nas áreas de montanha.

## COTOVIA-DOS-BOSQUES / COTOVIA-DAS-ÁRVORES / COTOVIA-PEQUENA

Nome científico: Lullula arborea
Ordem: PASSERIFORMES

Família: ALAUDIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Pequena cotovia (14-16 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui coroa castanha riscada de preto, listra supraciliar branca que desce do olho à base da coroa. Zona dorsal castanha riscada de preto e zona ventral branca riscada de castanho-escuro no peito. Cauda castanha, curta, com pontas brancas nas retrizes exteriores. Distingue-se ainda pelo padrão característico claro-escuro-claro junto à dobra das asas.

Portugal e Espanha possuem ¾ da população europeia da cotovia-dos-bosques na época de nidificação.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre em habitats muitos variados, como matos esparsos com árvores, dunas arborizadas, olivais, mosaicos de zonas agrícolas e bosques pouco densos, geralmente associada a solos pobres. Utiliza solos descobertos, intercalados com zonas de vegetação rasteira, áreas de vegetação mais alta, para nidificar e dormir, e árvores, de onde vocaliza frequentemente.

## MELRO-AZUL

Nome científico: Monticola solitarius

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Ligeiramente mais pequeno do que um melro-preto (20-22 cm de comprimento). Dimorfismo sexual. A coloração geral do macho é azul-metálico vivo, com asas e cauda preta-azulada, sendo mais intensa durante a época de reprodução. A fêmea é azul-acastanhada, com a cabeça e peito castanho-escuro malhado. O juvenil é semelhante à fêmea.

Espécie muito sedentária, que permanece durante todo o ano junto aos seus locais de reprodução, o que faz com que seja fácil de observar em certos

### Habitat & Ecologia:

Característico de zonas rochosas, vales escarpados de rio e costa marinha. Solitário, pousa geralmente em locais bem visíveis, com as asas descaídas e a cabeça erguida. Maioritariamente insectívoro, pode consumir ocasionalmente pequenos vertebrados, como pequenas lagartixas. Na época fria pode ingerir material vegetal.

Nidifica no sul da Europa e noroeste de África e Ásia central, até ao norte da China e da Malásia. Muito incomum ou ausente do norte e centro da Europa. Em Portugal continental pode ocorrer de norte a sul do país, ainda que com uma distribuição fragmentada. Residente. Na Serra d'Arga, apesar de pouco abundante, ocorre nas zonas rochosas da vertente nordeste.

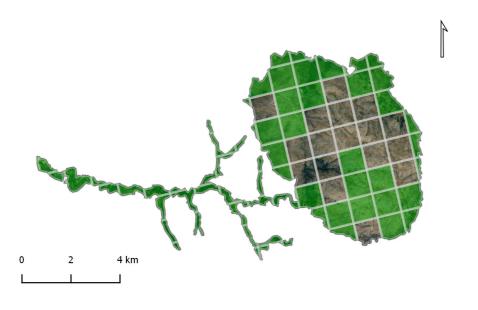
2 4 km

Fotografia: Michael Sveikutis





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribui-se praticamente por toda a Europa, Ásia e norte de África. As populações a norte invernam nas áreas mais a sul. Em Portugal continental pode ocorrer em todo o país, sendo comum como reprodutor na metade norte do território. No outono e inverno a população aumenta com a chegada de invernantes. Residente. Na Serra d'Arga está presente em habitats associados a áreas agrícolas, linhas de água ou aglomerados rurais e urbanos.

## ALVÉOLA-BRANCA

Nome científico: Motacilla alba
Ordem: PASSERIFORMES
Família: MOTACILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (18-20 cm de comprimento), com cauda comprida. Sexos semelhantes, mas a coloração da fêmea é mais baça. Possui coroa e nuca pretas, com testa e faces brancas. Dorso cinzento, garganta e peito preto, partes inferiores brancas e asas pretas e brancas. Cauda preta com retrizes externas brancas. O juvenil é castanho-acinzentado no dorso, cabeça cinzenta tingida de amarelo, e garganta branca igualmente tingida de amarelo, apresentando uma pequena faixa cinzenta que atravessa a parte superior do peito.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats, muitas vezes próximo de áreas ripícolas e aquáticas, mas também em aldeias e cidades. Alimenta-se de invertebrados.

O hábito mais conspícuo da espécie é o constante abanar da cauda. O nome comum da espécie em língua inglesa "white wagtail" é precisamente uma referência direta a esse hábito ("wag tail" significa literalmente abanar a cauda) e à sua coloração.

## ALVÉOLA-CINZENTA

Nome científico: Motacilla cinerea

Ordem: PASSERIFORMES Família: MOTACILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (18-20 cm de comprimento), com cauda comprida. Dimorfismo sexual. O ventre amarelo e a longa cauda preta são as características mais visíveis. O macho tem a cabeça, o dorso e as coberturas da parte superior das asas cinzentas, listra ocular e bigodes brancos e queixo e garganta preta. No inverno perde o preto da garganta. Na fêmea a garganta é geralmente esbranquiçada, as partes inferiores são de um amarelo mais pálido e as superiores de um cinzento mais baço. O juvenil é semelhante à fêmea.

Embora apenas se considere

### Habitat & Ecologia:

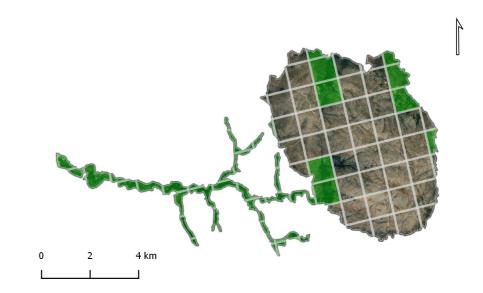
Associada a habitats ripícolas, prefere ribeiras de curso rápido, de água límpida e corrente, como ribeiros de montanha, pequenos diques ou represas. Por vezes também frequenta canais de rega. Tem uma alimentação estritamente insectívora.

uma subespécie, M. cinerea cinerea, em toda a Europa continental, ilhas Britânicas e Mediterrâneo, reconhecem-se atualmente três subespécies diferentes para os arquipélagos atlânticos dos Açores, da Madeira e das Ilhas Canárias.



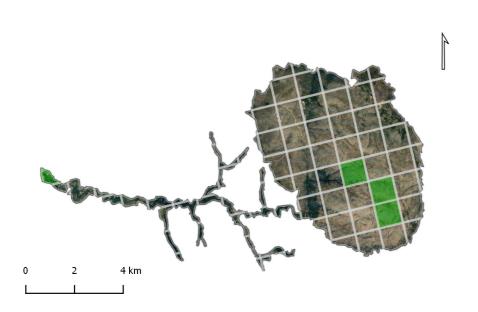
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre de uma forma descontínua ao longo da Europa, noroeste de África e Ásia. Parte das populações europeias são residentes, enquanto que outras invernam na Europa do sul e norte de África. Em Portugal continental é uma espécie comum. Residente apenas no norte e no centro. No sul surge essencialmente como invernante. Na Serra d'Arga ocorre associada a todas as linhas de água.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Nidifica por toda a Europa e inverna em África. Estão classificadas 18 subespécies ao longo da área de distribuição. Na Península Ibérica encontra-se a subespécie *Motacilla* flava iberia. Em Portugal continental é comum de norte a sul, variando a abundância de umas regiões para outras, sendo mais frequente no litoral. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga parece ser comum na zona do estuário do rio Âncora. Ocorre ainda em algumas zonas de montanha, nomeadamente em prados húmidos.

## ALVÉOLA-AMARELA

Nome científico: Motacilla flava
Ordem: PASSERIFORMES
Família: MOTACILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (16-17 cm de comprimento), com cauda comprida. Sexos seme-lhantes, mas a fêmea possui cores menos vivas. O macho adulto é reconhecível à distância devido à intensidade da plumagem amarela que cobre o peito e o ventre. A cabeça é azulada. O juvenil é mais acastanhado, com vestígios de amarelo no ventre. Pode confundir-se com a alvéola-cinzenta, no entanto esta tem uma cauda mais longa e não tem a cabeça azul.

### Habitat & Ecologia:

Espécie típica de zonas abertas, geralmente nas imediações de zonas húmidas, ocorrendo em prados, juncais, margens de charcas, sapais, cultivos de regadio, salinas, arrozais e outros terrenos agrícolas. É insectívora.

Chega bastante cedo ao nosso país, sendo a sua chegada um dos primeiros sinais de que a primavera está próxima. Os primeiros indivíduos chegam geralmente em finais de fevereiro e em março já é comum numa grande parte do país.

# TARALHÃO-CINZENTO / PAPA-MOSCAS-CINZENTO

Nome científico: Muscicapa striata

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

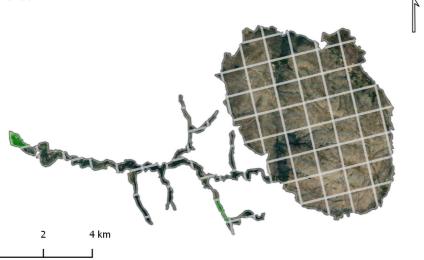
Estatuto conservação: Quase Ameaçado

Passeriforme de tamanho médio (14-15 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem castanho-acinzentado com estrias no peito, garganta e coroa. As terciárias são orladas por uma fina linha clara. A fronte é plana, a coroa levantada e o bico fino. A cauda é comprida e as asas são pontiagudas. No outono, os adultos têm a plumagem desgastada. O juvenil tem marcas pálidas nas partes superiores.

Tem um comportamento curioso e identificativo: encontra-se geralmente pousada, em postura ereta, em ramos ou vedações a alguns metros do solo, de onde sai em voo, para apanhar um inseto, voltando rapidamente ao mesmo local.

### Habitat & Ecologia:

Durante a época de nidificação ocorre em zonas florestais, carvalhais, soutos, sobreirais e azinhais e parques. As aves em migração podem ocorrer em qualquer tipo de biótopo com árvores. Insectívoro, consome sobretudo dípteros e himenópteros.



Fotografia: Stefan Berndtsson

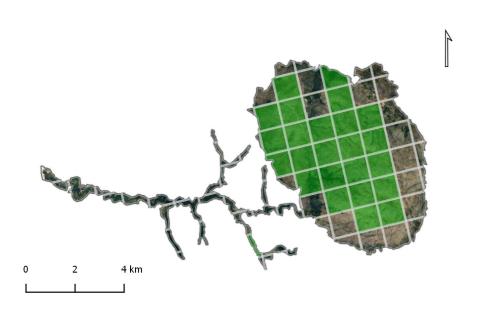
Como reprodutor, distribui-se pelo Paleártico Central e Ocidental, desde a Escandinávia até ao norte de África e do Irão até à Mongólia e ao oeste dos Himalaias. Inverna na África subsariana. Em Portugal continental é pouco comum como nidificante, distribuindo-se essencialmente pelo Ribatejo e Alto Alentejo, mas com registos de nidificação a norte e a sul. É comum como migradora de passagem, período em que ocorre por todo o país. Reprodutor/ Visitante. Na Serra d'Arga parece ocorrer apenas de passagem, com registos confirmados em dois



263



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Com área de distribuição por toda a zona temperada do Hemisfério Norte, onde nidifica. Migra para África, onde inverna. Em Portugal continental é pouco abundante como reprodutor, estando restrito às serras do norte do país. Como migradora de passagem pode ocorrer em quase todo o território. Migrador Reprodutor/ Visitante. Na Serra d'Arga ocorre essencialmente nas zonas abertas de maior altitude.

## CHASCO-CINZENTO

Nome científico: Oenanthe oenanthe

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (14-15 cm de comprimento). Dimorfismo sexual. O macho, em plumagem de verão, tem a cabeça, nuca e dorso cinzentos, loro preto, e listra supraciliar branca. A zona ventral é esbranquiçada, garganta e peito com tonalidades rosadas. Asas pretas, uropígio branco e cauda branca com T invertido de cor preta. A fêmea, juvenil e macho em plumagem de outono são acastanhados, mantendo-se o característico T preto no final da cauda branca.

## Habitat & Ecologia:

Em passagem migratória, ocorre praticamente em todos os tipos de biótopos abertos, particularmente pastagens, restolhos, pousios, incultos, dunas e zonas de matos abertos com afloramentos rochosos ou solo nu. Nidifica em cavidades, em prados e pastagens de montanha, campos agrícolas abertos e matos esparsos com afloramentos rochosos, quase exclusivamente acima da cota dos 800 metros. A dieta é insectívora.

Chascos-cinzentos marcados no Alasca fizeram uma migração de quase 15000 km em cada sentido, atravessando a Sibéria e o deserto da Arábia, percorrendo em média 290 km por dia. Esta é a mais longa migração de um passeriforme alguma vez registada.

# MOCHO-D'ORELHAS / MOCHO-PEQUENO-D'ORELHAS

Nome científico: Otus scops Ordem: STRIGIFORMES Família: STRIGIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente

O mais pequeno dos nossos mochos (cerca de 20 cm). A característica mais evidente são os pequenos tufos sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas". A plumagem tem padrões complexos, com riscas e manchas pretas, pintas esbranquiçadas e manchas arruivadas. A coloração geral varia entre o cinzento e o arruivado. Possui disco facial castanho-acinzentado pálido e olhos amarelos. O bico é cinzento e as garras castanho-acinzentadas, com a ponta mais escura. A fêmea é, em média, mais pesada que o macho.

Devido aos hábitos noturnos é difícil de observar. Identifica-se mais facilmente pela vocalização, que consiste num assobio monossilábico, repetido de três em três segundos. Pode vocalizar durante horas, por vezes em

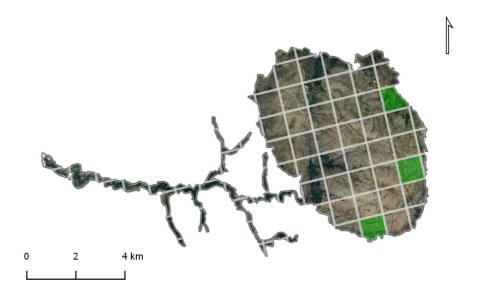
### Habitat & Ecologia:

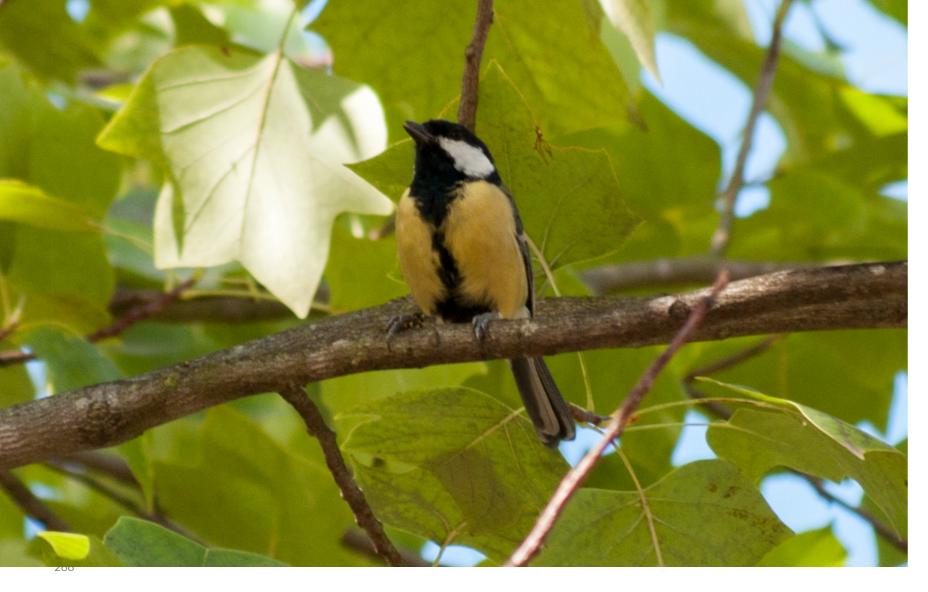
Em Portugal nidifica em bosques e bosquetes pouco densos, desde carvalhais, soutos e matas ripícolas, em regra na proximidade de áreas abertas. Pode também ocorrer em parques e jardins urbanos ou quintas. Evita florestas densas. Alimenta-se sobretudo de grandes insetos e outros invertebrados.

Como nidificante tem distribuição alargada por áreas de climas temperados e mediterrânicos, ocorrendo na Europa do Sul, Central e de Leste, norte de África, Ásia Menor, Península Arábica e Ásia Central. Inverna na África subsariana. Em Portugal continental surge praticamente em todo o território nacional, tendo uma distribuição mais contínua nas Beiras interiores, Trás-os-Montes e Minho. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga parece ocorrer associada a bosques ou bosquetes principalmente nas zonas de encosta.

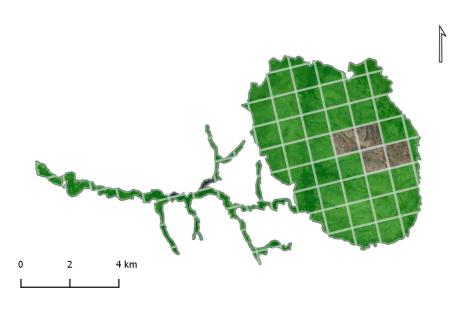


Fotografia: Michael Sveikutis





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Ampla distribuição na maior parte da Eurásia. Encontrado em praticamente toda a Europa, Oriente Médio, Ásia setentrional e partes da Ásia central. No norte da África encontra-se em Marrocos, Argélia e Tunísia. Em Portugal continental é abundante de norte a sul do território. Residente. Na Serra d'Arga é uma espécie comum, estando presente em praticamente toda a área, exceto nas zonas de maior altitude, com reduzida presença de zonas arborizadas.

## CHAPIM-REAL

Nome científico: Parus major Ordem: PASSERIFORMES Família: PARIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Chapim grande (14-16 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui cabeça preta e faces brancas orladas de preto. Garganta preta e uma faixa preta, larga, descendo pelo peito e abdómen, mais larga no macho que na fêmea. Dorso verde-acinzentado, uropígio cinzento e zona ventral amarela. Asas cinzento-azulado, com uma barra branca estreita e cauda cinzenta, com retrizes externas brancas. O juvenil é semelhante ao adulto, mas apresenta mancha das faces amarelada e sem contorno preto completo.

Alguns estudos indicam que indivíduos com a maior faixa preta no peito são mais agressivos, sendo dominantes em relação aos que possuem bandas menores.

### Habitat & Ecologia:

Ocorre em todo o tipo de habitats arbóreos. Prefere florestas mistas, espaços com árvores dispersas, matas ribeirinhas, pomares, parques e jardins. A dieta baseia-se no consumo de insetos (essencialmente lepidópteros e coleópteros, mas também aranhas) e durante o inverno alguns frutos e sementes.

## 268

## PARDAL-COMUM / PARDAL-DE TELHADO

Nome científico: Passer domesticus

Ordem: PASSERIFORMES Família: PASSERIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pardal de tamanho médio (15-16 cm de comprimento). Dimorfismo sexual. O macho é caraterizado pelo babete preto, a testa e a coroa cinzentas, os loros escuros, o dorso acastanhado com marcas escuras e a zona ventral branco-acinzentada. A fêmea não possui babete nem os loros escuros, apresentando a plumagem acastanhada e uma listra creme desde o olho à nuca. O juvenil é semelhante à fêmea.

Europa, houve um declínio em suas populações em vários países. Esse declínio parece estar associado a mudanças nas práticas agrícolas e ao aumento do uso de produtos químicos na agricultura, que reduziu a disponibilidade de recursos tróficos.

## Habitat & Ecologia:

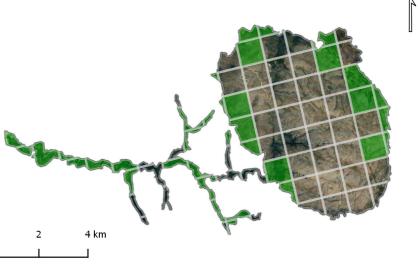
Espécie com preferência por habitats humanizados, urbanos ou suburbanos. A sua alimentação está associada às atividades humanas, podendo também consumir sementes de plantas adventícias de campos agrícolas e matéria de origem animal, durante a época de nidificação.

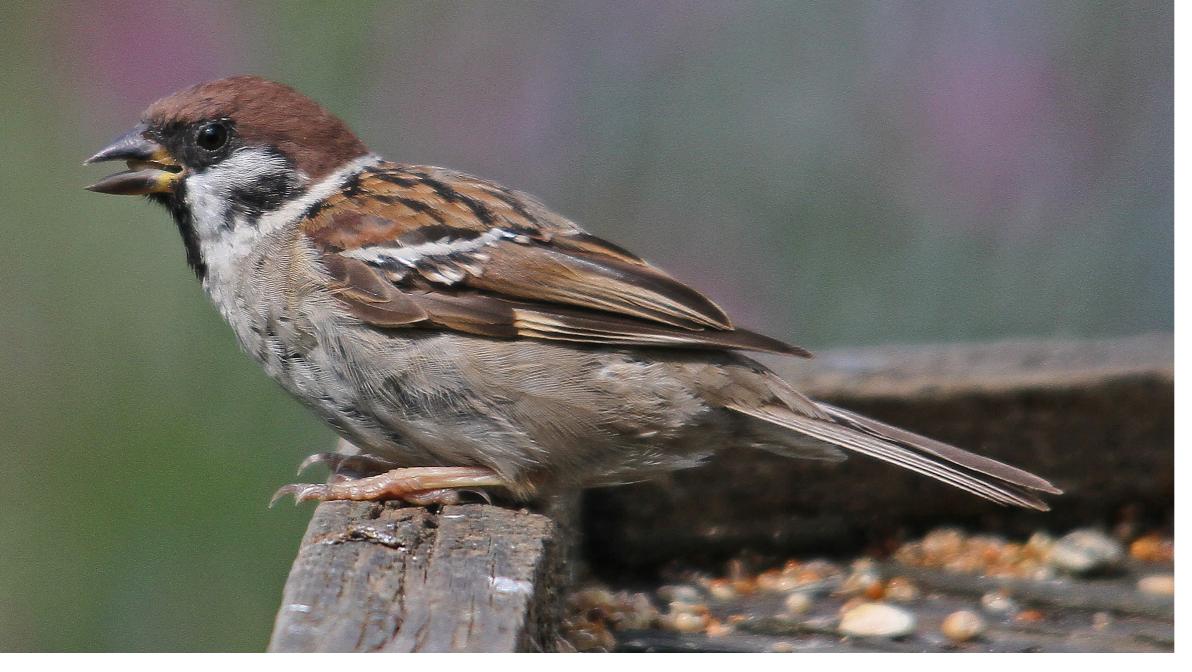
Apesar de ser uma espécie muito abundante, na



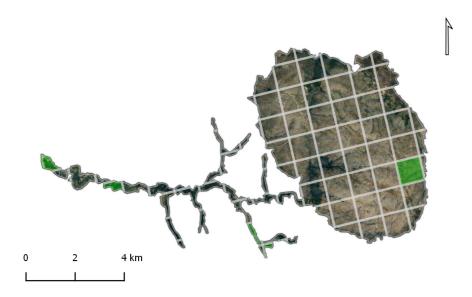
Ocorre de forma natural por grande parte da Europa, Ásia e norte de África. Foi introduzido na América do Norte, América do Sul, sul de África e Oceânia. Em Portugal continental é muito comum e com ampla distribuição no território. Residente. Na Serra d'Arga surge associada a todos os locais com presença humana.







### Fotografia: Michael Sveikutis



Presente no norte de África e na maior parte da Europa e Ásia. Introduzida na Austrália e na América do Norte. Em Portugal continental pode ocorrer de norte a sul do país, embora seja mais frequente no norte. Residente. Na Serra d'Arga pode ser observado associado a alguns pequenos núcleos rurais.

## PARDAL-MONTÊS

Nome científico: Passer montanus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: PASSERIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

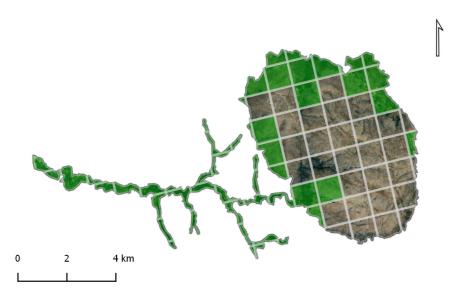
Pardal ligeiramente mais pequeno que o pardal-comum (14-15 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça e nuca castanho-chocolate, colar e faces brancas, com mancha preta nas coberturas auriculares, e pequeno babete preto. Zona dorsal castanha raiada de preto, asas com duas barras brancas. Zona ventral bege-esbranquiçado e cauda castanha. O juvenil é semelhante ao adulto, mas de coloração geral mais baça. Em áreas onde coexiste com o pardal comum, é excluído dos melhores locais de nidificação. Comporta-se como dominante contra outras espécies de aves "trogloditas" (aves que nidificam em cavidades).

### Habitat & Ecologia:

Espécie típica de ambientes rurais, como campos agrícolas, hortas, aldeias e periferias de cidade. Também pode ser abundante em bosques fluviais, montado ou outros pequenos bosques próximos de áreas agrícolas. Nidifica em cavidades de árvores, em buracos de edifícios e frequentemente em ninhos de cegonhabranca. Fundamentalmente granívora, ainda que na primavera possa consumir presas de origem animal (pequenos invertebrados).



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribuição paleártica, maioritariamente nas regiões temperadas e mediterrânicas da Europa e Ásia até ao Pacífico. Em Portugal continental é comum no norte e centro, sendo raro na sul. Residente. Na Serra d'Arga é muito comum, ocorrendo em praticamente todos os biótopos com bosques.

# CHAPIM-CARVOEIRO / CHAPIM-PRETO

Nome científico: Periparus ater
Ordem: PASSERIFORMES

Família: PARIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequeno chapim (10-11cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui cabeça preta, faces brancas e uma mancha branca na nuca, estreita e comprida. Zona dorsal cinzento-acastanhado e zona ventral bege-esbranquiçado. Apresenta duas barras brancas nas asas. O bico é negro as patas cor de chumbo. O juvenil é idêntico ao adulto, mas com coloração preta da cabeça mais baça.

**Habitat & Ecologia:** 

Espécie florestal, prefere florestas de resinosas, mas pode ocorrer numa grande diversidade de bosques caducifólios ou mistos, e por vezes também em zonas urbanas. Espécie muito ativa e com comportamentos acrobáticos. Alimenta-se essencialmente de pequenos insetos, larvas, aracnídeos e lagartas. Durante o outono e inverno, pode alimentar-se de sementes, especialmente pinhões.

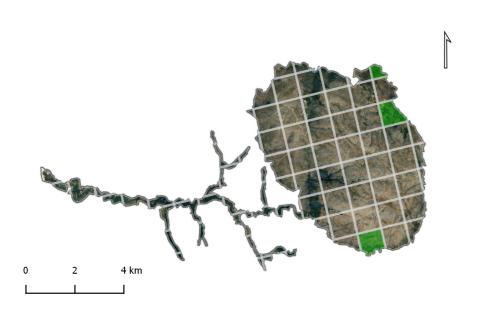
É uma espécie insetívora, que utiliza mais de 90% do tempo na procura de alimento, nos diferentes níveis do substrato arbóreo. O seu pequeno tamanho e capacidade acrobática permitiu uma especialização na busca de presas entre agulhas e galhos muito finos, substratos de uso mais difícil para espécies maiores.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

274



A sua área de nidificação estende-se por grande parte da Europa, exceto no extremo norte, estendendo-se até ao Irão e para além dos Urais. Inverna nas regiões central e ocidental da África Equatorial. Em Portugal continental é pouco comum podendo ocorrer em todo o país, mais no norte e interior do que no sul. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga parece surgir associada a algumas áreas de pinhal nas encostas da serra.

# BÚTIO-VESPEIRO / FALCÃO-ABELHEIRO

Nome científico: Pernis apivorus
Ordem: ACCIPITRIFORMES
Família: ACCIPITRIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável; Anexo I

da Directiva Aves

Rapina de tamanho médio (50-59 cm de comprimento, 113-135 cm de envergadura). Sexos semelhantes, fêmea ligeiramente maior e de coloração geral mais acastanhada. Pode ocorrer numa grande variedade de colorações, desde os indivíduos quase pretos, a aves de tonalidade bastante clara, apresentando em todos os casos o mesmo padrão cinzento na cabeça, barras no peito e nas asas e, no caso dos indivíduos mais claros, uma mancha escura distinta na zona carpal ("punhos"). A cauda exibe grossas barras transversais intermédias, sendo a terminal mais escura e larga. O juvenil apresenta plumagem com padrão variável.

### **Habitat & Ecologia:**

Espécie de hábitos reservados, que reproduz em zonas florestais com clareiras, preferencialmente em bosques maduros de caducifólias ou de coníferas. Durante a passagem outonal pode aglomerar-se em bandos de algumas dezenas. Dieta constituída essencialmente por larvas e adultos de vespas e abelhas, podendo incluir outros insetos, anfíbios, répteis, pequenos mamíferos e ainda crias e ovos de outras aves.

Possui características anatómicas adaptadas à sua dieta (vespas e abelhas): cabeça revestida por penas pequenas, escamosas e muito densas (reduzem a possibilidade de picadas); pés muito robustos com escamas grossas e garras curvadas (para escavar os ninhos das presas); narinas em forma de fenda (evita asfixia durante a escavação dos ninhos); quatro placas corneais no palato (defesa contra picadas); sulco cartilaginoso que envolve a pálpebra inferior (defesa contra picadas).

## CORVO-MARINHO-DE-FACES-BRANCAS

Nome científico: Phalacrocorax carbo

Ordem: PELECANIFORMES
Família: PHALACROCORACIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Ave aquática de grande dimensão (80-100 cm de comprimento, 130-160 cm de envergadura). Corpo alongado, pescoço curto e cauda longa e arredondada. O bico é amarelo, forte e direito, com a ponta em forma de gancho. A plumagem é essencialmente negra, com asas escamosas com reflexos azulados e esverdeados. No final do inverno, alguns indivíduos adquirem uma mancha branca em cada flanco e outra na cabeça.

### Habitat & Ecologia:

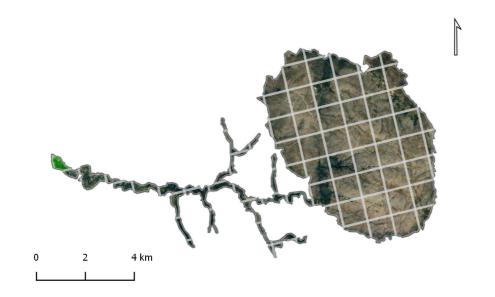
Frequenta habitats aquáticos, tanto costeiros como interiores, de água salgada, salobra ou doce. No meio marinho prefere locais protegidos como estuários, sapais e lagoas costeiras. Também pode ocorrer junto a barragens, açudes e rios principais. Alimenta-se essencialmente de peixe, que captura mergulhando.

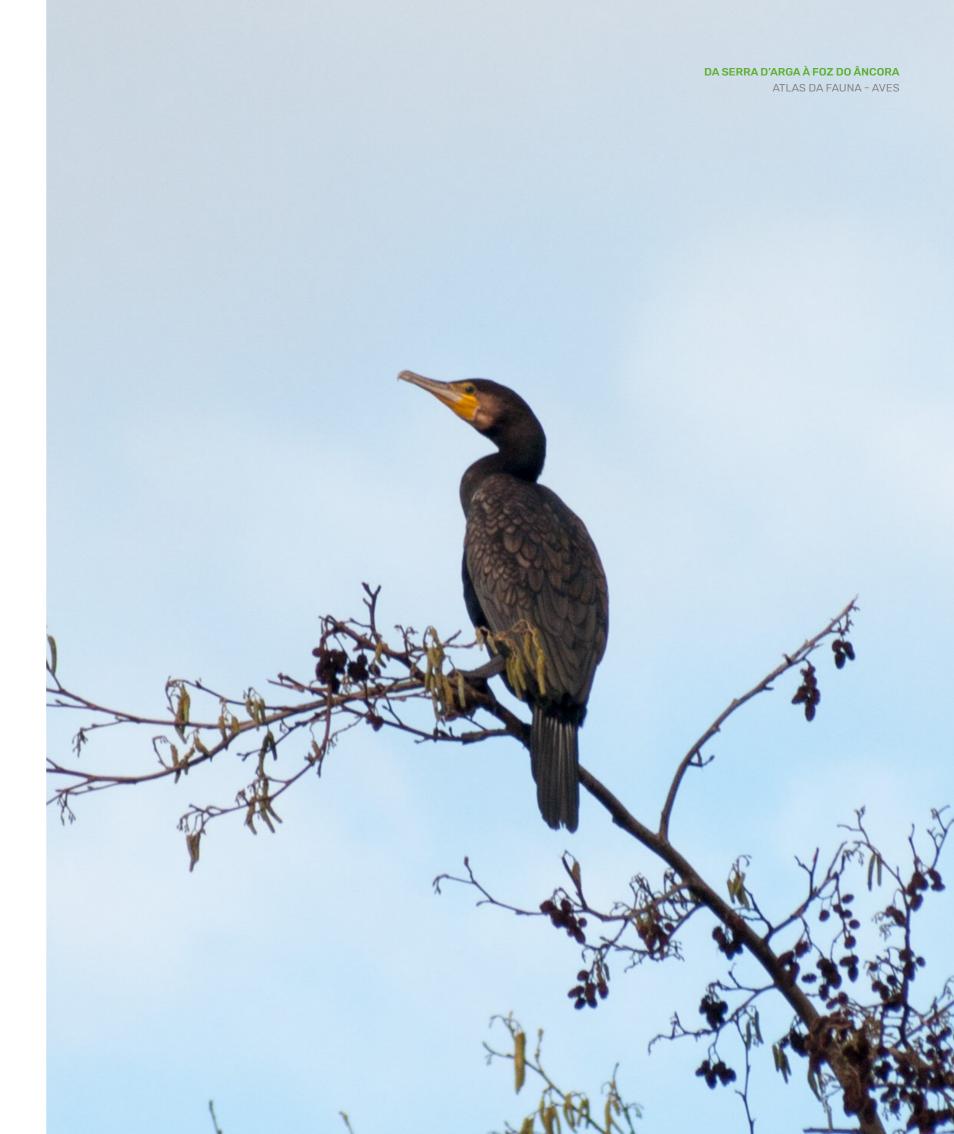
Na Ásia Oriental é utilizado para pesca, para fins turísticos. Colocam um aro à volta do pescoço de forma a impedir a ingestão das presas capturadas. Estima-se que necessita diariamente de cerca de 750 g

de peixe.

Distribuição muito alargada, em todos os continentes, com exceção da América do Sul e da Antárctica. Em Portugal continental é frequente ao longo de todo o território nacional. Tem uma distribuição ampla, associada a zonas húmidas, sendo menos comum no interior. Visitante. Na Serra d'Arga ocorre frequentemente no estuário do rio Âncora.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes







Nome científico: Phasianus colchicus

Ordem: GALLIFORMES
Família: PHASIANIDAE

Estatuto conservação: Não aplicável

Ave de grande dimensão (macho: 75-89 cm de comprimento, fêmea: 53-62 cm de comprimento), inconfundível, com dimorfismo sexual acentuado. O macho tem a cabeça verde terminando num colar branco, a face vermelha e o dorso castanho dourado. A fêmea é totalmente castanha. A cauda é longa em ambos os sexos.

## Habitat & Ecologia:

Espécie introduzida essencialmente para caça. Na região de origem ocorre essencialmente em prados naturais com algumas árvores e áreas agrícolas, preferencialmente próximas de água. Nos locais de introdução ocorre geralmente associado a terrenos agrícolas, como campos de cereais, geralmente orlados por bosques de folhosas. Tem poucas condições naturais para sobreviver no estado selvagem em Portugal. A alimentação é variada, e inclui frutos secos e carnudos, rebentos, insetos e vermes.

No seu nome científico, o restritivo específico colchicus, é a palavra latina que significa Cólquida (região ao sul do Cáucaso e a leste do mar Negro, na atual República da Geórgia), precisamente o local onde os europeus tiveram pela primeira vez contacto com a espécie.



d'Arga pode ser observado

esporadicamente associado

a algumas áreas agrícolas, no

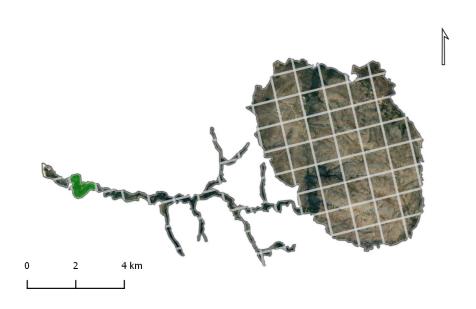
troço jusante do rio Âncora,

onde sobrevivem por algum

tempo após largadas.

Nativa da Ásia, a sua distribuição original estendia-se desde

Fotografia: C. Maia e D. Mendes



## RABIRRUIVO / RABIRRUIVO-PRETO

Nome científico: Phoenicurus ochruros

Ordem: PASSERIFORMES
Família: MUSCICAPIDAE

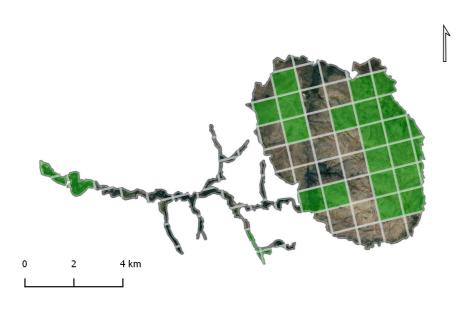
Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (14-15 cm de comprimento). Identifica-se pela cauda e uropígio arruivado. O macho, no verão, é preto-acinzentado com as rémiges secundárias orladas de branco. No inverno, o peito mantem-se preto, as asas são cinzento-escuras e parte inferior tem tonalidade branco-suja. A fêmea é castanha, mais escura na parte superior e mais clara na parte inferior. O juvenil é parecido com a fêmea, mas ligeiramente listrado.

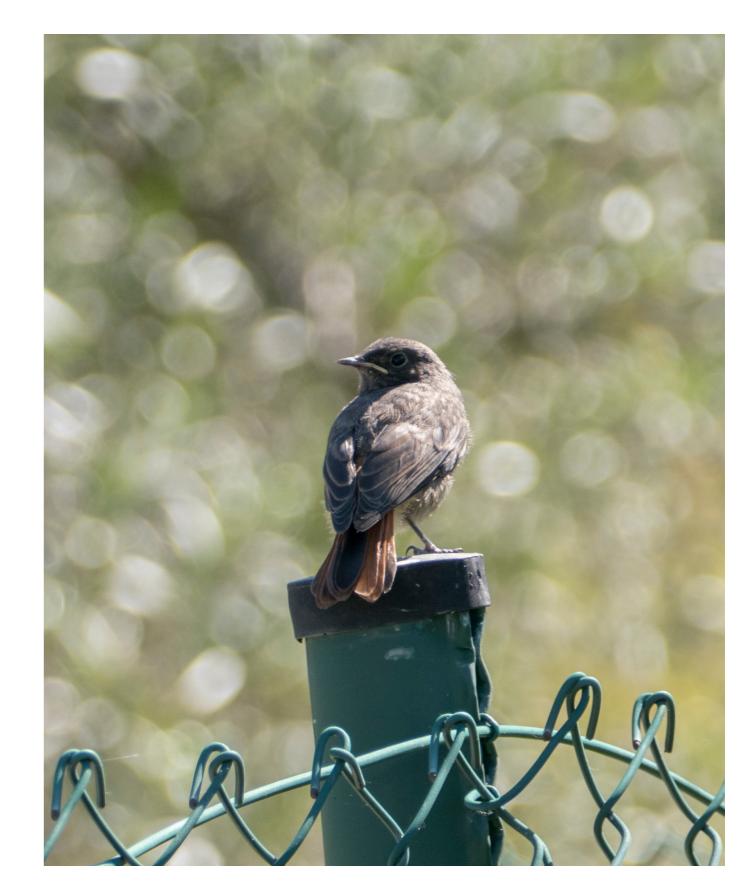
### Habitat & Ecologia:

Nidifica em zonas rochosas de montanha e falésias, mas também em edifícios e algumas zonas humanizadas. No inverno pode ocorrer em floresta esparsa, terrenos agrícolas e zonas habitadas ou outros tipos de áreas abertas. Dieta constituída essencialmente por invertebrados.

Pousa frequentemente em telhados ou muros exibindo um comportamento característico, oscilando a cauda e agitando-se continuamente.



Ocorre em grande parte da Europa, exceto nas zonas mais a norte, e centro Ásia. Residente em grande parte da sua distribuição, mas as populações do norte invernam no sul da Europa e norte de África, o mesmo se passando na Ásia, onde migram para o sul. Em Portugal continental ocorre como reprodutora residente, essencialmente a norte e em algumas escarpas costeiras no sul. Com a chegada de invernantes do centro da europa, pode ser observado em todo o país. Na Serra d'Arga ocorre com alguma abundância nas zonas rochosas de montanha, mas também associado às zonas humanizadas e áreas abertas do estuário, praia e

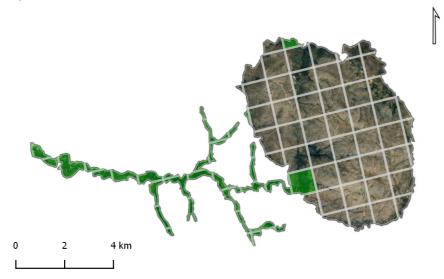


Fotografia: C. Maia e D. Mendes

283







Como nidificante ocorre essencialmente no centro e no norte da Europa e da Ásia. Inverna no norte de África, Médio Oriente e sudoeste da Europa. Em Portugal continental distribui-se por todo o país, sendo mais abundante no sul. Visitante, embora alguns indivíduos possam permanecertodo o ano. Na Serra d'Arga pode ser encontrada ao longo de toda a galeria ripícola do rio Âncora.

## FELOSINHA / FELOSA-COMUM

Nome científico: Phylloscopus collybita

Ordem: PASSERIFORMES
Família: PHYLLOSCOPIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequena felosa (11-12 cm de comprimento), de aspeto rechonchudo. Sexos semelhantes. O dorso é cinzento-esverdeado, as asas escuras, as partes inferiores pálidas, e possui uma listra supraciliar ténue. Patas escuras e bico pálido, curto e fino. Mais compacta e mais escura do que a felosa-musical. Muito parecida com a felosa-ibérica embora com uma coloração ligeiramente mais discreta.

### Habitat & Ecologia:

Frequenta uma grande variedade de habitats. Pode ocorrer em zonas densamente arborizadas, ambientes agrícolas e urbanizados, matos, sebes e especialmente galerias ripícolas e zonas húmidas onde pode ser muito abundante. Insectívora, a dieta é constituída maioritariamente por insetos e pequenas aranhas.

O nome comum em inglês "chiffchaff" é uma onomatopeia em referência ao som repetitivo do canto da subespécie europeia. Noutras línguas europeias encontram-se nomes similares tais como "Tjiftjaf" em holandês, "Zilpzalp" em alemão e "siff-saff" em galês.

## FELOSINHA-IBÉRICA

Nome científico: Phylloscopus ibericus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: PHYLLOSCOPIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

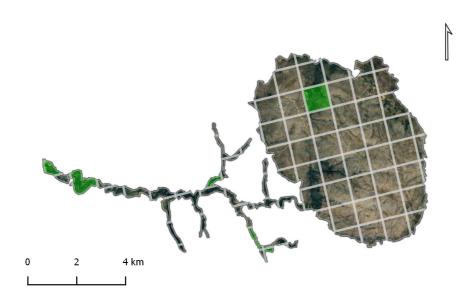
De tamanho semelhante à felosa-comum (11-12 cm de comprimento), à qual se assemelha, apresentando, no entanto, uma coloração mais viva. Sexos semelhantes. Zona dorsal castanho-esverdeado e zona ventral esbranquiçada, com garganta, peito e flancos de tonalidade amarelada. Listra supraciliar amarelo-clara e listra ocular escura. O juvenil é castanho-amarelado na zona dorsal e mais baço que o adulto na zona ventral.

Só recentemente foi reconhecida com o estatuto de espécie. Era considerada uma subespécie de felosa-comum.

## **Habitat & Ecologia:**

Pode ocorrer em bosques e matos, e especialmente em galerias ripícolas bem desenvolvidas. Alimenta-se essencialmente de insetos.

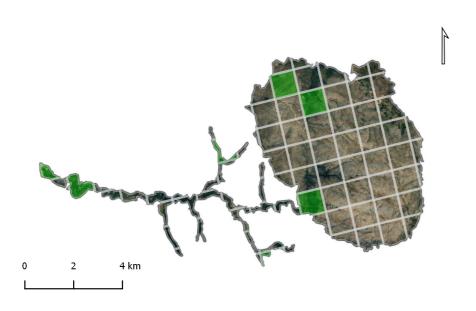
Espécie estritamente migradora. Como reprodutora é uma espécie com distribuição restrita a Portugal, Espanha e norte África. Inverna na África ocidental. Em Portugal continental distribui-se por todo o país, sendo mais comum na metade litoral do território. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga a distribuição parece ser fragmentada, ocorrendo essencialmente associada a algumas galerias ripícolas.





Fotografia: S. Tavares e D. Gomes





Espécie migradora, que reproduz numa ampla região, desde Europa Ocidental (França e alguns locais em Espanha) ao nordeste de Sibéria. Não reproduz nas zonas mais a sul da região paleártica. A sua área de invernada é muito extensa, estendendo-se por toda a África subsariana. Em Portugal continental pode ocorrer um pouco por todo o território, sobretudo na faixa costeira, mas apenas nas passagens migratórias. É geralmente muito comum na passagem outonal e mais rara na passagem pré-reprodutora. Na Serra d'Arga pode ser observada em vários locais durante migração.

## FELOSA-MUSICAL

 $\textbf{Nome científico:} \ \textit{Phylloscopus trochilus}$ 

Ordem: PASSERIFORMES
Família: PHYLLOSCOPIDAE

Estatuto conservação: Não avaliado

Felosa esbelta (11-12 cm de comprimento), com patas finas e bico pontiagudo. Sexos semelhantes. A sua característica mais distintiva é a listra superciliar esbranquiçada ou amarelada, bem marcada. O seu aspeto geral é verde acinzentado nas partes superiores. Partes inferiores brancas no ventre, com tons amarelados na garganta. Patas alaranjadas, pálidas. As asas são mais longas, e com maior projeção das primárias, do que na felosa-comum. Os juvenis têm as partes inferiores mais amarelas.

### Habitat & Ecologia:

Com maior preferência por arbustos do que bosques maduros. Ainda assim, pode ocorrer numa grande variedade de biótopos, principalmente no período migratório, altura em que pode ser observada em Portugal. É uma insectívora generalista e oportunista, que consume as presas mais acessíveis e abundantes em cada local e época do ano.

Nas suas longas migrações as felosas-musicais mantêm as reservas de gordura baixas, conseguindo assim um menor gasto energético durante o voo. Só aumentam gradualmente as reservas de gordura à medida que se aproximam de barreiras naturais que exigem um esforço superior, como o mar Mediterrâneo ou o deserto do Sara.

## PEGA-RABUDA

Nome científico: Pica pica Ordem: PASSERIFORMES Família: CORVIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

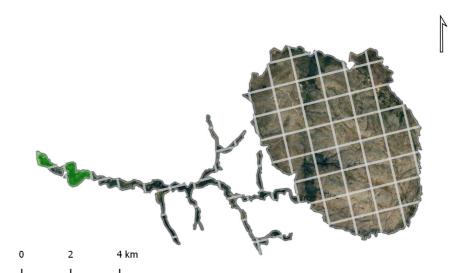
Grande e inconfundível, com cerca de 45 cm de comprimento, com marcados contrastes brancos e negros na plumagem. A cabeça, o peito e o dorso são pretos, as asas são pretas e ovais brancas bem marcadas. O abdómen é branco. A plumagem negra é muito brilhante, podendo, conforme as condições de luz, transmitir tons de azul, violeta, bronze ou verde. Sexos semelhantes, sendo a fêmea ligeiramente mais pequena.

Têm o hábito de armazenar comida excedente, algo que terá permitido a sua adaptação a diversos habitats.

## **Habitat & Ecologia:**

Ave generalista, frequenta uma grande diversidade de biótopos, sendo mais comum em zonas agrícolas e suburbanas. Alimentam-se essencialmente no chão ou saltitando entre ramos e arbustos, sendo a sua dieta composta maioritariamente por material vegetal durante o inverno, e por presas animais (sobretudo invertebrados, mas também ovos, pequenos vertebrados e carcaças) nos meses mais quentes.



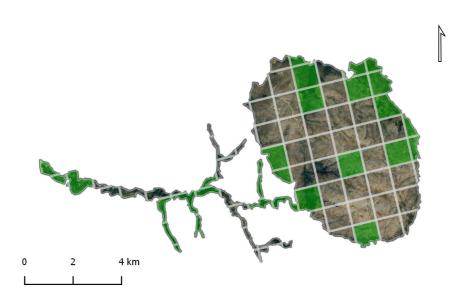




Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Fotografia: Stefan Berntsson



Ocorre essencialmente na Europa, estando ausente de algumas partes do Norte e Europa Oriental, Irlanda, Gronelândia e Macaronésia. Ocorre ainda na Ásia Ocidental. É uma espécie residente em toda a sua área de distribuição. Em Portugal continental tem uma ampla distribuição, sendo mais comum no norte. Residente. Na Serra d'Arga está presente na maioria dos biótopos florestais, sendo abundante nos pinhais.

## PETO-VERDE / PETO-REAL / PICA-PAU-VERDE

Nome científico: Picus viridis

Ordem: PICIFORMES Família: PICIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Porte médio a grande, sendo o maior dos pica-paus em Portugal (cerca de 32 cm). Sexos semelhantes. Dorso de cor verde, uropígio amarelo e cauda pontiaguda castanho-escura. Na face apresenta uma espécie de máscara preta. O ventre é verde-acinzentado, com barras castanhas na parte inferior da cauda. A coroa é vermelha. O macho apresenta ainda um "bigode" vermelho. O juvenil apresenta plumagem sarapintada.

Devido à sua curiosa vocalização, fazendo lembrar uma gargalhada, é também conhecido pelo nome "cavalo-rinchão".

## Habitat & Ecologia:

Espécie florestal, que ocorre preferencialmente em pinhais, mas que pode estar associada a vários tipos de biótopos com árvores, sobretudo com clareiras. Evita geralmente eucaliptais e montados de azinho. Nidifica, geralmente, em buracos de árvores. É uma espécie insectívora, alimentando-se maioritariamente de formigas.

Ordem: CHARADRIIFORMES
Família: CHARADRIIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Ave costeira de tamanho médio (27-30 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Bico preto, curto e robusto. Pernas e patas cinzentas. No inverno a plumagem é menos exuberante, e caracterizada por um padrão escamado no dorso e asas, ventre e peito mais pálidos. No Verão, a plumagem é mais vistosa, apresentando uma máscara preta, que se estende pela garganta, peito e abdómen, e que contrasta fortemente com os flancos brancos e a malha branco-preta no dorso e asas. Em ambas as plumagens, possui axilas pretas, facilmente visíveis em voo.

Os resultados de contagens nacionais no Continente sugerem uma população invernante de aproximadamente 6000 aves. Estes valores representam uma tendência regressiva do número de indivíduos, coincidente com um padrão mais geral a nível internacional.

#### **Habitat & Ecologia:**

Fora da época de reprodução, período em que ocorre em Portugal, prefere zonas pantanosas e espaçosas, praias de areia e seixos e estuários sujeitos a marés. Por vezes, também surge em charcos de água doce. Alimenta-se principalmente em zonas de vasa, essencialmente de poliquetas marinhas, moluscos e crustáceos.

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

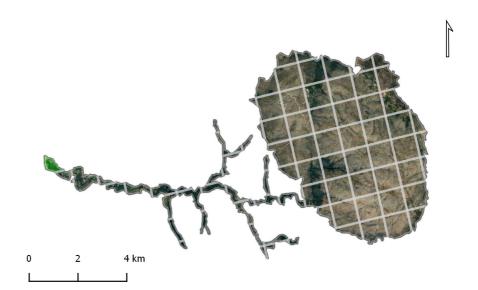
ATLAS DA FAUNA - AVES



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

boreal, reproduzindo apenas na tundra ártica. A sua distribuição no Paleártico Ocidental como reprodutora está restrita ao extremo norte da Rússia. Inverna na Europa Ocidental, Mediterrâneo, África Ocidental, Central e do Sul. Em Portugal continental pode ser observada durante todo o ano, na faixa costeira de norte a sul do país. Localmente pode ser bastante abundante, sobretudo em sapais, junto ao litoral e em grandes zonas estuarinas. É muito rara no interior. Visitante. Na Serra d'Arga pode ocasionalmente ser observada no estuário do rio Âncora.

Espécie marcadamente





# **FERREIRINHA**

Nome científico: Prunella modularis Ordem: PASSERIFORMES

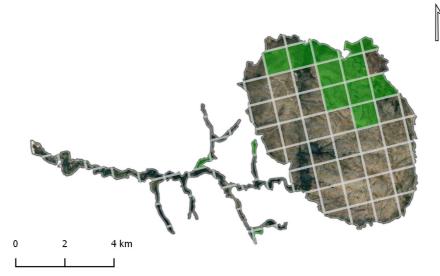
Família: PRUNELLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

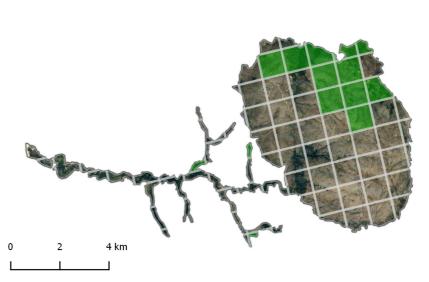
Passeriforme de tamanho médio (14-16 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Cabeça e peito acinzentados, zona dorsal acastanhada e abdómen esbranquiçado, com os flancos e dorso riscados. As asas são castanhas com o centro preto. O juvenil apresenta uma coloração geral com tonalidades mais acastanhadas e riscas mais intensas.

## Habitat & Ecologia:

Espécie tipicamente arbustiva, ocorre geralmente em zonas de sebes e matos, como urzais, tojais, giestais, silvados e sebes diversas. Pode ocorre ainda em florestas com sub-bosque como plantações jovens de coníferas, carvalhais abertos e pinhais. Essencialmente insectívora.



Fotografia: Stefan Berndtsson



buição é mais fragmentada na Península Ibérica, Itália e nos Balcãs. Em Portugal continental nidifica essencialmente no nordeste do país, sendo mais abundante nas regiões montanhosas com influência atlântica. Durante o inverno pode ocorrer em todo o país. Residente. Na Serra d'Arga observa-se em sebes de terrenos agrícolas, matos e arbustos

da serra.

O ninho, contruído apenas pela fêmea, é uma taça grande, bem

construída de galhos mistura-

dos com musgo e revestido de

pelo e lã. Também pode utilizar

Com ampla distribuição no continente Europeu. A distri-

em especial na zona nordeste

antigos ninhos de melro.



297

## 296

## ANDORINHA-DAS-ROCHAS

Nome científico: Ptyonoprogne rupestris

Ordem: PASSERIFORMES
Família: HIRUNDINIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Andorinha pequena (14-15 cm de comprimento). Sem dimorfismo sexual. Plumagem totalmente castanha, um pouco mais clara nas partes inferiores. Garganta bege raiada de castanho-escuro. Cauda quase quadrada na extremidade e com pintas brancas nítidas na parte inferior, bem visíveis em voo.

Única andorinha que passa o inverno na Europa, sendo por isso conhecida em certas zonas do país como "andorinha-de-inverno".

## **Habitat & Ecologia:**

Utiliza habitats rochosos e escarpados, nidificando em escarpas, pontes, viadutos, túneis, ruínas e paredões de barragens, essencialmente no interior. Ocorre com alguma regularidade em núcleos urbanos, onde pode formar dormitórios com muitas dezenas de indivíduos. No inverno, pode surgir também em falésias costeiras, vales e zonas húmidas do litoral, tornandose mais frequente em aglomerados populacionais.

do país como

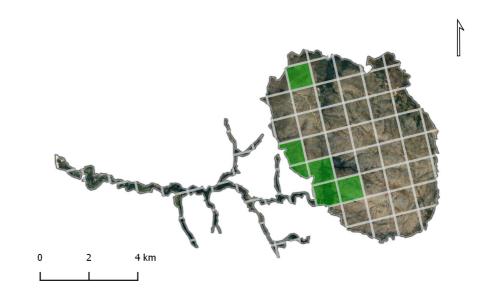
inverno".

África. Ausente do
norte da Europa. En
continental é a ún
rinha residente, d
do-se de norte a si
nidificando essencia
metade interior. No
apresenta uma dis



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre na Europa do Sul, especialmente ao longo da bacia Mediterrânica, Ásia e norte de África. Ausente do centro e norte da Europa. Em Portugal continental é a única andorinha residente, distribuindo-se de norte a sul do país, nidificando essencialmente na metade interior. No inverno, apresenta uma distribuição mais alargada, podendo ocorrer junto ao litoral. Na Serra d'Arga pode ser observada frequentemente em várias zonas rochosas, particularmente nas encostas e zonas escarpadas.



Fotografia: Stefan Berndtsson

## DOM-FAFE

Nome científico: Pyrrhula pyrrhula

Ordem: PASSERIFORMES
Família: FRINGILLIDAE

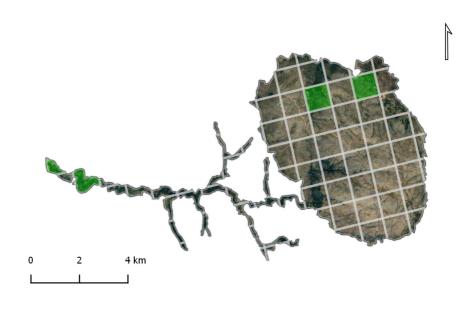
Estatuto conservação: Pouco preocupante

Fringilídeo relativamente grande (14,5-16,5 cm de comprimento) e robusto. Sexos semelhantes, mas a fêmea tem cores muito menos contrastadas. O macho apresenta na zona ventral uma coloração rosa-vivo, e na zona dorsal uma coloração cinzenta. Coroa preta, bico grosso e igualmente preto. Cauda e asas pretas, com uma barra branca na asa, e uropígio branco. O juvenil não apresenta coroa preta.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie dependente de habitats com árvores mais ou menos densos. Ocorre preferencialmente em matas ribeirinhas de folhosas e manchas de carvalhal. Pode ainda ocorrer em pinhais e bosques mistos de coníferas e folhosas. Alimenta-se de sementes, bagas, rebentos e outros materiais vegetais. Na alimentação dos juvenis os invertebrados têm também um papel relevante.

Desconhece-se concretamente a origem do nome comum, mas suspeita-se que tenha sido adaptado do alemão "Dompfaff".



Distribuição paleártica, cuja área de reprodução se estende pela maior parte da Eurásia, desde as ilhas Britânicas até à Sibéria oriental, Japão e Kamchatka. Em Portugal continental reproduz no norte do país, podendo ocorrer mais a sul fora da época de reprodução. Residente. Na Serra d'Arga não parece ser muito abundante sendo possível de observar em algumas matas e galerias ripícolas.

## FRANGO D'ÁGUA

Nome científico: Rallus aquaticus

Ordem: GRUIFORMES Família: RALLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

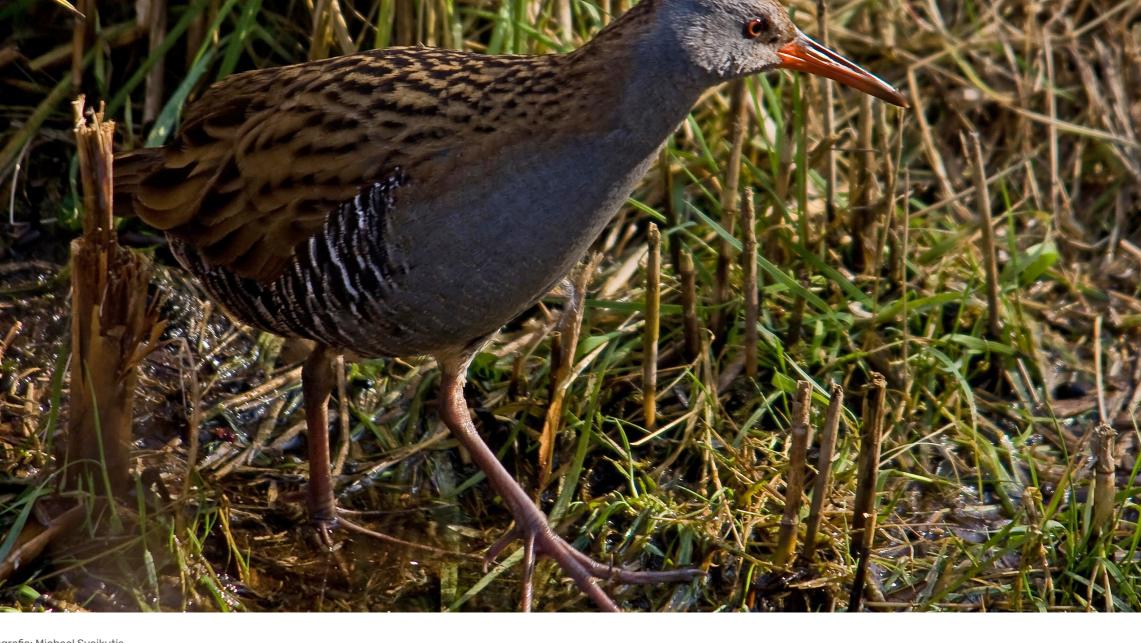
Mais pequeno do que a galinha d'água (23-28 cm de comprimento). Sexos semelhantes. As partes superiores são castanhas, marcadas de preto, enquanto as partes inferiores são azul-acinzentado, com os flancos listados de preto e branco com extremidades beges. Bico longo, direito e vermelho. Pernas longas, castanhas e por vezes tingidas de vermelho. As coberturas infra-caudais são brancas. Os juvenis são de cor mais acastanhada com o peito e as partes inferiores às riscas e os implumes são penugentos e pretos.

O ninho é uma taça grande,

#### Habitat & Ecologia:

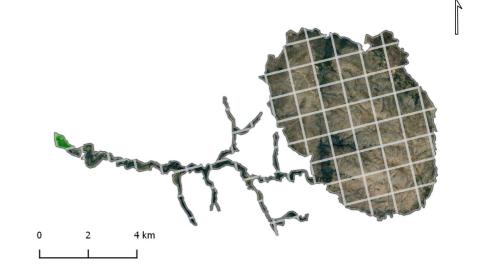
Ocorre geralmente associado a zonas húmidas de vários tipos, como lagoas, açudes, pauis, estuários, rios, ribeiras, arrozais em pousio, valas ou canais e salinas abandonadas, desde que tenham vegetação apropriada (caniçais densos e outra vegetação aquática emergente muito densa). De hábitos secretivos, raramente se mostram. Omnívora, ainda assim, a alimentação baseia-se sobretudo em invertebrados aquáticos.

geralmente em forma de barco, feito com canas ou caules de plantas locais e folhas secas. As plantas mais altas são geralmente puxadas em volta e sobre o ninho, formando uma espécie de



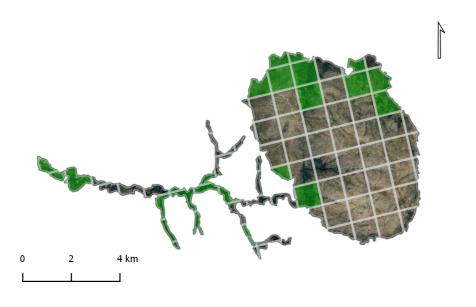
Fotografia: Michael Sveikutis

Distribui-se pela Ásia, norte de África e por toda a Europa, embora não exista nas zonas de maior altitude e nas zonas mais frias. Em Portugal continental pode ocorrer um pouco por todo o país, desde que na presença de habitat adequado. Residente. Na Serra d'Arga pode ser observada no estuário do rio Âncora.





Fotografia: S. Tavares e D. Gomes



A população reprodutora distribui-se pela maior parte das florestas temperadas da Europa e noroeste de África. Em Portugal continental é relativamente abundante, principalmente na metade norte do país. Residente, recebendo muitos indivíduos, provenientes das populações mais a norte, no inverno. Na Serra d'Arga é uma espécie relativamente comum estando bem distribuída pelas áreas florestais e galerias ripícolas.

## ESTRELINHA-DE-CABEÇA-LISTADA / ESTRELINHA-REAL

Nome científico: Regulus ignicapilla

Ordem: PASSERIFORMES
Família: REGULIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequeno passeriforme (cerca de 9 cm de comprimento). O macho apresenta uma listra central alaranjada na coroa, contornada por duas listras pretas que se unem na testa. Listra supraciliar branca e listra ocular preta. O dorso é esverdeado e a zona ventral é esbranquiçada, apresentando uma coloração dourada de ambos os lados do peito. A fêmea é semelhante, mas a listra central da coroa é amarela. O juvenil é semelhante ao adulto, mas sem o padrão distinto da coroa.

Na época de reprodução os machos ficam inquietos, aproximando-se das fêmeas com a crista alaranjada eriçada e aberta para os lados.

## Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats, preferencialmente com árvores, como matas caducifólias, povoamentos mistos ou de coníferas, matas ribeirinhas, matagais mediterrânicos altos, bosquetes de áreas agrícolas, áreas com mimosas, parques e zonas verdes de espaços urbanos. Fora da época de reprodução pode mesmo surgir em zonas sem árvores, como matagais. Maioritariamente insectívora.

## ANDORINHA-DAS-BARREIRAS

Nome científico: Riparia riparia

Ordem: PASSERIFORMES
Família: HIRUNDINIDAE

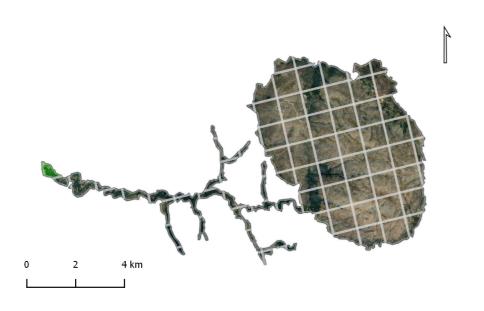
Estatuto conservação: Pouco preocupante

Andorinha de pequeno-tamanho (12-14 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem castanha e branca com uma banda castanha no peito. Cauda curta, castanha, quase quadrada.

## Habitat & Ecologia:

Espécie estival que nidifica em barreiras de areia ou terra, localizadas nas margens de rios, taludes junto a estradas, areeiros ou encostas íngremes. É uma ave colonial, podendo as suas colónias ter dezenas ou mesmo centenas de ninhos. Alimenta-se de insetos que captura em voo.

Contrariamente às outras andorinhas, esta espécie não constrói o seu ninho com lama. O ninho é escavado em taludes de areia ou terra e é composto por um túnel com cerca de 2 metros de comprimento, que termina numa câmara.



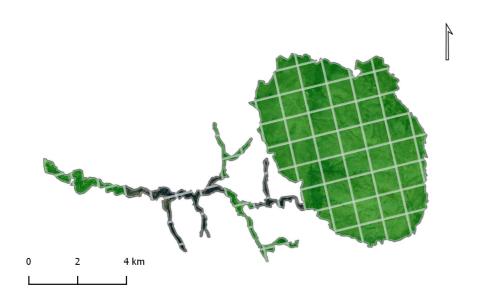
Ampla distribuição mundial, ocorrendo na Europa, América do Norte e Ásia como reprodutora, invernando em África e na América do Sul. Em Portugal continental tem uma distribuição fragmentada, sendo mais comum na zona litoral e a norte. É pouco abundante exceto nas áreas próximas das colónias. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga foi observada próximo do estuário do rio Âncora, desconhecendo-se colónias de reprodução na área.



Fotografia: Michael Sveikutis



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Distribui-se por grande parte da Europa, Ásia e África. Em Portugal continental é uma espécie muito comum, que se distribui por todo o território. Residente. Na Serra d'Arga é das espécies mais abundantes, ocorrendo associado a todo o tipo de habitats abertos.

## **CARTAXO**

Nome científico: Saxicola torquatus

Ordem: PASSERIFORMES Família: MUSCICAPIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Passeriforme de tamanho médio (12-13 cm de comprimento). Dimorfismo sexual. No verão, o macho tem a cabeça, face e garganta pretas, uma característica mancha branca de cada lado do pescoço, peito alaranjado e partes inferiores beges. As asas têm uma mancha branca nas rémiges secundárias, o uropígio é branco e as partes superiores preto-acastanhadas. No inverno é mais discreto, mais claro, com a parte superior mais visivelmente malhada e com o peito menos avermelhado. A fêmea tem a cabeça e partes superiores castanhas raiadas e partes inferiores bege-alaranjado. O juvenil é castanho, com o peito sarapintado.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre essencialmente em zonas abertas com coberto arbustivo, terras de cultivo com sebes, orlas de matas e pauis. É uma das espécies mais abundantes em áreas de matos de montanha. Alimenta-se essencialmente de insetos e outros invertebrados.

Uma das espécies de aves mais fáceis de observar. Vulgarmente é encontrado empoleirado em postes, cercas e fios, locais que elege para observar as presas (insetos) que captura.

Ordem: CHARADRIIFORMES
Família: SCOLOPACIDAE

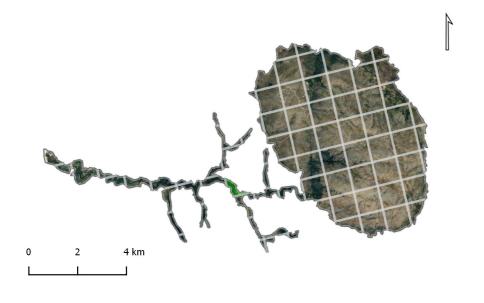
Estatuto conservação: Informação Insuficiente

Limícola, mais encorpada e compacta do que a narceja-comum (33-35 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Bico muito comprido. Plumagem dorsal castanho-arruivada, com largas barras transversais na cabeça. A parte ventral tem padrões ondeados em castanho e bege. A coloração críptica faz com que passe muito facilmente despercebida. Cauda curta e asas compridas e arredondadas.

#### **Habitat & Ecologia:**

Pode ocorrer em bosques, como carvalhais, pinhais, eucaliptais, montados e matas ripícolas, ou mesmo matos de tojos, estevas, giestas, desde que associados a sub-coberto húmido e com algumas clareiras. É uma espécie com hábitos furtivos, maioritariamente noturnos, sendo por isso muito difícil de detetar. Alimenta-se essencialmente de minhocas e larvas de insetos.

É uma espécie cinegética muito procurada pelos caçadores, que também a designam como "a dama dos bosques".



Distribuição paleártica, repartida pelas áreas temperadas de Europa e Ásia, desde as Ilhas Britânicas até à Mongólia e extremo oriental de Rússia, China e Japão. Ocorre como nidificante até ao norte de Espanha. Inverna no oeste e sul da Europa, norte de África, Índia e Indochina. Espécie invernante em Portugal continental, sendo nidificante na Madeira e Açores. Devido aos seus hábitos críticos, a sua distribuição em Portugal é pouco conhecida, embora se suponha que se distribui de norte a sul do país. Na Serra d'Arga foi detetada apenas num local, numa mata ripícola do rio Âncora.

Fotografia: Jason Thompson



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

## CHAMARIZ / MILHEIRA

Nome científico: Serinus serinus
Ordem: PASSERIFORMES

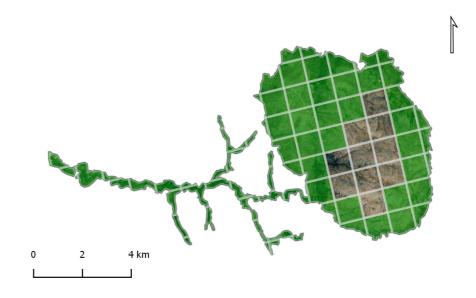
Família: FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Fringilídeo pequeno (11-12 cm de comprimento). Dorso riscado de cor amarelo-esverdeado, flancos riscados e uropígio amarelo vivo. O macho tem testa, listra ocular, pescoço, garganta e peito amarelo-vivo, e faces amarelo-esverdeado. As asas são escuras e têm duas barras amarelas pouco nítidas. A fêmea e o juvenil apresentam uma coloração menos contrastada.

## Habitat & Ecologia:

Pode ocorrer numa grande diversidade de biótopos, como pequenos bosques, matos, prados de altitude, áreas agrícolas, zonas costeiras, parques e jardins, desde que possuam árvores. Alimenta-se essencialmente de sementes e outros materiais vegetais.



É uma ave com comportamento bastante frenético, que vocaliza mesmo nas horas mais quentes do dia. Apresenta um voo de exibição tipo "borboleta".

Distribui-se pela Europa, norte de África, Síria, Jordânia e Iraque. As populações mais setentrionais são migradoras, invernando nas zonas mais a sul da sua área de distribuição. Em Portugal continental tem uma ampla distribuição no território, excetuando nas planícies abertas do Baixo Alentejo, onde é raro. Residente. Na Serra d'Arga está presente em praticamente todos os biótopos, exceto em algumas zonas de maior altitude, onde a vegetação arbórea é mais escassa.

#### 313

## TREPADEIRA-AZUL

Nome científico: Sitta europaea
Ordem: PASSERIFORMES

Família: SITTIDAE

312

Estatuto conservação: Pouco preocupante

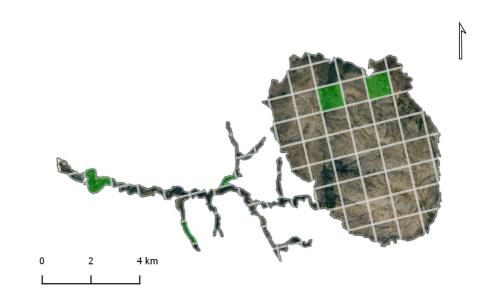
Passeriforme de tamanho médio (14-15 cm de comprimento). Sexos semelhantes, mas a fêmea apresenta flancos de um castanho-avermelhado menos intenso. Coroa, nuca e zona dorsal cinzento-azulado, com uma risca preta atravessando o olho e cobrindo o loro. Garganta esbranquiçada, zona ventral bege e flancos castanho-avermelhados. Cauda preta com pontas brancas e duas retrizes centrais cinzento-azulado. O juvenil é mais baço.

É uma espécie singular, devido à sua capacidade para caminhar pelos troncos das árvores de cabeça para baixo.

#### **Habitat & Ecologia:**

Geralmente associada a carvalhais, sobreirais ou azinhais, pode ocorrer em diferentes tipos de áreas de floresta, densa ou esparsa, matas, jardins e parques com árvores de grande porte. Alimenta-se essencialmente de invertebrados, podendo também alimentar-se de pequenas sementes e bagas, particularmente na época fria.





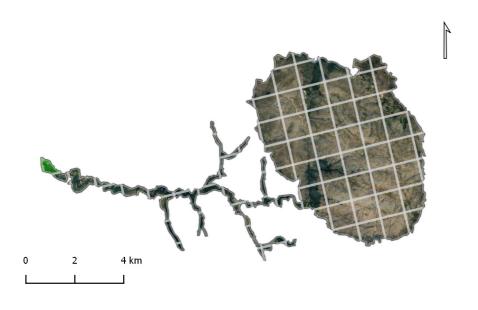


Fotografia: C. Maia e D. Mendes

315



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



A nível global, está presente em quase toda a Europa (nidificante mais a norte, residente essencialmente na Europa central e de leste, e invernante no sul), parte da Ásia e norte de África. Em Portugal continental pode ocorrer em todo o país, embora com números muito variáveis de ano para ano. Visitante. Na Serra d'Arga foi apenas observado na galeria ripícola da zona do estuário do rio Âncora.

## LUGRE / PINTASSILGO-VERDE

Nome científico: Spinus spinus Ordem: PASSERIFORMES Família: FRINGILLIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequeno fringilídeo (11-12 cm de comprimento). Plumagem preta e amarela-esverdeada, com bico cónico (característico das aves granívoras). O macho é esverdeado na parte superior, amarelado na parte inferior, com os flancos malhados. A coroa é preta, formando um barrete distintivo. Tem um pequeno bibe preto. As asas são pretas com barras alares amarelas notórias. O uropígio é amarelo. A fêmea é muito menos contrastada, a plumagem é toda malhada cinzento-esverdeada na parte superior e castanho-clara na parte inferior, com amarelo apenas nas asas e na cauda. O juvenil tem a cabeça pálida e estriada.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre essencialmente em biótopos com árvores, como carvalhais, montados de sobro e de azinho, pinhais, eucaliptais, olivais, pomares e matas ribeirinhas. É particularmente frequente em galerias ripícolas com amieiro. A sua alimentação durante o inverno é composta por sementes.

Muito social, pode ser visto em grupos de alguns indivíduos a várias dezenas, muitas vezes acompanhado por outros fringilídeos. Os grupos apresentam uma hierarquia definida em que se verifica o fenómeno "allofeeding": indivíduos do mesmo sexo com hierarquia inferior alimentam os de hierarquia superior, regurgitando a comida.

Nome científico: Sterna hirundo Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Em Perigo / Anexo I

da Directiva Aves

Ave marinha, de tamanho médio (32-39 cm de comprimento, 72-83 cm de envergadura). Sexos semelhantes. Coloração cinzento-clara na parte superior e asas e branca na parte inferior, com um barrete negro, que, na plumagem nupcial, se estende da testa até à nuca. As primárias têm o rebordo inferior escuro, grosso e difuso. Bico vermelho pontiagudo, com a ponta preta no verão e todo negro no resto do ano. Patas curtas e avermelhadas. O juvenil tem bico cor-de-laranja, o manto acastanhado e uma evidente barra carpal escura.

bação humana na área envolvente às colónias, e a presença de predadores naturais como os estorninhos, e predadores introduzidos como os ratos, são as principais ameaças para a espécie.

#### Habitat & Ecologia:

Espécie maioritariamente costeira, que pode nidificar em rios e zonas húmidas. Em Portugal continental nidifica apenas em salinas e pisciculturas. Como migrador ocorre essencialmente na costa e estuários, onde se alimenta sobretudo de pequenos peixes, mas também de crustáceos e insetos.

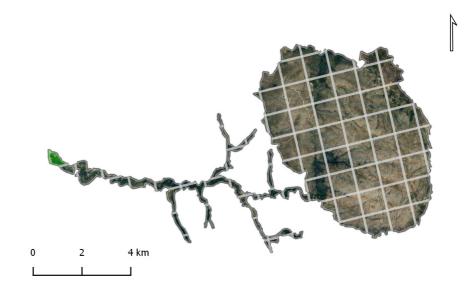
Nos Açores e Madeira a pertur-



Fotografia: Stefan Berndtsson

tada em quase todo o hemisfério norte, com a exceção do Ártico. Inverna nas costas da América do Sul, África, Península Arábica, Índia, sudeste Asiático e Austrália. Em Portugal continental é rara e irregular como nidificante (em salinas), mas frequente como migradora de passagem, podendo ser observado ao longo de toda a costa nas passagens migratórias outonais e primaveris. Na Serra d'Arga, pode esporadicamente ser observada a alimentar-se no estuário do rio Âncora, nos períodos de migração.

Nidifica de forma fragmen-





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

## **ROLA-TURCA**

Nome científico: Streptopelia decaocto

Ordem: PASSERIFORMES
Família: COLUMBIDAE

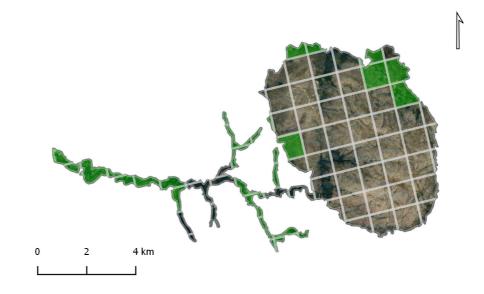
Estatuto conservação: Pouco preocupante

Maior do que a rola-brava (30-32 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Coroa cinzento-clara, peito, pescoço e face rosa-pálido, com um meio-colar preto, orlado de branco, na parte superior do pescoço. Zona dorsal acastanhada e zona ventral esbranquiçada. Cauda arredondada, com retrizes castanhas de extremidades brancas, formando uma barra terminal larga. O juvenil é semelhante ao adulto, embora de coloração mais baça e não apresentando o meio-colar negro.

#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre sobretudo em zonas urbanas, sendo muito frequente em aldeias, vilas e cidades. Nidifica em árvores, arbustos, sebes ou edifícios. Alimenta-se essencialmente de sementes, mas também das partes verdes das plantas, de invertebrados e pão.

Espécie com uma expansão extraordinariamente rápida na Europa. Os primeiros registos da espécie em Portugal ocorreram apenas na década de 70, sendo que há apenas 20 anos a espécie era muito rara em Portugal.



Originária da Ásia e extremo sudeste da Europa, colonizou recentemente toda a Europa. Em Portugal é abundante em todo o território continental. Residente. Na Serra d'Arga é comum em todos os ambientes humanizados, estando ausente nas zonas de altitude e áreas mais densamente arborizadas.

## **ROLA-BRAVA**

Nome científico: Streptopelia turtur

Ordem: PASSERIFORMES
Família: COLUMBIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Rola de tamanho médio (26-28 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Coroa e nuca de cor cinzenta, peito, pescoço e faces rosadas e um conjunto de riscas pretas e brancas no pescoço. Zona dorsal e uropígio castanho, com centro das penas preto, com rebordo castanho-dourado. Cauda arredondada, preta com orla branca à exceção das retrizes centrais. Anel orbital vermelho e olho dourado. Zona ventral esbranquiçada. O juvenil é semelhante ao adulto, mas de plumagem mais baça e sem as listras no pescoço.

Entre 1980 e 2009 a população europeia de rola-brava diminuiu 69%. De acordo com o Censo de Aves Comuns da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, entre 2004 e 2010 houve uma diminuição de 31%. Neste momento, a sua população está praticamente extinta como reprodutora na maior parte das regiões de Portugal.

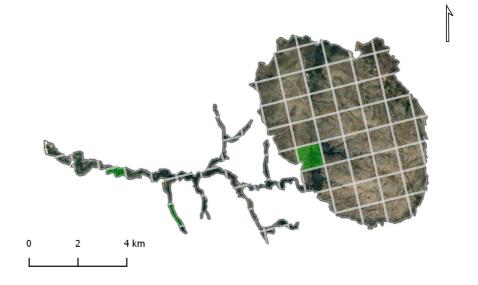


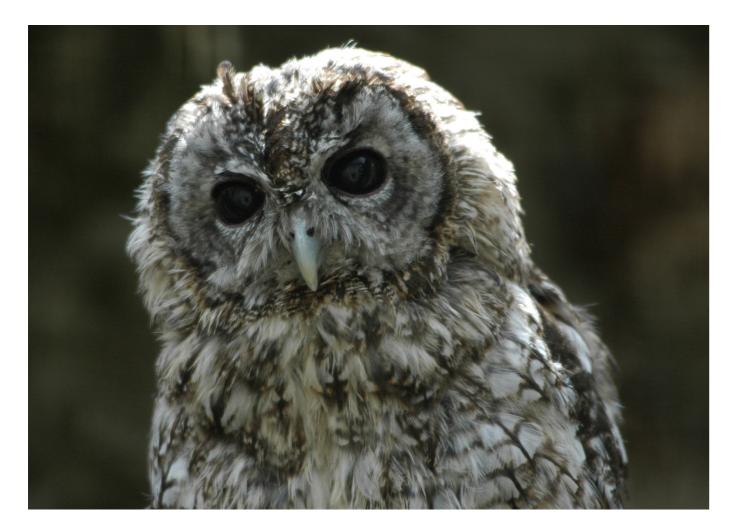
Espécie migradora, que ocorre numa grande variedade de habitats florestais e mistos. Prefere associações de terrenos cultivados e pastagens com manchas de vegetação arbórea, mas pode também ocorrer em orlas de floresta, pequenas matas, bosques, terrenos agrícolas, pomares e jardins.



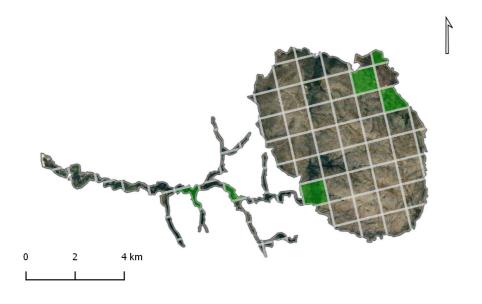
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribui-se pelo Paleártico
Ocidental, incluindo toda
a Europa e norte de África,
até noroeste da China. Em
Portugal continental pode
ocorrer por todo o território.
Como nidificante é mais abundante na metade norte do
país, especialmente na região
de Trás-os-Montes. Migrador
Reprodutor. Na Serra d'Arga é
pouco comum, ocorrendo em
galerias ripícolas associadas a
campos agrícolas.





Fotografia: PBG/CMG



Distribui-se por toda a Europa (salvo a franja mais setentrional), na costa norte de África e centro e sul da Ásia. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul do país, embora seja pouco comum nalgumas regiões e menos frequente no norte do que no sul. Residente. Na Serra d'Arga parece ocorrer associada a algumas manchas de pinhal, estando ausente nas zonas de maior altitude.

## CORUJA-DO-MATO

Nome científico: Strix aluco
Ordem: STRIGIFORMES
Família: STRIGIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Coruja de tamanho médio (cerca de 40 cm de comprimento), com plumagem que varia entre o castanho-arruivado e o castanho-acinzentado, totalmente malhada, com finas riscas e manchas escuras. Tem uma cabeça grande e arredondada, sem penachos. O disco facial é bastante marcado e homogéneo, com olhos grandes e pretos e bico amarelo. Possui asas relativamente curtas, largas e arredondadas. As garras são escuras. A fêmea é maior e mais pesada que o macho.

## Habitat & Ecologia:

Espécie florestal, pode ocorrer em diferentes tipos de povoamentos, como carvalhais, soutos, azinhais, povoamentos mistos e sobretudo sobreirais e pinhais maduros. Nidifica em buracos de árvores, em ninhos velhos de outras aves e, por vezes, em construções humanas. Evita zonas fortemente humanizadas. Alimenta-se essencialmente de roedores e invertebrados.

A coruja-do-mato pode exibir comportamentos agressivos. Na época de reprodução, no período em que as crias saem do ninho, ainda sem saberem voar, podem mesmo chegar a atacar possíveis intrusos.

## ESTORNINHO-PRETO

Nome científico: Sturnus unicolor

Ordem: PASSERIFORMES
Família: STURNIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Ligeiramente mais pequeno que um melro (21 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Plumagem preta e brilhante, cauda curta, bico amarelado e patas rosadas na plumagem nupcial. No inverno são levemente sarapintados de branco e bege, o bico passa a preto e as patas perdem cor viva. O juvenil é castanho-acinzentado, com o bico e as pernas castanhas.

Em Espanha a área de distribuição da espécie tem vindo a aumentar progressivamente para norte e noroeste, ao longo dos últimos 50 anos (um avanço médio de 4,7 km/ano). O avanço das culturas de regadio parece ser o fator chave na colonização de novas zonas.

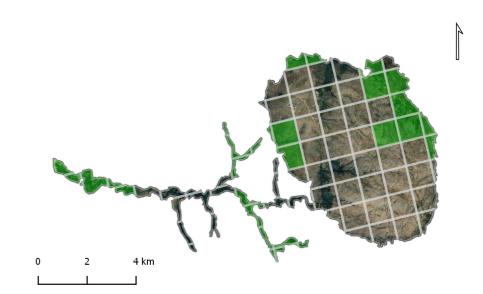
#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre essencialmente em terrenos agrícolas e zonas arborizadas. Prefere paisagens em mosaico, com pequenas matas, campos agrícolas e prados. É muito abundante em áreas de forte presença humana, como parques e jardins urbanos. Alimenta-se maioritariamente de invertebrados, mas também consome grande quantidade de alimento vegetal, particularmente no outono e inverno.



Fotografia: S. Tavares e D. Gomes

Ocorre exclusivamente na zona do mediterrânico ocidental (Portugal, Espanha, França, Gibraltar, Ilhas italianas, Argélia, Marrocos e Tunísia). Em Portugal continental encontra-se bem distribuído ao longo do território, sendo muito abundante em alguns locais, particularmente em algumas áreas humanizadas. Residente. Na Serra d'Arga parece ocorrer associado a zonas agrícolas e humanizadas, estando ausente das zonas montanhosas mais isoladas.





ESTORNINHO-MALHADO /

Nome científico: Sturnus vulgaris

Ordem: PASSERIFORMES
Família: STURNIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Ligeiramente mais pequeno que um melro (21-22 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Dorso preto, luzidio, com margens castanhas nas penas das asas. A cabeça, o dorso e a parte inferior são pretos brilhantes no verão. No inverno, têm o corpo preto sarapintado de branco. O bico é amarelo e as patas vermelhas. O juvenil é cinzento-acastanhado, sem pintas, com o mento branco.

#### **Habitat & Ecologia:**

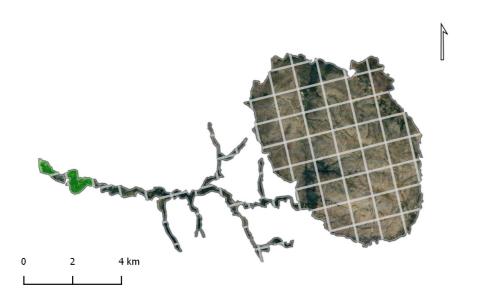
Em Portugal apenas ocorre como invernante, essencialmente associado a terrenos agrícolas, incultos, montados abertos e pastagens. No outono também frequenta olivais, alimentando-se de azeitonas. É uma espécie omnívora alimentando-se de insetos e vários tipos de matéria vegetal.

Todos os anos, na primavera e outono, mais de um milhão de estorninhos-malhados em migração concentram-se nos lagos da costa oeste da Dinamarca. O fabuloso espetáculo dos enormes bandos a regressar, num voo quase coreografado, aos seus locais de repouso durante o pôr-do--sol, são um dos maiores espetáculos naturais do planeta. Este fenómeno, também conhecido como "sort sol" ou "black sun", não é mais do que uma estratégia de defesa do bando contra os predadores que aí se aglomeram em busca de capturar estas aves.



Fotografia: Stefan Berndtsson

326



Ocorre de forma natural em toda a Europa e parte da Ásia, tendo sido introduzido na América do Norte, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. Na maioria da Península Ibérica e norte de África apenas ocorre como invernante. Uma vez que os seus registos são muitas vezes confundidos com o estorninho-preto, a sua distribuição em Portugal continental é mal conhecida. Ainda assim pensa-se que poderá ocorrer um pouco por todo o território. Visitante. Na Serra d'Arga foram observados durante o período de invernada, associados às zonas agrícolas das margens do setor jusante do rio Âncora.

## TOUTINEGRA-DE-BARRETE / TOUTINEGRA-DE-BARRETE-PRETO

Nome científico: Sylvia atricapilla

Ordem: PASSERIFORMES
Família: SYLVIIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

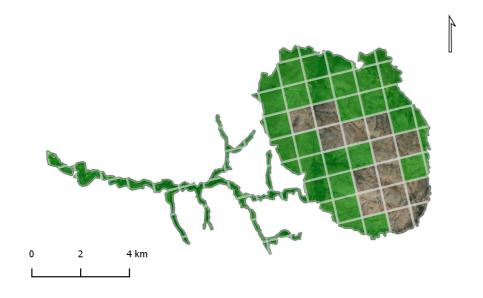
Felosa de tamanho médio (14-15 cm de comprimento). Corpo acinzentado, mais escuro nas partes superiores. A característica mais marcante é a existência de um barrete conspícuo que abrange a zona da nuca e da testa. Nos machos o barrete é preto. Na fêmea é arruivado (vermelho-ferrugem). O juvenil é semelhante à fêmea, com coroa e testa de um castanho mais baço.

#### Habitat & Ecologia:

Pode ocorrer associada a uma grande diversidade de habitats. Ainda assim, ocorre preferencialmente em galerias ripícolas, florestas mistas e parques e jardins urbanos. Essencialmente insectívora, também pode consumir frutos, bagas e néctar, essencialmente no inverno.

As aves do norte da Europa atravessam o território nacional em migração para África.

Dessas, algumas invernam com as residentes, surgindo em grande número no sul do

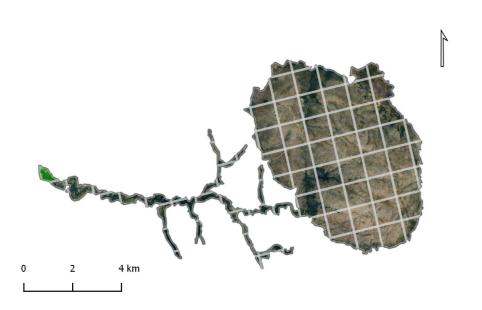


Globalmente distribui-se um pouco por toda a Europa, oeste da Ásia e norte de África, podendo apresentar uma ampla gama de estratégias migratórias. Em Portugal continental é abundante, essencialmente na metade norte do país. Na metade sul ocorre em maior abundância apenas no período de outono e inverno. Residente. Na Serra d'Arga é uma espécie comum, estando presente em praticamente toda a área, exceto as zonas de maior altitude, com reduzida presença de zonas arborizadas.



Fotografia: S. Tavares e D. Gomes





Durante a época de reprodução distribui-se de forma alargada por toda a Europa e oeste da Ásia, até à Sibéria central. O período de invernada ocorre na África subsariana. Em Portugal continental, como nidificante, encontra-se restrita a algumas serras no extremo norte do território, podendo aí ser observada de maio a julho. Como migradora de passagem pode ocorrer por todo o território, sendo particularmente frequente no litoral sul. Migrador Reprodutor/ Visitante. Na Serra d'Arga parece ocorrer exclusivamente como migrador de passagem, tendo apenas sido observada junto nas margens do rio Âncora, próximo da foz.

## FELOSA-DAS-FIGUEIRAS

Nome científico: Sylvia borin
Ordem: PASSERIFORMES

Família: SYLVIIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável

Felosa de tamanho médio (14 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Coloração pouco contrastada e com poucas características identificativas. Plumagem castanho-acinzentada. Bico curto e atarracado e anel orbital claro, destacando-se o olho preto e uma leve listra supraciliar. As patas são azuladas.

#### Habitat & Ecologia:

Frequente em áreas de bosque. Como nidificante, ocorre essencialmente em bosques de folhosas e bosques ribeirinhos, sobretudo nas proximidades de lameiros. Durante as passagens migratórias aparece em qualquer habitat com árvores, sendo particularmente frequente no litoral sul.

Apesar das populações reprodutoras se encontrarem ameaçadas em Portugal, é uma das espécies mais abundantes em migração. O período de maior abundância corresponde à passagem migratória pós-nupcial (meados de agosto a princípios de novembro), sendo por vezes muito numerosa, particularmente no mês de setembro.

## TOUTINEGRA-CARRASQUEIRA / TOUTINEGRA-DE-BIGODES

Nome científico: Sylvia cantillans

Ordem: PASSERIFORMES Família: SYLVIIDAE

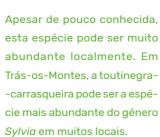
Estatuto conservação: Pouco preocupante

Pequena felosa (12 cm de comprimento). Com dimorfismo sexual. O macho apresenta cabeça cinzento-azulado, anel orbital vermelho-alaranjado e um característico bigode branco. Zona dorsal cinzento-azulado, peito e ventre cor-de-laranja e parte de baixo da cauda esbranquiçada, com retrizes externas brancas. A fêmea apresenta tons mais pálidos, identificando-se pelo seu aspeto "franzino". Por vezes apresenta também um ténue tom rosado no peito. O juvenil é semelhante à fêmea, mas mais acastanhado no dorso.

Habitat & Ecologia:

Ocorre especialmente em encostas áridas, matos densos, sebes e bosques com sub-bosque denso. É uma espécie migradora com alimentação maioritariamente insetívora.

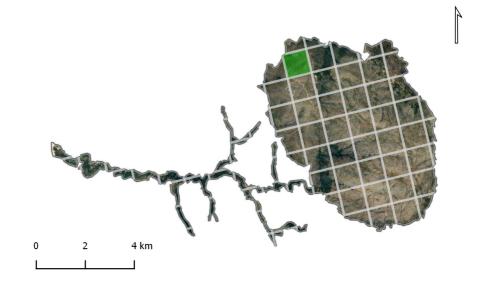
esta espécie pode ser muito abundante localmente. Em Trás-os-Montes, a toutinegra--carrasqueira pode ser a espécie mais abundante do género Sylvia em muitos locais.





Fotografia: Michael Sveikutis

Como reprodutora ocorre apenas no sul da Europa e norte de África, nas áreas envolventes do mediterrâneo. No período de invernada as populações concentram--se na zona da África subsariana. Em Portugal continental é comum no interior, particularmente no norte e centro do país, sendo rara no litoral. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga parece ser pouco comum, tendo sido apenas registada num local.





Nome científico: Sylvia communis

Ordem: PASSERIFORMES
Família: SYLVIIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Felosa de tamanho médio (13-14 cm de comprimento). Entre as principais características distintivas da espécie destacam-se a garganta branca, um painel arruivado nas asas e a cauda comprida, com as retrizes exteriores brancas. A parte superior do corpo é castanho-acinzentada, a cabeça é cinzento-azulada no macho e castanho-clara na fêmea e no juvenil. O peito é rosado, o abdómen branco e as patas claras.

#### **Habitat & Ecologia:**

Espécie tipicamente associada a matos, particularmente matos de altitude, podendo ocorrer bem acima dos 1000 m. Ocorre ainda em zonas agricultadas e de pastagem com sebes e folhosas. Durante as migrações pode ocorrer numa maior diversidade de habitats. É essencialmente insectívora.

Ocorre em toda a Europa e em grande da Ásia Ocidental temperada. É uma espécie fortemente migradora, que inverna na África tropical, Arábia e Paquistão. Em Portugal continental ocorre como reprodutora, quase exclusivamente na metade norte do território, podendo ser observada noutros locais durante os períodos migratórios. Migrador Reprodutor. Na Serra d'Arga não parece ser muito abundante, ainda assim, pode ser observada em alguns locais durante o período reprodutor, essencialmente associadas a zonas de mato.

Apesar de ser uma espécie de hábitos diurnos, nos locais de nidificação e invernada, efetua as suas migrações essencialmente durante o período noturno.

0 2 4 km

Fotografia: S. Tavares e D. Gomes





## 336

## TOUTINEGRA-DE-CABEÇA-PRETA / TOUTINEGRA-DOS-VALADOS

Nome científico: Sylvia melanocephala

Ordem: PASSERIFORMES
Família: SYLVIIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

Felosa de tamanho médio (13-14 cm de comprimento), com acentuado dimorfismo sexual. O macho exibe cabeça e faces pretas com um proeminente anel orbital avermelhado. Garganta branca, zona dorsal cinzento-escuro, zona ventral cinzento-claro e cauda preta com retrizes externas brancas. A fêmea é mais acastanhada na cabeça e menos escura no dorso, o ventre é bege-esbranquiçado e o anel orbital vermelho é difícil de distinguir. A cauda é ligeiramente comprida, mais visível em voo. O juvenil é semelhante à fêmea.

#### **Habitat & Ecologia:**

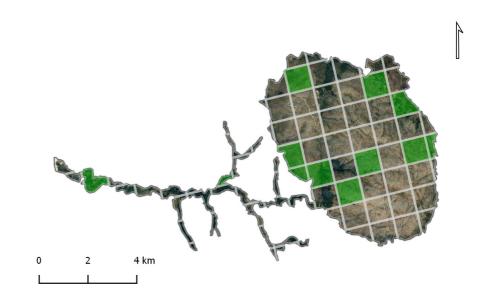
Espécie típica de zonas de matos, mas que também pode ocorrer em bosques com sub-coberto desenvolvido, quintas e jardins. Alimenta-se de insetos, especialmente durante a primavera e verão. Na época fria pode alimentar-se também de pequenas bagas e frutos.

Estima-se que as populações da espécie na Península Ibérica representem quase 70 % do total de indivíduos da espécie na Europa.



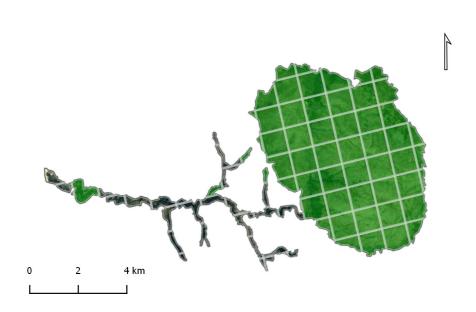
Fotografia: Michael Sveikutis

Reproduz-se nas áreas mais a sul da Europa, até à Ásia, na Turquia e no extremo leste do Mediterrâneo. Não é particularmente migratória, mas alguns indivíduos invernam no norte de África. Distribuição essencialmente mediterrânica. Em Portugal continental tem distribuição ampla no território, ainda que menos comum em algumas zonas do norte. Residente. Na Serra d'Arga apresenta uma distribuição pouco uniforme, estando essencialmente associada a zonas de matos.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Apenas ocorre no sudoeste da Europa e norte de África. As maiores populações europeias estão na Península Ibérica, estando ainda presente em alguns locais em França, Itália e sul de Inglaterra. Inverna no norte de Marrocos e na Argélia do Norte. Em Portugal continental tem uma distribuição ampla, ainda que fragmentada, sendo geralmente comum em áreas com habitat adequado. Residente. Na Serra d'Arga está presente em toda a zona montanhosa, sempre associada aos matos que aí

## FELOSA-DO-MATO / TOUTINEGRA-DO-MATO

Nome científico: Sylvia undata
Ordem: PASSERIFORMES

Família: SYLVIIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo I da Directiva Aves

Pequena felosa (12-13 cm de comprimento). Caracteriza-se pela sua cauda longa, pela coloração cinzento-acastanhada das partes superiores e pelos tons cor-de-vinho das partes inferiores, desde o bico até à cauda. O macho com padrões mais vivos, tem a face e a cabeça cinzenta, queixo e garganta avermelhados, com pintas brancas, e um anel orbital vermelho. A fêmea é mais apagada e mais acastanhada que o macho, as pintas do pescoço são difíceis de distinguir e o anel orbital é menos vivo. O juvenil é semelhante à fêmea e não apresenta anel orbital vermelho.

A nível global esta espécie tem tido um declínio acentuado, sendo classificada como Quase Ameaçada pela União Internacional de conservação da Natureza. Pensa-se que a degradação e modificações do habitat têm sido responsáveis pelo seu decréscimo significativo, principalmente das populações espanholas.

## **Habitat & Ecologia:**

Espécie característica de matos, ocorrendo essencialmente em matos densos, tanto em planície como em montanha (especialmente em encostas secas até aos 1000 m de altitude). Apesar da sua coloração forte (especialmente nos machos), passa muitas vezes despercebida, sendo apenas visível em pequenos e típicos voos ondulados, de arbusto em arbusto. Espécie insectívora, podendo ingerir algum material de origem vegetal na época fria.

## GARAJAU-COMUM

Nome científico: Thalasseus sandvicensis

Ordem: CHARADRIIFORMES

Família: LARIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado /

Anexo I da Directiva aves

Ave costeira de tamanho médio (36-46 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Em plumagem de verão possui um barrete preto que cobre a cabeça até aos olhos, asas cinzento-prateado e corpo branco. Distingue-se pela combinação de bico comprido, escuro, com ponta amarela, e patas curtas e pretas. No inverno, a testa fica esbranquiçada.

É um mergulhador exímio, surpreendendo a rapidez com que deteta e se lança na captura de um peixe, a partir de alguns metros de altura.

## Habitat & Ecologia:

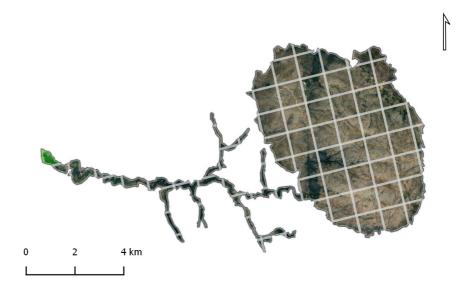
Espécie de hábitos essencialmente costeiros. Ocorre preferencialmente em meio marinho, entrando por vezes em zonas húmidas, como estuários, lagoas costeiras, pisciculturas e salinas. No período migratório pode ser esporadicamente encontrada em zonas húmidas interiores. Nidifica em colónias muito densas, em costas e ilhas, preferencialmente rochosas. Alimenta-se essencialmente de pequenos peixes.

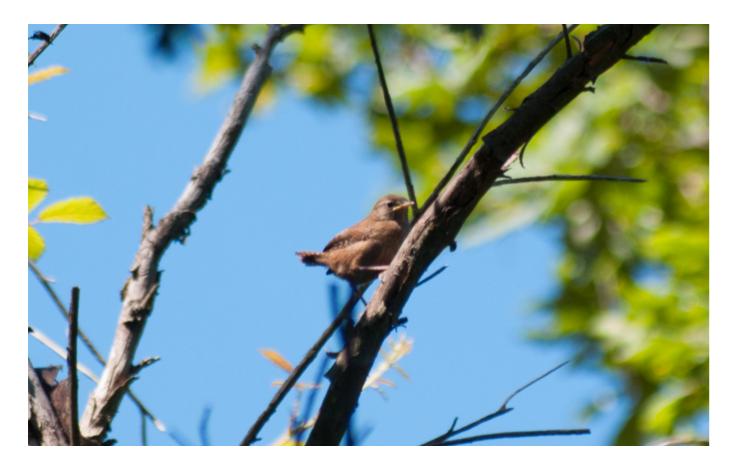


Fotografia: C. Maia e D. Mendes

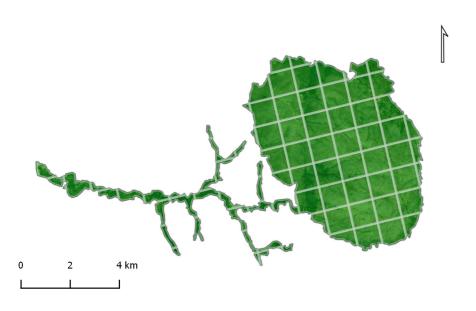
341

Distribuição muito alargada a nível global. A área de nidificação compreende zonas costeiras da América do Norte e do Sul, Caraíbas e Eurásia. As populações da Europa Ocidental invernam sobretudo entre a Mauritânia e a África do Sul. Em Portugal continental é relativamente abundante como migrador de passagem em todo o litoral. A população invernante é relativamente reduzida e parece estar essencialmente concentrada na zona do estuário do rio Tejo. Visitante. Na Serra d'Arga observa-se esporadicamente a caçar na zona do estuário do rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Espécie comum em toda a Europa, estendendo-se na Ásia desde o Norte do Irão e Afeganistão até ao Japão e América do Norte. É migratória apenas nas áreas mais a norte da sua área de distribuição. Em Portugal continental é abundante um pouco por todo o território, com exceção das zonas mais secas do sul. Residente. Na Serra d'Arga é uma espécie muito comum, presente e relativamente abundante em toda a área.

## CARRIÇA

Nome científico: Troglodytes troglodytes

Ordem: PASSERIFORMES
Família: TROGLODYTIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno passeriforme (cerca de 10 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Possui uma plumagem tipicamente castanho-clara, mais escura no dorso que na zona ventral, com listra supraciliar clara. As primárias possuem pequenas pintas claras e os flancos são pintalgados. A cauda, curta e quadrada, cor de canela com faixas pretas, frequentemente levantada em ângulo reto, é uma das características mais facilmente identificáveis. O juvenil é semelhante ao adulto, com plumagem de coloração mais viva.

#### Habitat & Ecologia:

Ocorre principalmente em arbustos de sub-bosque. Ainda assim pode ocorrer numa grande variedade de biótopos, como áreas de floresta densa com coberto herbáceo e arbustivo, floresta esparsa, escarpas, matos, pauis, parques e jardins. E uma espécie insectívora.

São aves monogâmicas, em que o macho constrói vários ninhos para a fêmea escolher.

# TORDO-RUIVO / TORDO-DE-ASA-VERMELHA / RUIVA / TORDO-BRAVO

Nome científico: Turdus iliacus
Ordem: PASSERIFORMES
Família: TURDIDAE

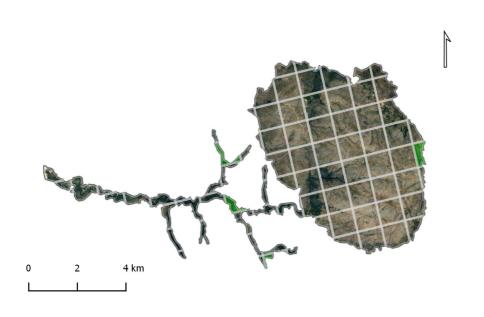
344

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Tordo de pequeno tamanho (21-22 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Distingue-se por possuir uma listra superciliar branca e a face inferior das asas arruivada. Quando pousado observam-se claramente os flancos arruivados, o peito muito estriado e o ventre muito branco.

#### **Habitat & Ecologia:**

Ocorre numa grande diversidade de biótopos, como bosques, matas ribeirinhas, matos, vinhas, pastagens, campos agrícolas e parques. É frequente sobretudo em olivais e zonas de matagal mediterrânico bem desenvolvido. A dieta é omnívora, podendo ainda consumir frutos e invertebrados.



A sua abundância varia muito de ano para ano, podendo ser muito comum em determinados anos e bastante escassa noutros. Tal como os outros tordos, é abatido em grande número pelos caçadores.

Globalmente ocorre em toda a Europa, norte de África e norte da Ásia. Em Portugal continental pode ocorrer por todo o território. Visitante. Na Serra d'Arga parece ser pouco comum, com uma distribuição fragmentada, não tendo sido detetado nas zonas de maior altitude.



Fotografia: Stefan Berndtsson

## MELRO / MELRO-PRETO / MELRO-NEGRO

Nome científico: Turdus merula
Ordem: PASSERIFORMES
Família: TURDIDAE

346

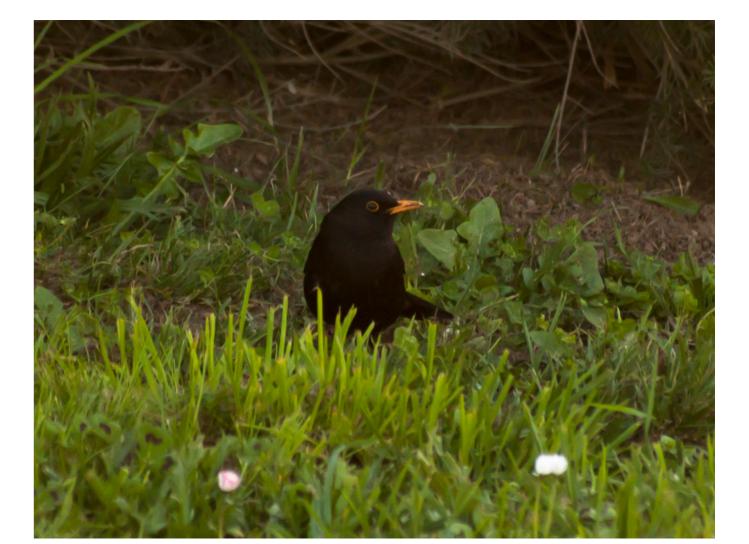
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Turdídeo de tamanho médio (24-26 cm de comprimento). O macho é completamente preto com o bico alaranjado e com um anel orbital amarelo-alaranjado. A fêmea tem o dorso castanho-escuro, ventre castanho mais claro e levemente raiado, bico amarelo-acastanhado e garganta clara. Ambos possuem patas e cauda compridas. O juvenil é castanho, com as partes inferiores castanho-amarelado e raiadas.

Habitat & Ecologia:

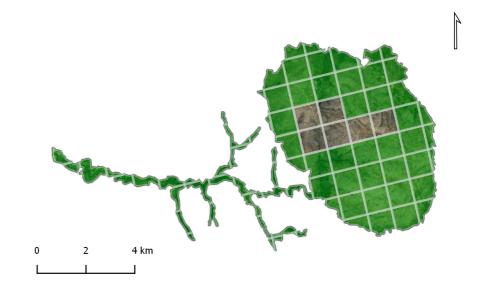
Ocorre numa grande variedade de habitats, desde bosques, florestas, matos densos e zonas húmidas. É uma espécie conspícua, adaptada a meios humanizados, muito comum em parques, jardins e pomares. Alimentação omnívora, passando bastante tempo no solo à procura de alimento.

Tem um comportamento territorial nos locais de nidificação.
Os machos estabelecem o seu território durante o primeiro ano e defendem-no por toda a vida. Durante a época de nidificação o macho defende o seu território afugentando outros machos ou utilizando uma exibição de ameaça, que consiste numa pequena corrida, primeiro levantando a cabeça e depois baixando-a em simultâneo com a cauda.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Ocorre naturalmente por toda a Europa, norte de África, Médio Oriente, Ásia Meridional e Ásia Oriental. Introduzido na Austrália e Nova Zelândia. Em Portugal continental tem uma distribuição alargada, ocorrendo em todas as regiões. Residente. Na Serra d'Arga é comum, estando bem distribuída, um pouco por toda a área. É particularmente abundante em locais associados áreas humanizadas.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

## TORDO-PINTO / TORDO-MÚSICO

Nome científico: Turdus philomelos

Ordem: PASSERIFORMES Família: TURDIDAE

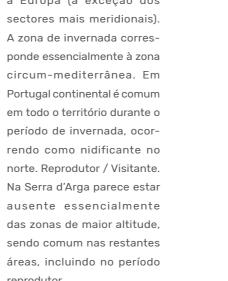
Estatuto conservação: Quase Ameaçado (Reprodutor) / Pouco Preocupante (Invernante)

Um pouco mais pequeno que o melro-preto (22-23 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Dorso e cauda castanho forte, peito bege e flancos muito marcados com riscas castanhas em forma de V invertido. Abdómen de cor creme-claro, menos manchado, e parte inferior das asas amarelo-alaranjado. O juvenil tem estrias amarelas no manto e nas escapulares.

#### **Habitat & Ecologia:**

Frequenta essencialmente zonas de bosques de folha caduca ou mistos, com preferência por carvalhais e matas ribeirinhas com amieiros e freixos. Espécie omnívora, que consome uma grande variedade de invertebrados, bagas e frutos.

Como nidificante, distri-Como reprodutor tem vindo a bui-se por grande parte da expandir-se para sul em anos recentes. É uma das espécies Ásia Ocidental e quase toda a Europa (à exceção dos mais abatida pelos caçadores. sectores mais meridionais). A zona de invernada corresponde essencialmente à zona



reprodutor.



## 350

## TORDOVEIA / TORDEIA

Nome científico: Turdus viscivorus

Ordem: PASSERIFORMES
Família: TURDIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Turdídeo grande (27-28 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Dorso castanho-acinzentado, uropígio e parte inferior do dorso de cor ocre. Zona ventral de cor creme, fortemente sarapintado de preto. Parte inferior das asas de cor clara e retrizes externas brancas. O juvenil é, de uma forma geral, mais pálido e ligeiramente sarapintado na cabeça e manto.

Durante o período reprodutor tornam-se bastante agressivos, podendo atacar intrusos, incluindo pessoas.

## **Habitat & Ecologia:**

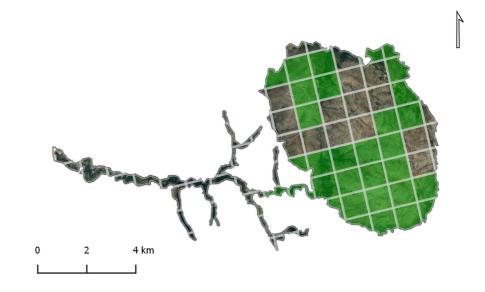
Ocorre essencialmente associada a meios florestais, sobretudo quando intercalados com biótopos agrícolas, clareiras ou outras zonas abertas. Presente durante todo o ano em Portugal, na época fria os números aumentam com a chegada de invernantes provenientes do norte da Europa.

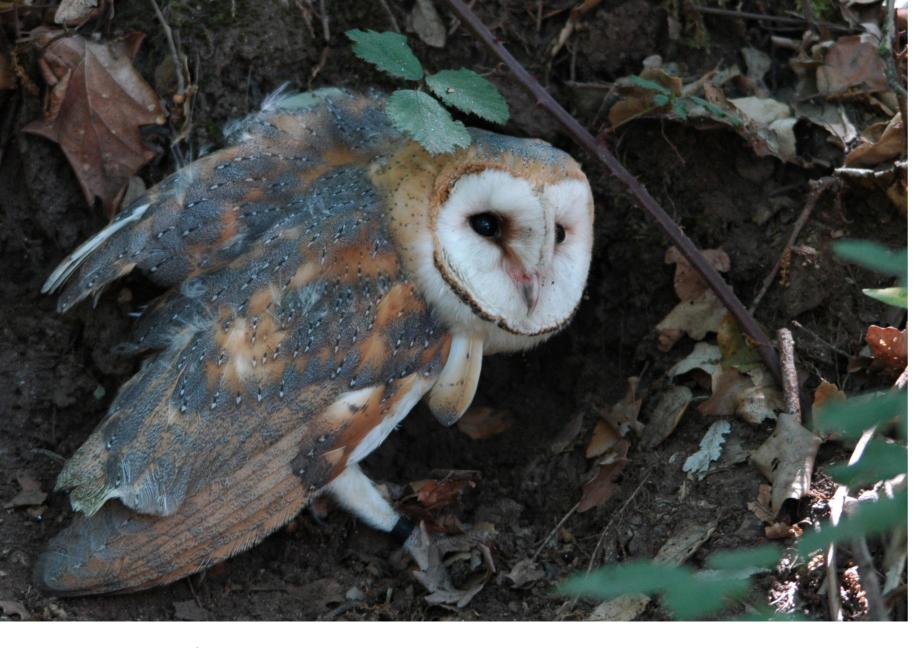
ssoas.



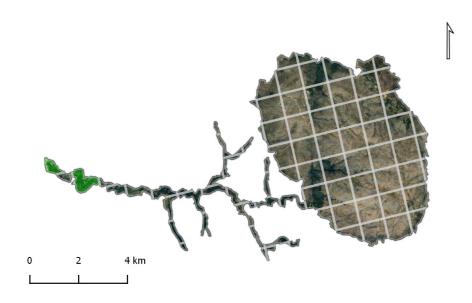
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Presente um pouco por toda a Europa, norte de África e Ásia. Em Portugal continental distribui-se de norte a sul, tanto no interior como no litoral, embora seja pouco comum e discreta. Residente. Na Serra d'Arga é relativamente comum, estando presente em grande parte das zonas altas e de encosta, geralmente associada a zonas com algumas árvores.





Fotografia: PBG/CMG



Distribuição alargada na Europa, África, Ásia, Oceânia e América (com 35 subespécies distribuídas pelos 5 continentes). Em Portugal ocorre em todo o território continental (e também na ilha da Madeira), sendo mais abundante na metade sul e relativamente rara nas zonas de maior altitude. Residente. Na Serra d'Arga parece ser pouco abundante, estando essencialmente associada às zonas agrícolas do troço terminal do rio Âncora.

## CORUJA-DAS-TORRES

Nome científico: Tyto alba
Ordem: STRIGIFORMES
Família: TYTONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Rapina noturna de tamanho médio (35 cm de comprimento, 85-93 cm de envergadura), sendo as fêmeas normalmente maiores do que os machos. A face em forma de coração é uma das características distintivas das espécies desta família. O ventre, face e a parte inferior das asas são brancos, com as costas e a parte superior das asas dourados, com manchas cinzentas e pintas brancas e pretas. As patas são longas e os olhos são pretos.

Possui a capacidade de distinguir na escuridão, a uma altura de 10 metros, qualquer coisa que se movimente no solo.

Possui a visão cem vezes melhor que a dos humanos e necessita de apenas 10 por cento da luz que o olho humano usa para distinguir algo.

## **Habitat & Ecologia:**

Ocorre preferencialmente em zonas de campos agrícolas, com sebes, taludes e matos. Nidifica frequentemente em construções abandonadas, chaminés, armazéns ou torres de igrejas, mesmo em cidades de grande dimensão. Noutras situações recorrem às cavidades das árvores para nidificar. Alimenta-se essencialmente de pequenos mamíferos roedores e insectívoros, mas também consome outros pequenos vertebrados e mesmo insetos. Caça em voo ou a partir de um poiso.

## POUPA

Nome científico: *Upupa epops*Ordem: BUCEROTIFORMES

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Família: UPUPIDAE

Ave de tamanho médio (26-28 cm de comprimento). Sexos semelhantes. Poupa castanho-rosado pronunciada, com pontas terminais pretas e brancas, podendo estar descaída ou aberta em leque quando em alerta. Cabeça, pescoço e partes inferiores castanho-rosado. Barras largas pretas e brancas, no dorso e nas asas. Cauda preta com uma faixa larga, branca, perto da extremidade. Bico longo, escuro e revirado para baixo. Pernas e patas cinzentas-escuro. O juvenil é semelhante ao adulto, mas com plumagem mais baça e bico mais curto.

Além da sua beleza, a poupa é também conhecida pelo cheiro fétido que emana, particularmente nos seus ninhos. Esse mau cheiro, utilizado como defesa contra os predadores, deve-se a uma glândula uropigial que produz um líquido de aroma pestilento. Por essa razão, na Galiza é conhecida como "galo merdento" ou "galo porco".

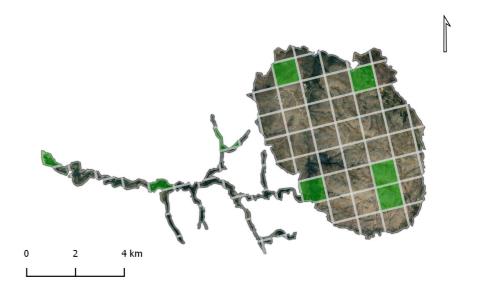
#### Habitat & Ecologia:

Ocorre essencialmente em habitats florestais pouco densos, nomeadamente montados de sobro e azinho, carvalhais e em pinhais, assim como nas imediações de campos agrícolas. Nidifica em cavidades, essencialmente de árvores, mas também de edifícios em ruínas. Alimenta-se de grandes insetos, especialmente larvas e pupas. É observada frequentemente no solo a alimentar-se. Emite uma vocalização extremamente fácil de identificar, um pouco semelhante ao cuco.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribui-se nas zonas temperadas e subtropicais, das Ilhas Canárias até à costa chinesa do Pacífico, a oeste, e até à Sibéria, a este. Ausente nas ilhas Britânicas e países nórdicos da Europa. Em Portugal continental possui uma distribuição ampla. Pode ser vista ocasionalmente no inverno, em zonas de clima mais ameno (zona sul). Migrador Reprodutor / Residente. Na Serra d'Arga pode ser observada desde as zonas de maior altitude até aos mosaicos agrícolas das margens rio Âncora.







## RATO-DO-CAMPO

Nome científico: Apodemus sylvaticus

Ordem: RODENTIA
Família: MURIDAE

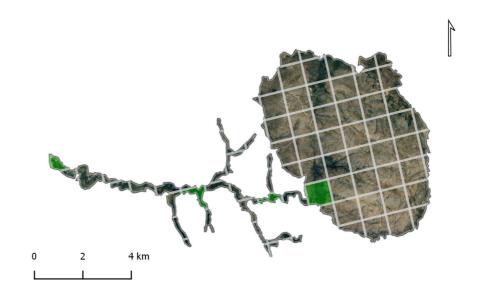
**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

Roedor de tamanho médio (10-11 cm, cabeça e corpo), cauda tão comprida com o corpo e patas posteriores grandes (≥ 1,6 cm). Orelhas grandes e redondas, que se destacam. Olhos grandes e negros e focinho pontiagudo. Coloração dorsal castanho-avermelhada e flancos castanho-amarelado. Ventre acinzentado-claro, com uma marca peitoral amarelo-alaranjada.

## Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde o nível do mar até aos 2000 m de altitude, incluindo praticamente todo o tipo de bosques, zonas de mato, galerias ripícolas, sistemas dunares, pradarias de erva alta, áreas agrícolas e até zonas suburbanas.

Fotografia: Paulo Barros



Espécie de hábitos noturnos. Não hiberna, mas quando as temperaturas são baixas, pode ser encontrado entorpecido.

Amplamente distribuída na Europa, Ásia Menor e norte de África. Em Portugal distribuise por praticamente todo o território continental. Na Serra d'Arga tem presença confirmada em vários locais do vale do rio Âncora.

# RATA-DE-ÁGUA

Nome científico: Arvicola sapidus

Ordem: RODENTIA
Família: CRICETIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Roedor de tamanho médio-grande (17-23 cm, cabeça e corpo). Comprimento da cauda ultrapassa metade do comprimento do corpo. Constituição robusta, de forma cilíndrica, e focinho arredondado. Orelhas pequenas, redondas, e quase completamente cobertas por pelo. Pelagem espessa, com coloração dorsal cinzenta-acastanhada, mais clara e amarelada nos flancos e ventre. Cauda bicolor, acastanhada por cima e mais clara na parte de baixo.

Possui uma membrana interdigital nas patas, que lhes permite nadar com bastante agilidade. Os acasalamentos ocorrem à beira de água ou dentro dela.

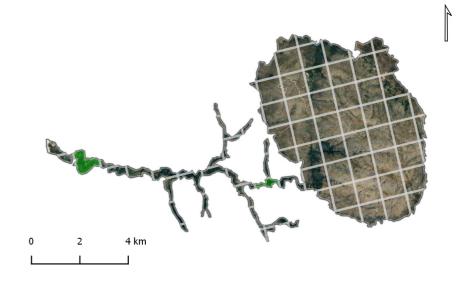
## Habitat & Ecologia:

Depende de habitats com massas de água estáveis e margens de cursos de água, preferindo habitats com vegetação ripícola densa e margens com solo adequado para poder escavar e construir as suas tocas e ninhos, cujo acesso normalmente se faz abaixo do nível da água.



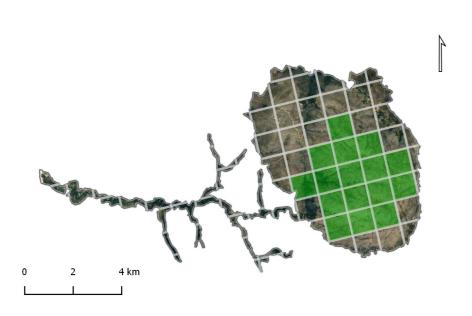
Fotografia: Paulo Barros

Endémica da Península Ibérica e França. Em Portugal distribui-se por praticamente todo o território continental. Na Serra d'Arga tem distribuição conhecida em dois locais associados ao rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Ocorre na Europa Oriental, com populações relíquia na Europa Central e Ocidental, em grande parte da Ásia e na região setentrional da América do Norte. Em Portugal ocorre a subespécie Canis lupus signatus, endémica da Península Ibérica. Historicamente encontrava-se distribuído por praticamente todo o território continental português, mas desde o início do século XX encontra-se essencialmente restrito às regiões montanhosas da metade norte do país. Na Serra d'Arga ocorre nas zonas de montanha menos perturbadas.

# LOB0

Nome científico: Canis lupus Ordem: CARNIVORA

Família: CANIDAE

Estatuto conservação: Em Perigo / Espécie prioritária; Anexo II e IV da Directiva Habitats

O maior canídeo selvagem que existe na atualidade (120 cm corpo, 40 cm cauda). Cabeça volumosa e alongada, focinho pontiagudo e olhos amarelados, orelhas relativamente curtas e triangulares. Pelagem densa e escura durante o inverno, sobretudo no dorso, marcada por uma lista negra que se estende do pescoço à cauda, e mais escassa e clara no verão. Ventre branco-amarelado. O branco da garganta estende-se para as faces. Os membros são fortes e robustos, apresentando uma faixa longitudinal negra na parte anterior das patas dianteiras.

## Habitat & Ecologia:

Generalista, adapta-se a todos os habitats do Hemisfério Norte onde exista disponibilidade de alimento (em particular grandes ungulados) e com baixa perturbação humana.

Em Portugal estão descritas duas populações principais, uma relativamente contínua a norte do rio Douro, da qual faz parte a alcateia presente na Serra d'Arga, e outra, pequena e fragmentada, localizada a sul do rio Douro.

# CORÇO

Nome científico: Capreolus capreolus

Ordem: ARTIODACTYLA
Família: CERVIDAE

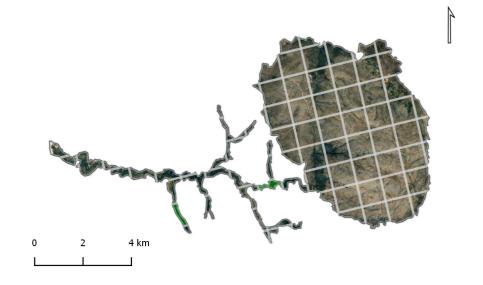
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

O menor cervídeo da Europa (95-145 cm, comprimento do corpo). Cauda muito curta. Pelagem curta de coloração castanho-avermelhada no verão, e comprida castanho-acinzentado no inverno. Mancha branca característica na região anal, reniforme nos machos e cordiforme nas fêmeas. Focinho e bigode negros e lábios brancos. Macho com hastes curtas e pontiagudas que caiem no outono, após a época de reprodução, voltando a nascer na primavera. As fêmeas são desprovidas de hastes. As crias possuem manchas brancas no dorso que acabam por desaparecer.

## Habitat & Ecologia:

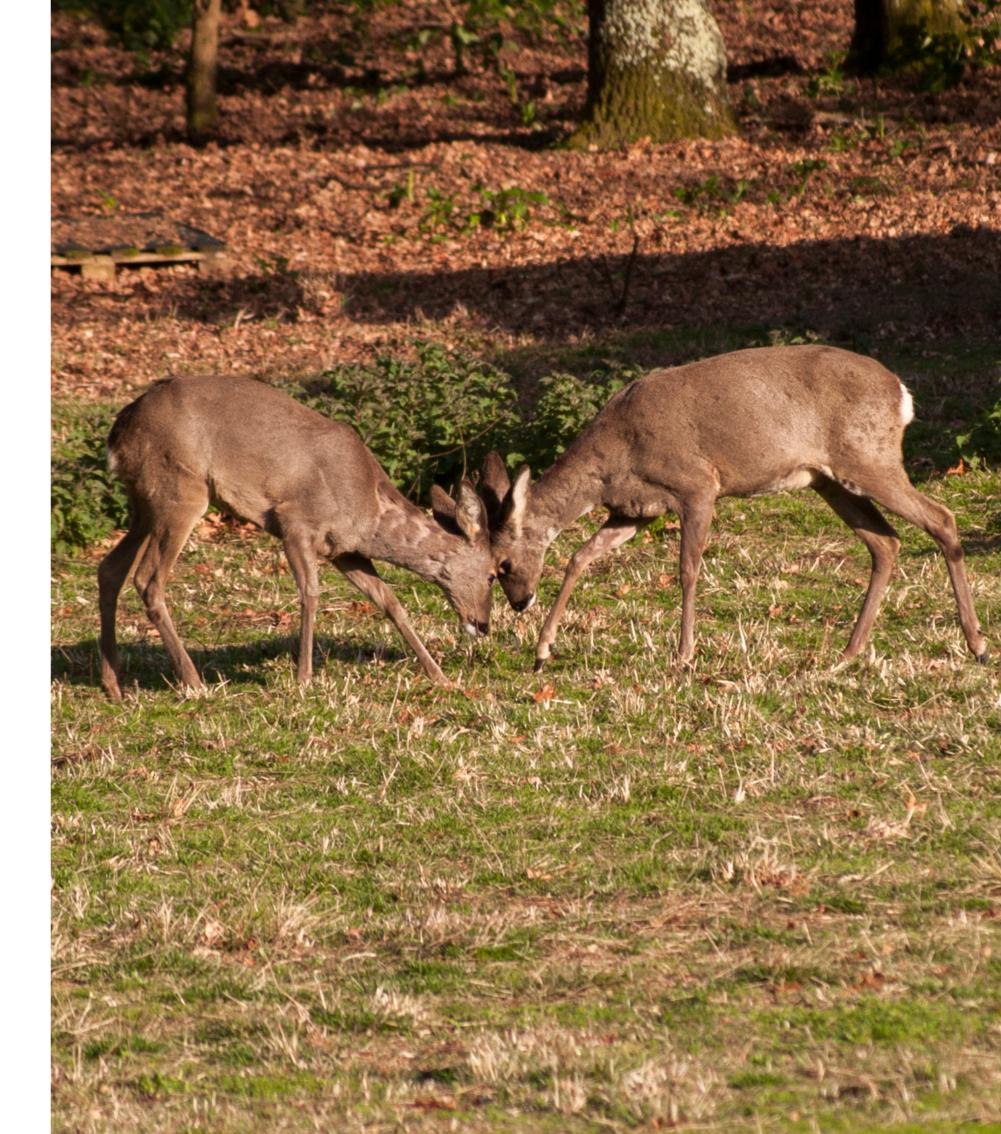
Ocorre numa grande variedade de habitats, ocupando preferencialmente área de bosques e florestas variadas, matos mediterrânicos com áreas abertas, campos agrícolas e prados.

Espécie emblemática do Parque Nacional da Peneda-Gerês, embora se encontre fragmentada em diferentes núcleos, em diversas matas e bosques de carvalhos. A população encontra-se estabilizada e com tendência para aumentar.



Presente em quase toda a Europa e Ásia Oriental. Em Portugal continental ocorre essencialmente no norte (nas principais serras e parques naturais) e zonas fronteiriças, sendo mais escasso no sul. Na Serra d'Arga apenas foi observado em dois locais, associado a bosques em áreas próximas do rio Âncora.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes





Nome científico: Crocidura russula

Ordem: INSECTIVORA
Família: SORICIDAE

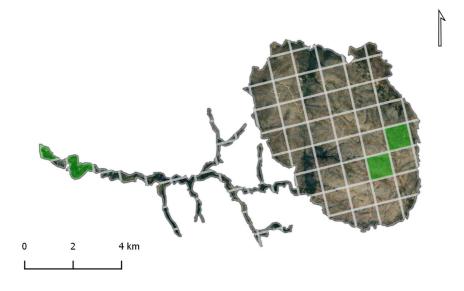
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Musaranho de tamanho médio (5,1-8,6 cm, cabeça e corpo; 2,4-5 cm, cauda). Focinho pontiagudo, orelhas e olhos pequenos. Tem três dentes unicúspides brancos, sendo o terceiro relativamente grande. Coloração dorsal variável, geralmente pardo-acinzentada, por vezes bastante avermelhada, com transição suave para o ventre, que é cinzento.

Exalam um forte odor (proveniente de glândulas que possuem nos flancos), através do qual, provavelmente, afastam determinados predadores.

# 367





Ocorre no sul e oeste da Europa e no norte de África. Distribuição ampla em Portugal, com exceção das áreas de maior altitude. Na Serra d'Arga foi registada a sua presença no troço final do rio Âncora e na vertente sudeste da serra.

# Habitat & Ecologia:

Ocorre em diversos habitats, particularmente mediterrânicos. Prefere habitats abertos e orlas de florestas, com bom coberto vegetal. Surge muitas vezes em proximidade do homem (jardins, quintas e edifícios rurais).

# OURIÇO-CACHEIRO

Nome científico: Erinaceus europaeus

Ordem: INSECTIVORA
Família: ERINACEIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Único mamífero com corpo coberto por espinhos (cerca de 6 mil), de cor branco-pardacentos, que não são mais que pelos modificados, com cerca de 2-3 cm de altura. O ventre, castanho-acinzentado, está coberto de pelos. A cabeça distingue-se facilmente do resto do corpo, os olhos são grandes, as orelhas são relativamente pequenas e possui uma cauda rudimentar, escondida sobre os espinhos. Comprimento do corpo varia entre 20 e 35 cm e a cauda entre 10 e 20 cm.

Espécie recentemente introduzida em algumas ilhas dos Açores, estando a sua presença confirmada nas ilhas de São Miguel, Santa Maria, Terceira e Faial.

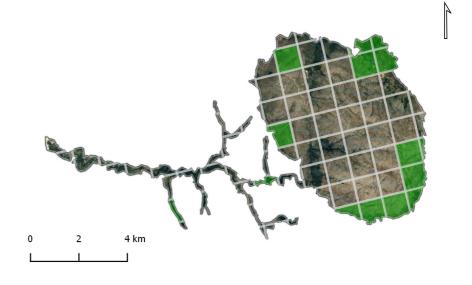
## **Habitat & Ecologia:**

Ocorre em paisagens com ecótonos formados por arbustos e sebes, frequentemente em habitats rurais ou semiurbanos. Prefere zonas húmidas, ocorrendo numa vasta gama de habitats nas regiões de influência atlântica. Nas regiões de influência mediterrânica opta geralmente por zonas de floresta e/ou por regiões montanhosas e húmidas. Muitas vezes associado ao homem, ocorre em zonas de cultivo e jardins, bem como em bosques e áreas onde o estrato herbáceo seja abundante.



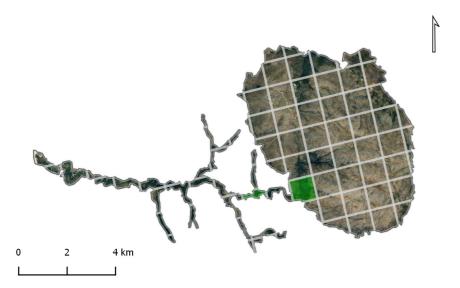
Fotografia: Paulo Barros

Ocorre em quase toda a Europa central e ocidental, estando ausente apenas no quadrante sudeste. Distribuição ampla em Portugal continental. Na Serra d'Arga possui uma distribuição relativamente ampla, embora fragmentada, tendo sido registado em diferentes biótopos.





Fotografia: Nuno Gomes



Endémica da Península Ibérica e Pirenéus franceses. Em Portugal está restrita ao norte e centro do país, até à serra da Estrela. Na Serra d'Arga a sua presença foi regista na parte mais alta do rio Âncora.

# TOUPEIRA-DE-ÁGUA

Nome científico: Galemys pyrenaicus

Ordem: INSECTIVORA
Família: TALPIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável / Anexo II e

IV da Directiva Habitats

Mamífero de corpo cilíndrico (11-16 cm, cabeça e corpo). Cauda longa e escamosa (14 cm), com função de leme. Focinho em forma de tromba, com órgãos sensitivos e duas grandes narinas. Olhos pequenos e sem pavilhão auricular. Pelagem castanho-escura, com reflexos brilhantes no dorso, bastante oleosa, em resultado da ação de glândulas sebáceas, que criam uma proteção impermeável contra a água e o frio. Patas posteriores maiores que as anteriores, com membrana interdigital unindo os 5 dedos com garras fortes.

# Habitat & Ecologia:

Ocorre em locais de águas límpidas, frias e com grande oxigenação, de rios montanhosos, com elevada heterogeneidade de refúgios e substrato. Muito sensível à poluição e à perturbação humana.

A toupeira-de-água e a toupeira fossorial descendem de um antepassado comum, tendo-se adaptado a hábitos e ambientes diferentes, divergindo.

# GENETA

Nome científico: Genetta genetta

Ordem: CARNIVORA
Família: VIVERRIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

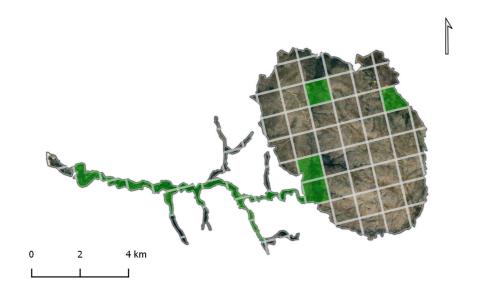
Anexo V da Directiva Habitats

Carnívoro de médio porte, de corpo alongado e esguio (52-60 cm) e cauda comprida (45 cm). Patas curtas, orelhas compridas, focinho negro, afilado, e manchas suboculares brancas. Pelagem pardo-acinzentada, com manchas longitudinais negras no dorso e nos flancos. Cauda com alternância de anéis claros e escuros, terminando num pincel de pelos claros.

Até ao século IX, antes da introdução do gato na Europa (proveniente do Egito), era utilizada como animal doméstico, tendo um papel importante no controlo dos roedores.

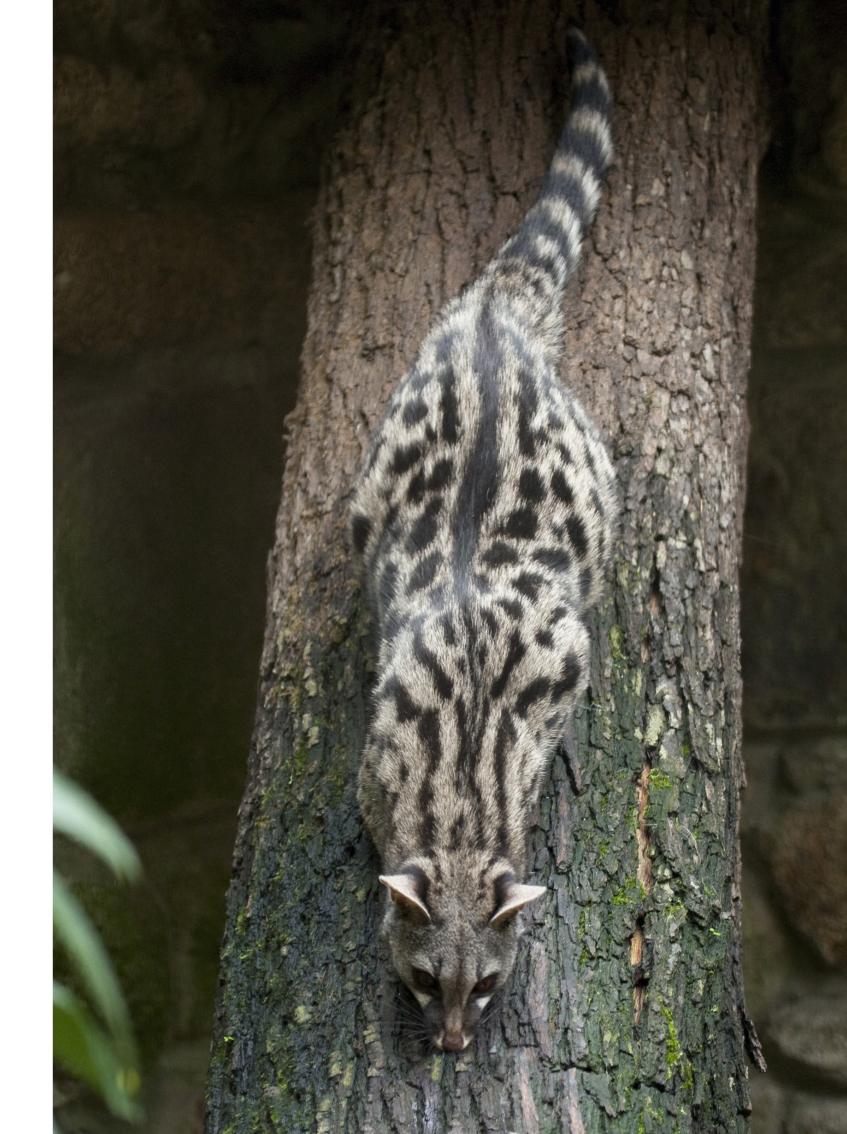
# Habitat & Ecologia:

Espécie generalista, ocorrendo essencialmente em habitats florestais com zonas rochosas e junto de rios, de preferência em regiões temperadas de baixa altitude, que lhe proporcionem abrigo e alimentação.



De origem africana, ocorre atualmente na África subsaariana, na África do Norte, Península Ibérica, França e Arquipélago das Baleares. Em Portugal está presente de norte a sul do país. Na Serra d'Arga a sua presença parece ser relativamente comum, estando confirmada ao longo do vale do rio Âncora e em alguns bosques das zonas mais altas.

Fotografia: PBG/CMG



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

# LEBRE / LEBRE-IBÉRICA

Nome científico: Lepus granatensis

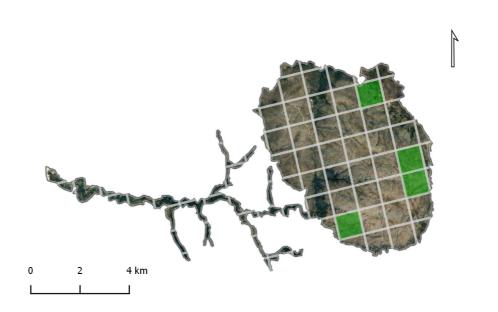
Ordem: LAGOMORPHA
Família: LEPORIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Mamífero de tamanho médio (50-60 cm, cabeça e corpo) e cauda curta. Olhos grandes, redondos e pretos, com íris âmbar ou castanha. Orelhas compridas e pretas nas extremidades. Pelagem de cor amarelada-acastanhada e ventre branco. Membros posteriores mais compridos que os anteriores, de cor branca, que lhe conferem grande agilidade. Cauda branca na zona inferior e negra na zona superior.

# **Habitat & Ecologia:**

Espécie com uma grande plasticidade ecológica, ocorre numa grande variedade de habitats. Com preferência por áreas mistas de matos e bosques temperados e áreas abertas e pouco acidentadas, como zonas agrícolas e pastagens.



Reconhecem-se atualmente 32 espécies de lebre, das quais 3 estão presentes na Península Ibérica (a lebre-ibérica, a lebre-piornal e a lebre-europeia), destas apenas uma ocorre em Portugal (a lebre-ibérica).

Endémica da Península Ibérica. Distribui-se pela maior parte do território continental e arquipélagos. Na Serra d'Arga parece ser pouco comum.

# LONTRA

Nome científico: *Lutra lutra*Ordem: CARNIVORA

Família: MUSTELIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo II e IV da Directiva Habitats

Um dos maiores mustelídeos de Portugal (61-75 cm, cabeça e corpo). Corpo fusiforme, com membros curtos e uma cauda longa (36-45 cm). Bem adaptado à vida semiaquática, possui 2 camadas de pelo impermeável, uma interna de pelo curto e denso, e outra externa, de pelo curto, compacto e lustroso. Pelagem acastanhada, progressivamente mais clara em direção à região ventral. Apresenta uma mancha clara na garganta e parte superior do peito. Patas palmadas, com cinco dedos unidos por uma membrana interdigital e garras pequenas, não retrácteis. A cauda muito musculada, achatada dorso-ventralmente na região intermédia e afunilada na extremidade, funciona como leme.

As adaptações à vida aquática incluem a presença de fossas nasais valvulares que se fecham quando submerge, o mesmo acontecendo com as orelhas; distorção do cristalino, permitindo uma visão perfeita debaixo de água; e o focinho possui vibrissas sensitivas para a captura das presas.

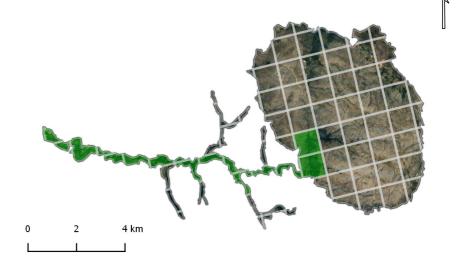
## Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande variedade de ambientes aquáticos interiores e costeiros, preferencialmente bem conservados, com abrigos e disponibilidade de alimento.



Fotografia: PBG/CMG

Ocorre, de uma forma mais ou menos contínua, na Europa, Ásia e África. Com distribuição generalizada em Portugal continental, sempre associada a zonas de água. Na Serra d'Arga parece possuir uma distribuição contínua ao longo do rio Âncora.







Fotografia: Ondrej Prosicky / Shutterstock.com

# **FUINHA**

Nome científico: Martes foina

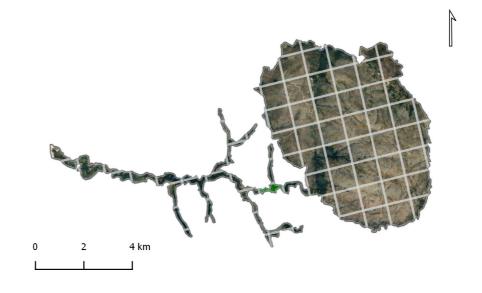
Ordem: CARNIVORA
Família: MUSTELIDAE

**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

Mustelídeo de tamanho médio, corpo alongado (40-50 cm) e cauda comprida e espessa (23-27 cm). Cabeça estreita, focinho afilado, olhos e orelhas relativamente grandes. Pelagem castanha (mais ou menos escura), com uma mancha branca (por vezes ligeiramente amarelada) na zona da garganta e peito, que se estende até à inserção das patas dianteiras.

# Habitat & Ecologia:

Ocupa uma grande variedade de habitats, variando de região para região. Espécie generalista e oportunista, está particularmente adaptada ao meio arborícola.



É um animal trepador, possui patas com 5 dedos e garras não retrácteis, importantes para a aderência às árvores. No solo desloca-se aos saltos.

Ocorre na maior parte da Europa e na Ásia Central. Com distribuição generalizada em Portugal continental. Na Serra d'Arga parece ser pouco comum, tendo sido confirmada apenas num local, junto ao rio Âncora.

# **TEXUGO**

Nome científico: Meles meles

Ordem: CARNIVORA
Família: MUSTELIDAE

380

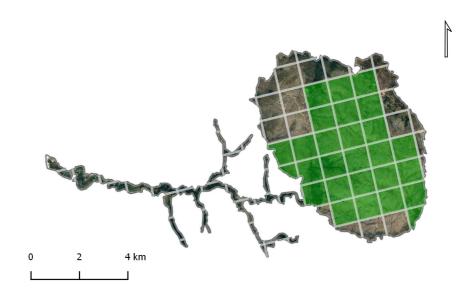
**Estatuto conservação:** Pouco Preocupante

Mustelídeo de tamanho médio-grande, robusto e arredondado (67-80 cm, corpo). Cabeça pequena, relativamente ao corpo, e focinho alongado. Pelagem de cor cinzenta no dorso e negra no ventre e patas. Cabeça branca, com duas bandas longitudinais negras, desde a ponta do focinho até às orelhas. Cauda curta, cinzenta, com a ponta branca. Patas curtas, poderosas, com cinco dedos e garras fortes, não retrácteis, adaptadas para escavar.

Carnívoro social, escava complexos de tocas (sistema de túneis com várias câmaras em diferentes níveis), que servem de abrigo ao grupo (que pode chegar aos 25 a 30 indivíduos).

# **Habitat & Ecologia:**

Espécie adaptável, ocupa uma grande variedade de habitats, desde que tenha cobertura adequada e um tipo de solo que possam escavar. Pode ocorrer em áreas suburbanas e mesmo em parques urbanos. Ocorre em toda a Eurásia temperada, com exceção das zonas mais setentrionais da Escandinávia e na parte mais ocidental da Ásia. Em Portugal está presente em todo o território continental. Na Serra d'Arga está presente em toda a zona montanhosa.





Fotografia: PBG/CMG

38

Totografia. T Doy of the

# RATO-CEGO

Nome científico: Microtus Iusitanicus

Ordem: RODENTIA
Família: CRICETIDAE

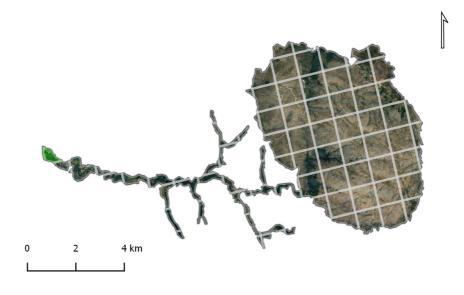
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Roedor fossador de pequenas dimensões (até 10,5 cm, cabeça e corpo). Corpo cilíndrico, adaptado à vida subterrânea. Cabeça grande, arredondada, olhos e orelhas pequenas, e cauda bicolor curta. Coloração dorsal cinzento-escura a sépia e ventral cinzento-claro a cinzento-escuro.

Presa habitual de aves noturnas, como a coruja das torres e a coruja-do-mato, e de mamíferos carnívoros de médio porte, como a raposa e a geneta.

# Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande variedade de habitats, tanto naturais como agrícolas, desde que possuam solos macios e húmidos, nos quais constrói galerias e ninhos sob densa cobertura vegetal.



Fotografia: Paulo Barros

383

Endémico da Península Ibérica. Ocorre no quadrante noroeste da península e no extremo sudoeste da França. Em Portugal ocorre sobretudo a norte do rio Tejo. Na Serra d'Arga foi apenas confirmado na zona da foz do rio Âncora.



# RATO-DOMÉSTICO

Nome científico: Mus musculus

Ordem: RODENTIA
Família: MURIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Pequeno roedor, de tamanho variável de acordo com o habitat (7-10 cm, cabeça e corpo). Cauda tão comprido como o corpo e orelhas grandes e arredondadas. Focinho ligeiramente alongado e pontiagudo, olhos pequenos, pretos e brilhantes. Pelagem de cor variável, frequentemente de cor cinzento-acastanhado na zona dorsal, e mais clara na zona ventral. Distingue-se das espécies do género Apodemus por possuir orelhas, patas posteriores e olhos de menores dimensões.

As populações silvestres, que vivem em meios selvagens, juntam provisões para o inverno, chegando a armazenar vários quilos de alimentos.

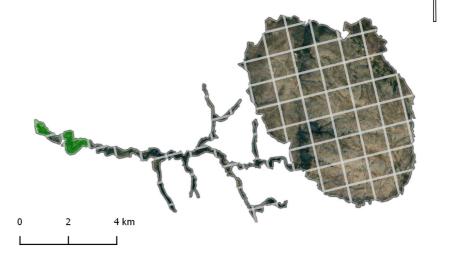
## **Habitat & Ecologia:**

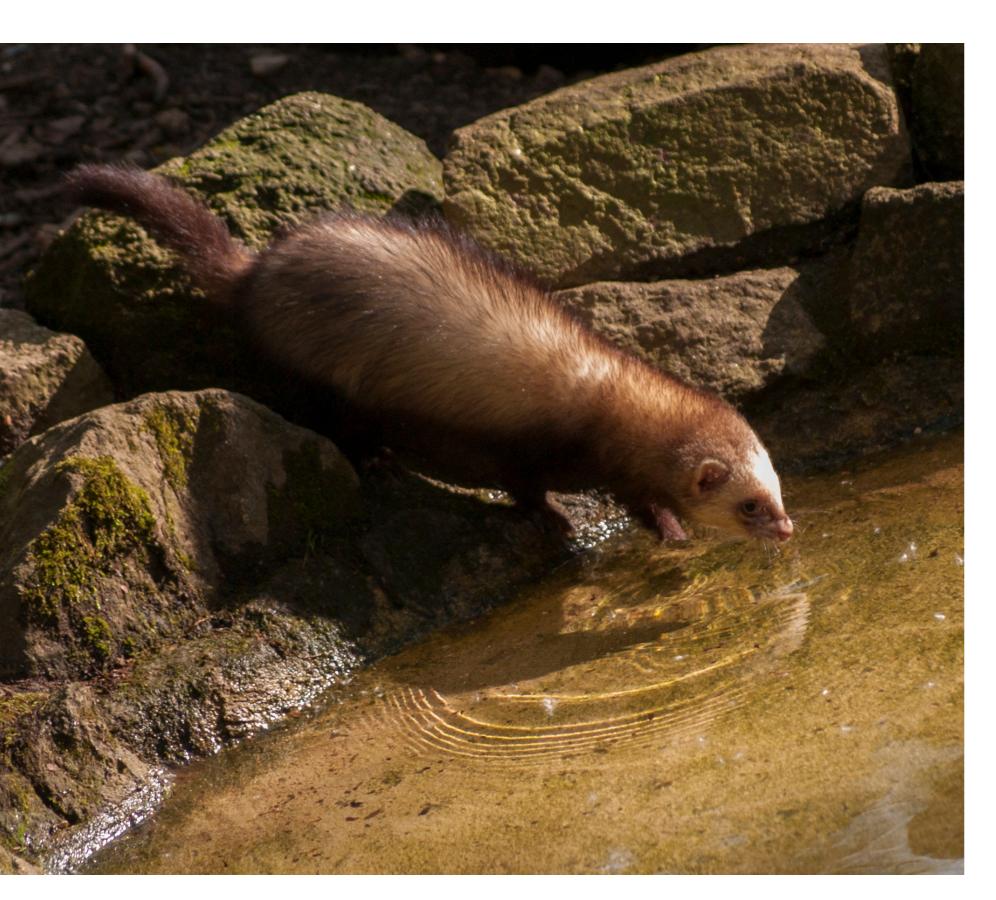
Espécie eclética, tipicamente comensal, ocorre geralmente em habitats antropogénicos, desde campos agrícolas até ao interior de habitações. Ocorre igualmente em habitats naturais.





Distribuição paleártica, com exceção da Antártica, colonizou todos os outros continentes. Ocorre em todo território nacional continental e ilhas. Na Serra d'Arga foi apenas confirmado no troço terminal do rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

# **TOIRÃO**

Nome científico: Mustela putorius

Ordem: CARNIVORA
Família: MUSTELIDAE

**Estatuto conservação:** Informação Insuficiente /

Anexo V da Directiva Habitats

Pequeno mustelídeo, de corpo alongado e cilíndrico (29-46 cm, corpo; 12,5-14 cm, cauda), os machos são maiores do que as fêmeas. Cabeça pequena e achatada, orelhas pequenas e arredondadas e patas relativamente curtas. Pelagem no dorso castanho-escuro, mais clara nos flancos. Ventre quase negro e cauda escura. Mancha branca característica em redor do focinho e das regiões auriculares. Rebordo das orelhas esbranquiçado.

# Habitat & Ecologia:

Espécie generalista, ocorre geralmente associada à presença de água. Pode ocupar desde florestas não muito densas até ambientes abertos, incluindo paisagens de mosaico.

0 2 4 km

É oportunista em relação aos abrigos, ocupando frequentemente tocas antigas de coelho, raposa ou texugo. As tocas têm pelo menos uma câmara de dormida e outra de armazenamento de alimento.

Ocorre na maior parte da Europa, no norte de África e no oeste da Rússia. Em Portugal, ocorre em todo o território continental, de forma descontínua. Na Serra d'Arga parece ocorrer de forma descontínua, tendo sido registada a sua presença na encosta este da serra.

# VISON-AMERICANO

Nome científico: Neovison vison

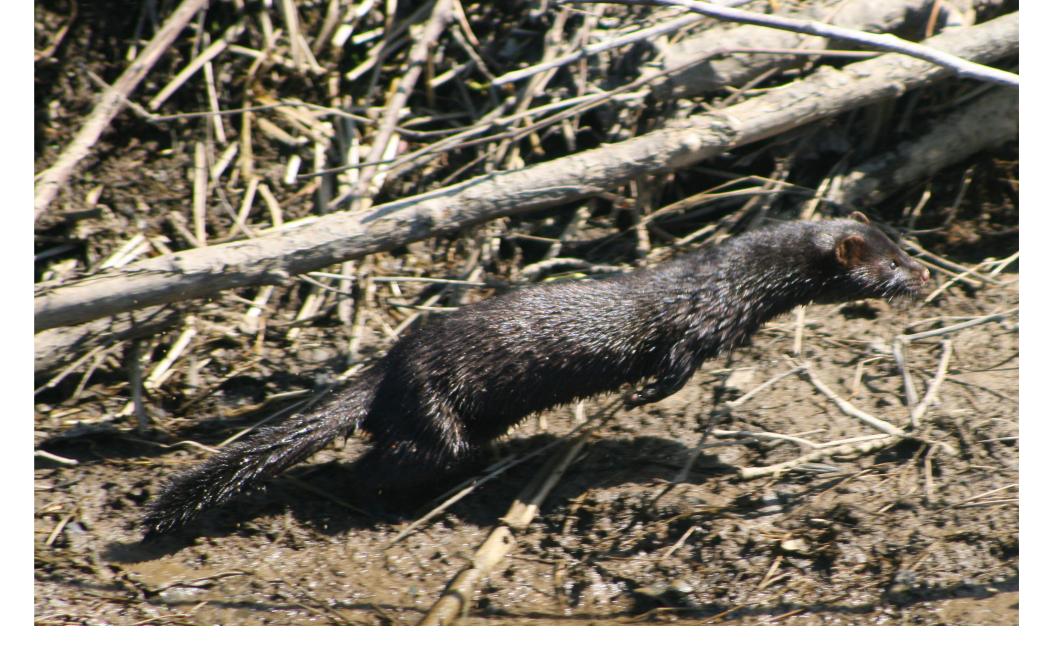
Ordem: CARNIVORA
Família: MUSTELIDAE

Estatuto conservação: Não aplicável

Pequeno mustelídeo (30-47 cm, corpo; 13-23 cm, cauda), de corpo alongado, adaptado ao meio subaquático. Membros curtos, com uma pequena membrana interdigital nas patas posteriores. Pelagem espessa e impermeável, de cor uniforme, castanho-escura, quase negra, com flancos e ventre mais claros. Cauda tufada. Mancha branca no queixo e garganta. Olhos pequenos, arredondados e escuros e orelhas pequenas e redondas.

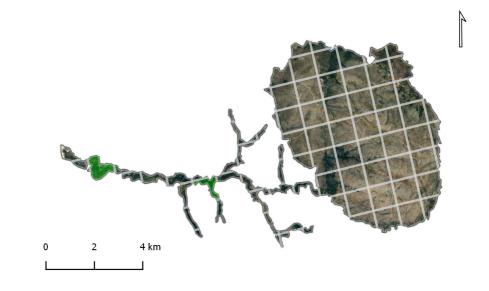
Habitat & Ecologia:

Ocorre em todo o tipo de habitats associados a massas de água, preferindo zonas de vegetação densa e aglomerados de rochas, que possam fornecer refúgio. As populações naturalizadas fora da sua área de distribuição natural, resultaram essencialmente da fuga de indivíduos provenientes de quintas de produção de peles. Em Portugal o primeiro registo ocorreu na década de oitenta, no rio Minho, com origem provável em fugas de quintas localizadas na margem espanhola deste rio.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Nativa da América do Norte, tem várias populações introduzidas e naturalizadas em grande parte da Europa, Ásia oriental, América do Sul e Nova Zelândia. Em Portugal continental ocupa atualmente todas as bacias hidrográficas do noroeste de Portugal e alguns locais no nordeste. Na Serra d'Arga parece ocorrer essencialmente associada ao rio Âncora.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

# COELHO-BRAVO

Nome científico: Oryctolagus cuniculus

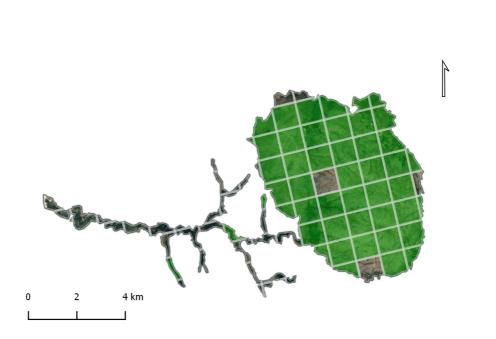
Ordem: LAGOMORPHA Família: LEPORIDAE

Estatuto conservação: Quase Ameaçado

Mamífero de tamanho médio (34-50 cm), mais pequeno e menos esguio que a lebre. Pelagem acinzentada, com tons amarelados e acastanhados na nuca e patas, e face anterior esbranquiçada. Orelhas com comprimento inferior à cabeça, com as pontas castanhas e inclinadas para a frente. Patas posteriores muito desenvolvidas, adaptadas ao salto, sendo a corrida feita em apertados ziguezagues.

## Habitat & Ecologia:

Espécie tipicamente de orla, ocorre preferencialmente em áreas mistas, do tipo mosaico, com abrigos (matos e bosques temperados) e zonas abertas para alimentação (prados, pastagens e terrenos agrícolas)



Espécie importante nos ecossistemas mediterrânicos, fazendo parte da alimentação duma ampla gama de predadores, sendo a presa principal de espécies em perigo de extinção, como o lince-ibérico e a águia-imperial.

391

Originário da Península Ibérica, tem atualmente distribuição mundial. Ocorre em território continental e ilhas. Na Serra d'Arga está presente em toda a zona montanhosa, bem como em algumas áreas do vale do rio Âncora.

# RATAZANA

Nome científico: Rattus norvegicus

Ordem: RODENTIA Família: MURIDAE

Estatuto conservação: Não aplicável

Roedor de tamanho grande (até 29 cm), com cauda de tamanho ligeiramente inferior ao do corpo. Pelagem de coloração variável, entre o castanho e o negro, geralmente com manchas cinzento-acastanhadas no dorso e cinzento mais claro no ventre. Cauda espessa e escura na parte de cima e mais clara na parte inferior. Orelhas curtas e peludas. Membros com pequenas membranas interdigitais, o que a torna numa boa nadadora.

Podem reproduzir-se todo o aos 2 meses de vida.

## Habitat & Ecologia:

Espécie comensal, associada à presença do homem e à disponibilidade de água. Ocorre geralmente em meios urbanos e rurais, frequentemente em portos e ambientes costeiros.

ano, se o alimento for abundante e as condições ambientais amenas, produzindo ninhadas a cada 6 semanas. Atingem a maturidade sexual

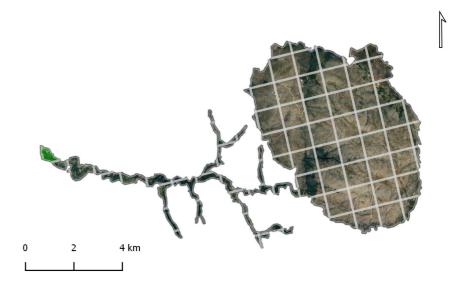


ATLAS DA FAUNA - MAMÍFEROS



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Originária do extremo oriente, tem atualmente uma distribuição mundial, estando apenas ausente em algumas regiões tropicais e subtropicais. Em Portugal ocorre em todo o território continental e ilhas. Na Serra d'Arga foi apenas confirmada no troço terminal do rio Âncora.



# **ESQUILO**

Nome científico: Sciurus vulgaris

Ordem: RODENTIA
Família: SCIURIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Mamífero de pequeno porte (até 24 cm). Cauda comprida, ligeiramente inferior ao tamanho do corpo, bastante peluda, importante para o equilíbrio e proteção nos períodos mais frios. Pelagem de coloração variável, dependendo da temperatura e humidade, de um modo geral castanho-avermelhado no verão e castanho-escura no inverno. Ventre claro. Orelhas grandes, possuindo nas extremidades um tufo de pelos durante o inverno. Dedos fortes, com garras compridas e afiadas.

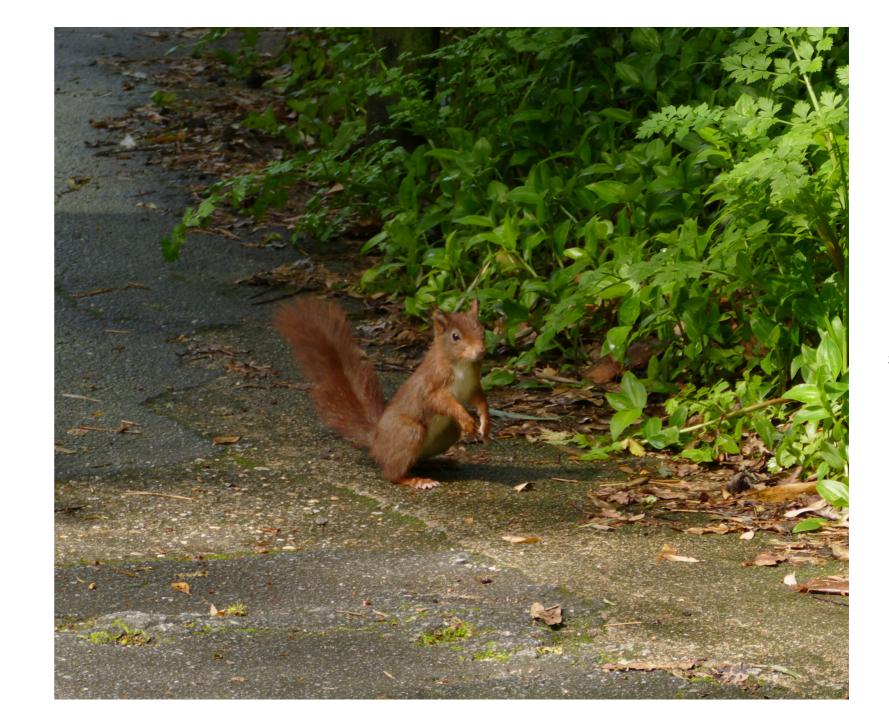
Espécie que já esteve extinta em Portugal, a recente recolonização deveu-se ao aumento de novas plantações de pinheiros e ao crescimento populacional na sua área de distribuição na Galiza, bem como a programas de reintrodução, realizados na década de 90, no território nacional.

# Habitat & Ecologia:

Ocorre preferencialmente em bosques e florestas de coníferas ou de folha caduca, podendo ocorrer em jardins e parques urbanos.

4 km

Distribuição paleártica, nas florestas europeias e norte-a-siáticas. Em Portugal ocorre maioritariamente no norte e centro do território continental. Na Serra d'Arga foi registado em apenas 3 locais, associado a pinhais do vale do rio Âncora.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes



Fotografia: Andrew

# MUSARANHO-ANÃO-DE-**DENTES-VERMELHOS**

Nome científico: Sorex minutus

Ordem: INSECTIVORA Família: SORICIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente

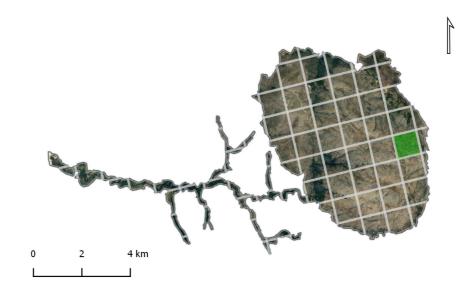
Pequeno musaranho (até 6 cm). Focinho pontiagudo, dentes vermelhos e olhos pequenos. Cauda longa e grossa, ligeiramente inferior ao tamanho do corpo. Pelagem de cor castanho-acinzentado, ventre esbranquiçado, com gradação entre flancos e ventre.

Alimentam-se essencialmente

# **Habitat & Ecologia:**

Ocupa uma grande variedade de habitats, incluindo pastos, zonas rochosas e florestas, com elevada humidade e coberto vegetal.

de invertebrados (aracnídeos e isópodes), necessitando de refeições regulares e grandes, podendo chegar a ingerir num dia cerca de 125 % do seu peso corporal.



Distribuição ampla na região euroasiática. Em Portugal apresenta uma distribuição restrita ao noroeste de Portugal, entre o Alto Minho e a Beira Alta. Na Serra d'Arga foi apenas identificado num local.

398

# **JAVALI**

Nome científico: Sus scrofa
Ordem: ARTIODACTYLA
Família: SUIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

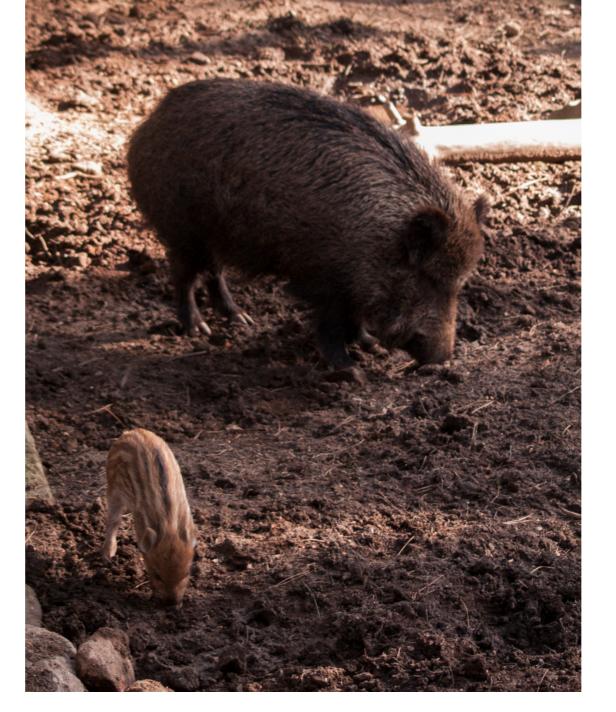
Mamífero de morfologia semelhante ao porco doméstico (que evoluiu a partir deste). Corpo robusto, arredondado, patas curtas e fortes (os machos podem medir até 167 cm, as fêmeas são ligeiramente mais pequenas). Cabeça grande, ostentando dentes caninos muito desenvolvidos ("defesas"), que no macho são projetadas para fora e voltadas para cima. Pelagem de cor escura, hirsuta. A pelagem nos juvenis é castanho-clara, com riscas longitudinais mais escuras, até aos 4-5 meses, e avermelhada, até aos 10-12 meses de idade.

frequentes os casos de paternidade múltipla, isto é, as crias de uma mesma barriga terem diferentes pais.

Nos javalis são relativamente

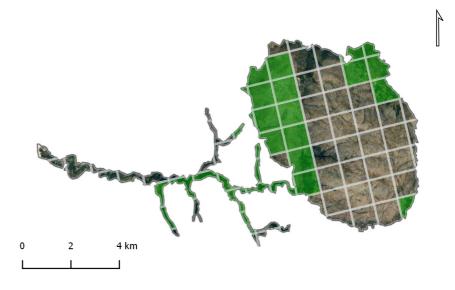
# Habitat & Ecologia:

Possui grande plasticidade ecológica, ocorrendo com frequência em bosques de folhosas e áreas agrícolas que apresentem zonas de abrigo. Também pode ocorrer em áreas urbanas e periurbanas.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Distribuição natural paleártica, ocorre atualmente em todos os continentes, exceto na Antártida. Presente em todo o território continental. Na Serra d'Arga ocorre com alguma abundância nas zonas de montanha, das encostas oeste e noroeste da serra e no vale da parte alta do rio Âncora.



DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA
ATLAS DA FAUNA - MAMÍFEROS



Nome científico: Talpa occidentalis

Ordem: INSECTIVORA Família: TALPIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Mamífero fossípede de tamanho médio (até 14 cm). Corpo fusiforme, patas anteriores fortes, munidas de garras potentes adaptadas à escavação de galerias, e cauda curta. Focinho longo, sem pavilhão auricular e olhos cobertos por uma membrana fina. Pelagem densa e lustrosa, de cor negra ou cinzento-escura.

De difícil observação, um dos indícios de presença são os montículos ou "montes de toupeiras", resultantes das suas atividades subterrâneas.

# Habitat & Ecologia:

Ocorre numa grande diversidade de habitats, desde que possuam solos profundos e escaváveis, como prados, pastagens, terras agrícolas e jardins, com abundância de presas (larvas de insetos e anelídeos).

Endémica da Península Ibérica. Em Portugal distribui--se por praticamente todo o território continental. Na Serra d'Arga é relativamente comum surgindo principalmente associada a solos agrícolas.

Fotografia: C. Maia e D. Mendes

# **RAPOSA**

Nome científico: Vulpes vulpes

Ordem: CARNIVORA Família: CANIDAE

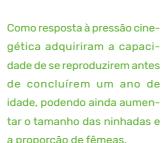
Estatuto conservação: Pouco Preocupante

Carnívoro de médio porte (50-75 cm, cabeça e corpo), sendo as fêmeas ligeiramente mais pequenas. Corpo esguio, onde sobressai a cauda longa e farta. Cabeça pequena, focinho afunilado e orelhas grandes, eretas, pontiagudas e pretas na parte de trás. Pelagem de cor variável, entre o castanho-avermelhado e o castanho-claro, mais curta no verão e longa e espessa no inverno. Peito, garganta, abdómen e por vezes a ponta da cauda, esbranquiçados.

a proporção de fêmeas.

## Habitat & Ecologia:

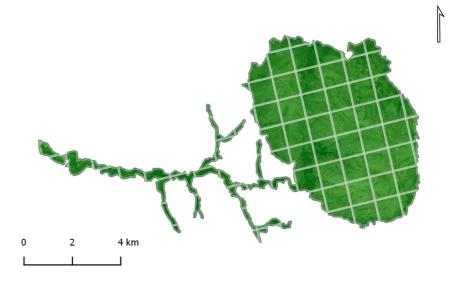
Espécie eclética, ocorre em todo o tipo de habitats, desde zonas costeiras a zonas montanhosas. Tem preferência por mosaicos de áreas agrícolas, com zonas mais fechadas (matagais e florestas), que lhe proporcionem zonas de caça, abrigo e reprodução. Pode ocorrer em áreas periurbanas.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Carnívoro com mais ampla distribuição a nível mundial, ocorrendo em todo o Hemisfério Norte. Em Portugal está presente em todo o território continental. Na Serra d'Arga é uma espécie muito comum, presente e relativamente abundante em toda a área.





# 0 2 4 km

Fotografia: Paulo Barros

Distribuição paleártica alargada, ocorre em quase toda a Europa. Em Portugal ocorre em todo o território continental, sendo uma espécie relativamente abundante no norte e centro. Espécie com distribuição alargada na Serra d'Arga, associada a diferentes tipos de biótopos.

# MORCEGO-HORTELÃO-ESCURO

Nome científico: Eptesicus serotinus

Ordem: CHIROPTERA
Família: VESPERTILIONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Morcego robusto (32-38 cm de envergadura), sendo uma das maiores espécies de morcegos da Europa. Pelagem comprida e densa, de tonalidade castanho variável, de coloração creme-dourado no dorso e creme-amarelado no ventre. Orelhas e membranas alares de coloração castanho-escuro, que contrastam com corpo. Orelhas relativamente pequenas e triangulares, trago (estrutura no interior das orelhas) rombo, prolongando-se até 1/3 do comprimento da orelha.

A sua dieta consiste em borboletas noturnas e escaravelhos, que captura em voo, pousadas em ramos ou no solo.

## Habitat & Ecologia:

Ocupam uma grande variedade de abrigos, principalmente edifícios, mas também pontes, cavidades de árvores, fendas de rochas, e esporadicamente grutas e minas. Nos períodos de alimentação pode ser encontrado numa grande variedade de habitats, voando geralmente ao nível das copas de árvores. O período de hibernação vai de finais de novembro até março/abril. Espécie sedentária, efetua pequenas deslocações entre os abrigos de hibernação e de criação.

# MYOTIS PEQUENOS

Nome científico: M. escalerai / M. emarginatus / M. mystacinus / M. bechsteinii / M. daubentonii

Ordem: CHIROPTERA
Família: VESPERTILIONIDAE
Estatuto conservação: Não definido

Espécies do género Myotis de menores dimensões (comprimento do corpo igual ou inferior 5 cm), inclui as espécies M. escalerai (morcego-de-franja do Sul), M. emarginatus (morcego-lanudo), M. mystacinus (morcego-de-bigodes), M. bechsteinii (morcego de Bechstein) e M. daubentonii (morcego-de-água), espécies semelhantes do ponto de vista morfológico e fónico. O género Myotis carateriza-se por ter orelhas pontiagudas e trago comprido, em forma de ponta de lança e antebraço menor que 5 cm. A distinção relativamente às espécies de "Myotis grandes" é baseada essencialmente no comprimento do antebraço, sendo neste grupo menor do que 5 cm. De um modo geral apresentam pelagem dorsal de coloração castanha, variável no tom, ligeiramente mais clara no ventre.

A distinção entre as diferentes espécies do grupo "Myotis pequenos" é baseada essencialmente no tamanho da orelha e no tamanho do calcar e espaço que ocupa no bordo da membrana caudal.

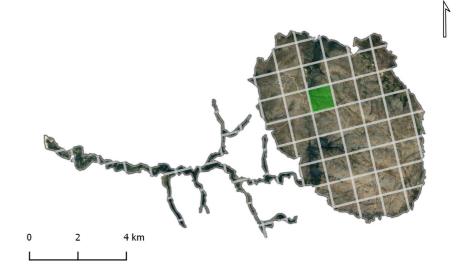
## **Habitat & Ecologia:**

No grupo "Myotis pequenos" encontram-se espécies florestais, como o *M. bechsteinii*, espécies cavernícolas, *M. emarginatus*, espécies que se abrigam sobretudo em grutas e minas, como *M. escalerai*, e espécies que utilizam diferentes tipos de abrigos (cavidades, fendas, edifícios), como *M. mystacinus* e *M. daubentonii*.



Fotografia: Paulo Barros

Género com distribuição ampla na Europa. Em Portugal continental todas as espécies apresentam de um modo geral uma distribuição ampla no território, com exceção de *M. mystacinus*, que ocorre nas áreas montanhosas do centro e norte do país. Na Serra d'Arga a presença deste grupo foi registada apenas num local (ProsSistemas, 2005-2010).





Nome científico: M. myotis / M. blythii Ordem: CHIROPTERA Família: VESPERTILIONIDAE Estatuto conservação: Não definido

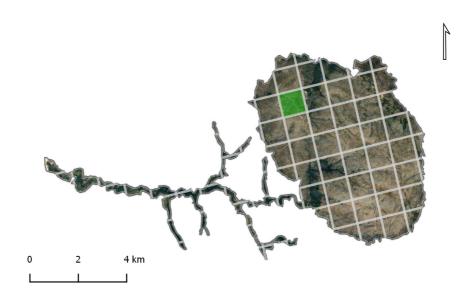
Espécies do género *Myotis* de grandes dimensões (comprimento do corpo superior ou igual a 6,6 cm), inclui as espécies *M. myotis* (morcego-rato-grande) e *M. blythii* (morcego-rato-pequeno), espécies semelhantes do ponto de vista morfológico e fónico. O género *Myotis* carateriza-se por ter orelhas pontiagudas e trago comprido, em forma de ponta de lança. A distinção relativamente às espécies de "*Myotis* pequenos" é baseada essencialmente no comprimento do antebraço, sendo neste grupo maior do que 5 cm. De um modo geral apresentam pelo bicolor, com a metade basal mais escura, coloração dorsal acastanhada e ventral cinzento-claro.

## Habitat & Ecologia:

Ambas as espécies deste grupo são essencialmente cavernícolas, abrigando-se normalmente em grutas, minas e outros abrigos subterrâneos.

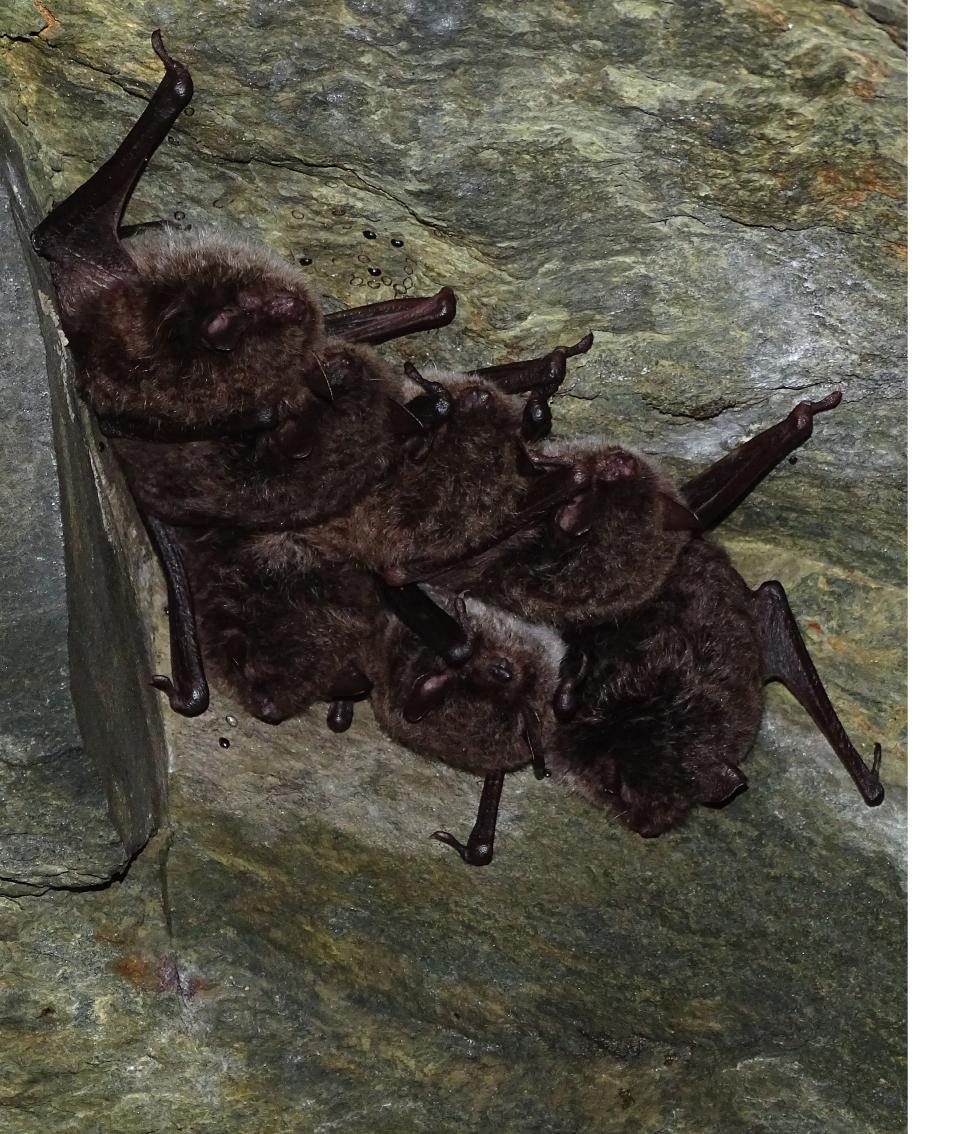
Ambas as espécies apresentam vocalizações muito seme-Ihantes, não permitindo uma distinção segura entre elas. Em Portugal a espécie *M. blythii* é mais rara que a espécie *M. myotis*.

40



Fotografia: Paulo Barros

Género com distribuição ampla na Europa. Em Portugal continental apresenta uma distribuição ao longo de todo o território. *M myotis* é mais raro no Algarve. *M. blythii*, tem uma distribuição pouco conhecida, aparentemente mais esparsa, existindo registo de colónias no Algarve e em Trásos-Montes. Na Serra d'Arga a presença deste grupo foi registada apenas num local (ProsSistemas, 2005-2010).



Nome científico: Nyctalus lasiopterus

Ordem: CHIROPTERA

Família: VESPERTILIONIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente /

Anexo IV da Directiva Habitats

O maior morcego que ocorre na Europa (41-46 cm de envergadura). Pelagem curta, de aspeto macio e cor uniforme, castanho-avermelhado no dorso e castanho-amarelado no ventre. Focinho, orelhas e membranas alares de cor castanho-escuras. Orelhas largas, arredondadas, com trago em forma de cogumelo.

urbanas.

Percorre grandes distâncias

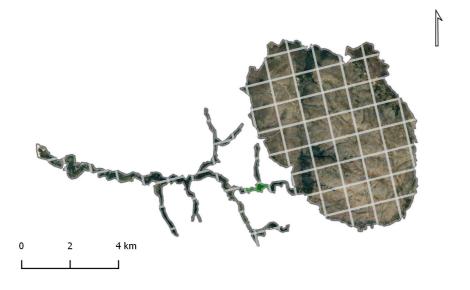
para se alimentar (até 130 km),

preferindo áreas ribeirinhas e

# Habitat & Ecologia:

Espécie florestal, frequentemente associada a florestas de folhosas bem desenvolvidas. Abrigam-se essencialmente em cavidades de árvores antigas. Ocasionalmente pode utilizar como abrigos sótãos e

fendas em grandes cavidades subterrâneas.



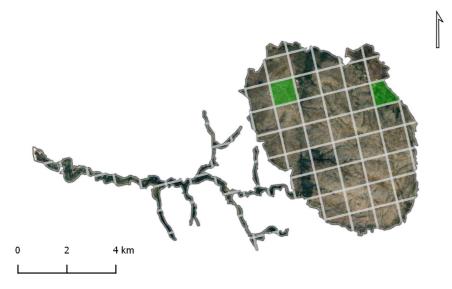
Ocorre desde o sudoeste e centro da Europa até ao Cáucaso e Montes Urais. Em Portugal está presente no norte e centro, mas é provável que esteja presente em todo o território continental, ocorrendo em baixas densidades. Na Serra d'Arga a sua presença foi registada apenas num local junto ao rio Âncora.

Fotografia: Paulo Barros





## Fotografia: Paulo Barros



Ocorre desde a faixa atlântica, Portugal continental e ilha da Madeira, Canárias e Irlanda, até à área europeia da Rússia e Cáucaso. Em Portugal continental possui uma distribuição mais alargada no norte, sendo progressivamente mais raro no centro e sul, não sendo conhecido no Algarve. Na Serra d'Arga a presença confirmada da espécie foi registada associada a bosques.

# MORCEGO-ARBORÍCOLA-PEQUENO

Nome científico: Nyctalus leisleri

Ordem: CHIROPTERA

Família: VESPERTILIONIDAE

Estatuto conservação: Informação Insuficiente /

Anexo IV da Directiva Habitats

Morcego de tamanho médio (30-34 cm de envergadura), o mais pequeno do género *Nyctalus*. Pelagem longa e bicolor, escura na base (preto-acastanhado) e clara à superfície. Coloração dorsal castanho-escura e ventral castanho-amarelada. Focinho, orelhas e membranas alares preto-acastanhado. Orelhas largas, triangulares, com trago pequeno e em forma de cogumelo.

Cada macho pode ter haréns até 9 fêmeas.

413

# Habitat & Ecologia:

Espécie migradora, essencialmente florestal. Abrigam-se frequentemente em árvores, em fendas naturais ou construídas por aves (por exemplo pica-paus). Para se alimentar voa geralmente em espaços abertos ou por cima das copas das árvores, nos bosques, margens de lagos e pastagens. O período de hibernação vai de finais de setembro até inícios de março.

# MORCEGO-ANÃO

Nome científico: Pipistrellus pipistrellus

Ordem: CHIROPTERA

Família: VESPERTILIONIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo IV da Directiva Habitats

Uma das espécies mais pequenas da Europa (18-24 cm de envergadura). Morfologicamente semelhante a *P. pygmaeus*. Pelagem de coloração variável, castanho-avermelhado, castanho-avelã ou castanho-escuro e ventre amarelo-avermelhado a cinzento-acastanhado. Focinho, orelhas e membranas alares castanho-escuro. Orelhas pequenas, triangulares, com trago rombo, ligeiramente curvado para dentro.

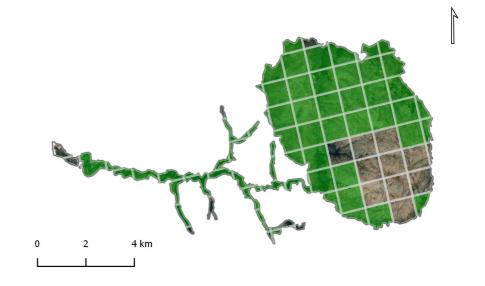
É o morcego urbano mais comum, ocorrendo frequentemente junto a habitações. A iluminação urbana atrai insetos noturnos, que constituem uma importante fonte alimento para esta espécie.

## Habitat & Ecologia:

Durante o período de criação, abrigam-se em todo o tipo de fissuras em edificações, telhados, sótãos e caixas de estores. Podem também ocorrer em bosques, florestas de resinosas e galerias ripícolas. As áreas de alimentação são relativamente próximas dos locais de abrigo. Durante a hibernação as colónias podem atingir centenas ou milhares de indivíduos, em grutas, minas e edifícios. Espécie sedentária, efetua pequenas deslocações entre os abrigos de hibernação e de criação.



Espécie com distribuição paleártica, com o limite a norte ainda por determinar. Em Portugal continental parece ter uma distribuição mais ou menos ampla em todo o território, embora não completamente conhecida. Na Serra d'Arga parece ser uma espécie relativamente comum, com uma distribuição alargada, surgindo associado a diferentes tipos de biótopos.





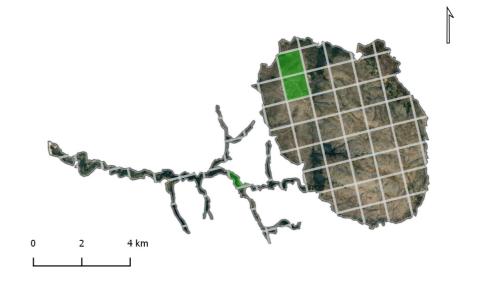


Nome científico: Pipistrellus pygmaeus
Ordem: CHIROPTERA
Família: VESPERTILIONIDAE
Estatuto conservação: Pouco Preocupante /
Anexo IV da Directiva Habitats

Uma das espécies mais pequenas da Europa (cerca de 22 cm de envergadura), morfologicamente seme-lhante a *P. pipistrellus*. Pelagem de coloração variável, frequentemente castanho-avermelhado. Jovens são mais escuros e acinzentados. Orelhas relativamente pequenas. Espécie sedentária, efetua pequenas deslocações entre os abrigos de hibernação e de criação.

# Habitat & Ecologia:

Abrigam-se predominantemente em edifícios, onde podem formar grandes colónias, mostrando alguma fidelidade aos abrigos. Podem também abrigar-se em cavidades de árvores, pontes e fendas de rochas. As áreas de alimentação localizam-se frequentemente junto a linhas e planos de água.



Fotografia: Paulo Barros

Estudos genéticos recentes levaram à divisão de *Pipistrellus pipistrellus* em duas espécies distintas. Embora semelhantes dos pontos de vista morfológico e ecológico, pertencem a dois grupos fónicos distintos: *Pipistrellus pygmaeus* (grupo fónico de 55 kHz) e *P. pipistrellus* (grupo fónico de 46 kHz), embora haja sobreposições muito frequentes.

paleártica ocidental, ainda não completamente conhecida devido à recente separação de *P. pipistrellus*. Em Portugal ocorre em todo o território continental, sendo a espécie mais abundante do país, particularmente no sul. Na Serra d'Arga a sua presença

foi confirmada em apenas duas áreas, sendo provável que ocorra em outros locais.

Espécie com distribuição



# MORCEGO-DE-FERRADURA-GRANDE

Nome científico: Rhinolophus ferrumequinum

Ordem: CHIROPTERA
Família: RHINOLOPHIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável / Anexo II

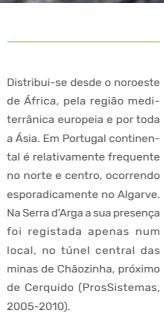
e IV da Directiva Habitats

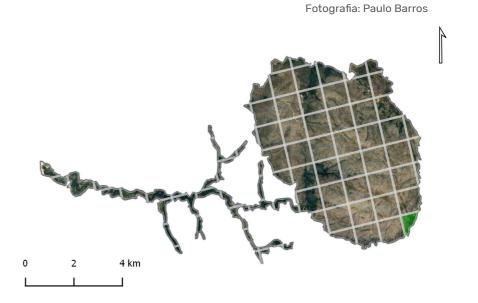
A maior espécie de morcego-de-ferradura (género *Rhinolophus*) da Europa (29-35 cm de envergadura). Apresenta fossas nasais rodeadas por formações membranosas que incluem uma estrutura em forma de ferradura. Não possui trago. Pelagem de coloração castanho-clara, com as extremidades mais escuras no dorso, que lhe dão uma aparência mais escura. Membranas castanho-escuras.

Alimenta-se essencialmente de grandes insetos (borboletas noturnas e escaravelhos), caçando predominantemente em áreas florestadas, de matos e zonas húmidas com vegetação ribeirinha bem estruturada e mesmo sobre a água.

## Habitat & Ecologia:

Durante o período de criação abrigam-se predominantemente em grandes edifícios, no entanto também pode utilizar grutas e minas, onde geralmente hiberna. O período de hibernação ocorre entre setembro/outubro e abril, mas pode ser interrompida 2 a 3 vezes por mês para se alimentarem. Em hibernação envolve todo o corpo com as asas. Espécie sedentária, efetua pequenas deslocações entre os abrigos de hibernação e de criação.







Fotografia: Paulo Barros

# MORCEGO-DE-FERRADURA-PEQUENO

Nome científico: Rhinolophus hipposideros

Ordem: CHIROPTERA
Família: RHINOLOPHIDAE

Estatuto conservação: Vulnerável / Anexo II

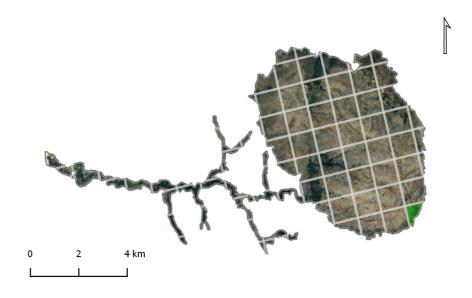
e IV da Directiva Habitats

A espécie mais pequena de morcego-de-ferradura (género *Rhinolophus*) da Europa (19-25 cm de envergadura). Fossas nasais rodeadas por formações membranosas que incluem uma estrutura em forma de ferradura. Pelagem longa, de coloração castanho-acinzentado pálido, com as extremidades mais escuras no dorso. Membranas mais escuras que a coloração dorsal.

## **Habitat & Ecologia:**

Durante o período de criação, abrigam-se de preferência em casas abandonadas, caves, sótãos, podendo também utilizar grutas e minas. Geralmente hiberna em abrigos subterrâneos. Em hibernação envolve todo o corpo com as asas. Espécie sedentária, efetua pequenas deslocações entre os abrigos de hibernação e de criação.

Esta espécie sofreu um grande declínio na década de 60, estando atualmente ausente de grande parte da Alemanha, partes da França, Polónia e Suíça. Está extinta na Holanda e Luxemburgo.



Com distribuição ampla nos países europeus da região do Mediterrâneo. Ocorre da Irlanda até Caxemira, noroeste africano e da Etiópia e Sudão até Arábia ocidental. Em Portugal é pouco comum mas tem uma distribuição contínua em todo o território continental. Na Serra d'Arga a sua presença foi registada num abrigo, o túnel central das minas de Chãozinha, próximo de Cerquido (ProsSistemas, 2005-2010).

# MORCEGO-RABUDO

Nome científico: Tadarida teniotis

Ordem: CHIROPTERA
Família: MOLOSSIDAE

Estatuto conservação: informação Insuficiente /

Anexo IV da Directiva Habitats

Morcego de grandes dimensões (41 cm de envergadura). Pelagem curta, de coloração cinzento-escuro a cinzento-fumo na região dorsal e cinzento mais claro na região ventral. Orelhas, focinho e membranas alares preto-acinzentadas. Orelhas grandes e largas, projetadas para a frente, chegando a ultrapassar os olhos e a face. A cauda pode medir cerca de 5 cm, sendo que grande parte dela sobressai da membrana caudal (caraterística que dá o nome comum à espécie). Asas muito estreitas e compridas, aptas para voo rápido.

## **Habitat & Ecologia:**

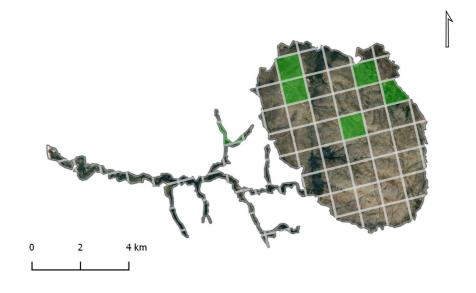
Alimenta-se numa grande variedade de biótopos. Os abrigos localizam-se preferencialmente em escarpas de áreas montanhosas localizadas a grande altitude. Pode também ocorrer em fendas de tetos de abrigos subterrâneos, pontes ou fachadas de edifícios. Efetua pequenas deslocações entre os abrigos e as zonas de alimentação. Espécie sedentária.

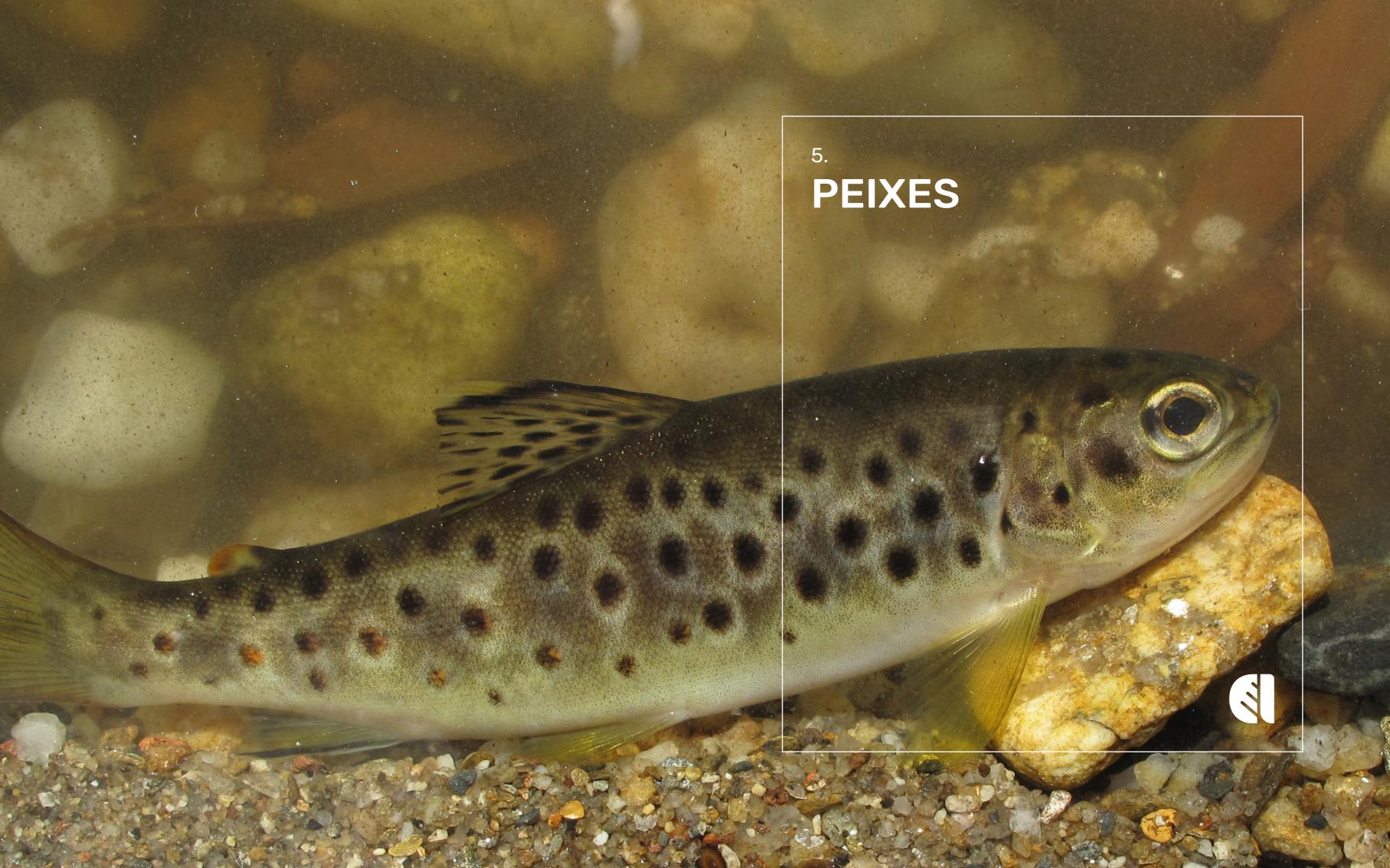
Única espécie da família Molossidae que ocorre na Europa, família que se carateriza pela presença de cauda livre, grandes orelhas ovais e dobras dos lábios.

Distribui-se desde as ilhas Canárias e Madeira, por toda a região Mediterrânica, Ásia Menor, Cáucaso e Médio Oriente, até ao este da Índia e sul da China e Indonésia. Em Portugal, está presente, ainda que de forma fragmenteda e pouco definida, em grande parte do território continental e ilha da Madeira. Na Serra d'Arga a sua presença foi confirmada junto às povoações de Arga de Cima e Arga de Baixo, existindo ainda registos da sua ocorrência em diferentes pontos da serra (ProsSistemas, 2005-2010).



Fotografia: Paulo Barros





# **RUIVACO**

Nome científico: Achondrostoma oligolepis

Ordem: CYPRINIFORMES
Família: CYPRINIDAE

Estatuto conservação: Pouco Preocupante /

Anexo II da Directiva Habitats

Corpo fusiforme, cabeça curta, com parte anterior arredondada e boca subterminal. Perfil das barbatanas dorsal e anal convexo ou reto. Origem da barbatana dorsal localizada na mesma posição vertical ou ligeiramente atrás da origem das barbatanas pélvicas. Coloração castanho-esverdeada na região dorsal-lateral, com tons dourados, e prateados na região ventro-lateral. Linha lateral demarcada pela presença de duas filas de pontos pretos. Base das barbatanas laranja-avermelhada.

Normalmente atinge 5-6 anos de idade, sendo a maturação sexual alcançada, pela maior parte dos indivíduos, no seu segundo ano de vida.

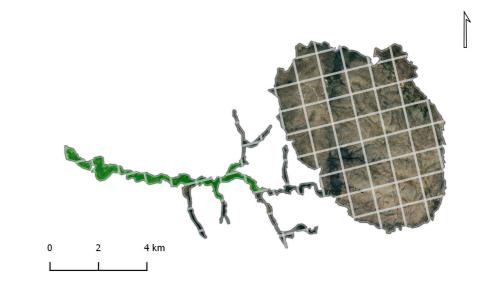


Ocorre em cursos de água costeiros e nos setores terminais das bacias hidrográficas. Habitat preferencialmente águas de pouca profundidade e é resistente à falta de oxigénio. Espécie pouco habitual em albufeiras.



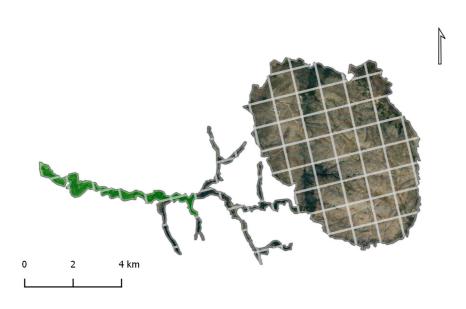
Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Espécie endémica de Portugal continental. A sua distribuição geográfica estende-se desde o rio Lima até ao rio Tornada (ribeiras do Oeste). Na bacia hidrográfica do Tejo, os únicos registos de ocorrência da espécie localizam-se na sub-bacia do Nabão. Na Serra d'Arga está presente no troço médio e terminal do rio Âncora.





Fotografia: C. Maia e D. Mendes



A sua área de distribuição natural está localizada no Atlântico Norte, Mediterrâneo, Mar Báltico e Negro, bem como nos rios que confluem para eles. Em Portugal continental é uma espécie autóctone, distribuindo-se pela maioria das bacias hidrográficas, limitando-se, no entanto, às secções baixas devido às barragens que impedem a sua migração para montante. Na Serra d'Arga está presente no troço médio e terminal do rio Âncora.

# **ENGUIA-EUROPEIA**

Nome científico: Anguilla anguilla

Ordem: ANGUILLIFORME Família: ANGUILLIDAE

Estatuto conservação: Em Perigo

Corpo serpentiforme, alongado e cilíndrico, comprimido lateralmente na região caudal. A pele, macia e mucosa ao toque, possui pequenas escamas. Maxilar inferior proeminente em relação ao superior. Apresenta pequenas fendas branquiais perto da base da barbatana peitoral. Não possui barbatanas pélvicas e as barbatanas dorsal, caudal e anal são unidas formando uma única barbatana. A coloração é variável, com a idade e com o estado fisiológico. Podem alcançar até um máximo de 150 cm e mais de 10 Kg de peso.

Quando entre nos estuários, na forma de alevim, é transparente, sendo vulgarmente designado por enguia-devidro (meixão). À medida que progride neste habitat o corpo vai progressivamente pigmentando-se, terminando com uma coloração castanho-amarelada, iniciando a fase de enguia-amarela.

# Habitat & Ecologia:

Migrador catádromo, apresentando uma fase de alimentação e crescimento no rio, após a maturação sexual efetua uma migração para jusante, em direção ao mar, reproduzindo-se no Mar dos Sargaços. As larvas, de formato foliar, cerca de 24h após a fecundação são arrastadas pela corrente do golfo em direção noroeste. Espécie bentónica. Em águas continentais, prefere meios lóticos, bem oxigenados, com vegetação densa e fundos arenosos e lodosos.

# ESGANA-GATA / ESGANA-GATO

Nome científico: Gasterosteus aculeatus

Ordem: GASTEROSTEIFORMES Família: GASTEROSTEIDAE Estatuto conservação: Em Perigo

Corpo fusiforme, relativamente alto. Não possui escamas, mas placas ósseas dorso-laterais. Cabeça curta e cónica, com olhos relativamente grandes e boca terminal. Apresenta 3 espinhas dorsais, 2 espinhas ventrais associadas ao chamado "aparelho pélvico" e 1 coluna anal. Pedúnculo caudal muito estreito. Barbatana caudal arredondada. Coloração verde-azulada no dorso, com tons prateados.

O macho defende o território onde constrói o ninho, atraindo a fêmea com uma dança de movimentos em zig-zag. Após a postura, o macho cuida dos

# Habitat & Ecologia:

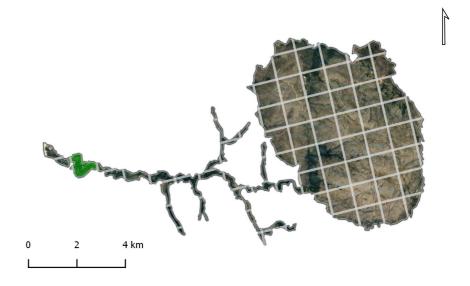
Os adultos podem ocorrer em zonas dulçaquícolas, estuários e zonas costeiras. Espécie anádroma, embora possua populações não-anádromas, exclusivamente dulçaquícolas ou estuarinas. Nos sistemas dulciaquicolas, os adultos preferem pequenos ribeiros, mas podem ocorrer numa variedade de habitats, incluindo grandes rios e lagos.

A sua área de distribui-



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

ção natural localiza-se no Hemisfério Norte, nas regiões circumpolares e temperadas da América, Ásia e Europa, incluindo a Gronelândia, Norte de África e Japão. Em Portugal continental é uma espécie autóctone. A sua presença está confirmada nas bacias hidrográficas dos rios Minho, Lima, Cávado, Ave, Vouga, Mondego, Tejo, Sado, Mira e algumas ribeiras do Algarve. Na Serra d'Arga ocorre no troço terminal do rio Âncora.





Nome científico: Pseudochondrostoma duriense

**BOGA-DO-NORTE** 

Ordem: CYPRINIFORMES
Família: CYPRINIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante /

Anexo II da Directiva Habitats

Espécie de tamanho médio, podendo atingir um comprimento máximo de 50 cm, com corpo alongado e esguio. A boca é inferior sendo a sua abertura retilínea. O lábio inferior é grosso com lâmina córnea bem desenvolvida. Distingue-se de outras espécies do mesmo género por ter a extremidade da mandíbula inferior ligeiramente arqueada. Pedúnculo caudal longo e estreito. Coloração castanho-amarelada, com tons esverdeados e dourados. Metade superior do corpo com numerosas pequenas manchas negras. Linha lateral formada por duas filas de pontos negros.

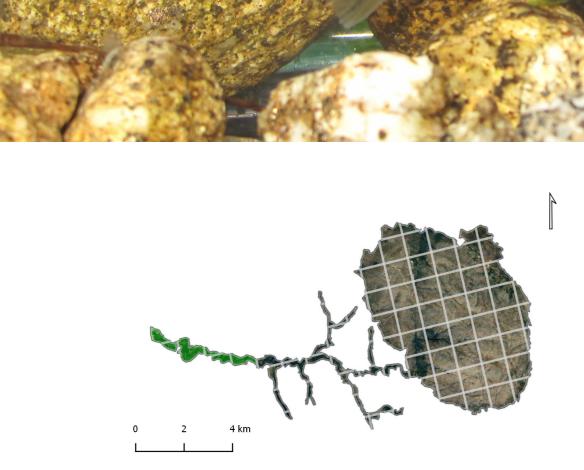
Reproduz-se pela primeira vez ao atingir 3-4 anos de idade. Alimenta-se de algas, vegetação, invertebrados e detritos, que raspam com a sua lâmina córnea.

DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

ATLAS DA FAUNA - PEIXES

# **Habitat & Ecologia:**

Presente nos troços médios dos rios, nas zonas com corrente e profundidade média, mas também prolifera nas águas das barragens. Os juvenis preferem zonas com substrato fino (areia e vasa) e baixas velocidades de corrente, enquanto os adultos ocorrem em zonas mais profundas e sem abrigo. Espécie potádroma, efetuam migrações pré-reprodutoras para montante, apresentando um comportamento gregário. Reproduz-se em zonas altas, de baixa profundidade e de substrato fino (areia e cascalho).



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

Espécie endémica da Península Ibérica, entre a bacia de drenagem do rio Douro e a Galiza. Está ainda presente na bacia de drenagem do rio Vouga. Na Serra d'Arga está presente no troço final do rio Âncora (cerca de 5 km).

# TRUTA-DE-RIO

Nome científico: Salmo trutta
Ordem: SALMONIIFORMES
Família: SALMONIDAE

Estatuto conservação: Pouco preocupante

A forma sedentária (não migradora) pode atingir 60 cm de comprimento. Corpo fusiforme. Com duas barbatanas dorsais, a primeira espinhosa e a segunda adiposa. A barbatana adiposa apresenta extremidade alaranjada. Pedúnculo caudal largo e forte. Coloração variável, com a idade e o meio. Dorso acastanhado a cinzento-esverdeado, flancos esverdeados ou amarelos e ventre esbranquiçado ou em tons amarelados. O corpo é salpicado de manchas negras e vermelhas, rodeadas por um halo esbranquiçado.

Para além da forma sedentária (que passa todo o seu ciclo de vida em água doce), possui uma forma migradora anádroma (a truta-marisca), que durante o seu ciclo de vida passa períodos em água doce (onde se reproduz) e no mar (na fase de crescimento).

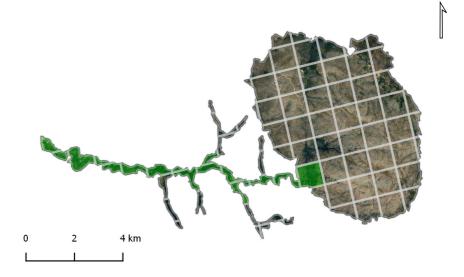
# **Habitat & Ecologia:**

Presente em águas correntes, frias e bem oxigenadas, com substrato de granulometria grosseira. Pode ocorrer em lagos, migrando para afluentes próximos para se reproduzir. Espécie muito sensível à poluição e a temperaturas elevadas.



Fotografia: C. Maia e D. Mendes

A sua área de distribuição natural é paleártica e inclui as bacias hidrográficas europeias que drenam para o oceano Atlântico e mares do Báltico, Norte, Mediterrâneo, Negro e Cáspio. Em Portugal continental é uma espécie autóctone, presente essencialmente nos rios do norte e centro país. Na Serra d'Arga está presente em toda a extensão do rio Âncora.



# 8. GLOSSÁRIO

#### **Adulto**

Indivíduo completamente desenvolvido, capaz de se reproduzir, mas não o fazendo necessariamente até que as condições sociais/ecológicas o permitam.

#### Áglifo

Serpente cujos dentes não inoculam veneno.

#### **Anel orbital**

Anel sem penas em volta do olho de pele nua.

#### Arborícola

Que vive nas árvores.

#### Artrópodes

Animais invertebrados, com exosqueleto, corpo segmentado e apêndices pares articulados. O maior filo do reino animal, em número de espécies.

## Autóctone

436

Espécie que é originária ou nativa da região geográfica onde se encontra.

#### Autonomia da cauda

Desprendimento da cauda devido a contrações musculares voluntárias.

## Babete

Mancha na zona da garganta de algumas aves, fazendo lembrar um babete.

#### Barra alar

Barras de cor contrastante e, muitas vezes, mais claras, localizadas na asa.

#### Bigode

Listra, normalmente estreita e muitas vezes escura, que se estende desde a base da mandíbula inferior ao longo da orla inferior da bochecha.

#### Biótopo

Área ocupada por um ser vivo que pode ser caraterizada por um conjunto de parâmetros bióticos e abióticos.

#### Carnívoro

Animal que se alimenta de outros animais.

#### Catádromo

Peixes que vivem nos rios e migram para o mar para se reproduzirem (é o caso da enguia).

#### Cavernícola

Que vive em cavernas, grutas ou outros abrigos subterrâneos.

#### Coberturas

(auriculares, infra-caudais, supra-caudais). As coberturas ou tectrizes são penas pequenas que revestem o corpo das aves.

#### Coleópteros

Ordem de insetos, cuja estrutura mais típica é a estrutura das asas. Quase todas as espécies possuem dois pares de asas, sendo o par anterior – os élitros – espesso e coriáceo e o par posterior constituído por asas membranosas e mais longas que as anteriores.

#### Coroa

Parte superior da cabeça das aves.

#### Dimorfismo sexual (zoologia)

Presença de caracteres sexuais secundários que permitem distinguir o macho da fêmea correspondente.

#### **Disco facial**

Área arredondada que contorna os olhos de algumas aves (p. ex. rapinas noturnas), formando um padrão facial peculiar.

#### Dorsa

Parte superior do animal.

## Eclipse (plumagem)

Plumagem das aves, adquirida através da muda pós-nupcial completa. A plumagem de eclipse caracteriza-se por colorações

#### DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

GLOSSÁRIO

menos vivas, que as aves, particularmente os machos, apresentam no período não reprodutor.

#### **Ecótonos**

Área de contacto e de transição entre dois biomas diferentes.

#### **Endemismo**

Termo utilizado para referir entidades taxonómicas que são exclusivas de determinada área geográfica.

#### Envergadura

Distância média de uma ponta a outra das asas, quando abertas.

#### Escama carenada

Escama que apresenta uma saliência longitudinal na sua zona média.

## **Escapulares**

Penas da base de cada asa (zona dos "ombros").

#### Espécie (sp.)

Grupo de populações naturais, cujos membros podem acasalar livremente entre eles, mas que, em termos reprodutivos, estão isolados dos membros de outros grupos como este, ou seja, de outras espécies.

## Espelho

Zona na face dorsal da asa, normalmente de cores vivas e brilhantes, que abrange as rémiges secundárias de muitas espécies de patos.

#### Estival

Espécie presente em Portugal durante a primavera e verão.

## Fringilídeo

Ave pertencente à família Fringillidae, na qual se incluem, entre outras, os tentilhões, os pintassilgos, os verdilhões, os pintarro-xos e o chamariz.

## Glândulas parótidas ou parotóides

Glândula que existem nos anfíbios e que segregam uma substância leitosa com alcaloides, que serve de defesa contra predadores.

## Girino

Forma dos anfíbios quando são jovens (larvas).

#### **Habitat**

Local que reúne as condições necessárias para a sobrevivência de uma espécie.

#### Herpetofauna

Grupo faunístico que engloba anfíbios e répteis. Não corresponde a uma unidade taxonómica.

#### Hibernação

Estado de inatividade de alguns animais durante o inverno que lhes permite poupar energia.

#### Holártico

Região biogeográfica correspondente ao conjunto formado pelas regiões neártica e paleártica.

#### **Implume**

Ave jovem, que ainda não tem penas ou em que estas são primitivas e não cobrem grande superfície do corpo.

#### Insectívoro

Animal que se alimenta essencialmente de artrópodes.

#### Introduzido

Espécie que foi transportada pelo homem, de regiões onde ocorria naturalmente, para zonas onde não tinha previamente ocorrido.

#### Invernante

Espécie presente apenas durante o outono/inverno.

#### Íris

Estrutura no olho dos vertebrados, responsável pela cor que o olho apresenta.

## Juvenil

Animal que já não possui as caraterísticas de uma cria, mas que ainda não atingiu o estado adulto.

#### Lâmina córnea

Lábio inferior grosso formando pela boca rectilínea (p. ex. na boga).

#### Listra ocular

Listra habitualmente escura e contrastante que atravessa o olho, desde a base do bico até à zona auricular.

#### Listra supraciliar

Listra normalmente de cor clara e contrastante acima do olho, que se prolonga da fronte até ao dorso, ao longo dos lados da coroa.

#### Loro

Parte da cabeça das aves, entre o bico e os olhos.

#### Manto (aves)

Região corporal situada entre a nuca e a anca (dorso ou costas).

#### Membranas interdigitais

Extensões de pele que ligam os dedos entre si. Normalmente presente em espécies adaptadas ao meio aquático porque auxiliam a deslocação na água.

#### Metamorfose

Alteração drástica de forma sofrida por alguns animais na passagem de larva a adulto.

## Migrador (zoologia)

Animal que efetua deslocação periódica de uma região para outra (geralmente associada a determinada estação do ano).

## Migrador de passagem

Espécie presente durante as passagens migratórias, que podem corresponder aos dois períodos migratórios, primaveril ou pré-nupcial e outonal ou pós-nupcial, ou apenas a um deles.

## Mimetismo

438

Capacidade dos animais de se tornarem muito parecidos com o ambiente que os rodeia e, assim, passarem despercebidos.

#### Noturno

Ativo durante a noite.

#### Nome científico

Nome latinizado, internacionalmente reconhecido, de uma espécie ou subespécie. É formado por duas partes, o nome genérico (do género) e o epíteto específico (da espécie). Ambos devem ser escritos em itálico. Pode acrescentar-se o nome do autor ou autores da classificação e data da classificação.

#### Neártica

Designativo da região biogeográfica correspondente à quase totalidade da América do Norte (excluindo apenas o extremo sul), ou seja, a Gronelândia, o Canadá, os Estados Unidos e uma pequena parte do norte do México.

#### **Ocelo**

Mancha de formato arredondado, por vezes de cores chamativas, presente no tegumento de alguns lagartos.

#### **Omnívoro**

Animal que se alimenta tanto de plantas como de animais.

#### Opistóglifo

Grupo de ofídios da família dos Colubrídeos, com dentes posteriores sulcados, em regra inoculadores de uma substância anestésica e venenosa.

#### **Paine**

Termo muitas vezes utilizado em ornitologia para descrever uma mancha alongada de cor contrastante.

#### Paleártica

Designativo da região biogeográfica correspondente à Europa, à parte da Ásia a norte dos Himalaias, e à parte da África a norte do Sara.

## Plantas adventícias

Plantas que crescem em lugares indesejados. Tambem conhecidas como ervas daninhas.

## Predador

Animal que mata outro animal para dele se alimentar.

#### Presa

Animal que é morto por outro organismo para lhe servir de alimento.

#### Primárias (rémiges)

As rémiges primárias são as penas mais externas na asa da ave, composta pelo carpo, metacarpo e pelas falanges. São as mais longas e estreitas.

#### Rémige

Penas da asa, longas e resistentes, adaptadas para o voo.

#### Residen

Espécie presente numa área ao longo de todo o ano.

## DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

GLOSSÁRIO

#### Restritivo específico

Segundo termo da expressão que designa uma espécie (nome científico).

#### Retrizes

Penas da cauda, podendo ser alongadas, mais exteriores ou centrais.

#### Tímpano

Membrana existente no ouvido, responsável pela amplificação e passagem do som ao ouvido interior. No caso dos anfíbios, o tímpano é frequentemente visível.

#### Trago

Aba, por vezes móvel, situada à frente da abertura da orelha dos morcegos.

#### Ultrassom

Som de frequência acima do limite superior do alcance normal do ouvido humano, isto é, acima dos 20 kHz.

#### Uropígio

Extremidade da região caudal do corpo das aves (que tem por esqueleto interno o pigostílio- peça óssea terminal da região caudal das aves), onde se implantam as retrizes.

## Ventral

Zona inferior do animal.

## Zona carpal

Região da asa das aves, correspondente aos "punhos" ou "pulso"

# 9. BIBLIOGRAFIA

Bunn, D.S., Warburton, A.B. & Wilson, R.D.S., 1982. The Barn Owl. T. & A.D. Poyser, Calton.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.), 2005. Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 660 pp..

Castejón, L. G. e López S., 1982. Mamíferos Insectívoros. Vertebrados Ibéricos (Claves para a su determinación), 5. Sevilla: Imprenta Sevillana.

**Churchill S.,** 1998. Australian Bats. Reed New Holland, Sydney, NSW.

**Cutler, T.L., Swann, D.E.,** 1999. Using remote photography in wildlife ecology: a review. Wildl Soc Bull 27:571–581.

**Equipa Atlas**, 2008. Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (1999-2005). Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Parque Natural da Madeira e Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Assírio & Alvim. Lisboa.

**Gallego, L. e Alemany A.,** 1985. Mamíferos Roedores e Lagomorphos. Vertebrados Ibéricos (Claves para a su determinación), 6. Sevilla: Imprenta Sevillana.

**Gese, E.M.,** 2001. Monitoring of terrestrial carnivore populations. in J. L. Gittleman, S. M. Funk, D. W.

ICN (2006), Plano Sectorial da Rede Natura 2000 - Volume II e III.

ICNB, 2008. Revisão do Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Relatório síntese 1ª fase: Caracterização biológica. Braga: Parque Nacional da Peneda-Gerês, Instituto de conservação da natureza e da biodiversidade. Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional.

**INAG, I.P.** 2008. Manual para a avaliação biológica da qualidade da água em sistemas fluviais segundo a Directiva-Quadro

da Água - Protocolo de amostragem e análise para a fauna piscícola. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional. Instituto da Água, I.P.

**Kunz, T.H., & Brock C.E.,** 1975. A comparison of mist nets and ultrasonic detectors for monitoring flight activity of bats. Journal of Mammalogy, 56:907-911.

**Kunz, T.H., & Pierson E.D.,** 1994. Bats of the World: An introduction. Pp. 1-46. In: Walker's Bats of the World (by R.W. Nowak). Johns Hopkins University Press, Baltimore.

**Loureiro A, Ferrand de Almeida N, Carretero MA & Paulo OS (eds.),** 2008. Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, Lisboa. 257 pp.

**Mathias, M. (coord.)** 1999. Mamíferos Terrestres de Portugal Continental, Açores e Madeira. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.

Mitchell-Jones A.J & McLeish A.P. (Ed.). 2004. 3rd Edition Bat Workers' Manual, Joint Nature Conservation Committee, Peterborough.

Rainho A., F. Amorim, J.T. Marques, P. Alves & H. Rebelo. 2011. Chave de identificação de vocalizações de morcegos de Portugal continental. Versão electrónica (beta) de 26 de Abril de 2011.

**ProSistemas,** 2005. Plano de Monitorização de Fauna (Lobo, Aves e Morcegos) na Área do Parque Eólico de Arga. Relatório Final da FASE I. CIBIO-UP/ ProSistemas – Consultores de Engenharia, S.A.

**ProSistemas**, 2006. Plano de Monitorização de Fauna (Avifauna, Lobo-ibérico e Morcegos) na Área do Parque Eólico de Arga. Relatório Final do ANO I FASE II. CIBIO-UP/ ProSistemas - Consultores de Engenharia, S.A.

**ProSistemas,** 2007. Plano de Monitorização de Fauna (Lobo, Aves e Morcegos) na Área do Parque Eólico de Arga. Relatório Final do ANO II FASE II. CIBIO-UP/ ProSistemas - Consultores de Engenharia, S.A.

## DA SERRA D'ARGA À FOZ DO ÂNCORA

BIBLIOGRAFIA

**ProSistemas,** 2008. Plano de Monitorização de Fauna (Lobo, Aves e Morcegos) na Área do Parque Eólico de Arga. Relatório Final do Ano 3. FASE II. CIBIO-UP/ ProSistemas – consultores de Engenharia, S.A.

**ProSistemas,** 2010. Plano de Monitorização de Fauna (Lobo, Aves e Morcegos) na Área do Parque Eólico de Arga. Relatório Final do Ano 4. FASE II. CIBIO-UP/ ProSistemas – consultores de Engenharia, S.A.

**SPEA,** 2010. Relatório preliminar do Programa de Monitorização de Aves Nocturnas em Portugal. Disponível em http://www.spea.pt. **Trolle, M. & Kéry, M.** 2003. Estimation of Ocelot density in the Pantanal using capture-recapture analysis of camera-trapping data. Journal of Mammalogy 84:607-614.

Wemmer, C, Kunz, T, Lundie-Jekins, G, McShea, W, 1996. Mammalian Sign. In: Wilson DE, Cole FR, Nichols JD, Rudran R, Foster MS (eds) Measuring and monitoring biological diversity. Standard methods for mammals. Smithsonian Institution, USA, pp 157–176.

**Zielinski, W., T. Kucera, and R. Barrett.** 1995. Current distribution of the fisher, Martes pennanti, in California. California Fish and Game 81:104–112.

## ELABORADO POR



**FLORADATA** - Biodiversidade, Ambiente e Recursos Naturais, Lda

Avenida de Fernão de Magalhães, 607 4.° Esq. 4350-164 Porto T. 222 080 104 geral@floradata.pt www.floradata.pt

# PROJETO INTERMUNICIPAL







FINANCIADO POR







